Theophilo Braga

Hist. da Litteratura portugueza

Tréva.
Banzo.
Turbilhão.

Alves Mendes

Orações e discursos, 1.º vol.
» » 2.º vol.

Antonio Vieira (Padre)

Sermões completos, edição em 15 volumes, cuidadosamente revista pelo Padre Gonçalo Alves e impressa sôbre a primeira edição compreendendo tôda a obra oratória do genial prégador (211 sermões e discursos).

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.

Abel Botelho

Romances de Patologia Social

I — Barão de Lavos.
II — Livro d'Alda.
III — Amanhã.
IV — Fatal Dilema.
V — Próspero Fortuna.
Sem remédio, romance.
Os Lázaros, romance.
Mulheres da Beira, contos.
Amor Crioulo, novela.

Alfredo Varela

Revoluções cisplatinas—A República Riograndense, 2 grossos volumes com gravuras.

Augusto Casimiro

Sidónio Pais, notas sôbre a intervenção de Portugal na grande guerra.

Basilio Teles

Problema Agrícola.
Estudos históricos e económicos.
Carestia da vida nos campos.
Problema do trabalho Nacional.
Do ultimatum ao 31 de Janeiro; esbôço de história política.
O livro de Job.
Prometeu Agrilhoado.
A guerra, opinião sôbre o conflito europeu.
Agricultura e tributo, no prélo.
Figuras portuguesas — Pedro Alvares Cabral; Vasco da Gama; D. Francisco de Almeida; Fernão Magalhães, no prélo.

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.

CAMÕES

E

O SENTIMENTO NACIONAL

Porto — Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Rua da Cancella Velha, 70

CAMÕES

E

O SENTIMENTO NACIONAL

POR

THEOPHILO BRAGA



PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

CASA EDITORA

LUGAN & GENELIOUX, Successores

1891

PROLOGO

Depois de publicado o trabalho da *Historia de Camões,* que fórma parte da *Historia da Litteratura portugueza,* diversas circumstancias, como o Centenario do immortal poeta em 1880, conferencias, revistas e prologos de edições da sua obra, interessaram-nos intensamente por essa grande vida e pela sua surprehendente acção sobre a nossa nacionalidade. Tivemos consequentemente por vezes de revisar as nossas idéas historicas e litterarias, e embora as dispersassemos em novos estudos fragmentarios de occasião, nem por isso perderam o caracter de unidade a que estavam inten-

cionalmente subordinados. É o que agora se reconhecerá ao reunir esses estudos dispersos no *Camões e o Sentimento nacional;* por este livro será mais tarde emendada a *Historia de Camões,* evidentemente atrazada, emquanto a resultados criticos e comprehensão geral do grande seculo XVI.

O assumpto do *Camões e o Sentimento nacional* é um dos mais curiosos problemas da Sociologia, porque partindo do facto — como uns aggregados de povoações cantonaes chegaram á unificação de Patria pelo amor do seu territorio, a necessidade de mantêl-o em independencia obrigou-os a uma acção commum, a um ideal collectivo que fortifica o sentimento de Patria em Nacionalidade. No seculo XII, como notou Herculano, já o nome de *portuguez* destacava as povoações de Cidades livres, que a realeza submetteu por contracto defensivo á subordinação monarchica; porém, uma Patria portugueza sómente apparece em toda a plenitude do sentimento no heroismo da victoria de Aljubarrota e na idealisação do *santo Condestavel.* A actividade maritima que levou os portu-

guezes a procurarem no Atlantico a liça para o esforço, e a apoiarem pelas descobertas maritimas a exiguidade do territorio, fez com que essa Patria, pequena mas muito amada, se convertesse em uma fecunda Nacionalidade. Tal é a synthese das navegações portuguezas e da descoberta do caminho maritimo da India. Camões deu expressão a este sentimento que transformou uma Patria em Nacionalidade historica. O valor da sua epopêa está n'este poder de concepção e na sublimidade da expressão esthetica, que torna os *Lusiadas* uma creação typica da arte moderna.

Todos os estudos sobre este problema são suggestivos e cheios de lição. Camões teve o poder de provocar a sympathia social; é esse o caracter imperecivel da sua obra, que não se atraza, porque exerce cada vez mais o grande influxo de convergencia affectiva.

CAMÕES

E

O SENTIMENTO NACIONAL

CAPITULO I

A vida do Poeta

§. I.º Nascimento e educação litteraria

(1524 a 1542)

O nome de Camões pertence a uma familia nobre da Galliza, como a dos Mirandas, Caminhas e outras da aristocracia portugueza, que no seculo XIV tanto desenvolveram a poesia provençalesca na côrte de D. Diniz, conservada nos admiraveis Cancioneiros palacianos do fim da época trobadoresca, e que no seculo XVI reapparece pelo impulso de Sá de Miranda e de Luiz de Camões, que comprehenderam o humanismo da Renascença, e fecundaram esse periodo luminoso a que na Litteratura portugueza se chama — dos Quinhentistas. Não é sem importancia esta correlação das duas épocas; nos versos de Sá de Miranda abundam as fórmas *gallegas* empregadas inconscientemente pelo povo na linguagem

oral; em Camões, em Jorge Ferreira de Vasconcellos, em Gil Vicente, essas fórmas são frequentes, porém acima da persistencia dos *galleguismos*, descobrimos a continuidade de certas fórmas poeticas na litteratura portugueza, como os cantares de *serranilha*, de *ledino* e *guaiádos*, alguns dos quaes se acham no proprio Camões. Em uma canção de João de Gaya, do tempo de Affonso IV, achamos este estribilho de uma bailata popular: «*Vós avedel-os olhos verdes*» (*Canc. Vat.*, n.º 1:061), cuja persistencia se observa nas redondilhas de Camões, nas coplas: *Menina dos olhos verdes*, e *Senão que tendes os olhos verdes*. Algumas d'essas serranilhas introduzidas por Gil Vicente nos seus Autos, em que procurava pintar a vida do povo, acham-se tambem glosadas por Camões, dando fórma litteraria a esses fragmentos da tradição galleziana; é commum a Camões e a Gil Vicente esse estribilho galleziano:

Quem ora soubesse
Onde o amor nacesse,
Que o semeasse [1].

Comprehende-se pois o valor historico, que tem para a biographia de Camões o ser oriundo de uma familia fidalga da Galliza, sobretudo na orientação do seu genio

[1] Gil Vicente, *Obras*, t. III, p. 323. Sobre este problema do lyrismo galleziano vid. o nosso estudo *A poesia popular da Galliza*, no Cancioneiro gallego de D. José Peres Ballesteros; e o *Velho lyrismo portuguez*, nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*.

lyrico. Vasco Pires de Camões, celebrado no Cancioneiro de Baena e na Carta do Marquez de Santillana ao Condestavel de Portugal, foi o seu terceiro avô; do seu filho segundo, João de Camões, cujo solar era em Coimbra, nasceu por casamento com Ignez Gomes da Silva, Antão Vaz de Camões. Não são factos estes de esteril erudição; por elles se explicam as relações de intimidade do poeta com a familia do Regedor, a quem dedicou alguns versos, e particularmente a amizade e confidencias dos amores do paço com o poeta Jorge da Silva, apaixonado pela talentosa infanta D. Maria. Antão Vaz de Camões, avô do poeta, casou com D. Guiomar da Gama, da familia dos Gamas do Algarve, nobilitados pela arrojada empreza maritima de Vasco da Gama idealisada nos *Lusiadas*. Esta circumstancia não é indifferente para a determinação do poeta tomar como thema dos seus cantos a descoberta da via maritima do Oriente, circumstancia que se lhe faria notar pela coincidencia de ter nascido no mesmo anno em que fallecera o destemido navegador. Pelos *Lusiadas* e por tradições conservadas pelos biographos do poeta conhece-se que Luiz de Camões possuia um sentimento de despeito contra a familia dos Gamas, despeito abafado pela emoção profunda da patria (*Lus.*, cant. v, est. 99 e 100); este facto lança tambem uma nova luz sobre a época da sua permanencia na côrte.

Do casamento de Antão Vaz de Camões provieram dois filhos, Simão Vaz, pae do grande epico, e D. Bento de Camões, conego regrante do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Cancellario da Universidade de Coimbra de-

pois da sua mudança de Lisboa em 1537, e Prior geral da ordem. Este tio do poeta exerceu uma influencia decidida nos estudos menores que elle seguiu nos Collegios (de S. João e Santo Agostinho) fundados no Mosteiro de Santa Cruz; alli tomou o gráo de Mestre em Artes, como se infere do titulo de *Bacharel latino,* que lhe dá Falcão de Resende em uma epistola; e alli conheceu as lendas agiologicas do fundador da monarchia, que introduz na sua epopêa.

Simão Vaz de Camões casou em Santarem, com Anna de Sá e Macedo, filha de Jorge de Macedo; este facto está ligado a outros accidentaes, mas que o esclarecem, como a posse da Quinta do Judeu em Santarem, que andava na sua familia desde as doações regias a Vasco Pires de Camões, e o acompanhar Simão Vaz de Camões a côrte portugueza nas suas frequentes ferias do palacio de Almeirim, defronte de Santarem. D'este casamento nasceu o grande poeta, em Lisboa, em 1524.

Fixa-se esta data importante por um modo indirecto: pelo *Registo das pessoas que passaram a servir na India* desde 1550, visto por Faria e Sousa, e no qual se dava ao poeta a edade de *vinte cinco* annos, aproximamo-nos d'essa data admittida por todos os biographos. Porém, na Canção XI allude de um modo preciso ao horoscopo das *estrellas infelices* que o acompanharam ao sahir da materna sepultura: effectivamente no anno de 1524 correu o extraordinario prognostico astrologico de um grande diluvio universal produzido pela conjuncção de todos os planetas em *Piscis,* prognostico que che-

gou a ser tão aterrador que Cristobal de Arcos fez um opusculo combatendo essa phantastica apprehensão vulgar, resto dos antigos terrores do anno mil. Em Portugal essa impressão póde-se dizer que foi tão profunda, que em 1523 se publicou um opusculo por ordem da rainha D. Leonor, escripto por Fr. Antonio de Beja, para acalmar a agitação dos animos. O opusculo intitula-se: « *Contra os juyzos dos astrologos.* Breve tratado contra a opiniam de alguns ousados astrologos: q̃ por regras de astrologia nõ bem entendidas ousam em publico juyzo dizer: q̃ ha quatro ou cinco dias de Fevereiro do anno de 1524, por ajuntamento de alguns planetas em ho signo de piscis: será grã diluvio na terra. Ho qual tratado pera consolaçam dos fiees: fez e cõpilou de muytos doctores catholicos e sanctos ho licenciado frey Antonio de beja da ordem do bemaventurado padre e doctor esclarecido da ygreja sam Hieronimo, e foy per elle dedicado e oferecido ha christianissima senhora ha senhora raynha dona Lianor d'portugal. Aqui veram tambem que cousa he astrologia: e os males e erros q̃ causa sua incerteza e pouca verdade: e como se nõ deve dar fe em nenhuma cousa aos astrologos. — A qual obra se imprimio por mãdado de sua alteza...» Este titulo resume-nos a importancia do livro, authenticando o facto das *estrellas infelices,* e concedendo sem risco de hypothese o fixar o nascimento do poeta em 5 de fevereiro de 1524. A sua patria, disputada por Lisboa, Coimbra, Santarem e Alemquer, está tambem declarada pelo poeta na Elegia III, onde se equipára a Ovidio, desterrado da patria, Lisboa, de que tanto se lembra no Oriente, como a Sião dos

captivos de Babylonia, e tambem nos *solecismos* lisboetas que apparecem na sua linguagem. A tradição tem sempre um fundo de verdade, e Coimbra, Santarem e Alemquer estão relacionadas com a memoria do poeta, como se vê pelos factos particulares da sua genealogia.

Luiz de Camões foi levado muito cedo para Coimbra, onde seu pae fixou por algum tempo a residencia. Em 1527 espalhou-se a terrivel peste que devastou a Extremadura e o Alemtejo, e D. João III fugiu com a côrte para Coimbra; foi tambem pouco antes de 1527 que D. Bento de Camões tomou o habito em Santa Cruz de Coimbra, e ambos estes factos explicam os motivos e occasião da saída de Simão Vaz de Lisboa. A côrte vivia em Coimbra na dissipação opulenta á custa dos fidalgos da terra, a que Sá de Miranda chamava nas suas conceituosas quintilhas *parvos honrados*, por se deixarem explorar por este parasitismo palaciano. A pobreza quasi repentina da familia de Simão Vaz de Camões não é sem relação com este viver de Coimbra. A côrte divertia-se para afugentar o terror da peste, e Gil Vicente vinha de Santarem a Coimbra representar diante do rei os seus Autos, como a farça dos *Almocreves*, e a *Divisa da cidade de Coimbra*, alludindo na farça a um fidalgo pobre, Simão Vaz, porventura o pae do poeta, que o dramaturgo conhecia de Santarem. Camões conheceu os escriptos de Gil Vicente, muito antes de serem impressos, imitando os seus Autos, como obedecendo a uma recordação indelevel dos primeiros annos, e alludindo ao popularissimo romance de *D. Duardos*. Na Canção IV descreve o poeta esse periodo da vida

infantil em Coimbra pelas margens do Mondego, tempo de que dataram as relações de amisade com o apaixonado poeta Jorge de Monte-mór, reatadas intimamente em 1552. Jorge de Monte-mór tambem diz nos seus versos como se criou nas margens do Mondego, exercitando-se com outros companheiros a cantar de amor, seguindo quasi os mesmos traços de Camões na canção referida.

A época em que entrou Camões nos estudos menores póde fixar-se em 1537, porque era depois dos doze annos a admissão nas Escholas de Santa Cruz de Coimbra, como affirma o chronista dos regrantes D. Nicoláo de Santa Maria. Os estudos menores de Santa Cruz de Coimbra tinham sido reorganisados por ordem de D. João III pelo reformador Fr. Braz de Barros, que mandára vir differentes professores de Paris; desde 1528 eram estas escholas frequentadas por toda a aristocracia portugueza, e alli teve Camões o germen das valiosas amisades que o acompanharam toda a vida, taes como a dos filhos do duque de Bragança, a dos filhos do conde de Sortelha, D. Gonçalo da Silveira, memorado nos *Lusiadas,* (x, 93) e D. Alvaro da Silveira, celebrado como um bravo nas Elegias. O professor de grammatica latina das Escholas de Santa Cruz era D. Maximo de Sousa, filho de um fidalgo de Soure casado com uma D. Anna de Macedo, natural de Santarem, d'onde se poderá inferir certo parentesco do poeta com um tão celebrado mestre. O curso de Artes, em que se graduou o poeta, constava de quatro annos: no primeiro dava-se a introducção, (*Isagoge*) os *Predicaveis* de

Prophyrio, *Predicamentos*, e *Perihermeneias* de Aristoteles; no segundo, *Priores* de Aristoteles, *Posteriores, Topicos, Elencos*, e os seis livros da *Physica* de Aristoteles; no terceiro, dois livros da *Physica*, (*De Coelo*) *Metaphysica, Meteoros*, e *Parva naturalia*; no quarto anno, *De Generatione, De Anima, Ethicas*, e 1.ª e 2.ª de S. Thomaz. Fallava-se obrigatoriamente o latim no trato das escholas, e em Camões resente-se este effeito na facilidade com que formava neologismos, segundo o espirito da composição latina, como *estellifero*, etc. Em attenção á actividade pedagogica do Mosteiro de Santa Cruz, onde estiveram as aulas da Universidade antes de passarem para o palacio real, D. João III por carta de 15 de dezembro de 1539 estabeleceu que todos os Priores geraes regrantes ficassem Cancellarios da Universidade de Coimbra; D. Bento de Camões eleito Prior em 5 de maio d'esse anno, ficou por esse facto Cancellario da Universidade. As primeiras poesias de Camões foram offerecidas a seu tio D. Bento, como se descobre pelo Cancioneiro manuscripto de Luiz Franco, onde foi colligida a *Elegia da Paixão;* ainda nos estudos de Coimbra leu e traduziu os versos de Petrarcha, teve conhecimento do *Orlando furioso* de Ariosto, da pastoral de Sannazaro, e dos iniciadores hespanhoes da poetica italiana Boscan e Garcilasso.

Em 1542 passára por Coimbra o duque D. Theodosio em regresso da romaria de S. Thiago, e foi albergar-se no mosteiro de Santa Cruz. Camões dedicou-lhe dois sonetos, talvez os seus primeiros escriptos, e conservou a amisade d'essa poderosa familia, celebrando

nos *Lusiadas* o duque D. Jayme, nas curiosas Estancias omittidas (ou additadas, segundo o dr. Teixeira Soares) e mantendo grande intimidade com o vice-rei D. Constantino de Bragança. Tendo começado os estudos da Universidade em março de 1538, Camões graduado na faculdade de Artes, (*Bacharel latino,* segundo a phrase do seu contemporaneo Falcão de Resende) veiu a saír de Coimbra por 1542 para frequentar a côrte de Lisboa, onde o seu descommunal talento, galhardia e valiosas amisades lhe auguravam um esplendido futuro, e já destacavam de outros homonymos o nome glorioso.

Nos documentos genealogicos e historicos do seculo XVI encontram-se tres individuos com o nome de *Luiz de Camões,* pertencentes ás tres familias dos Camões de Lisboa, de Evora e de Coimbra. Esses tres individuos, um dos quaes é o immortal poeta, eram aproximadamente da mesma edade, e parece que se distinguiram pelos seus patronymicos.

O poeta usára então o nome de *Luiz Vaz de Camões,* (como se vê pela carta de perdão de 7 de março de 1553), vindo depois a ser citado nos alvarás de tença com o nome com que se immortalisou.

No testamento de Duarte de Camões, de Evora, datado de 12 de maio de 1553, cita-se o nome de *Luiz de Camões,* como seu filho segundo, que succederá no morgado, no caso de fallecimento do primogenito Pero Gonçalves de Camões [1].

---

[1] Liv. 1.º - B da Provedoria de Evora. — Ap. *Commemoração gloriosa,* p. 8.

E um irmão de Duarte de Camões chamado Antonio Vaz de Camões teve um filho bastardo (segundo Alão de Moraes) com o nome de *Luiz Gonçalves de Camões,* que instituiu o morgado da Torre em Aviz, que foi a seu primo Simão de Camões.

A differença das capacidades d'estes tres primos fez com que na historia se não desse pelo equivoco da homonymia, porque Luiz Vaz, o poeta admirado e relegado da côrte, que andou pela Africa, pela India, China, archipelago das Molucas, destaca-se no fóco luminoso do padrão eterno dos *Lusiadas.* Nas tres familias dos Camões de Lisboa, Evora e Coimbra, existia a nevrose hereditaria, que no poeta se tornou a illuminação do genio irrequieto, apaixonado e creador. Elle mesmo attribuia aos *seus erros,* á fortuna, ao amor todas as desgraças com que se defrontára. Nas outras familias, a riqueza e a importancia hierarchica deram á nevrose o caracter do estouvamento e desenvoltura, que vêmos em seus primos Simão Vaz de Camões de Coimbra e Pero Alves de Camões, que vivia em Lagos [1]; e os outros dois Luizes afundaram-se na mediocridade obscura, d'onde ainda os evoca á historia o nome d'aquelle genio que se retemperou na pobreza e na desgraça.

---

1 Sobre este Simão Vaz de Camões publicou o visconde de Juromenha seis documentos, laborando no deploravel equivoco de confundil-o com o pae do poeta pela similaridade do nome: no de 1553 falla-se no assalto ao convento das freiras de Sant'Anna de Coimbra; no de 1558 é-lhe concedido o perdão; em 1563 isempção dos cargos do Conselho; em 1567 não lhe é admittida a excusa de

§. II. A côrte de D. João III

(1542 a 1553)

O fervor dos estudos humanisticos da Renascença, litterarios e scientificos, que tanto influiram na reforma da Universidade em 1537, irradiou principalmente da côrte de D. João III, para onde chamára os principaes philologos, tanto portuguezes como estrangeiros, para pedagogos de seus irmãos. Por convite de D. João III, o celebre Ayres Barbosa, discipulo de Angelo Policiano, deixára Salamanca para vir ser mestre dos infantes D.

---

almotacé; no de 1567 pagamento dos gastos da sua prisão; em outro de 1567 é isempto do cargo de almotacé.

Este equivoco foi em parte esclarecido por mais tres documentos da Vereação de Coimbra ácerca de Simão Vaz de Camões, publicados pelo dr. Ayres de Campos: um de 1562, em que allude ao seu casamento (com D. Francisca Rebella); outro de 1563, obrigando-o a servir como almotacé; outro de 1576, sobre offensas que fez contra o almotacé em exercicio.

Em 1855 publicou no *Instituto* de Coimbra, t. III, p. 170, o conego Miguel Ribeiro de Vasconcellos mais seis documentos relativos a Simão Vaz de Camões, baralhando monstruosamente a filiação do poeta, tendo de reduzir o poeta a bastardo e D. Anna de Sá e Macedo a concubina! Por esses documentos sabe-se que Simão Vaz de Camões morreu sem geração em 1584.

Seu tio Pero Alves de Camões, não foi menos aventureiro e seductor de mulheres. No *Nobiliario e Genealogia de algumas Familias de Portugal,* escriptos e ordenados por Diogo Rangel de Macedo no anno de 1726 (Ms. da Bibl. nac.) cita-se uma D. Maria de Noronha «filha de *P.º Alz de Camões* e de D. Guiomar de Castro, freira de Odivellas». Á margem do nome de D. Maria de Noro-

Affonso e D. Henrique; Pedro Margalho, que se doutorára em Paris, André de Resende, amigo de Erasmo, o celebre Nicoláo Cleynartz, renovador dos estudos classicos em Louvain, e Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, vieram especialmente das escholas estrangeiras para se encarregarem da educação dos irmãos e do filho do monarcha. O dr. Pedro Nunes tambem dava lições de mathematica e astronomia ao infante D. Luiz. Porém com a entrada dos jesuitas em Portugal, introduzidos pelo embaixador em Roma D. Pedro de Mascarenhas, facil foi modificar o espirito de D. João III, a quem o P. Simão Rodrigues convenceu de que a renovação dos

---

nha, o linhagista escreveu «*havida na dita D. Guiomar sendo freira*». Na genealogia dos Camões, segundo Alão de Moraes, este P.º Alvares de Camões, filho de Margarida de Camões e do Licenciado Alvaro Pires «não casou, mas dizem que teve uma senhora da Casa de Monsanto, das que sahiram no tempo das Reformações dos mosteiros e d'ella houve D. Maria de Noronha, que casou contra-vontade de seu pae... e D. Margarida de Noronha, etc.» Um doc. da sé de Coimbra diz que Pero Alves casára no Algarve com Brites Gomes.

Tambem da grande familia dos Camões já alguns de seus membros tinham servido na carreira aventurosa e militar da India, como Gaspar Gil Severim, e Antonio Gil Severim que se achou no segundo cerco de Diu com D. João de Mascarenhas; e João de Camões, pae do travesso Simão Vaz.

É um pouco extensa esta nota, mas indispensavel para esclarecer os equivocos dos biographos do poeta que seguiram os documentos aproveitados por Juromenha e Ribeiro de Vasconcellos. A exaltação da nevrose e a preoccupação imaginosa da India era frequente nos varios ramos genealogicos do poeta.

estudos humanistas era a emancipação da rasão, que conduzia ao livre exame e ao protestantismo. Pela fundação do Collegio das Artes em Coimbra começaram os jesuitas em 1542 a minar as reformas brilhantes dos estudos e a preparar os estratagêmas com que expulsaram os mestres francezes até se apoderarem da Universidade. Na côrte empregaram as excitações do fanatismo pelos *Exercicios* de Ignacio de Loyola e pelas suggestões da confissão. O infante D. Luiz ficára sob a direcção espiritual do jesuita padre Diogo Mirão; o cardeal D. Henrique era dirigido por outro jesuita o padre Leão Henriques; outro jesuita o padre Gonçalo de Mello dirigia as timoratas consciencias da infanta D. Isabel e de seus filhos D. Duarte, D. Maria, princeza de Parma, e da duqueza de Bragança D. Catherina. Multiplicavam-se as devoções ridiculas, repetiam-se semanalmente as confissões, e provocava-se uma illuminação contemplativa com as orações mentaes, as exhortações fervorosas e as penitencias. A rainha D. Catherina, mulher de D. João III, como hespanhola aggravava a exaltação com o seu regimen de severidade, passando para a fidalguia esta adhesão ao obscurantismo, que acceitava os jesuitas, apesar do povo os apupar com o nome de *franchinotes* e de os escarnecer por causa dos seus habitos de pellotes com mantéo curto, bordão de canna, e alforges pendurados a tiracollo com fitas de ourelo.

Era n'esta côrte funérea e estupidecida que entrava Camões, um dos espiritos mais esclarecidos da Renascença, em antinomia completa com o ascetismo. Não se

apagára totalmente essa luz do grande seculo na côrte de Lisboa, porque em volta da infanta D. Maria, ultima filha de D. Manuel, os principaes fidalgos conservavam a tradição trobadoresca e o gosto pelas coplas de Cancioneiro. Camões, pela sua educação encyclopedica, pela nobreza de linhagem, e pelo talento deslumbrante entrava na côrte com uma auréola de triumpho, alcançando muito cedo a intimidade distincta da infanta D. Maria. Foi esta situação de espirito a primeira causa das invejas e dos odios, que o tornaram perseguido e desgraçado.

Demais, na côrte de D. João III existia uma sombra de despeito contra os fidalgos que tinham applaudido o casamento extemporaneo do rei D. Manuel com D. Leonor de Austria, que era a noiva do principe seu filho e successor. Havia tambem um plano de evasivas diplomaticas para evitar a entrega da infanta D. Maria, filha d'este terceiro casamento de D. Manuel, a sua mãe, que passára a segundas nupcias com Francisco I, ou a Carlos V, porque assim se evitava satisfazer as clausulas onerosissimas do dote. Em volta da infanta D. Maria formárase uma pequena *côrte litteraria,* que contrastava com a rigidez da etiqueta e austeridade devota da rainha D. Catherina, que favorecia o valimento dos jesuitas no paço e a quem entregára a direcção do principe D. João, seu filho. Sendo chamado a Portugal Diogo Sigêo para mestre de D. Theodosio, a infanta D. Maria tomou para sua companhia a afamada Luiza Sigêa, esmerada poetisa e conhecedora das linguas latina, grega e hebraica, arabe e syriaca; era tambem distincta sua irmã Anna

Sigêa; nas moradias da casa da rainha figuram outras damas como *latinas*, entre ellas a erudita Joanna Vaz, e com o titulo de *tangedora* a celebrada Paula Vicente, filha e collaboradora de Gil Vicente na fundação do theatro portuguez.

N'esse pequeno cenaculo de damas illustres, occupavam-se de versões do latim D. Leonor de Noronha, e em composições de novellas de cavallaria D. Leonor Coutinho. A infanta D. Maria animava esta actividade litteraria, á qual D. João III, mais beato do que a rainha, era indifferente. Á infanta dedicou Francisco de Moraes, de regresso da embaixada de Paris, em 1543, a sua novella do *Palmeirim de Inglaterra*. Quando Camões entrou na côrte esta novella occupava as attenções, e o episodio de *Miraguarda* era tensionado em redondilhas, que se conservaram. A infanta soube logo distinguir o poeta d'entre os outros cortezãos e versejadores que frequentavam o paço, pedindo-lhe a composição do poemeto de *Santa Ursula*. Parece que D. João III chegou a notar o talento do poeta, como se infere da rubrica do mote «Do la mi ventura», que traz as palavras *Al-Rei,* bem como d'estas palavras da Carta II: «este Mote, que escolhi da manada dos engeitados, e cuido que não é tão dedo queimado, *que não seja dos que el-rei mandou chamar...*»

O gosto litterario da eschola italiana introduzido por Sá de Miranda, não era o mais seguido na côrte, onde os velhos usos do tempo de D. João II e D. Manuel se mantinham com rigor; as coplas de Cancioneiro, as redondilhas, os motes, as voltas, as tensões, as esparsas,

as endechas e outras fórmas poeticas atrazadas do seculo xv é que achavam algum curso nos serões do paço, e os seus adeptos constituiam uma eschola intransigente e em hostilidade contra o endecasyllabo, eschola a que chamavam da *medida velha*. Camões metrificou no gosto da *medida velha* sobre todas as peripecias do paço, a pedido das damas, e os que se lembrassem ainda ou tivessem lido as coplas de Bernardim Ribeiro ou de Christovam Falcão, ficavam maravilhados dos admiraveis improvisos, a que Camões dava o nome de « manada dos engeitados » por excluil-os do seu *Parnaso*, e que os editores colligiram sob o nome de Redondilhas.

D. Manuel de Portugal, da illustre casa de Vimioso, representava no paço a nova eschola italiana, e foi esse um dos mais intimos e seguros amigos de Camões. O infante D. Luiz era tambem poeta, e alguns sonetos que pertencem a Camões andam em seu nome. Outro poeta, discipulo de Sá de Miranda, Pero de Andrade Caminha, camareiro do infante D. Duarte, frequentava o paço e confiava os seus versos a Camões, antes de vir a proromper n'essa miseravel inveja que lhe ditou alguns epigrammas contra Camões, baixos no intuito mas preciosos como documentos para a vida do poeta. Jorge Ferreira de Vasconcellos vivia na intimidade do paço e do principe D. João, e um outro poeta Jorge Fernandes, depois da sua conversão á penitencia, apesar do nome que tomára de Fr. Paulo da Cruz, era ainda alcunhado o *Fradinho da rainha*. Em volta de Camões agrupavam-se os novos talentos, os temperamentos apaixonados, como Jorge da Silva, que nutria uma adoração in-

tima pela infanta D. Maria, o irrequieto João Lopes Leitão, D. Simão da Silveira e outras victimas do amor.

A preoccupação devota da rainha D. Catherina exigia uma forte austeridade de costumes no paço, e os versos improvisados tornaram-se pelas restricções dos hypocritas intrigantes fundamentos de accusação. A rainha queria evitar escandalos amorosos, como o do marquez de Torres Novas, no principio do reinado de D. João III; logo que se descobriram os amores de Jorge da Silva, apesar de ser da familia do Regedor, foi preso para o Limoeiro; por ter espreitado as damas, foi João Lopes Leitão mandado prender em sua casa; maís tarde esse outro amigo de Camões, D. Antonio de Noronha, da casa de Linhares, foi mandado servir nas guarnições de Africa para assim abafar uma paixão amorosa. Camões achava-se em uma côrte onde pelas dissidencias intellectuaes ou pela espontaneidade affectiva, tinha que cahir fatalmente em desgraça; a independencia de caracter alliada a uma valentia decidida, era tambem motivo para comprometter o seu genio deslumbrante. Como succedera a outros poetas, Camões tambem se apaixonou por uma *dama do paço da rainha,* segundo o dizer tradicional conservado por Mariz, o que quer dizer, uma dama submettida á suspeitosa disciplina de D. Catherina. Um accidente de tal ordem era uma perda irreparavel desde que fosse conhecido.

Quem era essa dama? O poeta, em uma copla de redondilha, traz o acrostico: LUIZ — CATERINA DE ATAIDE, conservado entre os manuscriptos colligidos por Faria e Sousa, que estão na Bibliotheca das Neces-

sidades. No Cancioneiro manuscripto de Luiz Franco, fl. 287, vem uma Ecloga *á morte de D. Catherina de Athayde,* por Camões; e d'entre os manuscriptos de Faria e Sousa, extraiu o editor-critico padre Thomaz de Aquino a Ecloga xv, que tinha a rubrica «*de Luiz de Camões á morte de D. Catherina d'Athayde, dama da Rainha*». O facto de ser «*dama da Rainha*» repete-se no Epitaphio xxii de Pero de Andrade Caminha: «*Á senhora D. Catherina de Ataide, filha de D. Antonio de Lima, Dama da Rainha*». Assim se determina a personalidade historica da mulher que fôra o ideal e o estimulo do genio de Camões. Pelo *Nobiliario* de D. Antonio de Lima, sabe-se que ella era filha d'esse outro D. Antonio de Lima, mordomo-mór do infante D. Duarte, e depois camareiro-mór do filho do mesmo infante, sendo sua mãe D. Maria Boccanegra, que viera de Hespanha como dama da rainha D. Catherina; o Nobiliario traz estas sêccas linhas, que nem deixam adivinhar as decepções profundas de uma alma: «*D. Catherina de Athayde, que sendo dama da dita rainha morreu no paço moça*».

A descoberta d'estes amores proveiu de odios contra o poeta, por inveja do brilhantismo do seu talento, e por despeitos namorados; na côrte existiam ao mesmo tempo outras damas nobres e bellas que tinham este mesmo nome de *Catherina de Athayde,* que a tradição ligou tambem aos amores do poeta. Uma era D. Catherina de Athayde, filha de D. Alvaro de Sousa e de D. Philippa de Athayde, que jaz sepultada no convento de S. Domingos em Aveiro; d'ella escreveu o seu

confessor Fr. João do Rosario: «*E todalas vezes que no Poeta desterrado por essa razão lhe fallava, sempre em resposta havia que assim não era...*» Esta insistencia em tal pergunta corresponde á constancia do rumor, que ainda hoje se conserva, como se nota por uma consulta a Alexandre Herculano sobre este ponto.

A outra D. Catherina de Athayde era a setima filha de D. Francisco da Gama, ainda parenta de Camões por seu avô Antão Vaz de Camões; o patriota João Pinto Ribeiro conservára a tradição de ter o poeta amado *uma sua prima,* e effectivamente nas redondilhas ineditas colligidas por Manoel de Faria e Sousa, acham-se umas voltas ao mote:

No monte de amor andei
Por ter de monteiro fama,
Sem tomar gamo nem *gama.*

As voltas são mimosissimas, e todas frisando o equivoco do nome de *Gama:*

Levava por meus monteiros
N'esta caça dos tormentos
Os meus ais, que como ventos
Iam diante ligeiros.
Huns tão tristes companheiros
Levei, como quem ama,
Por descobrir esta *gama.*

Esta D. Catherina de Athayde, filha do segundo almirante D. Francisco da Gama, casou com D. Pedro de

*

Noronha, senhor de Villa-Verde. Camões sentiu-se ferido por algum desdem ou desconsideração d'estes seus parentes, porque nos *Lusiadas* eternisou esse resentimento (Cant. v, st. 99):

Ás Musas agradeça *o nosso* Gama
O muito amor da Patria, que as obriga
A dar *aos seus* na Lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga;
Que elle, *nem quem na estirpe seu se chama*
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas de ouro fino, e que o cantassem.

Ha aqui um facto importante, com uma intima rasão de ser. Quando se descobriram na côrte versos amorosos a uma certa dama D. Catherina de Athayde, cada uma d'este nome deu naturalmente excusas da imputação: a filha de D. Alvaro de Sousa conhecia a *grande alma* do poeta, e por ella explicava as emprezas a que o poeta se arrojára; a filha de D. Francisco da Gama, foi porventura crúa repellindo o poeta, cuja pobreza e falta de valimento official contrastavam com a superioridade intellectual e moral. Desde que por exclusão os amores se localisaram na filha de D. Antonio de Lima, *dama da rainha,* não deixaria a inveja odienta de Caminha de provocar o escandalo para que o poeta fosse desterrado da côrte; as duas Catherinas de Athayde casaram, e a *Nathercia,* a filha de D. Antonio de Lima, devia ter soffrido contrariedades persistentes, porque segundo as phrases dos linhagistas «*morreu moça no*

paço». Severim de Faria, colligindo a tradição, diz, que: «uns amores que tomou no paço, *o fizeram desterrar da côrte*». A côrte, segundo o sentido legal, era Lisboa. Camões submettendo-se á fatalidade que começava a perseguil-o, faz no Soneto CXCIII a synthese dos motivos da sua desgraça:

> *Erros* meus, *má fortuna, amor* ardente
> Em minha perdição se conjuraram;
> Os *erros* e a *fortuna* sobejaram,
> Que para mi bastava *Amor* sómente.

D'estas tres causas, fica examinada a que pertence ao *amor*.

A *má fortuna* está implicita em uma circumstancia que não foi indifferente á vida de Camões. Seu tio D. Bento de Camões tivera um conflicto com D. João III em 1539, ácerca da posse de um thesouro achado nas escadas da torre do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, vindo a decidir-se por sentença a favor do rei; logo em 1540 vagando as grossas rendas do Priorado-mór de Santa Cruz por morte do infante D. Duarte, D. Bento quiz incorporal-as no mosteiro, e D. João III reclamou-as para um seu bastardo, a quem fizera arcebispo de Braga apenas com vinte um annos de edade; o papa Paulo III decidiu tambem a favor do monarcha.

Desde que o odiento Caminha revelasse a D. João III que Luiz de Camões era sobrinho do Prior crasteiro D. Bento de Camões, porque este Caminha como pertencendo ao pessoal da casa do infante D. Duarte conhece-

ria esta questão, com certeza, o rei perderia toda a boa vontade e aproveitaria qualquer ensejo para repellir o poeta. Á sua situação assim percaria bem chamava o poeta *má fortuna*.

Os *erros*, que elle indica como fautores ou cooperadores da sua desgraça, são as qualidades e manifestações do caracter individual, os actos suggeridos por um impetuoso temperamento. Camões era um *valentão;* esta palavra tem um definido valor historico, designando uma monomania da aristocracia hespanhola e portugueza do seculo XVI; andava-se em arruaças, até provar a *valentia*, e nunca se largava a espada. Camões allude muitas vezes a este seu caracter, dizendo: «que nunca ninguem lhe vira as solas dos pés, antes vira as de muitos». Em companhia do ex-frade franciscano o poeta Antonio Ribeiro Chiado, corria os magustos, punha em debandada os rufiões, e dava assaltadas aos *côrros* ou theatros particulares, que começaram no seculo XVI. No prologo do auto de *Elrei Seleuco,* descreve Camões estes costumes, e para o côrro de Estacio da Fonseca escreveu elle o Auto, que porventura serviu de fundamento a invenciveis intrigas no paço.

O que é descripto por Camões no seculo XVI vemol-o repetir-se no seculo XVIII, ao lêr este trecho do *Folheto de ambas Lisboas,* de 1730: «N'este bairro (Tanoaria), ás luzes de pallidas fogueiras entre os nocturnos divertimentos, que permitte o festivo da noite, se representaram uns divertidos Entremezes, e não acabarem como taes á pancada se tem por milagre, porque certos rebuçados foram á vista da funcção esmoer

a cêa...»[1] Parece-nos lêr o prologo de *Elrei Seleuco,* apesar de dous seculos de distancia. Os costumes populares persistem fortemente. O Auto referia-se aos amores do filho do rei Seleuco pela formosa Stratonice, mulher de seu pae, que lh'a cedeu para salval-o da perigosa doença da paixão que soffria. Haveria n'este assumpto dramatico allusão aos amores do principe D. João III por D. Leonor de Austria, que o rei D. Manuel tomou para si em terceiras nupcias? O facto de apparecer o manuscripto do Auto em poder do conde de Penaguião, camareiro-mór do principe D. João, filho de D. João III, revela-nos que algum intuito o fez ir parar áquellas mãos. Era um dos *erros* do poeta, que lhe prejudicava o futuro; submetteu-se á fatalidade e sahiu da côrte.

O *Auto de Elrei Seleuco* representou-se por 1545; em 1546 já o poeta divagava pelo Ribatejo, demorando-se pelas visinhanças do Zezere, como se infere da canção XIII, e dirigindo-se a Coimbra, como para orientar-se no caminho novo que tinha a recomeçar na vida. O fallecimento de D. Bento de Camões a 2 de janeiro de 1547 fez caducar o motivo que o levára a Coimbra; e propagando-se a noticia do cêrco de Mazagão, lançou-se na carreira das armas, partindo n'esse mesmo anno para a Africa. Durante o serviço na guarnição de Africa é que o poeta reconheceu os primeiros symptomas da decadencia portugueza; e destemido, em uma das terriveis surprezas dos arabes perdeu o olho direito, acci-

---

[1] *Papeis varios,* t. LXV. (Collecção da Academia).

dente que serviu mais tarde para os epigrammas de Caminha. Em umas coplas em fórma de carta «*escriptas de Africa a um amigo*» diz:

Nenhum remedio a meus danos
Vejo por alguma via,
Senão vendo aquelle dia
Que ha de ser fim de *dous annos.*

No manuscripto de Luiz Franco, a Ecloga II traz a rubrica *De Ceuta a um amigo;* nos *Lusiadas,* descreve em uma magnifica imagem desenvolvida em quadro a caça ao leão em Ceuta. Com o regresso a Lisboa de D. Affonso de Noronha em 1549, porque estava então despachado vice-rei da India, partiu Camões de Ceuta, e em Lisboa inscreveu-se na Casa da India em 1550 para seguir na armada que partia n'esse anno. Eis o assento precioso do registro examinado por Faria e Sousa: «*Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, moradores em Lisboa, á Mouraria, escudeiro de 25 annos, barbiruivo, trouxe fiador a seu pae; vae na náo dos Burgalezes*». Era esta náo S. Pedro dos Burgalezes, a capitania da armada; a sua partida foi a 28 de março de 1550; mas por effeito de forte temporal a náo arribou, e só depois de reparos partiu no meado de maio. Conciliam-se assim as datas do *Indice de toda a Fazenda* de Figueiredo Falcão. Camões não seguiu viagem na S. Pedro dos Burgalezes. Uma esperança de abrir caminho ainda pelas lettras o determinou a ficar em terra. Foi a ultima das suas esperanças, que, segundo elle proprio diz, enforcou com baraço e pregão,

quando partiu desalentadamente de Portugal em 1553. Camões tinha consciencia da sua superioridade intellectual, e era plausivel a esperança de adquirir a amisade do principe D. João, que se mostrava muito affeiçoado ás bellas lettras.

A côrte litteraria da infanta D. Maria, e a cultura de espirito do infante D. Luiz, influiram de algum modo na educação do auspicioso principe D. João, que desde a puericia manifestava grande predilecção pelos poetas. Era o unico filho que subsistia d'entre a numerosa prole de D. João III victima da epilepsia exacerbada pelo regimen do ascetismo do paço; o casamento prematuro com uma princeza hespanhola esgotou-o, morrendo de inanição ao fim de dous annos, deixando um filho posthumo, herdeiro do throno e da sua exaltação sentimental, o phantastico e allucinado D. Sebastião. As obras dos principaes poetas quinhentistas andavam em traslados manuscriptos; o principe D. João, valendo-se do perstigio da sua elevada gerarchia, emprehendeu reunir essas obras em um monumental cancioneiro; escrevia a Sá de Miranda, que vivia retirado no alto Minho, para que lhe enviasse o volume dos seus versos. Por tres vezes Sá de Miranda enviou ao principe cadernos das suas composições, acompanhadas de um Soneto dedicatorio. O texto da edição-princips de Sá de Miranda por D. Carolina Michaëlis é reconstruido sobre estas tres remessas, que se achavam reunidas no manuscripto pertencente a Ferdinand Denis. Mandava tambem o principe a Evora o seu secretario Luiz Vicente, filho de Gil Vicente, para copiar as poesias de Diogo da Silveira,

irmão de Heitor da Silveira, esse grande amigo de Camões. Para o principe escrevia Jorge Ferreira de Vasconcellos comedias em prosa no gosto da *Celestina*, saturadas de modismos e anexins populares. O Camareiro-mór do principe era o poeta João Rodrigues de Sá. No séquito da princeza D. Joanna, sua esposa, regressa tambem a Portugal o poeta bucolico Jorge de Montemór; emfim, o grande amigo de Camões, o joven D. Antonio de Noronha, fôra o escolhido para justar com o principe no Torneio de Xabregas, por occasião d'esse casamento.

Camões não podia deixar de conceber uma ultima esperança de tornar a ser admittido no paço, desde que o principe D. João reconhecesse a sua superioridade sobre os outros poetas. O pensamento dos *Lusiadas* surgiu-lhe no espirito como o meio de patentear a inspiração genial. Sendo o primeiro canto da epopêa escripto ainda em Lisboa, como se prova pelo manuscripto de Luiz Franco, com certeza esta apostrophe ao principe:

> E vós, oh bem nascida segurança
> Da lusitana antigua liberdade...
> Maravilha fatal da nossa edade...

não póde historicamente referir-se a D. Sebastião, mas sim ao principe D. João, que era na realidade uma *certissima esperança* já em 1554, como filho unico de D. João III, e como organisação artistica. É a esta época que se referem os Epigrammas malevolos de Caminha, como se deduz d'aquelle que allude ao poeta ter perdido um olho, e pelo motejo á *furia grande e sono-*

rosa invocada no primeiro canto do novo poema então denominado *Elusiadas*. Havia portanto uma intriga para que Camões não alcançasse o favor do principe D. João, e a essa intriga não foram indifferentes o camareiro João Rodrigues de Sá, Pero de Andrade Caminha, Jeronymo Côrte Real, e Diogo Bernardes, que tambem pretendia formar um Cancioneiro dos poetas do seculo XVI, no qual, pela enumeração conhecida, não estava incluido Camões.

Conhecida a valentia de Camões, suscitada pelos costumes do tempo, estas intrigas provocaram-no para um acto de perdição; effectivamente em 1552, no dia da procissão de Corpus, quando Gonçalo Borges, moço dos arreios de D. João III, passeava do Rocio para a rua de Santo Antão, dous embuçados chasquearam do seu garbo, e acharam-se ali de repente de espadas desembainhadas; por fatalidade ia passando Camões, e conhecendo os dous como seus amigos, atirou uma espadeirada ao toutiço de Gonçalo Borges. Ficou irremediavelmente perdido; prenderam-no na cadeia do Tronco da Cidade, e ahi jazeu perto de um anno, saindo em 7 de março de 1553, livre por perdão do queixoso, tendo de partir para a India na armada a 24 d'esse mesmo mez. Os seus inimigos tinham conseguido tudo contra elle. Pelo documento da Carta de Perdão podemos recompôr a série dos documentos perdidos relativos ao poeta: 1.º Devassa que se tirou sobre o ferimento de Gonçalo Borges, em 1 de maio de 1552; 2.º Petição de Luiz de Camões; 3.º Instrumento de perdão de Gonçalo Borges, feito nas notas do tabellião Antonio Vaaz

de Castello Branco, a 23 de fevereiro de 1553; 4.º Parecer, e Passe, do Rei; 5.º Assignado do Bispo de S. Thomé, de que pagou 4$000 reis, para a Arca da Piedade; 6.º Assignado de carga em receita do capellão do rei, Alexandre Lopes; 7.º Carta de Perdão notificada em 7 de março de 1553.

Não havia outro caminho senão abandonar esta sociedade pervertida, que conspirava para lhe escurecer o talento e derribal-o; a ideia da viagem do Oriente tornou-se-lhe uma necessidade, desde que o pensamento dos *Lusiadas* illuminára os longos dias desconfortados da prisão do Tronco da Cidade. Foi esse o pensamento que lhe serviu de apoio em todos os seus desastres, nos desterros, nas guarnições doentias e tediosas, na miseria dos hospitaes, nas traições dos amigos, e nos carceres. Nos *Lusiadas* vibram todas estas notas de sentimento, e apesar das fórmas virgilianas da epopêa, o poema identifica-se com a alma moderna por esta verdade das grandes impressões realistas.

No Archivo da Casa da India, hoje perdido, achou Faria e Sousa um outro assento com o titulo: *Gente de Guerra*, que dizia: «Fernando Casado, filho de Manoel Casado, e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro. *Foi em seu logar Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, Escudeiro, e recebeu 2$400 como os demais*». Por outro registro notado pelo padre D. Flaminio ficou por fiador de Camões n'este segundo alistamento seu tio Belchior Barreto, cunhado de sua mãe. É natural que Simão Vaz de Camões estivesse n'este tempo ausente de Lisboa, como se infere por esta

substituição da fiança; segundo Mariz, era tradição que Simão Vaz «naufragára nas costas da terra firme de Gôa». Na relação de Manuel Rangel do *Naufragio da não Conceição* em 1555, apparece um feitor com o nome de Simão Vaz, e pelo Indice de Figueiredo Falcão acha-se em 1553 uma náo com este nome arribada. É crivel portanto que o pae do poeta andasse embarcado; no Alvará de 1585 vem citados os *serviços de Simão Vaz*, circumstancia que fortifica a nossa interpretação á allusão de Mariz.

Pela partida para a India procurava Camões fugir «*a quantos laços lhe armavam os acontecimentos*», como diz na sua primeira carta. Embarcou na náo S. Bento, que era a capitania da armada, a qual largou em 24 de março de 1553, soffrendo no largo uma terrivel tempestade, e sendo como «*a maior e melhor que então havia na carreira*», a unica que n'esse anno chegou a Gôa. Estes temporaes da carreira da India eram conhecidos, mas a administração da marinha não attendia ás épocas do anno para o despacho das Armadas; em uma carta do Viso-rei D. Francisco de Almeida a D. Manuel, accusa-se este erro: «não são chegados cá os officios, nem outros provimentos, e tudo é porque os vossos officiaes de Lisboa dizem que vos forram dinheiro em despachar as armadas em abril». E accrescenta com a sua experiencia: «mande V. A. que partam em fevereiro o mais tardar, porque bem vedes o jogo que vos tem feito o partirem as náos de lá tarde; e perguntae a vossos officiaes qual é mór perda — se gastar e perder um mez e dias de soldo d'armada, que elles di-

zem que vos aproveitam em deter a partida das Náos em Lisboa, ou se é mór perda um anno que as Náos ficam em Moçambique, porque chegam tarde, do que elles darão conta a Deus da gente que ahi morre ao desamparo...» Estas observações explicam a desgraçada viagem da Armada de 1553, acontecendo por accidente a Náo S. Bento ao dobrar o Cabo não poder ir a Moçambique por ser já tarde, pôr-se ao largo da ilha de S. Lourenço, e conseguir assim chegar ainda em outubro á barra de Gôa.

§. III. A vida de Camões no Oriente

(1553 a 1569)

No livro de Pyrard, *Viagem contendo a noticia da sua navegação ás Indias Orientaes, de 1601 a 1611,* acham-se preciosas noticias dos costumes, leis, usos, policia e governo d'aquellas regiões, que elucidam com uma luz immensa a vida de Camões no periodo da sua expedição de 1553 a 1569. A estabilidade dos costumes nas colonias portuguezas do Oriente permitte a interpretação dos factos alludidos por Camões nos seus versos e cartas, aproximando-os das descripções pittorescas de Pyrard. A partida da Armada de Lisboa era feita de um modo particular, como relata o viajante francez; «Quando se quer fazer um embarque de Lisboa para a India, fazem uma leva de soldados por todo o Portugal em cada freguezia, como cá se faz com os gastadores, e acceitam toda a sorte de gente de qualquer qualidade e

condição que seja, comtanto que chegue á edade de nove a dez annos; e esses tomam a rol e ficam tidos e pagos por soldados. Se não se acha quem queira ir de propria vontade, fazem-nos ir por força, sem differença de edade e todos são matriculados na Casa da India, de Lisboa, onde dão fiador até embarcarem. Adianta-se-lhe todo o dinheiro da viagem, porque a maior parte são filhos de gente pobre e tem necessidade de se vestir e armar». O facto de ter Camões carecido de *fiador,* que d'esta segunda vez foi seu tio Belchior Barreto, e de receber 2$400 reis, *como os demais,* revela-nos ou a grande pobreza em que estava sua familia, ou que na saída da prisão do Tronco da Cidade lhe deram praça forçada, obrigando-o á viagem da India. As palavras que proferiu ao embarcar, apropriando-se da phrase historica de Scipião, significam um desespero profundo contra uma violencia desconhecida. Para Camões não houve differenças de gerarchia: «Entre esses soldados matriculados, diz Pyrard, ha dignidades e qualidades mais honradas umas que outras, e estas precedencias lhe vêm umas de raça e prosapia, outras de seus serviços e virtudes, e outras ainda de favor; de sorte que recebem paga segundo estas differenças, uns mais, outros menos». Matricularam-no pois entre a *gente de guerra,* e pagaram-lhe *como os demais.*

A Armada de Fernão Alvares Cabral foi bastante batida pelos temporaes, e as borrascas no Cabo da Boa-Esperança, descriptas na Elegia III, suscitaram no espirito de Camões a sublime creação do *Adamastor;* essa Elegia traz no manuscripto de Luiz Franco a rubrica: *Da India, a D. Antonio de Noronha* (fl. 4), aquelle galhardo

mancebo morto prematuramente em Africa. A Náo S. Bento dobrou o Cabo da Boa-Esperança em tempo em que não podia já ir aportar a Moçambique, e ao chegar a Gôa em outubro de 1553, separada de todas as outras, foi mandada logo n'esse mez em serviço na expedição que o Vice-rei D. Affonso de Noronha commandou contra o Radjah de Chembé, que hostilisára os principes de Cochim e de Porcá. N'essa mesma Elegia III diz Camões: « Foi logo necessario termos guerra ». Portanto Camões, ainda cançado da viagem, serviu logo como soldado na Armada do Sul. Pyrard descreve estas Armadas que saíam de Gôa regularmente em outubro: « Para a guarda pois de toda a costa da India, desde Gôa até Cambaya, e algumas vezes até Ormuz, de uma parte, e da outra até ao Cabo Comorim para impedir as carreiras dos Corsarios malabares, apercebem duas Armadas em Gôa, e chamam Armada do Norte a que vae até Ormuz, e Armada do Sul a que vae até ao Comorim; e são compostas de cincoenta a sessenta galeotas, com uma ou duas galés, como as da Hespanha. Essas Armadas sáem no mez de outubro, que é o principio do seu verão, que dura seis mezes, pouco mais ou menos, e é o tempo em que correm os Corsarios malabares ».

A Armada do Sul, em que seguira Camões, restabeleceu em dous dias o principe de Porcá, mas só terminado o seu cruzeiro é que voltou a Gôa, como se deprehende da relação de Mesquita Perestrello, que refere da Náo S. Bento: « e foi surgir na entrada do mez de fevereiro á barra da cidade de Gôa, onde esteve descançando dos enfadamentos do mar ». Então já em terra,

escreveu Camões essa sua primeira Carta da India, na qual diz: « que estava mais quieto do que cella de frade pregador ». A vida dos marinheiros portuguezes em terra é descripta por Pyrard de um modo que nos faz comprehender as relações do poeta com Alvaro da Silveira e Heitor da Silveira, com João Lopes Leitão, com D. Francisco d'Almeida, com D. Tello de Menezes, D. Jorge de Moura, e outros muitos fidalgos e poetas, que seguiam no Oriente a vida das armas: «juntam-se em numero de nove ou dez, mais ou menos, e tomam um aposento, que lá são mui baratos... Mobilam estes aposentos de leitos, mezas e outros utensilios, e têm um escravo ou dous para todos. De ordinario moram em casas terreas por causa do grande calor. Estes soldados vivem pela maior parte mesquinhamente, ao menos aquelles que não têm alguma traça ». Isto restitue á sua verdadeira luz o vêrmos Camões pedir esmola em verso ao Vice-rei para acudir a Heitor da Silveira, e essa situação que motivou entre os outros seus amigos o banquete das trovas. Pyrard continua: « Em todo o dia estão na sala, ou á porta assentados em cadeiras, á sombra e á fresca em camisa e ceroulas, e ali cantam e tocam guitarra ou outro instrumento. — São mui cortezes com quem passa pela rua e de mui boa vontade offerecem a casa para que possam entrar os que passam, sentar-se, galhofar e praticar com elles. Nunca sáem todos juntos pela cidade, mas aos dous e aos tres quando muito, porque ás vezes não têm mais de tres ou quatro vestidos para servir a dez ou a doze ». Por isto se comprehenderá agora o que significa essa redondilha de Camões na In-

dia: «*A um fidalgo que lhe tardava com uma camisa galante, que lhe prometteu*». Como este facto foi deturpado pelos biographos. «E todavia, prosegue Pyrard, quem os vir marchar pela cidade dirá, que são senhores de dez ou doze mil libras de renda, porque vão cheios de gravidade, e levam junto a si um escravo, e um homem que lhes segura um grande sombreiro ou guarda-sol. (Um epigramma de Camões, começa: *Quem por-abas me quer conhecer,* allude a este costume). Andam os soldados de que fallamos, vestidos de sêda o mais soberbamente que se póde imaginar, mas logo que chegam ás pousadas promptamente largam os vestidos, e os passam a outros, se querem saír a seu turno. Vagueiam de noite pela cidade, e por via d'elles corre-se muito risco de andar pela rua depois das oito ou nove horas, apesar de fazerem rondas os meirinhos com seus homens, porque aquelles soldados são muito fortes».

Camões viu-se envolvido entre esses *valentões,* e na sua Carta I allude a ter sido tomado por juiz de certas palavras, n'um conflicto em que Manoel Serrão, um anonymo immortal, fez desdizer um soldado que era tido em boa conta pela postura de sua pessoa.

A vida de Gôa era dissolvente, e Camões pelo seu temperamento exaltado mal poderia resistir-lhe; depois das arruaças dos valentões, vinham os odios secretos das mulheres, as ruinas do jogo, e as vinganças dos que se davam á embriaguez, e que se julgavam offendidos pelos versos do poeta. Sem o refugio da commissão ou desterro de Macáo, ter-lhe-ia sido impossivel a

realisação da sua obra, os *Lusiadas*. O quadro da vida em Gôa acha-se esboçado n'estas linhas de Pyrard: « Os exercicios a que se dão os portuguezes, tanto em Gôa como em outros logares da India, são primeiramente menear as armas e montar a cavallo, e nos dias festivos e domingos se occupam em mil corridas a cavallo, lançando laranjas, e jogando cannas uns com outros, e estando cada um o melhor apercebido e ordenado que póde. No que respeita a jogos de cartas e dados de azar são permittidos e ha casas deputadas para isso, cujos donos pagam tributo a el-rei... a maior parte até comem, bebem, dormem ali por não terem outra occupação fóra d'esta. A occupação das mulheres não é outra durante todo o dia mais que cantar e tanger instrumentos, e algumas vezes, mas raras, se visitam. Mas, ainda que em Gôa as mulheres sejam muito impudicas, e que o clima e os alimentos da terra as favoreçam, todavia nem lá, nem nas outras cidades dos portuguezes ha alcouce publico... O mais ordinario passatempo das mulheres é estar todos os dias ás janellas, e são mui bellas, grandes e espaçosas em fórma de galerias e sacadas, com gelosias e rótulos mui lindamente pintados, de modo que ellas podem vêr sem ser vistas ». Camões feriu a sociedade de Gôa na satyra dos *Disparates da India*, fallou dos jogadores e beberrões na *Satyra do Torneo*, e das mulheres dizia que já não seguravam ponto, e que a sua linguagem era mascavada de ervilhaca (o portuguez *reinol*). Aquelle meio dissolvente actuava sobre Camões; os amores com a cativa Luiza Bárbora, celebrada em umas mimosas redondilhas, tra-

duzidas por Chateaubriand, revelam que o poeta era arrastado n'essa corrente de paixões lubricas.

« Aquella cativa — que me tem cativo » como principia a endecha, foi mal comprehendida pelos biographos. Pyrard descreve com o seu realismo *de visu* estas seductoras moças indianas: « Entre as escravas encontram-se ali raparigas mui bellas e lindas, de todas as partes da India, as quaes pela maior parte sabem tanger instrumentos, bordar, coser mui delicadamente e fazer toda a sorte de dôces, conservas e outras cousas. — Entre estas raparigas ha algumas mui bellas, brancas e gentis, outras trigueiras, morenas e de todas as côres. — As moças adornam-se muito para agradar e vender melhor a sua mercadoria; e ás vezes são chamadas ás casas, e se ali lhes fazem proposições amorosas, de nenhuma sorte se mostram esquivas, antes acceitam logo a troco de alguma cousa que se lhes dê... » Comprehende-se pois o valor e a verdade da *Endecha a huma cativa, com quem andava de amores, na India, chamada Bárbora,* descrevendo a belleza sensual d'essa morena:

Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados
Mas não de matar;

Uma graça viva
Que n'elles lhe móra...
Pretos os cabellos...

Leda mansidão,
Que o siso acompanha...
Presença serena
Que a tormenta amansa...

É de suppôr ter sido Camões o requestado, pelo que se deprehende dos costumes descriptos por Pyrard: «todas estas mulheres da India, assim as christãs ou mestiças, desejam mais ter trato com um homem da Europa, christão velho, do que com os Indios, e ainda em cima lhe dariam dinheiro, havendo-se por mui honradas por isso, porque ellas amam muito os homens brancos, e ainda que haja indios mui brancos, não gostam tanto d'elles». D'esta vida enervada, em que se via Camões *mais festejado que touro da Merceana,* como descreve na Carta I, sómente o poderia arrancar a actividade da guerra. A 16 de setembro chegou a Gôa o novo Vice-rei D. Pedro de Menezes; organisou-se então a Armada do Norte com tres galés e cinco galeotas para irem bater o corsario Sofar no Mar Vermelho; a partida effectuou-se por fevereiro de 1555, indo cruzar diante do Monte Felix, ao norte do Cabo de Guardafú. Camões partiu n'esta Armada, e descreve o terrivel cruzeiro, no qual o escorbuto fez grandes estragos sobre a guarnição. É assombrosa e esplendida essa Canção X, pela expressão do seu estado de espirito: «Aqui me achei gastando uns tristes dias...» Nunca a linguagem humana excederá a eloquencia d'estas estrophes. N'esse cruzeiro perdeu Camões o seu amigo e companheiro de armas Pero Moniz, natural de Alemquer, cuja morte celebra no inimitavel Soneto 103, que Faria e Sousa jul-

gava consagrado á morte do soldado Ruy Dias executado por ordem de Affonso de Albuquerque.

Da estação do Monte Felix foi a Armada invernar a Mascate, no Golfo Persico, para d'ali acompanhar em comboio as Náos de Ormuz para Gôa. Regressou portanto Camões a Gôa no mez de junho de 1555, porque é a 16 d'este mez que succede no governo, por morte do Vice-rei, o severo e joven Francisco Barreto, em cujas festas pela nomeação o poeta tomou parte. Foi n'este regresso que recebeu a noticia por cartas do reino, da morte do seu joven amigo D. Antonio de Noronha e do esperançoso principe D. João. Para as festas da investidura de Francisco Barreto escreveu o *Auto de Filodemo,* como se sabe pela cópia do seu amigo Luiz Franco. As Comedias eram um dos grandes divertimentos publicos de Gôa, sobretudo entre os estudantes das escholas dos Jesuitas, e Camões não quiz ficar atraz d'esses prematuros humanistas. As usanças nas festas dos Vice-reis e governadores acham-se tambem descriptas por Pyrard: «levantam-lhe muitos arcos triumphaes desde o desembarcadouro até á egreja cathedral, e cada officio e classe de mercadores fazem o seu sem competencia uns com os outros». As festas de Francisco Barreto tornaram-se uma monomania vertiginosa; Camões atacou então os jogadores e beberrões que exploraram esse regosijo publico, na mordente *Satyra do Torneo.*

A partida immediata de Camões para Macáo como Provedor-mór dos defunctos e ausentes, foi considerada pelos biographos como uma vingança de Francisco Barreto; mas a natureza d'este cargo leva a induzir o contra-

rio, empregando-o o Governador n'esse ramo de justiça e fazenda que elle reorganisára, porque reconheceu o caracter, talento e valentia de Camões para desempenhar essa missão difficilima.

A partida para Macáo seria pelos principios de março de 1556. Emquanto na solidão de Macáo se occupava Camões em continuar a elaboração dos *Lusiadas*, interrompida no canto I, em Gôa era *mexericado por alguns amigos*, como relata Manoel Corrêa, no commento aos cantos VII, est. 81, e X, est. 128. Segundo uma tradição constante, escreveu Camões uma grande parte do poema em uma *gruta*, no alto de um monte ao norte de Macáo, na aldeia de Patane. Em um recente livro de viagens, intitulado *La vida en el Celeste Imperio*, por D. Eduardo Toda, acham-se dois preciosos capitulos sobre a colonia portugueza de Macáo; para os estudos camonianos, interessa-nos especialmente a parte descriptiva da peninsula onde Camões se inspirou para continuar o seu poema tantas vezes interrompido, e onde deixou a irradiação eterna da sua personalidade na tradição da Gruta, que é visitada como um sanctuario por todos os viajantes. São sempre apreciaveis as impressões directas, e é por isso que ajuntamos hoje mais esses traços ás outras descripções já conhecidas da *Gruta de Camões* em Macáo: «Ao dobrar a ponta do canal de Lantáo, que marca exactamente a metade do trajecto (entre os portos de Hong-Kong e Chacau), entra-se em um estreito braço de mar, limitado em sua parte opposta pelas serras de Jeoug Shan, ou *Montanhas perfumadas*. Ao pé d'estas, começa a distinguir-se a pequena peninsula, onde já de

tres seculos fluctuam as gloriosas Quinas portuguezas. Aquella paizagem seria extremamente pittoresca se durante a maré baixa uma ramificação de Chu Kiang que ali desemboca não lhe convertesse as aguas em verdadeiro mar lodacento. — Ao aproximar-se das costas, o viajante que tenha visto o golfo de Napoles, nota immediatamente a grande similhança que existe entre o porto exterior de Macáo e a *Chiaia* da antiga Parthenope. Vê-se no mesmo golfo, ainda que com limites mais reduzidos, egual distribuição das montanhas de *S. Paulo*, que correspondem ao S. Telmo, e da *Guia*, que poderia tomar-se como o Vesuvio. Esta illusão dura os instantes que se leva a dobrar a barra do rio e franquear o porto interior, magnificamente situado, porém quasi impraticavel aos navios pela grande quantidade de lodo, que tem accumulado no fundo, e que nunca se cuidou de extraír. — A Macáo anda unida uma recordação, que nunca esquece ao viajante por menos instruido que seja: é a do immortal poeta Luiz de Camões. — Junto ao porto interior da peninsula, acha-se um grande jardim, tão pittoresco como abandonado, que se chama a *Gruta de Camões;* por ali ia o poeta com frequencia, para distrahir-se das largas horas de ocio e de nostalgia. A *Gruta* é formada por tres grandes pedras de granito: duas acham-se parallelamente, e a outra descança sobre aquellas, formando uma porta». O official de marinha F. M. Bordallo comparou tambem esta quinta no seu aspecto geral á quinta da Penha Verde, em Cintra: «Lindas ruas de copado arvoredo serpenteando em volta de uma montanha, e ladeadas por enormes massas de

granito, d'entre as fendas das quaes surgem bellas arvores, não só das especies chinezas, mas de Java, das Filippinas, da India e da peninsula malaia, tal é o caminho que conduz o viajante ao pincaro de um monte, sobranceiro á povoação chineza de Patane e ao rio, onde está a procurada *Gruta de Camões.* —Eil-a, dous rochedos quasi perpendiculares e proximos um do outro, sustentam um terceiro, que serve de tecto á gruta» [1]. Quando o poeta levava já no canto VI a composição dos *Lusiadas,* chegou por 1558 ordem terminante de regressar a Gôa debaixo de prisão; é a este facto que alludem os versos:

> Será o *injusto mando* executado
> N'aquelle cuja Lyra sonorosa
> Será mais afamada que ditosa.

A ordem de prisão partiu de Francisco Barreto, e foi por isso que se julgou por algum tempo como inimigo de Camões. No regresso a Gôa, succedeu-lhe o naufragio na costa de Cambodja, onde se salvou a nado, com o manuscripto dos *Lusiadas,* situação intimamente epica, que elle perpetuou no poema:

> . . . o Canto, que molhado
> Vem do naufragio triste e miserando,
> Dos procellosos baixos escapado [2].

---

[1] *Panorama,* t. XI, p. 36.
[2] Cant. X, est. 28.

Sobre o naufragio de Camões nas costas de Cambodja, escreve Ferdinand Denis: «Um viajante que percorreu estas regiões, alguns annos depois do successo que esteve a pique de ser tão funesto ao poeta, faz admiravelmente comprehender como o naufrago carregado com o seu precioso volume pôde salvar-se desde que attingiu o curso lento e placido do Mecon. Este vasto rio, effectivamente tem a nascente nos confins da China, e rega o reino de Cambodja, tem cheias como o Nilo, e é sensivel ás marés até uma distancia consideravel; na baixa-mar os navios encalham frequentemente, e a sua embocadura póde ser passada a váo. Internando-se algumas leguas, Camões poderia ter visitado as maravilhas da cidade de Angor, e encontrar hospitalidade em um dos mais ricos imperios do Oriente. Ignoramos o acolhimento que encontrou n'essas paragens, mas aí permaneceu muitos mezes...» [1] Ferdinand Denis escrevendo em 1855 referia-se á extraordinaria civilisação cambodjiana, n'esse mesmo anno descripta por Bastian no seu *Cambodische Altertümer,* em cuja grande capital Ongcor, coberta das mais estupendas maravilhas de architectura, parece ter-se associado o genio chinez com o árico, produzindo na Arte o mesmo syncretismo religioso das doutrinas buddicas. O paiz de Cambodja, denominado reino de Khmer pelos seus habitantes, tem sido estudado pelos archeologos e ethnologistas europeus, e os prodigios da sua arte, em parte reu-

---

[1] *Nouvelle Biographie génerale,* t. VIII, p. 351.

nidos no Museu de Compiègne, acham-se descriptos no livro recente de Delaporte, *Le Cambodje;* uma simples inspecção dos monumentos da Arte Khmer lembra immediatamente as obras architectonicas da civilisação mexicana, vestigios morphologicos das construcções egypcias, porventura pelas relações do estylo indo-árico de Casmira. A impressão d'esses pasmosos productos de uma civilisação extincta ficou ligada aos desastres da vida de Camões, que no canto x dos *Lusiadas,* fallando das circumstancias de ser o Mecon analogo nas suas cheias ao Nilo, mostra conhecer os costumes e ritos dos *Khméres:*

A gente d'elle crê como indiscreta
Que pena e gloria tem depois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

Logo que o poeta chegou a Gôa, foi recolhido á cadeia; e já reduzido á miseria pelo naufragio, recebeu um novo golpe com as cartas chegadas do reino, que lhe traziam a noticia do fallecimento de *D. Catherina de Athayde, muito moça.* A 3 de setembro de 1558 succedia no governo da India o Vice-rei D. Constantino de Bragança, que reconheceu a innocencia de Camões, mandando-o soltar; foi por esta occasião que o poeta deu o banquete das trovas aos seus antigos companheiros de armas. O governo de D. Constantino durou os tres annos do costume, succedendo-lhe em setembro de 1561 D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, que tambem foi amigo do poeta, e a quem costumava pedir

versos. Por 1562 achava-se Camões preso por dividas em Gôa, embargado por um agiota cóevo, Miguel Rodrigues, o Fios-Seccos; n'este anno Manuel Godinho tirava copias dos versos de Camões, e Luiz Franco compilava o seu precioso Cancioneiro, onde Camões figurava. O poeta era considerado, e tanto que o veneravel Dr. Garcia d'Orta, querendo dedicar o seu livro dos *Colloquios dos Simplices* ao Vice-rei, lhe pedira em 1563 essa sublime Ode VIII, que serviu de dedicatoria á obra.

Depois da morte do Conde Vice-rei em fevereiro de 1564, até 1568 a vida de Camões é totalmente ignorada. É n'este periodo obscuro que collocamos as suas viagens ao archipelago das Molucas, e a convivencia com Pedro Barreto, na Capitania de Sunda, d'onde veiu com elle quando o transferiram para Moçambique. A Canção VI refere-se á ilha de *Amboina,* uma das Molucas, ilha vulcanica e habitada por extranhos, o que se não póde entender com relação a Gôa; na Canção XVI é o testemunho mais claro:

Retumbando por asperos rochedos
Correm perennes aguas deleitosas,
Na ribeira de *Buina* assi chamada...

No poemeto em oitava rima *Historia da Arvore triste,* que anda em nome de Francisco Rodrigues Lobo, que nunca foi á India, e que nós entendemos ser um fragmento do *Parnaso* de Camões, pelas referencias das suas remotissimas viagens, lê-se:

Um dia, pois, já tarde, que pensava,
De um largo caminho assás cansado,
Ao longo de *Amboná* que perto estava
Da ribeira do Ganges situado...

N'este periodo de vida errante é que o poeta teve relações com Bento Caldeira, que em 1561 naufragára em Sumatra, no galeão S. Paulo; foi este o primeiro que traduziu para castelhano os *Lusiadas*, e pelas alterações que lhe fez, algumas bastantes racionaes, poder-se-ha inferir que recebera communicações particulares de Camões. O regresso de Camões a Gôa seria motivado pela nomeação do Vice-rei D. Antão de Noronha, seu antigo amigo dos tempos de Africa, que chegára do reino em 3 de setembro de 1564. Na Ode XIII, Camões refere-se áquella *primeira aurora*, quando D. Antão de Noronha militava em Africa, e pede-lhe que esqueça o camarada antigo, que não lembre essa egualdade de outr'ora que póde offuscar o brilho do Vice-rei. Por esta mesma Ode se deprehende que D. Antão de Noronha lhe pedira versos; o Vice-rei proveu Camões na Feitoria de Chaul, logo que se deu a primeira vaga; sobre este costume escreve Pyrard: «Emquanto aos Capitães e fidalgos portuguezes, esses não recebem outros presentes senão capitanias vagas, permissões de certos traficos ou privilegios e cargos». Vinha a competir-lhe a entrada na posse da Feitoria pouco mais ou menos em 1570; porém, Camões tinha quasi completo o seu poema e anciava por voltar a Portugal; a ideia de ir para Moçambique occorreu-lhe como um meio de regressar em algum galeão, e aproveitou-se da transferencia de

Pedro Barreto da capitania de Sunda para Moçambique para vir na *matalotagem,* isto é, sem pagar passagem, apenas comendo á sua custa [1].

Em Moçambique Pedro Barreto portou-se infamemente exigindo ao poeta duzentos cruzados; e quando em 1569 regressava para Portugal o Vice-rei D. Antão de Noronha, ao aportar a náo *Santa Clara* a Moçambique, ahi encontraram Luiz de Camões «tão pobre, que comia de amigos», como conta pittorescamente Diogo do Couto na *Decada VIII.* Os amigos quotisaram-se para lhe arranjarem roupa, e libertal-o dos crédores, e trouxeram-no para o reino como seu matalote. Este costume acha-se descripto por Pyrard: «Quando o Vice-rei recolhe a Portugal, escolhe os navios que quer e os faz prover de mantimentos, a que chama matalotagem, para elle e sua comitiva; e ha tempo para isso. E quando os portuguezes sabem que algum Vice-rei, arcebispo ou grande senhor e capitão se vae embora, cuidam em se metter no seu rol e obter licença para se irem com elle; porque n'estes casos todos quantos vão no navio, tirada a gente do mar e officiaes do mesmo navio que levam e têm sua *matalotagem* á parte, são sustentados de gra-

---

[1] Com relação a achados de documentos historicos sobre Camões no Archivo de Gôa, podemos hoje affirmar que isso é absolutamente impossivel: «É pena, porém, que faltem (no Archivo de Gôa) os livros de 1510 a 1567, onde se poderiam encontrar os primeiros e mais authenticos subsidios para a historia do estabelecimento do governo portuguez na Asia». J. Ismael Gracias, *Mem. hist. sobre os Correios na India portugueza,* p. 6.

ça, ou sejam fidalgos ou soldados». Em a náo em que regressava o Vice-rei D. Antão de Noronha, Camões entrou na *matalotagem* de Diogo do Couto, D. João Pereira, D. Pedro Guerra, Ayres de Sousa de Santarem, Manoel de Mello, Gaspar de Brito, Fernam Gomes da Gram, Luiz da Veiga, Antonio Cabral, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, Lourenço Vaz Pegado, e o seu grande amigo e poeta Heitor da Silveira. Segundo o dizer de Diogo do Couto, em Moçambique acabou de aperfeiçoar os *Lusiadas,* e trabalhava no livro, que intitulava *Parnaso,* a collecção systematica dos seus versos lyricos. Deprehende-se a indole d'este livro da rubrica da Elegia á morte de D. Tello de Menezes: «*Achou-se em um manuscripto* do Bispo D. Rodrigo da Cunha *feito no anno de 1568*». A natureza da composição, e o manuscripto formado na epoca em que estava Camões em Moçambique, em 1569, confirma a interpretação que damos á noticia de Diogo do Couto.

Estava terminada a empreza do sonho de fortuna no Oriente; Camões regressava á patria desilludido, doente e na indigencia, mas trazia comsigo o pregão da immortalidade do ninho seu paterno, onde queria morrer.

§. IV. Regresso a Lisboa, e morte

(1570 a 1580)

A partida de Moçambique para o reino effectuára-se em novembro de 1569, saíndo as náos juntas sob a capitania da náo *Chagas;* porém a náo *Santa Clara,* em que vinha Camões, e seus amigos Diogo do Couto e Hei-

tor da Silveira, commandada pelo capitão Gaspar Pereira, obedecendo á força das correntes adiantou-se a todas as outras, e chegou á ilha de Santa Helena vinte dias mais cedo. No regresso da India, as náos tomaram a direcção dos Açores, onde eram esperadas por uma armada que as ia encontrar annualmente ás ilhas para as proteger da pirataria. Quando a náo *Santa Clara* chegou a Cascaes, em abril de 1570, já se achava n'aquella bahia a armada que se dirigia annualmente para as ilhas dos Açores, prestes a partir. Teixeira Soares é de opinião que a náo *Santa Clara* tocára nas ilhas dos Açores, inferindo este facto da referencia de Diogo do Couto á impressão directa da *ilha do Pico*, que só teve occasião de vêr em 1570. E admittido o facto, torna-se plausivel a hypothese de que a ilha Terceira foi o elemento objectivo que serviu a Camões para accentuar alguns traços descriptivos da *Ilha dos Amores*. Tal é a opinião de dois eruditos açorianos, o Padre Jeronymo Emiliano de Andrade e o Dr. Moniz Barreto Côrte Real, comprovando a topographia da ilha Terceira com a descripção da ilha maravilhosa, e explicando a referencia ao porto de Angra:

Onde a costa fazia *uma enseada*
Curva e quieta...

e aos tres cumes tão caracteristicos do Monte Brazil:

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam
Na formosa ilha alegre e deleitosa.

Já Humboldt observára que as plantas e fructas da *Ilha dos Amores* eram exclusivamente da Europa; esta circumstancia corrobora a interpretação d'aquelles insulanos, que bem conheceram que era á lima dôce dos Açores que competia o verso:

O pomo que da patria Persia veiu,
Melhor tornado no terreno alheio.

A impressão da vista dos Açores, do fim da viagem de Camões, foi consignada na altura em que levava o trabalho do poema (canto IX e X), que veiu terminar em Lisboa. A chegada á patria vinha acompanhada de novos desastres. Escreve Diogo do Couto: «e no dia que vimos a roca de Cintra, falleceu Heitor da Silveira, por vir já muito mal». Camões perdia o amigo que mais de perto o acompanhára na desgraça. A náo chegára a Lisboa em 7 de abril de 1570; ao desembarcarem encontraram a cidade devastada pela terrivel epidemia que ficou na historia com o nome de *Peste grande*, no auge da qual, no anno anterior, morriam diariamente entre quinhentas e setecentas pessoas. Os frades fanatisavam o povo com vaticinios aterradores, e Lisboa despovoára-se, morrendo os moradores á mingua de soccorros pelos olivaes das cercanias.

D'esta peste, fallam com espanto Gonçalo Fernandes Trancoso, nos *Contos de proveito e exemplo*, que escreveu então para distrahir-se, e o filho do poeta Antonio Ferreira, que lhe attribue a sua orfandade. Além da peste, a miseria publica era incalculavel, pela rasão da

quebra da moeda feita por uma lei de 14 de abril de 1568, para evitar que o ouro fosse levado para Inglaterra. Camões voltava á patria em um momento calamitoso. Fez-se, por occasião da declinação da peste, uma espectaculosa *Procissão da Saude*, em 20 de abril de 1570, que ainda hoje é popular em Lisboa. Camões veiu encontrar sua mãe *muito velha e muito pobre*, como se lê em um documento official; morava ainda á Mouraria, como se infere da amisade que contrahiu Camões com o licenceado Manuel Corrêa, cura da egreja de S. Sebastião da Mouraria, a quem contava as passagens da sua vida, e a quem communicou os *Lusiadas*.

A occasião não era azada para a publicação do poema; os desastres economicos e a exaltação do fanatismo deviam embaraçar de um modo decidido a censura e approvação da epopêa. Camões veiu encontrar accesos os velhos odios dos que lhe invejavam o genio, e d'esta vez a vingança dos mediocres foi ainda mais dura: roubaram-lhe o livro dos seus versos lyricos, o seu *Parnaso*: «o qual lhe furtaram, e nunca pude saber no reino d'elle, por muito que o inquiri, e foi furto notavel...», escreve Diogo do Couto na *Decada VIII*. Com o valimento do seu velho amigo D. Manuel de Portugal, conseguiu Camões facilitar as licenças, e obter o alvará de privilegio da propriedade do seu livro por dez annos, e a permissão de lhe accrescentar *mais alguns cantos*. Os *Lusiadas* appareceram á luz por meado de julho de 1572, e immediatamente provocaram um extraordinario interesse; a segunda impressão feita n'esse mesmo anno

leva a tal inferencia. Pelo menos irromperam profundos despeitos; Pedro da Costa Perestrello rasgou o seu poema sobre a descoberta do Oriente; Bernardes atacava-o pelos archaismos, e nem citava o nome de Camões no seu projecto de Cancioneiro; apenas Falcão de Resende allude aos *Lusiadas*. Na Ecloga XI Camões retrata a sua situação moral:

> Seguro sempre ao longe, sempre ledo;
> Triste ao perto, e tratado como imigo.

Em 1572, por alvará de 28 de julho foi dada a Camões por tres annos uma tença de 15$000 reis annuaes, pelo «seu engenho e habilidade, e a sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India». Isto acirrava mais a guerra contra o poeta, e as duas referencias de Manuel Correia e de Diogo do Couto, de lhes ter Camões pedido que commentassem os *Lusiadas,* só significa a necessidade de defeza contra a má fé litteraria, que delatava o poema aos escrupulos da censura clerical, que em 1584 deturpou boçalmente essa maravilha de arte. O commentario de Diogo do Couto comprehenderia principalmente a geographia, a fauna, a flora, a ethnologia e historia oriental do poema; o commentario de Manuel Correia abrange principalmente as reminiscencias classicas e interpretações de sentido. Sabe-se que o *Doutor Portuguez,* o affamado medico João Fragoso, tambem interrogára Camões sobre phenomenos idealisados nos *Lusiadas.*

Duperron du Castera, defendendo a sua traducção

*

franceza dos *Lusiadas*, em um opusculo separado, allude a tres cartas de Camões (totalmente desconhecidas hoje) em que o proprio poeta se defendia contra certas arguições do medico João Fragoso. Deprehende-se pela noticia de Castera, que elle vira *tres cartas* de Camões, uma em latim, outra em castelhano, e outra em portuguez, contendo explicações sobre o seu poema. Vêl-as-hia em collecção impressa ou inedita? [1]

O licenciado João Fragoso era natural de Lisboa, e foi medico da rainha D. Catherina, mas viveu em Castella desde que seguiu a infanta D. Isabel, que casou com Carlos v. Os medicos da côrte, que o tinham por um temivel rival, chamaram-lhe *El Doctor Portugués*, como o usa Dionisio Daza Chacon. Estava no auge da sua reputação, quando Camões regressára da India a Portugal; em 1570 publicára os *Erotemas Chirurgicos*, e em 1572 o resumo dos *Colloquios dos Simplices* do Dr. Garcia d'Orta, com o titulo *Discursos de las Cosas aromaticas, arboles, frutas y medicinas simples de la India que sirven al uso de la Medicina;* em 1581, publicou a *Cirurgia universal*. Pelo apreço em que tinha Philippe II a Camões, e pelo enthusiasmo que o poema dos *Lusiadas* despertou em Hespanha, sendo duas vezes traduzido em 1580, e outra em 1591, é natural que o *Doctor Portugués* escrevesse a Camões, e portanto que as referencias ás cartas em que João Fragoso discute com

---

[1] Recommendamos aos investigadores o exame á collecção *Clarorum Hispaniorum Epistolæ*, de Ign. Jordan de Asso.

Camões ácerca do seu poema sejam uma realidade. O poema de Camões, como se vê pelo privilegio real, foi considerado como uma obra scientifica; sobre este aspecto seriam tambem as observações do medico da côrte de Philippe II. Crêmos possivel o encontrarem-se algum dia essas Cartas, cuja erudição se póde bem recompôr pelo conhecimento historico do estudo da botanica e zoologia do seu tempo.

Os amigos de Pero de Andrade Caminha conspiravam por todas as fórmas contra a gloria de Camões; em uma Epistola a Francisco de Sá de Menezes, escripta por Jeronymo Corte Real antes de 1574, falla o prosaico poeta como se não existissem os *Lusiadas:*

> Estes auctores lendo fui cuidando
> Com quanta mais razão justo seria
> Dos nossos Portuguezes ir tratando,
> Pois em batalhas mil se lhes devia
> Uma fama, e um nome eterno ao mundo
> E de Homero ou Virgilio a poesia.

Antes de partir para a expedição de Africa, nomeou D. Sebastião um poeta para celebrar-lhe os seus feitos, sendo preferido Diogo Bernardes, e afastado o nome de Camões por essas influencias odientas. Apesar da cabala dos amigos de Caminha, era Camões geralmente denominado principe dos poetas do seu tempo, como vêmos na phrase de Diogo do Couto, e em volta d'elle agrupavam-se Estacio de Faria, Magalhães Gandavo, Manuel Barata, Miguel Leitão d'Andrada, D. Gonçalo Coutinho, e não ces-

savam de pedir-lhe versos, de importunal-o, como se sabe pela anecdota de Ruy Dias da Camara.

Em 1575 eram acabados os tres annos da tença, renovada pela Apostilla de 2 de agosto de 1575, ficando comtudo sem receber esses miseraveis 15$000 reis até 22 de junho de 1576. D. Sebastião, cada vez mais fanatisado pelos jesuitas, emprehendia uma cruzada na Africa; o papa para o exaltar, enviou-lhe como reliquia uma seta de S. Sebastião. Camões tratou este assumpto, mas não avançou em sympathia. Em 1577 escreveu André Falcão de Resende uma Satyra sobre os costumes decadentes da sociedade portugueza, dedicada a Luiz de Camões, em que diz terem na côrte mais valimento os bobos do que os poetas. Em 1577 começou o P. Pedro Ribeiro a formar um Cancioneiro dos poetas do seu tempo, no qual colligiu bastantes versos lyricos de Camões. Tasso e Herrera saudaram Camões pela obra dos *Lusiadas,* e parece ter tido elle conhecimento d'estas homenagens, como se deprehende do verso da Ode VI: «O *Betys* me ouça, o *Tibre* me levante». Quando se organisou a expedição de Africa, Camões não tinha na côrte quem fizesse valer a sua superioridade; a infanta D. Maria fallecera em 1577; D. Manuel de Portugal e Pedro de Alcaçovas Carneiro estavam por embaixadores em Hespanha; D. Luiz de Athayde partira pela segunda vez para a India.

A expedição de Africa era uma loucura de rapaz, animada pelos jesuitas que então intrigavam ao serviço de Philippe II; havia uma má vontade contra essa empreza sem pensamento, e no cometa de 1578 quiz vêr o

povo a annunciada ruina de Portugal. Na sua miragem, D. Sebastião já levava a corôa com que se havia de proclamar Imperador de Marrocos. A partida para a Africa effectuou-se em 25 de junho de 1578, e a 4 de agosto essa luzida cavalhada desappareceu na carnificina e nos cativeiros, deixando a nação entregue á demencia e hypocrisia do cardeal D. Henrique, o tempo bastante para preparar a entrega de Portugal a Philippe II, de Castella.

Segundo a tradição transmittida por Bernardo Rodrigues, poeta coévo, Camões rasgou o começo de um poema em que celebrava a empreza de Africa. A degradação moral era profunda; no cativeiro, os fidalgos gastavam o tempo e o dinheiro do resgate em jogar, emquanto as mulheres andavam em Lisboa por casa das bruxas fazendo toda a ordem de superstições para saberem dos maridos. N'este periodo, que vae de 1578 a 1580, chamado na historia, *o tempo das alterações,* Philipe II tratou de comprar para o seu partido a fidalguia portugueza com cedulas ou promissorias de dinheiro, e com o dinheiro hespanhol vinham resgatados para Sevilha os cativos de Alcacer-Kibir. Foi durante estes dous annos que Camões adoeceu; a ruina do caracter portuguez e a perda quasi imminente da nacionalidade feriram-no mortalmente. O seu poema era destinado a outra época, e a outras almas educadas por esse ideal de patria. Os amigos de Camões, D. Francisco de Almeida, D. Manuel de Portugal, Leitão de Andrada, eram todos do partido nacional, queriam como rei o Prior do Crato; mas faltava a este bastardo o que teve o bastardo da se-

gunda dynastia, um Condestavel e um João das Regras, um braço e um pensamento. O Prior do Crato, pela indignidade da origem, entrou em ajustes com Philippe II, que lhe não chegou ao preço; e essa figura miseravel satyrisada no typo do *Barão de Foeneste*, do celebre romance de Agrippa d'Aubigné, serviu para tornar mais amarga a decepção do partido nacional. O dinheiro de Philippe II, como se conta na Satyra *Sobre a perda da nacionalidade*, fez cahir as muralhas d'esta Jerichó. No meio do desalento dos partidos, a quem faltava o apoio da nação, da soberania nacional, Camões escreveu a D. Francisco de Almeida, que estava por capitão-general na comarca de Lamego: «*Emfim, acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que não só me contentei de morrer n'ella, mas com ella*».

Os exercitos de Philippe II começaram a dirigir-se sobre Portugal, e a 10 de junho de 1580 expirava Camões. Philippe II, ao entrar solemnemente no seu novo estado em 26 de junho de 1581, perguntou por Camões; faltava-lhe como ao Ricardo III, de Shakespeare, essa alma pura para corromper; disseram-lhe vagamente que fallecera mezes antes. Da tença que pertenceu a Camões, mandou Philippe II dar 6$000 reis á mãe do poeta «*por ser muyto velha e muyto pobre*», em data de 31 de maio de 1582.

No documento em que se manda pagar a D. Anna de Sá o saldo de 6$755 reis, achou o visconde de Juromenha a data authentica da morte de Camões; sua mãe sobreviveu-lhe pelo menos por todo o anno de

1585, por isso que existe um alvará de 5 de fevereiro em que lhe é inteirada a tença dos 15$000 reis. Camões foi sepultado no mosteiro de Santa Anna [1], em sepultura *pobre e plebeiamente;* Miguel Leitão de Andrada mandou assignalal-a com azulejos na parede, e antes de 1594 D. Gonçalo Coutinho mandou collocar-lhe uma lapide com epitaphio. Não bastou isto para evitar que se perdesse a memoria do local d'essa sepultura [2].

As edições repetidas dos *Lusiadas,* o trabalho para colligir as *Rimas* dispersas de Camões, provam-nos que o seu nome se identificou com o de Portugal; e, pelo esmero que o poema mereceu aos estudos de João Pinto Ribeiro, que á sua epopêa se deve a revivescencia e o reconhecimento do genio nacional.

---

[1] Consta existir em Lisboa, em mão particular, o *Livro das Visitações da Egreja de Santa Anna* na ultima metade do seculo XVI, em que se acha consignada uma referencia a Camões, parochiano d'essa freguezia. Bom será que um tal livro, se existe, se torne accessivel ao publico, accentuando-se mais um documento para a reconstrucção da vida do grande poeta.

[2] Tem sido até hoje sem resultado todas as pesquizas e excavações na egreja de Santa Anna; o architecto J. M. Nepomuceno observou-nos como uma das causas para não se encontrar a sepultura de Camões: « O coro alto da egreja de Santa Anna está mais elevado do que o pavimento do templo, o que leva a inferir que se fez um aterro sobre que assentou ». Portanto a ultima esperança que resta para encontrar a sepultura *com a respectiva lapide,* é procurar debaixo d'esse aterro feito sobre o solo antigo sem ter sido revolvido. E esta hypothese, tão plausivel, explica o motivo da decepção de todos os esforços empregados pelas commissões officiaes.

CAPITULO II

A Epopêa da Nacionalidade

§. I. A individualidade de Camões nos Lusiadas

Em Camões accentuam-se duas individualidades distinctas: — o genio contemplativo, amoravel e indeciso, que se revela de um modo esplendido nas *Lyricas*, e a natureza impetuosa e tenaz do homem de acção, que affronta a morte nos naufragios, nas pestes dos cruzeiros, nas emprezas militares, tendo por divisa o memorado verso dos *Lusiadas:* «N'uma mão sempre a espada, e na outra a penna». O conflicto d'estas duas indoles contradictorias entretece a sua vida trabalhosa, que elle segue inconscientemente, sem notar que obedece a uma fatalidade atávica: o subjectivismo lyrico apresenta-se como uma sequencia ethnica do genio galleziano; e os seus combates contra a sorte por todo o vasto dominio portuguez, «porque ficasse a vida pelo mundo em pedaços repartida», são o resultado de um

cosmopolitismo, tão caracteristico das raças semitas, mais persistentes no sul de Portugal, sobretudo no Algarve, d'onde Vasco da Gama era oriundo. Tanto pela sua vida como pela sua obra, Camões é a synthese do typo e da nacionalidade portugueza; ninguem como elle exprimiu de um modo mais profundo a nossa passividade amorosa, descripta pelos grandes poetas estrangeiros, por Lope de Vega, por Cervantes, por Espinel, pela Sevigué, ligando á contemplação sentimental a especulação philosophica do platonismo da Renascença; nos grandes esforços dos escriptores portuguezes para crearem a Epopêa nacional, presentida por João de Barros e por Castanheda, reclamada pelo dr. Antonio Ferreira, tentada por Pedro da Costa Perestrello e por Jorge de Monte-Mór, só a Camões estava reservada a comprehensão d'essas fórmas definitivas, em que a idealisação virgiliana se fundia como elemento tradicional nos *Lusiadas*.

O facto da descoberta da via maritima do Oriente exerceu uma transformação fundamental na sociedade portugueza, determinando o advento da burguezia, o apparecimento de uma opinião publica, e como consequencia immediata a fundação do theatro; todas as forças sociaes tendiam a unificar-se na fórma de *consciencia nacional,* revelada na Arte pela architectura manuelina e pela ourivesaria, no Direito pela influencia dos reinicolas, na Litteratura pela disciplina grammatical estabelecida por Fernão de Oliveira, na Historia pela narrativa das navegações traçada por João de Barros nas *Decadas.* Finalmente, a liberdade de consciencia tambem encontrava protestos de individualismo, como nos Autos de

Gil Vicente, e martyres como o incomparavel Damião de Goes, o amigo de Erasmo, de Melanchton, de Sadoleto e de Bembo, em communhão de espirito com os grandes humanistas da Renascença.

Mas todo este vigor nacional foi atacado e extinguiu-se breve, como um organismo robusto minado por um cancro: o catholicismo allia-se ao cesarismo, e a actividade economica da nação atrophiou-se pelo acto fanatico da expulsão geral dos judeus, que foram com os seus capitaes e industrias enriquecer a Hollanda, esse asylo da Liberdade de consciencia, a Hollanda, que primeiro disputou o nosso dominio no Oriente; a actividade mental paralysou-se com a entrada da Inquisição, que eliminou a liberdade do pensamento submettendo os livros á censura clerical, e proscrevendo a sua leitura nos Indices expurgatorios; a cohesão pelo sentimento nacional desappareceu diante do influxo pedagogico dos jesuitas, que se apoderaram da mocidade pela educação systematica, produzindo esses homens fracos que não hesitavam em vender a sua patria pela bemaventurança.

Quando Camões concebeu a ideia dos *Lusiadas* já Portugal entrava no caminho da decadencia, e o poema era como um protesto de uma consciencia que se insurge. Camões, que vira a época gloriosa da reforma da Universidade de Coimbra, sentiu a ruina pelo facto da entrega dos estabelecimentos do ensino publico aos jesuitas; os esplendores dos serões do paço, de que fallava com pasmo Sá de Miranda, e que a infanta D. Maria debalde tentava sustentar, converteram-se na tristeza de

uma côrte devota e estupida entregue aos caprichos dos directores espirituaes; Camões assistiu durante dous annos nas guarnições de Africa, e nas Cartas em redondilhas descreve a falta de bravura nos cavalleiros, cujas consequencias eram a perda de fortalezas como Arzilla, abandonada por ordem de D. João III; no Oriente, o dominio portuguez tinha a allucinação de uma Babylonia, e o jogo, a chatinagem e devassidão tornavam-no para todo o honrado sepultura, como Camões descreve nos seus versos e Cartas. Elle não podia encontrar inspiração percorrendo todo o vasto dominio portuguez, e o sentimento de uma decepção funda foi para elle o estimulo da concepção epica, o meio de salvar uma tradição que se perdia, foi o «pregão do ninho seu paterno», a empreza da sua vida. As grandes epopêas antigas eram concebidas nas crises tremendas das raças que luctam, ou das nacionalidades que se extinguem; o poema de *Namrutu*, da Chaldêa, é a tradição accadica resistindo á absorpção do elemento sumiriano; a epopêa do *Mahabârata* da India, é a lucta do elemento guerreiro contra a sociedade theocratica; a *Illiada* fórma-se quando a Grecia está em perigo de extinguir-se diante da invasão da Persia; as *Gestas* frankas são elaboradas quando a sociedade feudal se submette forçada á dictadura monarchica; e ainda modernamente o *Kalevala* fórma-se na Finlandia quando esta pequena nacionalidade é absorvida pelo colosso da Russia. Camões presentiu esta fatalidade em que o genio nacional se lhe revelava; dentro da época da Renascença, em que preponderavam os moldes virgilianos, segue as fórmas da epopêa littera-

ria, mas tem a intuição extraordinaria do valor moral e esthetico das tradições. Conciliando as doutrinas eruditas da Renascença, percebe o lado poetico da idéa politica da *Monarchia universal,* que Carlos v, Henrique viii, e Francisco i, queriam realisar e que os publicistas propagavam; Portugal tinha por destino historico, e pela situação geographica de tornar-se o *Quinto Imperio* do mundo; esta aspiração poetica lembra o momento em que Roma, não podendo suster o dominio do orbe, estende por toda a terra o direito de cidade.

A epopêa dos *Lusiadas* baseia-se sobre o facto com que Portugal cooperou directamente na civilisação da humanidade — a exploração atlantica, e a relação do Occidente com o Oriente; d'este facto resultou, em primeiro logar, a libertação da Europa da invasão crescente e desastrosa das forças canibalescas da Turquia, que minavam a ruina da Civilisação occidental; em seguida deu-se a descentralisação commercial de Veneza, o augmento de numerario, e esse nivel de riqueza publica que fundamentou a estabilidade social da burguezia moderna; e uma nova direcção á actividade destructiva do mundo antigo, tornando a lucta uma fórma de imperio sobre a natureza. Sob o aspecto moral, vieram as raças do Occidente a conhecer a sua origem, das migrações indo-européas, e o confronto das suas linguagens, das suas crenças e mythos religiosos, das fórmas litterarias e artisticas, objecto de outras tantas sciencias, operára a emancipação da rasão humana, conduzindo á synthese positiva. É por isso que o poema de Camões, além da relação intima com a Nacionalidade portugueza,

é tambem um monumento europeu, que está ligado a esta phase nova da Civilisação e da consciencia moderna.

Os eminentes criticos d'este seculo, como Frederico Schlegel, que nos ensinaram a lêr Camões, pasmam da intuição com que o poeta soube alliar em uma obra litteraria e reflectida todos os elementos tradicionaes de uma nação. A epopêa litteraria, tal como Virgilio a estabeleceu pela imitação dos poemas homericos, compõe-se de todos os elementos organicos da epopêa primitiva: o *conflicto dos deuses* na acção épica, é um resto da transformação por que passam os mythos de uma nacionalidade absorvida violentamente por uma outra. Esses mythos degeneram tornando-se os deuses em heroes, e é sempre a tradição do povo vencido aquella que mais persiste. A grandeza da acção não é a que se marca pelo decurso de um anno, como querem as rhetoricas atrazadas, mas a que resulta da relação com uma nacionalidade inteira. Os *episodios,* que se julgavam os meios de amplificar a acção, não são outra cousa mais do que os elementos parciaes ou cyclicos, elaborados pelas tradições locaes, que um successo historico despertou nas reminiscencias populares, determinando o seu agrupamento em um corpo; assim as grandes epopêas da India foram formadas de cantos avulsos, completos e independentes chamados *Ityasas,* como os poemas homericos foram formados de *Rhapsodias,* e as Gestas do periodo feudal da Europa são formadas de *Cantilenas* frankas.

No poema dos *Lusiadas* ha o conflicto das divinda-

des, como a Venus, perfeitamente *italica,* com Baccho, o Somma do sacrificio indiano, que Langlois aproxima do epitheto *Bhakcha.* Representam por symbolos artisticos as duas Civilisações, a occidental e a oriental. No syncretismo dos deuses do polytheismo greco-romano com o elemento christão, quanto mais se estuda mais se admira a intuição artistica de Camões, fazendo no seculo XVI o mesmo que a sciencia moderna realisa pelos processos severos da critica comparativa. O genio pelo seu poder de intuição ousou affrontar a inintelligencia de tres seculos. Em volta dos *Lusiadas* agrupou Camões como episodios as mais bellas tradições da historia portugueza, que são a parte viva e caracteristica da feição nacional: as lendas de D. Affonso Henriques, como a visão de Ourique, a fidelidade do seu aio Egas Moniz, a praga de D. Thereza sua mãe, a palma sobre a sepultura do cavalleiro Henrique, são quadros que por si davam um poema tradicional se já não estivesse fechado o cyclo da actividade poetica quando se constituiu a nacionalidade portugueza. Longe dos recursos da erudição, nos presidios, estações navaes, ou nos carceres, Camões recompoz esses elementos, aproveitando-os com intelligencia, e ligando-os com arte, como as façanhas de Geraldo Sem-pavor, os amores de D. Ignez de Castro, e a encantadora aventura dos Doze de Inglaterra. Os grandes typos historicos, como o Infante Santo e o Condestavel Nun'Alvares, e os successos memoraveis, como o naufragio de Manuel de Souza de Sepulveda, entretecem-se com as ficções da poesia greco-romana, admirada pela Renascença, produzindo-se assim o sublime episodio do

Adamastor como personificação do Cabo das Tormentas, e a *Ilha dos Amores,* fórma definitiva da tradição da geographia maravilhosa da antiguidade que descrevia as ilhas encantadas.

Para em tudo ser verdadeiro, o poema liga-se na sua extructura intima ás phases da vida do poeta; o primeiro canto dos *Lusiadas* foi escripto em Lisboa, em 1552, quando Camões regressára da Africa, e procurava reentrar no paço, pela predilecção que o principe D. João consagrava aos poetas; o manuscripto d'esse primeiro canto copiado por Luiz Franco, o Soneto de João Lopes Leitão a Camões em 1555, e os Epigrammas do miseravel Caminha á *furia do poeta,* revelam-nos o limite da composição antes da partida para Macáo.

Na tranquillidade forçada d'esta remotissima paragem pôde o poeta entregar-se á idealisação da Patria, e quando em 1558 voltou a Gôa debaixo de prisão, trazia o poema escripto até ao canto VII, como se prova pela allusão ao naufragio na costa de Cambodja, e á prisão e ruina da sua fortuna. Quando em 1569 Diogo do Couto o encontrou em Moçambique, já Camões estava corrigindo o poema para a impressão, e pelo alvará de 23 de setembro de 1571 se conhece que o poema não estava definitivamente terminado, porque ahi se declara: «e se o dito Luiz de Camões tiver accrescentado mais alguns cantos, tambem se imprimirão...»

A impressão que os *Lusiadas* produziram na Europa no fim do seculo XVI, póde avaliar-se pelo eloquente soneto de Tasso a Camões, pelos versos de Fernando Herrera, pelas tres traducções castelhanas, e pelas duas

versões anonymas franceza e italiana, hoje inteiramente desconhecidas.

A nacionalidade portugueza estava extincta desde 1580, no mesmo anno da morte de Camões; o seu poema ficou como o titulo de direito de um povo á sua autonomia. Os espiritos que se não conformavam com a desgraça da perda da patria refugiavam-se no estudo e comprehensão dos *Lusiadas*: o velho bispo de Targa, Frei Thomé de Faria, traduzia aos oitenta annos para latim os *Lusiadas*; Francisco Barreto, que andára nas guerras de Pernambuco, estudava o texto critico do poema; e o grande revolucionario de 1640 João Pinto Ribeiro, que dirigiu o acto da reivindicação da independencia nacional, commentava por sua mão os *Lusiadas*. Quando a liberdade nacional era atacada, os *Lusiadas* reflectiam essa modificação da consciencia publica: assim, no seculo XVIII, a época do mais degradante despotismo, em que soffremos as loucuras ruinosas do beaterio de D. João V, as atrocidades inauditas do marquez de Pombal, a insensatez do Arcebispo-Confessor, que governava D. Maria I, e a regencia desvairada de D. João VI, n'esse seculo em que se obliteraram as manifestações da vida nacional, os *Lusiadas* tiveram apenas *dez edições*. Hoje, que comprehendemos os nossos direitos, tambem sabemos o valor d'esse livro; ainda não é terminado o seculo XIX, e os *Lusiadas* contam perto de cem edições portuguezas. Esta relação evidente do poema com a nacionalidade accentua-se mais profundamente na hora dos perigos sociaes: quando se reagia contra o protectorado inglez imposto pelas forcas do Campo de Santa

Anna, nasceu a idéa de um monumento nacional a Camões, á qual se ligam a sumptuosa edição mandada fazer pelo Morgado de Matheus, de 1817, e a missa de *Requiem* de Domingos Bomtempo composta para o acto da trasladação dos restos do poeta, em 1820, segundo se projectava; quando os liberaes portuguezes se expatriaram depois da traição de D. João VI, que rasgou a Constituição de 1822 para proclamar-se rei absoluto, então no desterro Domingos Antonio Sequeira pintava o sublime quadro da *Morte de Camões,* e Almeida Garrett escrevia o vibrante e sentidissimo poema elegiaco *Camões.* Quando emfim a nação conheceu a falsidade do regimen parlamentar e o embuste da Carta outorgada, acordando do lethargo imposto pela intervenção armada de 1847, volveu-se para a aspiração democratica, e a comprehensão unanime do terceiro centenario de Camões em 1880 tornou-se um consolador symptoma, a aurora de uma éra nova. Por ultimo, quando em 11 de janeiro de 1890, pelo *ultimatum* brutal de Inglaterra, a nação conheceu que a alliança com essa perfida potencia só tinha servido o interesse dos Braganças á custa da integridade do seu territorio, a expressão mais eloquente que synthetisou esta crise suprema foi uma faixa de crepe que envolveu a estatua de Camões.

§. II. O espirito da Renascença nos Lusiadas

A confusão ou syncretismo dos mythos do polytheismo helleno-italico com as lendas do christianismo nos *Lusiadas,* não póde attribuir-se a uma errada idealisa-

ção de Camões: a emoção viva do passado greco-romano na Renascença vibrava unisona com a crença medieval, e esse syncretismo era um caracteristico dos genios mais harmoniosos, nos quaes a Arte e a Religião não eram incompativeis na grande crise de dissolução do poder espiritual e de revolta individual da livre critica. Quando, no desenvolvimento d'essa grande crise, o seculo XVIII chegou ao atheismo systematico, os criticos como Voltaire, tiravam da confusão dos elementos polytheico e monotheico na Renascença um argumento para evidenciarem a decadencia do sentimento catholico, e ao mesmo tempo o absurdo dos mythos da antiguidade.

Quebrada assim a noção de continuidade historica, era impossivel achar uma base segura para julgar com verdade qualquer época. Foi por isso que o seculo XVIII procurou explicar os feudos germanicos pelo direito romano, e que a Biblia, o livro das tradições de uma raça e de uma edade theocratica, se applicou nos tribunaes aos casos occorrentes, e na sancção da moral social entre os protestantes. Uma verdadeira theoria da Historia universal, cuja continuidade e solidariedade nos dá a comprehensão da edade moderna, eis a condição para através do aspecto de cada época apreciar as manifestações da Arte. Os progressos da historia, como sciencia, tornaram Camões muito superior ao que julgava a inveja dos seus contemporaneos, ou ainda o criterio negativista do seculo XVIII.

No *Ensaio sobre o Poema epico,* Voltaire submette á critica do bom senso popular o maravilhoso dos *Lusiadas;* as suas palavras actuaram sobre os criticos portu-

guezes, que, como o proprio Voltaire, não comprehenderam a duplicidade sentimental do espirito da Renascença. E o bom senso popular, em questões que dependem de uma noção philosophica da continuidade historica, não é o mais seguro guia para a verdade. Ridicularisando uma pretendida interpretação allegorica da *Ilha dos Amores,* conclue: «assim não se ficará tão surprehendido que o Gama, em uma tempestade dirija supplicas a Jesus Christo, e que seja Venus que venha em seu auxilio. Baccho e a Virgem Maria achar-se-hão naturalmente juntos.

«O principal intento dos portuguezes, depois do estabelecimento do seu commercio, é a propagação da Fé, e Venus encarrega-se do successo d'esta empreza. A fallar seriamente, um maravilhoso tão absurdo desfigura toda a obra aos olhos dos leitores sensatos. Parece que este grande defeito devera ter prejudicado o poema, mas a poesia do estylo e da imaginação na expressão sustentaram-o; tambem as bellezas da execução collocaram Paul Veronèse entre os grandes pintores, ainda que esse tenha collocado os frades benedictinos e soldados suissos em assumptos do Velho Testamento, e que peccasse sempre contra os trajos. Camões cáe sempre n'estes disparates».

Pelo instincto ou intuição caracteristica de uma intelligencia superior, Voltaire, o primeiro entre os espiritos de segunda ordem, como o denomina Comte, achava na época da Renascença outros artistas que confundiam a antiguidade biblica ou hellenica com os tempos modernos. A observação lucida o teria levado a investigar a

causa d'este syncretismo frequente, que longe de ser uma vista individual era o predominio de uma época determinada da Civilisação da Europa, que o espirito negativista ou criticista dos homens da Encyclopedia não podia bem apreciar.

Outros escriptores do seculo XVIII fazem reparos eguaes aos de Voltaire, notando o mesmo syncretismo em outros poetas da Renascença; são curiosas as palavras de Charles Le Gendre, no *Traité historique de l'Opinion:* «Ariosto mistura S. João com as Parcas, com o Hyphogripho e outras fabulas. O poema de Camões gira inteiramente em volta de allegorias que perpetuamente confundem a religião e a mythologia. Os poetas inglezes associam principalmente os Anjos e os Cupidos, S. Jorge, Venus, o inferno do christianismo com o dos pagãos. Não podem deixar as descripções demoniacas. É o assumpto predilecto dos seus poemas epicos e dramaticos» (I, 271).

Francisco de Pina e de Mello, fazendo-se ecco dos criticos francezes, escrevia no Prolegomeno do seu poema *Triumpho da Religião:* «O nosso Camões é justamente arguido pelos francezes em imitar a Homero e Virgilio na introducção d'estas supersticiosas personagens. O Poeta grego e latino fallaram como pagãos; e Camões sendo Poeta christão, fallou como gentio. — Um dos logares mais reprehensiveis nos *Lusiadas* é chamar claramente Vasco da Gama pelo Deus verdadeiro no aperto da tormenta, e ser Venus a que viesse serenar a tempestade. É uma incongruencia, que com nenhuma allegoria póde ficar desculpavel. Entendia-se n'aquella edade, que sem

se imitarem tão servilmente os Poetas e Oradores gentilicos não haveria poesia nem prosa que merecesse applauso. Com esta preoccupação é que disse o cardeal Bembo na eleição de um pontifice, que fôra elegido *Deorum immortalium beneficiis.* — Tão arreigado estava este costume entre os Poetas christãos, que até nos poemas mais sagrados se introduziram estes indecorosos adornos. Sannasaro na sua ecloga *De partu Virginis,* tendo-lhe levado vinte annos de consideração, confiou das vozes de Protheo os mysterios mais sublimes da nossa Fé. Quando descreve a Christo Nosso Senhor sobre as aguas, o acompanha de um côro de Nymphas: faz com que Neptuno lhe renda o seu Tridente; e introduz no Rio Jordão a fallar do mesmo Senhor com as suas Nereidas e ainda assim lhe fez o papa Leão x este elogio, etc. » [1].

Outros factos poderiam justificar o syncretismo tão censurado em Camões: ninguem estranha em Dante, o poeta soberano da primeira Renascença, aquelle verso: «*Perdôa, oh Jupiter, que por nós foste crucificado!*» E quando Petrarcha, depois da sua apotheose, foi depôr a corôa que recebera, no templo de S. Pedro, sobre o altar do principe dos Apostolos, iam dançando diante do carro triumphal córos de nymphas, de faunos e de satyros. Na dissolução do regimen mental da Edade-média, os espiritos mais eminentes viviam pelo sentimento meditando as obras primas da arte classica, e imitando o

[1] Op. cit., p. xiv. Coimbra, 1755.

viver da antiguidade greco-romana. Quando, no Concilio de Florença, em 1439, se discutia se deveria ser prestado auxilio a Constantinopla, e os theologos não transigiam com essa necessidade politica sem que se unificassem os dois symbolos religiosos, os homens de lettras conservando-se indifferentes a estas querellas de hierarchia, exclamaram: «Façam como quizerem, que isto não poderá durar; é preciso regressar e breve aos antigos deuses da Grecia» [1]. Alguns eruditos, como Pomponius Lætus, mudavam o seu nome, para tomarem um nome antigo, e desbaptisavam-se para se filiarem na *Academia romana,* associação que o papa Paulo II perseguiu pretextando que pretendia abolir o christianismo e o papado, para restaurar a lingua e a republica romana.

No periodo mais intenso do fervor dos estudos humanistas, Erasmo condemnava no Dialogo *Ciceronianus, sive de optimo dicendi genere,* o exclusivismo da imitação da linguagem dos eruditos que procuravam empregar palavras só abonadas pela auctoridade de Cicero: «Nada ha mais absurdo, por exemplo, do que ouvir prégar um *ciceroniano.* Eu ouvi em Roma, n'um sabbado de alleluia, um d'estes servis imitadores chamar ao papa Julio II, perante quem prégava, *Jupiter optimus maximus,* Jupiter todo poderoso, tendo n'uma mão o triplice raio, e operando com um olhar tudo o que tem na vontade. — N'este sermão fallou tambem dos decemviros e de Q. Curtius, que se consagraram aos manes

[1] Villemain, *Tableau de la Litterature au Moyen-Age,* liç. 22.

pelo bem da republica; depois de Cecrops, de Iphigenia, etc.; porém da morte de Christo, da vespera da paschoa, não disse palavra! Apesar d'isto, o orador foi muito admirado por todos os *ciceronianos* de Roma. Tinha admiravelmente prégado: era romano, era ciceroniano».

Com aquelle bom senso com que Erasmo, no *Elogio da Loucura,* condemnára a Edade-média, e no *Ciceronianus,* o prurido da imitação classica, o grande philologo da Renascença aconselha a synthese dos dois espiritos, das duas edades: «lêde e estudae os bons auctores pagãos e christãos; transformae depois em vosso proprio pensamento as ideias justas e boas que lá beberdes, para que o que escreverdes se torne vosso pensamento e estylo. Devemo-nos parecer com a abelha, que apanha os succos das diversas plantas, transforma-as em um producto inteiramente novo de um aroma particular, differente do das plantas d'onde o extraíra».

Escriptores que desconhecem a synthese sociologica da Philosophia positiva, ao criticarem as grandes manifestações da Arte na Renascença, notaram a coexistencia dos dois espiritos da Antiguidade e da Edade-média, mas inconciliaveis entre si pela falta de comprehensão da sua solidariedade historica. A Egreja renegou a civilisação greco-romana, d'onde haurira os seus principios dogmaticos; a Renascença desprezava a Edade-média, d'onde recebera as linguas nacionaes e a synthese affectiva para as novas creações da arte moderna. É frequente no fim do seculo XV e no XVI, vêrem-se altas capacidades sem abandonarem as fórmas do christianismo, viverem em espirito na convivencia das obras pri-

mas da edade classica; outras cerram os olhos diante d'essas maravilhas fascinadoras, como abjuração de uma sensualidade, que os desvia do mysticismo contemplativo. Raros, e só muito excepcionalmente se encontram genios na Renascença, que possuissem a superioridade affectiva e mental de conciliarem na sua alma essas duas grandes manifestações da marcha da humanidade, antecipando por uma intuição esthetica a moderna synthese historica formada depois de terminado o negativismo do seculo XVIII. Camões teve esta suprema intuição da relação de continuidade entre as duas edades, e teve a audacia de exprimil-a nos *Lusiadas,* não encontrando incompatibilidade ou contradição entre ellas.

Edouard Schuré, em um luminoso estudo sobre Corregio, notou esta «contradição profunda, que agita o pensamento do seculo», com que caracterisa os grandes artistas Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, Raphael, e o Corregio: «O seculo, em que Lourenço de Medicis preside ao carnaval nas ruas de Florença, emquanto Savonarola préga a vida ascetica ao povo e faz queimar todos os objectos de arte em uma fogueira; o seculo em que Luthero medita sobre a reforma do Catholicismo no fundo do seu convento em Wittenberg, emquanto o papa epicurista Leão X assiste mascarado a uma cêa de cardeaes, em que muito a sério se sacrificam pombas á deusa Venus sobre um altar de marmore vermelho; o seculo, em que Benevenuto Cellini assassinava os seus inimigos á esquina de uma rua, ao passo que Angelo de Fiesole pintava de joelhos as cabeças de Christo no claustro; o seculo do estrangulador e envenenador Cesar

Borgia e do justiceiro Miguel Angelo; o seculo do pantheista Giordano Bruno e do deista Galileo; este seculo tinha na realidade duas almas e dois pensamentos. Não se tinha esquecido completamente do Evangelho, do inferno e do céo de Dante, a grande revelação da vida espiritual que lhe viera do Christianismo através da tradição da Egreja; mas lembrava-se tambem da fascinante imagem d'esta Antiguidade, que o christianismo e a barbarie tinham quasi destruido, e da qual a Italia nunca perdera completamente a recordação. — Muitos homens, e alguns dos mais bem dotados, viam um d'estes dois mundos e não enxergavam o outro. Era-se pagão ou christão. Os genios superiores, os videntes, os creadores do seculo, foram condemnados a vêl-os simultaneamente, e a trazel-os em si, como a mulher da Biblia que sente duas crianças inimigas luctarem no seu proprio seio». O fervoroso humanista Angelo Policiano escutando a prédica impetuosa de Savonarola, presente esta unificação, mas não sabe como conciliar os dous espiritos. Applicando estas observações aos grandes artistas da Renascença, Schuré conclue sobre Corregio: « Allegri prova que o hellenismo e o christianismo, estes inimigos encarniçados na historia, podem unir-se uma vez em uma natureza maravilhosamente organisada. Elle foi simplesmente, um sensualista delicado e um espiritualista profundo » [1].

Como poeta, Camões pela sua organisação esthetica,

---

1 *Revue des Deux-Mondes* (maio) 1881.

pertence a essa categoria de espiritos como Miguel Angelo e Leonardo de Vinci, Raphael e Corregio; sentiu em si as *duas almas*, por essa ubiquidade e omnipresença de um cerebro que se tornou a placenta pela qual o homem se põe em contacto com o universo. E assim, como na extructura do *maravilhoso* dos *Lusiadas*, soube restabelecer a solidariedade entre o mundo antigo e o medieval, no argumento do poema soube determinar um facto que é nacional pela iniciativa, mas que pelos resultados pertence á éra moderna da Civilisação occidental.

§. III. Os Lusiadas como epopêa da Civilisação moderna

É grande o genio que sabe dar expressão ao sentimento individual, tornando todas as manifestações da sua affectividade uma linguagem espontanea da verdade para todas as consciencias que soffrem. Taes são os poetas do amor. São porém maiores aquelles que resumem em si as paixões de uma época, as tendencias do espirito que procura a orientação de novas concepções, e representam uma nacionalidade como symbolo de todas as suas aspirações. Como este estado moral de uma collectividade social é sempre indefinido e desconhecido por aquelles que procuram uma nova vereda na historia, os genios que exprimem e dão corpo a este sentimento que o tempo vae definindo são muitas vezes incomprehensiveis para a sua época, e a sua gloria começa verdadeiramente quando o porvir se torna pre-

sente, e a realisação dos factos é a comprovação das suas intuições de vidente.

Acima ainda d'esta categoria de genios, que cada povo admira como os epigones que lhes conquistaram as palmas immortaes no convivio da civilisação de que são orgãos activos, ha um pequeno numero de eleitos, que além de possuirem a magia suprema da expressão do sentimento individual, e o dom de representarem as aspirações e os protestos de uma nacionalidade, elevaram-se acima das condições da sua raça e do seu meio social, presentindo e illuminando a marcha da Humanidade, idealisando-a nas luctas da historia, e esboçando a edade serena e normal para que tendem todos os progressos.

As concepções d'estes espiritos são verdadeiras syntheses, quer se manifestem ellas nas fórmas pittorescas da Poesia, quer nas deducções abstractas da Philosophia. Para serem conscienciosamente comprehendidas é preciso que a critica, dirigida pela unanimidade das admirações que universalisaram os espiritos d'esta ordem, possa recompôr a synthese immanente no ideal a que souberam dar fórma.

Tres nomes nos bastam para caracterisar esta genealogia de genios: VIRGILIO, DANTE, CAMÕES.

Embora separados no tempo, estão intimamente ligados na continuidade historica, que elles, antes dos eruditos e dos philosophos, presentiram e exprimiram. VIRGILIO, DANTE e CAMÕES são verdadeiramente os Poetas da Civilisação occidental, que deram em epopêas impereciveis expressão incomparavel á inconsciente solidariedade

das ultimas tres grandes edades sociaes. VIRGILIO, nas *Eclogas*, DANTE, na *Vita nuova*, e CAMÕES nos *Sonetos*, *Canções* e *Elegias*, deram ao sentimento individual a expressão de uma verdade eterna da natureza, e são os perennes confidentes de todos os que amam e soffrem. VIRGILIO, colligindo na *Eneida* as tradições das divindades chtonianas do Lacio, modelou sobre as fórmas homericas a epopêa nacional de Roma; DANTE, tomando Virgilio por guia (*tu duca, tu maestro*), nas grandes luctas entre o Sacerdocio e o Imperio, faz-se juiz na *Divina Comedia*, creando na epopêa a linguagem que serviu de vinculo á unificação nacional da Italia; CAMÕES, seguindo por seu turno os contornos da idealisação virgiliana e as fórmas da poetica italiana (a *ottava*), e vendo terminar-se a missão historica de Portugal, escreve os *Lusiadas*, a epopêa ou pregão do ninho seu paterno, com que perpetúa na historia o dôce nome da — ditosa Patria sua amada. É pelos *Lusiadas* que a Europa, no seu grande conflicto de interesses politicos, economicos e scientificos, se não esqueceu do nome de Portugal.

VIRGILIO, DANTE e CAMÕES synthetisam nacionalidades, é quasi banal dizel-o; mas sob esta fórma poetica para aquelles que sentiram pulsar nas tres bellas Epopêas a Patria romana, a Patria italiana e a Patria portugueza, a critica philosophica vê hoje affirmações sublimes da Unidade da Civilisação occidental, a obra e manifestação mais prodigiosa da especie humana, e em que a Humanidade transparece como uma consciencia da natureza physica, fundando pela sua solidariedade o definitivo imperio moral e uma nova ordem subjectiva ou

racional. É este o grande thema ou argumento das tres Epopêas, que são, relacionadas entre si, como que os cantos cyclicos da epopêa da Humanidade; ellas só poderiam ser completamente comprehendidas, quando a marcha da Civilisação occidental apresentasse um percurso bem definido, saindo do seu antigo berço das orlas do Mediterraneo, e abrisse um mais vasto campo de acção nas expedições maritimas do Atlantico; quando terminada a incorporação das raças barbaras da Europa, e unificadas moralmente pelas doutrinas universalistas do Catholicismo, a sciencia tomasse a direcção das intelligencias como um novo Poder espiritual, e dirigisse o homem á investigação das forças naturaes e á posse do planeta.

Quanto mais se esclarece a historia da Civilisação, e a vida da nacionalidade é julgada sob o ponto de vista de uma acção commum, e como factores d'esta *occidentalidade,* assim as tres epopêas são lidas a uma nova luz, são assimiladas por todos os povos da Europa como expressão de um sentimento de que são orgãos e por que são impulsionados.

O poema da Humanidade revelada na obra esplendida da Civilisação occidental, não podia deixar de ter uma fórma consciente e voluntaria, ou propriamente litteraria; a *Eneida,* a *Divina Comedia* e os *Lusiadas,* como estrophes do poema moderno em elaboração contrapõem-se pelo seu caracter de creações litterarias e artisticas ás Epopêas organicas, tradicionaes e anonymas, de que são typo a *Illiada,* a *Odyssêa,* a gesta de *Roland,* os *Niebelungen.* As Epopêas organicas são como docu-

mentos que persistem de um periodo inconsciente da vida dos povos, quando as differenças de raças se apagam na lucta da unificação constitutiva das nacionalidades respectivas; o seu espirito guerreiro e a idealisação da bravura de um eponymo nacional são o ecco do esforço de assimilação e incorporação determinadas por uma forte individualidade. As Epopêas organicas são para cada povo que as possue o documento da sua vitalidade nacional, e a sua primeira synthese esboçada espontaneamente. Todos cooperaram na elaboração tradicional, e a sua belleza e verdade são tanto mais profundas quanto são ignorados os seus constructores. Terminado o periodo da integração nacional, entra-se em uma phase de consciencia ou systematisação politica; é então que as nacionalidades têm um destino historico, não tanto subordinado ao egoismo do seu agrupamento, como determinado em um concurso mais vasto pela consciencia da solidariedade humana.

É este destino historico que se torna o thema gerador das Epopêas litterarias; muitas são as que se escrevem, mas só ficam na consagração dos tempos aquellas que se inspiram do sentimento latente e indefinido d'essa solidariedade, e que mais contribuiram para lhes dar corpo. Ante este criterio, a *Eneida*, a *Divina Comedia* e os *Lusiadas*, productos de lucidas consciencias suggeridas por épocas de crises profundas na marcha da Humanidade, não podiam deixar de serem elaboradas pelos espiritos mais eminentes de cada edade, e por isso de esboçarem a aspiração vaga, que a marcha da Civilisação tornou uma realidade. Edgar Quinet, reconhe-

cendo a necessidade que a Civilisação moderna tem de uma Epopêa ou synthese artistica, esboça assim as condições de um moderno Homero: « se podessemos representar de alguma maneira um Homero do nosso tempo, elle possuiria toda a sabedoria da nossa edade, isto é, o espirito das questões principaes que se debatem na religião, na philosophia, na politica, na industria, e na historia natural; e que, além d'isto, conhecesse os temperamentos diversos dos povos modernos, da mesma maneira que o Homero da antiguidade conhecia as artes, os misteres, os caracteres e os dialectos de todas as tribus hellenicas ». (*Gen. das Religiões*).

Estes caracteres agrupam-se em uma fórma crescente nos fundadores da Epopêa moderna: VIRGILIO era o espirito mais cultivado da época de Augusto, citado pelos jurisconsultos como o maior conhecedor das tradições do Lacio, transmittindo-se a admiração pelo seu saber á Edade-média nas lendas maravilhosas do mago do paganismo e do propheta christão; DANTE era admirado como grande theologo, e intimamente conhecedor da antiguidade classica, como se vê pelos seus livros *De Monarchia* e *De vulgari Eloquio;* CAMÕES possuia a educação dos espiritos mais completos da Renascença do seculo XVI, como se vê pelas suas reminiscencias classicas e pelos testemunhos de um saber positivo nas observações scientificas, que Humboldt colligiu como attestando a verdade das suas descripções poeticas como pintor da natureza. É este saber geral o que caracterisa as capacidades syntheticas; como espiritos generalisadores, VIRGILIO, DANTE e CAMÕES tomaram como base de con-

strucção das suas epopêas factos tambem geraes, que pertenciam não á vida exclusiva de um povo, mas ao seu concurso consciente no progresso da Humanidade.

Vejamol-o. A *Eneida* foi escripta n'essa profunda crise social, em que Roma termina a incorporação militar dos povos do Occidente e em que simultaneamente se dá a queda do Patriciado guerreiro diante da invasão do Proletariado, essa grande classe, os *inopes,* formada pelos servos, clientes e estrangeiros que successivamente iam fortificando a Plebe, e do Tribunato foram cahir no regimen de ponderação do Imperio. Pela primeira vez se reconheceu um poder temporal abstracto, em Roma; e nas vastas colonias, sob a paz octaviana, os povos incorporados progrediram pelas instituições municipaes para continuarem nas Gallias, na Hispania e na Britania a civilisação romana. Virgilio sentiu este momento historico da vida do proletariado que ia crear as nações modernas, e exprimiu-o no verso significativo em que synthetisa a missão social e final de Roma: *Pacis imponere morem.*

Na profunda transição da Edade-média, a Egreja apoiou-se na organisação politica de Roma, para constituir a sua hierarchia, e dirigindo as consciencias pela subordinação moral, tomou das doutrinas dos philosophos gregos os principios universalistas com que dirigiu os actos individuaes, unificando em uma mesma crença povos e raças hostis em quanto aos interesses politicos. Não bastavam os mythos orgiasticos da Paixão para estimularem a civilisação da Europa, e Dante na *Divina Comedia,* synthetisa a continuidade historica no celebre

verso: « *Quella Roma onde Christo é romano* ». No momento em que Roma termina a sua missão de conquista, é que Virgilio concebe a epopêa pacifica da *Eneida;* e quando a Egreja termina a sua missão unificadora das consciencias pela universalidade de uma doutrina moral, e começa a dissolução catholica pela ambição egoista dos papas, é então que Dante invade os dogmas e faz o julgamento na *Divina Comedia,* como se tivesse nos destinos humanos acabado a intervenção dirigente da crença. Essa dissolução prolonga-se do seculo XIII ao maior seculo da historia, ao XVI, nas heresias e nas revoluções politicas; o espirito, que se emancipára pela dialectica nas Universidades, chega ao livre exame pela critica dos humanistas; o commercio maritimo alarga o cosmopolitismo; a restauração das doutrinas dos mathematicos gregos coadjuva a nova concepção do systema solar, e a cada descoberta a religião manifesta-se impotente reagindo pela barbaridade inquisitorial e pela perfidia jesuitica. O espirito humano, apesar de tudo, avança; descobre-se a America, a nova via maritima das Indias orientaes, e faz-se pela primeira vez a circumducção do globo. O homem da Europa encontra novas raças, novos estados sociaes, outros monumentos de Arte, outros dogmas, e ignorados productos da natureza! O que são as façanhas e bravuras da Cavalleria feudal, diante dos bravos argonautas que affrontam o Mar Tenebroso, e dobrando os Cabos Tormentosos chegam a novos climas: « *Por mares nunca d'antes navegados?* »

Camões fez n'este verso a synthese da epopêa moderna, de que os *Lusiadas* são um membro; o seu poe-

*

ma não tem um heroe individual, canta o Peito lusitano; é o poema da posse da terra pelo esforço deliberado do homem. Quando a nacionalidade portugueza, prestes a ser confundida na unidade hespanhola, estava a terminar a sua missão historica, é quando Camões concebe os *Lusiadas*, não como epitaphio de um povo, que caía: «*n'uma austera, apagada e vil tristeza*», mas como a reclamação do logar que a Portugal competia na marcha triumphal da Humanidade.

As pequenas nações, como observaram Herbert Spencer e Tiele, não podem competir em fecundidade e originalidade com os grandes estados, em que a condição do numero é uma circumstancia favoravel para a manifestação da complexidade das capacidades. Esta inferioridade apparente é compensada pela convergencia intensiva de todas as aspirações para a realisação de um ideal exclusivo, que se torna o pensamento nacional, que caracterisa sempre de um modo evidente a historia dos pequenos povos. Na marcha da Humanidade, é das pequenas nações que provêm os mais fecundos impulsos progressivos; Israel, pequeno no seu territorio, e amesquinhado entre as duas grandes potencias militares do Egypto e da Assyria, civilisações completamente isoladas, concebe a ideia do Monotheismo, propaga-o no mundo e prepara a suprema crise moral do predominio das religiões universalistas. Um outro pequeno povo, a Phenicia, apaga os odios de raças, que as tornaram incommunicaveis entre si, e, alargando a sociabilidade pelas relações do trato mercantil, cria a actividade pacifica e o cosmopolitismo, que hoje caracterisam a civilisação

superior. A Grecia, na sua exiguidade territorial, elabora todos os elementos intellectuaes recebidos do Egypto e da cultura semita, e unificando-os pela idealisação da Arte, funda a vida publica em um pleno accordo de poesia, de eloquencia, de sciencia e de philosophia, sendo, durante os periodos apathicos da Civilisação occidental o estimulo das tres conhecidas Renascenças. A Grecia subsiste na historia pelo seu ideal da Arte, sendo a ella que se deve o mais completo desenvolvimento da individualidade humana, e a mais prolongada influencia nos destinos da especie; bem se poderá repetir a lucida phrase de Goëthe: «Entre todos os povos, foram os gregos que sonharam o mais bello sonho da vida». Emquanto Roma foi um pequeno estado, as suas forças convergiram para a realisação de um ideal de Justiça, base do seu engrandecimento nos caracteres e na auctoridade; quando a assombrosa creação da jurisprudencia civil estava offuscada pela supremacia politica, era ainda a esse ideal nacional que os espiritos mais esclarecidos subordinavam a omnipotencia de Roma. Escrevia Plinio: «Esta grande Cidade parece ter sido escolhida pela Providencia para unir em um só corpo os Imperios esparsos e divididos, para adoçar os costumes, para aproximar pelo commercio de uma lingua unica tantos povos com idiomas barbaros e discordantes, em uma palavra, para tornar-se a Patria universal do genero humano e para dar ao homem a humanidade». Este grande passo não podia ser efficazmente realisado pelos romanos, sob a fórma *politica;* e o Christianismo, estabelecendo a confraternidade universal, tambem no fervor de

um proselytismo que o levou a renegar o passado e á intolerancia das luctas religiosas, não póde pela disciplina *moral* realisar o advento do sentimento da Humanidade, porque estes estimulos organicos de todas as sociedades se achavam invertidos. Era preciso que a actividade *economica* se manifestasse entre estes dois motores, creando-se assim a verdadeira evolução gradativa da Civilisação.

Portugal, com as descobertas da exploração maritima nas duas margens do Atlantico, abriu á Europa a edade nova do progresso industrial e das energias economicas, e pela descoberta da via maritima da India, ligou os membros desconhecidos da Humanidade, *disjecta membra*, estabelecendo as relações perdidas entre o Occidente e o Oriente. Como um pequeno estado, o genio portuguez, reconheceu, que ao terminar a conquista do Algarve, pelo seu territorio continental não era mais do que um appendice da Hespanha, que mais cedo ou mais tarde seria fatalmente absorvido na corrente da unificação politica; o — mar — appareceu-lhe como uma condição para a autonomia e o campo da sua actividade social. Desde D. Diniz começou logo o trabalho para a creação de uma marinha; os caracteres heroicos, as preoccupações do interesse, as idealisações poeticas e artisticas, tudo foi motivado por esse pensamento, que se tornou o ideal da nacionalidade e a missão historica de Portugal. A linha climatologica em que se achavam os Portuguezes, tornou-os aptos para as inextinguiveis colonisações na Africa, na America, na Asia e na Oceania, facilitadas pela assimilação affectiva com as raças in-

feriores. Pela realisação d'esta missão historica da navegação e circumducção do globo, Portugal não só radicou a sua existencia nacional, como, salvando a Europa da tremenda invasão dos Turcos fazendo-os refluir sobre a Asia, affirmou o seu logar definitivo na marcha da Humanidade.

No seculo XVI, causas complexas atacaram profundamente a vida moral da sociedade portugueza; a autonomia local das instituições foraleiras, resto das antigas *behetrias* sobre que se fundou a Patria portugueza, extinguiu-se pelo facto da unificação legislativa das Ordenações manuelinas; os costumes populares e as tradições poeticas foram tenazmente combatidas pela compressão inquisitorial e pela perversão pedagogica dos jesuitas. Os vinculos da nacionalidade afrouxaram-se pela desmembração colonial, em uma vastidão geographica assombrosa, na Africa, na America, na Asia, vindo a sentir-se o effeito d'esta dispersão inconsiderada na perda da nacionalidade, sem resistencia, pela incorporação na unidade castelhana em 1580.

Ao passo, porém, que estes vinculos materiaes se afrouxavam, nas novas colonias revigorava-se o sentimento patriotico, pela intensidade com que as velhas tradições populares da peninsula se repetiam com sympathia e se misturavam com os elementos das raças conquistadas com quem os nossos colonisadores se fusionavam, perpetuando pela mestiçagem o dominio portuguez. É assim que nos Archipelagos da Madeira e dos Açores, se conservaram até hoje na mais completa efflorescencia os germens do Romanceiro peninsular e occidental, em

grande parte obliterados no continente; é assim que nos Cantos populares do Brazil se observam as suturas da unificação do elemento indigena ou tupi e do elemento africano da escravatura, com os romances e serranilhas, que eram então vulgares na época da descoberta na metropole portugueza.

O heroismo desenvolvido na navegação para a India, e na occupação militar do novo imperio, não deixou apagar-se debaixo das explorações mercantis, o genio poetico e amoroso dos portuguezes. Os homens de guerra das armadas e capitanias eram poetas conhecedores de todas as bellezas da metrificação italiana, e ao depôrem o arcabuz ou a espada nos breves ocios de Gôa, escreviam as chronicas dos extraordinarios feitos de armas que presenciaram e de que foram *magna pars*. Eram esses homens que, ao lembrarem-se de Portugal, como Camões, no verso — *Se não suspirarei por ti, Sião!* — repetiam com saudade os cantos heroicos com que tinham sido embalados, e que em Hespanha começaram a ser colligidos para exploração da curiosidade do exercito de occupação hespanhola na Italia e nos Paizes Baixos. Era n'esta situação que os portuguezes que hibernavam em Gôa, e as familias nascidas do cruzamento com o elemento indigena, formando o typo e a linguagem *reinol*, abraçavam as tradições portuguezas, estabelecendo inconscientemente a perpetuidade do dominio de Portugal, apesar da imbecilidade e dos crimes dos governantes, e da imposição das linguas de outros conquistadores, como o hollandez e o inglez.

Teria Portugal a consciencia da sua missão historica

na conquista da India? O mercantilismo deturpou os mais elevados sentimentos cavalheirescos, sendo o rei o primeiro dos chatins; a religião catholica abriu um abysmo diante da fraternisação das raças, perseguindo pela intolerancia cannibalesca os cultos orientaes, destruindo-lhes os seus templos a fogo, e escravisando as pacificas familias ou prohibindo-lhes os seus trabalhos industriaes. A Europa ameaçada pela invasão dos Turcos comprehendeu a missão dos portuguezes, que sustaram na Asia essa avalanche devastadora. Escreve o encyclopedista Raynal: «Os turcos seguiam o caminho das nações ferozes que vieram do Arctico subjugar os Romanos, para a seu exemplo fazerem o mesmo a toda a Europa. Ás instituições barbaras que nos opprimiam, succederia jugo mais pesado, se aos vencedores do Egypto não se oppuzesse a gente portugueza. Os thesouros da Asia asseguravam aos turcos os da Europa; senhores do commercio, formariam com elle poderosa marinha: com essa vantagem, quem poderia obstar á sua entrada nas nossas terras? Quem embaraçaria a marcha d'esse povo conquistador pela natureza da sua politica e da sua religião?» Depois de mostrar como a Inglaterra, a França, a Allemanha e a Italia se achavam envolvidas em conflictos internos que as impediam de cooperarem em uma acção commum defensiva, conclue Raynal: «Que seria da liberdade? Morreria, se os Portuguezes não embaraçassem o progresso do fanatismo musulmano, fazendo-o parar na impetuosa carreira de suas conquistas, cortando-lhe o nervo das riquezas. Albuquerque debellou os turcos no Malabar, e destruiu no Mar Roxo os portos onde os ara-

bes armavam esquadras para disputar aos lusitanos o imperio do Oriente. Collocado no centro das colonias portuguezas, reprimiu a licença e firmou a ordem em todas ellas, sempre activo, sabio, justo e desinteressado. —Que nação tem havido, que fizesse tanto, com tão poucos meios? Consistia a sua força em quarenta mil homens: com elles fizeram tremer o imperio de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os mamelucos, os arabes, e todo o Oriente, de Ormuz até ás fronteiras da China». E termina, perguntando: «Que principios formariam uma tal nação de heroes?»

Esses principios eram o amor da Patria portugueza, vinculado nas tradições que implantaram em todas as novas e vastissimas conquistas. A tradição apagava-se no continente pelo obscurantismo clerical e pelo pedantismo humanista perante a antiguidade, mas revivescia nos campos de acção, como o revela Diogo do Couto ao narrar os ditos dos destemidos cavalleiros, recordando nos combates os velhos romances peninsulares, ou chasqueando-se nas suas rixas pessoaes com parodias dos mais conhecidos d'esses romances.

Comprehende-se que a Europa, nas suas numerosissimas e frequentes traducções dos *Lusiadas,* e em estudos criticos eleve este poema á categoria de Epopêa da civilisação moderna; mas o poeta proferindo aquelle incomparavel verso: «*Esta é a ditosa Patria minha amada*», achou a corrente viva do sentimento, que, apesar do humanismo greco-romano da Renascença, o fez conceber da fórma mais completa e pura o poema de uma nacionalidade.

§. IV. O texto dos Lusiadas

A epopêa de Camões, tanto pela época em que foi escripta, como pelo espirito litterario que a inspira, não offerece á critica a minima difficuldade de interpretação em quanto ao sentido intimo, ás allusões politicas, ás intrigas pessoaes contemporaneas; Camões tirou o interesse do seu poema dos factos historicos mais imponentes, mais conhecidos; a sua epopêa é clara como o facto da descoberta do Oriente. Ao passo que se estuda o sentido esoterico da *Divina Comedia*, do *Pentagruel* ou de *D. Quijote*, os *Lusiadas* não se prestam a nenhum d'estes trabalhos dos commentadores mysticos. Não se póde dizer outro tanto emquanto á intelligencia litteral do texto; Camões escreveu o seu poema nas prisões, no desterro, nas viagens longas e na indigencia quasi; fez uma epopêa academica, emquanto aos moldes virgilianos, mas até certo ponto com a espontaneidade primitiva que lhe foi suscitada pela sua posição e actividade de heroe. O texto dos *Lusiadas* foi escripto sobre fundas reminiscencias classicas, mas sem recursos eruditos; teve diversas *variantes* manuscriptas correspondentes pelo menos a duas elaborações, e finalmente teve a impericia dos impressores do seculo XVI e até certo ponto a irreverencia do Santo-Officio, que corromperam o texto do poema. Essas restituições que a critica tem a fazer, são por conseguinte: estabelecer um rigoroso systema de pontuação, até aos nossos tempos desprezado por todos os editores, d'onde resultava a confusão continua das

narrações com as descripções, e ao mesmo tempo dos diversos personagens que intervem na acção; em segundo logar, uma grande quantidade de estrophes mal construidas, e que repugna acceitar como de Camões, o primeiro e o mais perfeito dos poetas lyricos portuguezes do seculo XVI; por ultimo alguns versos sem sentido, por causa da omissão casual de alguma palavra. Para restaurar o texto de Camões, fez Castilho para seu uso uma correcção arbitraria, do mesmo modo que no seculo passado fizera Filinto Elysio inventando um manuscripto authentico dos *Lusiadas,* que elle projectava vender a algum camonianista. Este recurso está fóra de todos os processos scientificos, e não ha bastantes palavras de condemnação para o repellir.

A critica tem que trabalhar da seguinte fórma: assentar a lição definitiva dos *Lusiadas,* comparando a primeira edição de 1572 com a segunda, publicada n'esse mesmo anno; fixada esta lição-princeps, restituir o sentido e a perfeição de cada verso procurando as suas fórmas nas fontes primitivas. Estas fontes são o manuscripto do primeiro canto dos *Lusiadas* copiado por Luiz Franco Correia, em 1557, e que hoje existe na Bibliotheca publica de Lisboa; depois consultar as variantes colligidas por Manuel de Faria e Sousa, de um exemplar dos primeiros seis cantos dos *Lusiadas,* que pertenceu a Manuel Corrêa Montenegro. O primeiro canto, copiado por Luiz Franco, já estava escripto em 1555, como se deprehende dos versos de João Lopes Leitão; os seis cantos de Manuel Corrêa Montenegro foram a parte que Camões escreveu até ao seu regresso de Macáo, por isso

que allude ao seu naufragio e prisões. Ha um terceiro manuscripto achado por Faria e Sousa em Madrid, porventura aquelle sobre que se fez a edição de 1572. Com o auxilio das variantes colligidas d'estes tres manuscriptos chega-se a apurar cabalmente o texto dos *Lusiadas* sem o perigo da restituição arbitraria.

Quanto ás edições impressas, póde-se em geral dizer que rarissimas são as que tiveram em vista restituir os *Lusiadas* á sua integridade. Faria e Sousa foi o primeiro que agrupou em volta do poema as *estancias omittidas* por Camões. A sua edição, carregada de commentarios apparatosos de erudição banal, bem poderia ser mais cheia de factos para elle no seculo XVII faceis de adquirir, quando ainda existia o cartorio da Casa da India. Depois de Faria e Sousa, a edição critica feita intencionalmente foi a de João Franco Barreto; ainda assim as suas correcções são arbitrarias, e tem ella descuidos, que talvez se devam attribuir á impericia da arte typographica entre nós, como no canto V, a omissão de sete oitavas intermediarias á 91 e 99. O mesmo defeito das correcções arbitrarías se encontra em Ignacio Garcez Ferreira; em 1779 é que o poema dos *Lusiadas* encontrou no padre Thomaz José de Aquino um critico intelligente; d'esta edição se serviu quasi sempre o bibliophilo Barreto Feio na sua edição de Hamburgo, dizendo que tomára para base do seu texto a segunda de 1572, que encontrou em Paris. De todas as edições a verdadeiramente scientifica era a do padre Thomaz José de Aquino, até que o visconde de Juromenha publicou a sua, seguindo o texto de 1572, emendado por Camões, e

agrupando no fim do poema todas as variantes notaveis das edições subsequentes.

O opusculo sobre o texto dos *Lusiadas* do snr. Reinhardstoettner [1], hoje professor de lingua e litteratura portugueza na eschola superior polytechnica de Munich, é escripto com aquelle methodo e sã critica que era d'esperar de um homem educado na grande eschola de philologia romanica fundada pelo immortal Diez. Conhece-se que o auctor poderia ter feito melhor se os elementos necessarios não lhe escasseassem, mas o que elle fez merece já o nosso louvor.

Elle classifica em quatro divisões os erros nas edições dos *Lusiadas* : *a*) a falta total de uma orthographia exacta e coherente, com base historica, não sendo até a pronuncia das palavras inteiramente fixada ; *b*) a conservação de evidentes erros typographicos ; *c*) a má intelligencia de alguns latinismos e archaismos usados por Camões ; *d*) a alteração do texto impresso pela queda ou deslocação de algumas lettras ou pequenas palavras. O snr. Reinhardstoettner exemplifica cada uma d'estas especies de erros e as suas observações são quasi sempre exactas, se bem que em geral pouca novidade offereçam, e provam um conhecimento aprofundado da nossa lingua. É com immensa rasão que elle nota a desordem e incoherencia da orthographia portugueza e em especial do texto camoneano ; mas que fazer? A lingua

---

1 *Beitraege zur Textkritik der Lusiadas des Camões.* München. In-8.º, 1872, 46 pp.

portugueza nunca chegou a ter uma séria disciplina grammatical e em parte está nas condições de um *patois*; ainda hoje ha bom numero de palavras cuja pronuncia é incerta e depende como tal do arbitrio de cada um. Observaremos ao que diz o auctor (a pag. 15) que no grupo *ct*, o *c* é puramente um signal orthographico, sem valor phonetico, excepto nas palavras *facto, pacto,* para as distinguir de *fato, pato.* A orthographia etymologica tem reagido mais ou menos sobre a pronuncia desde o seculo XVI para cá e principalmente n'este seculo: o primeiro trabalho a fazer é determinar por todos os meios á nossa disposição qual era a pronuncia do tempo de Camões; sem isso não se póde chegar nunca a uma segura restituição do seu texto.

O perigo das interpretações conjecturaes vê-se sobretudo no processo da pontuação; por exemplo, Francisco Evaristo Leoni interpreta os versos da est. 5.ª do canto I:

> Os portuguezes somos do Occidente,
> Imos buscante as terras do Oriente

dizendo: «Não é possivel que Luiz de Camões dissesse *os portuguezes do Occidente,* como se alguns houvessem que fossem do Oriente». E substitue arbitrariamente e contra as leis da grammatica:

> Os portuguezes somos; — do Occidente
> *Imos* buscando as terras do Oriente.

Se algum texto manuscripto tivesse *Vimos* em vez de *Imos,* tinha Leoni razão para proromper n'esta phra-

se: «Só admira que ninguem até hoje advertisse n'um erro tão facil de notar e de corrigir». O dr. Reinhardstoettner tambem propõe esta restituição do texto do canto I, est. 2.ª:

> E tambem as memorias gloriosas
> D'aquelles Reis, *que foram dilatando*
> *A Fè, o Imperio,* etc.

propondo que o artigo *A* se substitua pela preposição *Á*, e devendo lêr-se:

> D'aquelles Reis *que foram dilatando*
> *Á Fé o Imperio,* etc.

A variante é engenhosa, mas não verdadeira; como o auctor mesmo nota, os portuguezes não buscavam só estender o dominio da Fé catholica; procuravam estender pela conquista o dominio portuguez, e só como theoria politica é que justificavam a invasão com a missão evangelisadora. A ideia de Imperio representa esse sonho de grandeza politica, que quasi todos os povos tiveram no seculo XVI, e que é conhecido pelo nome de *Monarchia universal;* na utopia da monarchia universal, derivada em grande parte das prophecias de Daniel, predominava a crença de que a unidade politica produzia a unidade religiosa; uma só *Fé e um só Imperio* era a divisa; a Fé representa o *Catholicismo* imposto pelo dogmatismo theocratico; o *Imperio* representa o poder monarchico consolidado no cesarismo. Portanto não é

admissivel a restituição do critico allemão, porque tirar á palavra *Imperio* o sentido particular que lhe ligavam no seculo XVI os utopistas monarchicos, é perverter a ideia historica que predomina nos *Lusiadas.* Camões adoptou a ideia da Monarchia universal, já desde 1542 propagada nas Prophecias populares de Bandarra. No canto I, est. 24.ª; no canto II, est. 44.ª e 46.ª; no canto VII, est. 14.ª, allude o poeta a Portugal como realisando o ideal do *Quinto Imperio* do mundo.

Em summa, o methodo seguido pelo critico allemão é no todo excellente, e ainda que o seu trabalho não tivesse outro merito senão o da novidade, bastava isto para ensinar a fazer sobre o texto dos *Lusiadas* o mesmo processo que os philologos do seculo XVI começaram sobre os classicos gregos e romanos.

O processo da composição dos *Lusiadas,* nos conflictos pessoaes da vida da côrte, nos presidios e estações da Africa, de Gôa e de Macáo, mostra-nos como o poeta, sobre todos os pontos do territorio immenso em que se estendia o dominio portuguez, achou, através das luctas dos interesses egoistas e dos symptomas iniciaes da decadencia politica, essa revelação affectiva da Patria, que elle muitas vezes identifica comsigo ao alludir aos seus proprios soffrimentos.

É um trabalho digno de estudo o da formação dos *Lusiadas.* O primeiro Canto foi escripto ainda em Lisboa, sob a impressão da leitura da *Primeira Decada* de João de Barros, e com o intuito de ser dedicado ao mallogrado principe D. João, apaixonado amador da poesia portugueza. D'este Canto unico existe a cópia tirada por

Luiz Franco Corrêa, «*companheiro e muito amigo de Camões*», como elle mesmo se confessa. Quando circumstancias de desalento levaram Camões para a India, e a sua valentia o fez acceitar uma commissão perigosa em Macáo, ahi adiantou a elaboração do poema até ao Canto sexto. D'estes seis Cantos, determinados pela referencia ao naufragio na foz do Mecom, no regresso de Gôa, existiu uma cópia especial, que pertenceu a Manuel Corrêa de Montenegro, a qual foi vista e consultada por Faria e Sousa. Este philologo portuguez frequentára os estudos de Salamanca, e ficára em Hespanha exercendo a profissão de *corrector* de livros por auctoridade regia. Depois da creação do regimen da censura ecclesiastica para os livros que se publicavam, no seculo XVI, a auctoridade temporal tambem intervinha n'essa funcção reaccionaria com o seu agente especial. Manuel Corrêa de Montenegro exerceu as funcções de corrector litterario, pelo menos entre 1574 e 1611 [1]. Os correctores exerciam verdadeiros vandalismos sobre o texto dos auctores que examinavam; a edição dos *Lusiadas,* denominada dos *Piscos,* é um exemplo flagrante. É natural que Manuel Corrêa de Montenegro obedecesse a esta direcção absurda do seu tempo; é certo, porém, que elle achou manuscriptos coévos do poema dos *Lusiadas,* de maximo interesse, um porque trazia as Estancias omittidas, ou melhor additadas n'essa nova cópia, e o outro

[1] Sousa Viterbo, *Manuel Corrêa de Montenegro* (*Um corrector de Camões*), p. 7.

porque constava apenas de seis Cantos, isto é, um manuscripto interrompido no momento em que o poeta perdeu a sua tranquillidade ao chegar debaixo de prisão a Gôa. Nos annos ignorados de Camões, quando divagou pelo archipelago das Molucas e veiu parar a Moçambique, *a dura Moçambique,* onde Diogo do Couto o foi encontrar «*tão pobre, que comia de amigos*», durante este periodo trabalhou o poeta nos quatro Cantos restantes, que veiu a finalisar em Lisboa, resalvando-se no Alvará de privilegio para a edição de 1572, o poder ampliar os *dez Cantos perfeitos,* com *mais alguns Cantos que tiver accrescentados*. Por esta natural interpretação das palavras do privilegio, demonstrou o dr. João Teixeira Soares, que as *Estancias omittidas,* assim denominadas por Faria e Sousa, eram verdadeiramente Estancias accrescentadas, como o provam o manuscripto pertencente a Manuel Corrêa de Montenegro. O poema dos *Lusiadas* era considerado como um aggregado de Cantos, como se vê pela edição e annotação do licenciado Manuel Corrêa de 1613: «Fiz ha muitos annos estas annotações sobre os *Cantos de Luiz de Camões* a petição de um amigo...» O caracter fragmentario e cyclico do poema era devido á vida errante do poeta; a epopêa da humanidade e da patria é tambem uma sublime e vasta allegoria da existencia de Camões.

O texto dos *Lusiadas* resente-se egualmente das crises politicas em que esta pobre nacionalidade se debateu na ruina, victima da intolerancia ao serviço dos planos de unificação da Casa de Austria. O poema nacional foi deturpado pela mão dos jesuitas na celebre e ridicula

Edição dos Piscos, de 1584. Procurou-se fazer preponderar esse texto no gosto publico, até que um dia viesse a ser desprezado o poema por inepto. Publicára-se « com algumas annotações de diversos auctores ». A esta classe de auctores se referia Manuel Corrêa: « Os quaes sem lume das lettras humanas, lhe põem annotações, que servem mais de o escurecer e deshonrar, pois são contra o sentido do Poeta, e verdade das historias e poesias. . . » Na reacção do sentimento nacional, procurou-se através de todas as difficuldades da censura ecclesiastica voltar ao genuino texto do poema, e restabelecel-o subrepticiamente, imitando de um modo material a edição dos *Lusiadas* de 1572 feita sob as vistas de Camões. É assim que, além das duas edições-princeps, de 1572, se explica o facto de serem determinadas pelos bibliophilos mais cinco edições-variantes datadas do mesmo anno. Era um meio de illudir a censura. Não pertencerá a este grupo, a chamada segunda edição de 1572 com retoques attribuidos ao proprio Camões ? É plausivel uma tal suspeita ; esta edição reproduz a primeira com algumas alterações na portada (que indicam uma passagem para gravura) e no typo. Todas as differenças revelam mais uma simulação do que uma edição da casa de Antonio Gonçalves. Suppõe-se que esta simulação se fizera ainda em vida do poeta, sendo razoaveis as emendas e as variantes. O exemplar dos *Lusiadas* de 1572, do mosteiro de S. Bento da Saude, que veiu ao poder do ex-imperador do Brazil, tem na folha do Privilegio, em lettra manuscripta do seculo XVI: *Luiz de Camões seu dono 576.* É crivel que n'este anno se fizesse a reproducção

simulada, por annuencia do poeta. Todos os bibliophilos que analysaram este exemplar têm acceitado como authentica a attribuição manuscripta, o que torna admissivel a nossa inferencia. E em vista do privilegio, não se faria a reproducção sem o consentimento do auctor.

Depois da sua morte é que começaram os attentados contra o poema. Qual a natureza das deturpações dos *Lusiadas* na edição de 1584, quatro annos depois da morte de Camões? Basta uma simples indicação para reconhecer a sua importancia: No Canto II supprimiram os censores as dez oitavas, em que se descreve a viagem de Venus para invocar o favor de Jupiter para com os Portuguezes. No Canto III cortaram aquella formosa estancia ultima, em que o poeta descreve o caracter amoroso do rei D. Fernando. No Canto V puzeram mão selvagem, cortando a estancia 55.ª, em que o Adamastor descreve o transporte allucinado, quando de longe correu, abrindo os braços, para a deusa Thetis, beijando-lhe os olhos, as faces e os cabellos. O Canto IX, em que se acha o inimitavel episodio da Ilha dos Amores, foi o mais sacrificado ao pudor hypocrita da roupeta: supprimiram as estancias 71.ª, 72.ª e 73.ª; e as estancias 78.ª e 79.ª dos amores de Leonardo. No Canto X eliminaram a estancia 25.ª, em que o Poeta com a sublime altura do genio identifica o sentimento do Bello com o da Justiça, condemnando a iniquidade do rei D. Manuel para com Duarte Pacheco; e cortaram finalmente a estancia 99.ª, por motivos de inexplicavel futilidade. As trocas de palavras por todo o poema, e as notas imbecis, (*sem lume das lettras humanas*), como a que acompanha o verso da

piscosa Cezimbra, fazem d'esta edição de 1584 o documento de um crime de lesa nacionalidade: «o qual livro *assi emendado como agora vay,* não tem cousa contra a fee e bõs costumes...» Mesquinha fé e estupidos costumes, quando precisam vandalisar os monumentos superiores do espirito humano.

A influencia d'este attentado fez-se sentir immediatamente na irreverencia que em 1589 praticaram quatro estudantes das Escholas jesuiticas de Evora, parodiando o primeiro Canto dos *Lusiadas,* com o titulo de *Festas bacchanaes:* « *Conversão do primeiro canto dos Lusiadas do Grande Luiz de Camões, vertidos de humano em o de — vinho, por uns caprichosos Auctores,* s. O dr. Manuel do Valle, Bartholomeu Varella, Luiz Mendes de Vasconcellos, e o Licenciado Manuel Luiz. *No anno de 1589* ». Ia para dez annos, que estava extincta a nacionalidade portugueza, e a mocidade parodiava inconscientemente a epopêa da Patria no *arremedo a borracheira,* e *tradosido ao — devinho,* como se lê nos differentes manuscriptos do seculo XVII.

O estudo das edições dos *Lusiadas* liga-se intimamente á historia litteraria do Poema, reduzindo-se todas ellas a quatro typos fundamentaes: 1572, 1584, 1631 e 1639. Esta ultima, de Manuel de Faria e Sousa, deu logar a tres novos typos: o de 1779 (do Padre Thomaz José de Aquino); o de 1834 (de Barreto Feio); e o de 1870 (do Visconde de Juromenha).

Esboçamos em schema esta tentativa de coordenação das varias edições dos *Lusiadas,* omittindo aqui aquellas feitas sem intuito litterario:

I. — *Em vida de Camões:*

1572 [1] 1817, 1821, 1823, 1827, 1836, 1842, 1846

1572 [2] 1609, 1612, 1613, 1626
.... 1879, 1880 etc.

II. — *Amputada pela Censura:*

1584 .... 1591, 1597

III. — *Revista por Franco Barreto:*

1631 .... 1633, 1644, 1651, 1663, 1669
1702, 1731, 1759

IV. — *Revista por Faria e Sousa sobre Mss. do seculo XVII:*

1639 ....
A. 1779, 1782 — 1800, 1805, 1815, 1818, 1836
B. 1834, 1852
C. 1870

O texto de 1572 (primeira edição) generalisou-se em todas as reproducções derivadas da de 1817 (Morgado de Matheus); o da segunda do mesmo anno, restabelecido lentamente no primeiro quartel do seculo XVII (1609 a 1626), é o que n'estes ultimos dez annos está adoptado unanimemente nas edições dos *Lusiadas* com intuitos criticos.

O dr. João Teixeira Soares, um dos mais perspicazes criticos camonianos, deu-nos a honra da dedicatoria do seu estudo *As Estancias ditas omittidas na epopêa de Camões;* não tivemos porém até hoje ensejo de nos aproveitarmos d'aquella importante contribuição critica. Pela primeira vez se tira n'esse estudo a luz contida nas palavras do Privilegio real «*e se o dito Luiz de Camões tiver accrescentado mais alguns Cantos,* tambem se imprimirão, havendo para isso licença do Santo Officio...» As palavras do privilegio são de 23 de setembro de 1571; o poema appareceu depois de 28 de julho de 1572, em que o texto ficou fixado pela imprensa. É porém notavel, que o poeta se refira a successos passados depois da publicação do poema. Verificados elles, póde-se concluir logicamente, que as Estancias foram escriptas depois dos factos a que alludem, sendo destinadas ao futuro accrescentamento dos *Lusiadas.* Entre os successos alludidos, cita o dr. João Teixeira Soares o da conjuração geral da India contra os portuguezes, capitaneada pelo Idalxá, e a sua derrota por D. Luiz de Athayde, e as pazes celebradas com o novo vice-rei Antonio de Noronha, em 13 de dezembro de 1571. O poema de Camões já estava licenciado em 23 de setembro d'este

mesmo anno, e em via de impressão, portanto as referencias nas Estancias que se deviam seguir á estrophe 72.ª do Canto x, são de composição ulterior, e como accrescentamento. Mas onde se vê a singular importancia das Estancias ditas omittidas é nas oitavas que, sob fórma prophetica, narram o desastre de Alcacer-Kibir em agosto de 1578, e o julgamento dos planos politicos de incorporação de Portugal na unidade castelhana, antes de se realisarem depois da sua morte. As duas penultimas Estancias das onze, que entrariam em seguida á estrophe 73.ª do Canto x dos *Lusiadas,* encerram estes factos, sobre os quaes não se suppunha quaes eram os sentimentos de Camões:

Mas *não será de todo limpo e puro*
O curso desigual de vossa Historia;
Tal a condição do estado escuro,
Da humana vida, fragil, transitoria:
Que mortes, perdições, trabalho duro
Aguarão grandemente vossa gloria;
Mas não poderá algum successo ou fado
Derribar-vos d'esse alto e honroso estado.

E em seguida á allusão do desastre de Alcacer-Kibir, encara o problema da incorporação de Portugal na unidade castelhana, oppondo a essa fatalidade historica a hegemonia de Portugal na peninsula hispanica:

Tempo virá que entre ambos hemispherios
Descobertos por vós e conquistados,
E com trabalhos, morte, cativeiros
Os varios povos d'elles conquistados;

De Hespanha os dois grandissimos Imperios
Serão n'um senhorio só ajuntados,
Ficando por metropole e senhora
A cidade que cá vos manda agora.

No meio das discussões sobre o futuro da nacionalidade portugueza, depois de 1578, e entre a corrupção da fidalguia *baptisada* por Filippe II, Camões deixára bem definido o sentimento da autonomia nacional:

Como? da gente illustre portugueza
Hade haver quem refuse o patrio marte?
Como? d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes, na guerra, em toda a parte,
Hade sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte
De portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira vêr sujeito?

(Cant. IV, st. 15.ª).

Nas Estancias ditas omittidas, o elogio exaltado á Casa de Bragança revelam a adhesão de Camões ao partido nacional; teve porém a fortuna de morrer sem assistir á invasão de Portugal pelos exercitos de Philippe II [1].

As numerosissimas edições dos *Lusiadas*, inventariadas em Bibliographias especiaes, revelam um facto importante: O Poema foi extraordinariamente lido, e effe-

---

[1] Vid. no *Circulo Camoneano*, p. 72 a 78, o bello estudo do dr. Teixeira Soares, primeiramente publicado no jornal *O Velense*.

ctivamente suscitou o movimento nacional de 1640, como póde inferir-se pelo estudo que fazia dos *Lusiadas* o glorioso revolucionario João Pinto Ribeiro, que o commentou. Os *Lusiadas* não deixaram que a lingua portugueza decahisse do uso e fosse substituida pela castelhana, sob o jugo dos Philippes, apesar dos numerosissimos escriptores portuguezes que preferiram a lingua castelhana para as suas obras nos seculos XVI e XVII. Dá-se na lingua portugueza um phenomeno peculiar digno de consideração: a fórma escripta differe pouquissimo da linguagem fallada, e esta harmonia entre a expressão da vida usual e da vida mental, e em que a elocução camoniana do meado do seculo XVI é ainda agora perfeitamente actual, revelam-nos que a Epopêa da Nacionalidade portugueza foi mais geralmente e profundamente assimilada do que se imaginava. Que maior consagração? Nenhum monumento material exprime e dá realidade mais completa a esta unificação pelo sentimento.

CAPITULO III

A Obra Lyrica

§. I. Reconstrucção do Parnaso de Camões

Na poesia lyrica da Renascença apparecem, como na epopêa e no theatro, os dois espiritos que se debatem nas creações estheticas do genio moderno: a tradição medieval e a admiração incondicional pelas obras primas das litteraturas classicas. As fórmas lyricas provençaes, desenvolvidas litterariamente sobre elementos tradicionaes e populares, encontraram nos paizes meridionaes typos communs, como as pastorellas, as balladas, as serranilhas, simultaneas em Portugal, Hespanha, França e Italia; estas fórmas persistiram no desenvolvimento das litteraturas novo-latinas, e constituiram essa poetica palaciana dos Cancioneiros aristocraticos, conhecida pelo nome de redondilhas, a que os eruditos da Renascença chamaram a *Medida velha*. Esta designação contrapunha-se á nova metrificação endecasyllabica aperfeiçoada

pelo gosto italiano, e admittida em todas as litteraturas meridionaes no seculo XVI. A medida velha, pela sua antiguidade, apresentava-se como nacional; o novo estylo italiano achava impugnadores, como se fosse uma innovação caprichosa. Prevaleceu como fórma definitiva da poetica moderna, porque a metrica italiana era tambem derivada das antigas fórmas provençaes, e fixára os typos estrophicos do soneto, do terceto e da sextina e oitava, dando ás Canções, Elegias, Odes e outras imitações apparentes da poesia classica, um idealismo profundo, philosophico, emfim a expressão universal do sentimento humano. Os dois typos fundamentaes da poesia moderna provinham dos mesmos rudimentos provençaes; eram porém separados pela preferencia do gosto. Nas côrtes, ou serões do paço, os improvisadores e as damas preferiam os versos de redondilha ou de Arte menor; os humanistas, os espiritos cultos preferiam o verso endecasyllabo, e diziam com desdem, como o dr. Antonio Ferreira, «a antiga trova deixo ao povo».

Nos poetas portuguezes do seculo XVI encontram-se estes dois estylos poeticos: n'uns, como em Sá de Miranda, Bernardes, Caminha, resultou isso de terem começado a versejar em um estylo, e terem abraçado o novo gosto italiano, desde que o conheceram; em outros, como em Camões, a sua situação entre as damas, que o provocavam aos improvisos, obrigava-o a adaptar-se á preferencia d'ellas, fazendo trovas ou redondilhas, que resgatava do desprezo dos outros poetas pela sua extrema perfeição. Lope de Vega era admirador acerri-

mo das Redondilhas de Camões, preferindo-as a todas as suas outras composições do gosto italiano. Entre os poetas quinhentistas, alguns cultivaram de um modo exclusivo a lyrica da *medida velha*, como Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão; outros desprezavam-na em absoluto, e só reconheceram como bella a poetica italiana, como o dr. Antonio Ferreira. Camões soube, como genio superior, conciliar os dois espiritos, que na essencia eram identicos, e ambos concorriam para a renovação esthetica do lyrismo que acompanhava a elevação do sentimento moderno. Os bellos estudos de D. Carolina Michaëlis sobre o soneto de Camões: *Sete annos de pastor Jacob servia*, e sobre o mote velho das suas redondilhas: *Justa fue mi perdicion*, pela accumulação de logares parallelos, prestam-se para bem definir estes dois themas, correspondendo ás duas fórmas typicas do Lyrismo moderno.

Desde a sahida de Coimbra até á publicação dos *Lusiadas*, Camões fôra sempre considerado pelos seus versos lyricos, que andavam em copias manuscriptas por mãos dos amigos. Esses versos lyricos não eram espalhados ao acaso, como acontece com alguns talentos despreoccupados das suas obras, que as abandonam ou nunca as systematisam; Camões amava a sua obra. Era-lhe porém impossivel o imprimir os seus versos na época em que teve de deixar a côrte; quando Camões sahiu de Portugal, em 1553, estavam apenas publicados o *Cancioneiro geral*, de Garcia de Rezende, e o *Crisfal*, de Christovão Falcão, em folha volante. As suas composições, feitas na côrte, seriam um attentado se algum

livreiro largasse as obras de theologia ou de devoção, para imprimir taes profanidades. Durante uma vida tempestuosa, *travagliata,* como lhe chamaria Benvenuto Cellini na sua pittoresca linguagem, por estações navaes doentias, por hospicios, degredos, cadeias, naufragios e miserias, Camões encontrou nos seus versos uma intima consolação. Trazia-os comsigo, emendava-os, e n'um dos momentos mais angustiados, entretinha-se a coordenal-os. Comprehende-se como elle vivia para a sua obra, aproximando da sua situação moral o que Beethoven dizia de si mesmo: «Tendo nascido com um temperamento de fogo, e com uma imaginação que se comprazia em conversas amaveis e expansões affectuosas, estou condemnado a viver como um proscripto. Que pensamentos amargos têm vindo assaltar-me n'esta solidão profunda! que de vezes concebi o projecto de cortar violentamente o fio do meu destino!... Se a arte, a arte immortal me não tivesse detido a mão homicida! Parecia-me indigno o deixar este mundo antes de realisar tudo quanto sonhava...» Eis ahi a psychologia do genio: uma idéa fixa, que se torna o apoio de uma existencia através de todas as catastrophes. Para Camões os seus versos foram o alento, o estimulo, a esperança, todo o seu sêr. Só accidentalmente, e pelo extremo apreço em que era tido como lyrico pelos seus contemporaneos, é que viu impressa essa admiravel Ode ao Conde de Redondo, Vice-rei da India, recommendando a dedicatoria para a impressão do celebre livro *Colloquios dos Simplices e Drogas* do velho dr. Garcia d'Orta. Quando Camões estava em Gôa, já alli trabalha-

va a imprensa; é de 1561, e dos prélos de João Quinquennio o *Compendio espiritual da vida christã tirado pelo primeiro Arcebispo de Gôa* (D. Gaspar de Leão) *e por elle prégado no primeiro anno a seus freguezes.*

Em 1563 imprimiu João de Endem o memoravel livro dos *Colloquios dos Simplices e Drogas,* tantas vezes traduzido na Europa nos seculos XVI e XVII. É provavel que um grande numero de Autos, Relações de naufragios, documentos officiaes dos Vice-reis e alguns versos pelas festas das successões, se imprimissem por esse tempo em Gôa; mas a pequena tiragem, o papel ordinario e o uso popular, destruiram esses productos. Para exemplo apontamos o *Auto de Braz Quadrado*, citado em Gôa, e hoje completamente perdido. Pelo manuscripto de Luiz Franco, e por uma referencia de Estevam Lopes, sabe-se que na India alguns amigos de Camões tiravam cópias dos seus versos. E emquanto o Poeta em Moçambique retocava os *Lusiadas* para dal-os ao prélo, ahi mesmo ia colligindo as suas Lyricas, acompanhadas de algumas dissertações, sob o titulo geral de *Parnaso* de Luiz de Camões, «livro de muita erudição e philosophia», como o caracterisou Diogo do Couto. Entre as grandes desgraças do poeta deve considerar-se o roubo que lhe fizeram d'este livro, privando-o do titulo do seu genio eminentemente lyrico. Foi furto notavel, diz Diogo do Couto. Não lhe roubaram os *Lusiadas* porque em 1571 já estavam entregues ao tribunal da censura litteraria; o furto do *Parnaso* seria por este tempo, ou motivaria a pressa a que se deu o poeta para salvar pela estampa a immortal epopêa. Uma tal perda foi para Camões uma

das causas do desalento moral dos ultimos annos de sua vida. Quando Ruy Dias da Camara lhe pedia uma traducção dos *Psalmos penitenciaes,* o poeta excusava-se com a sua situação moral, morto para os enthusiasmos. Era moda, no seculo XVI e XVII, os que publicavam livros, fazerem-nos preceder de numerosos encomios poeticos, dos escriptores celebres e dos amigos. Para obedecer a este uso, Camões escreveu o Soneto que precede o livro de Manuel Barata, *Exemplares de diversas sortes de lettras, tiradas da Polygraphia de Manuel Barata, Escriptor portuguez, accrescentadas pelo mesmo auctor para commum proveito de todos.* A edição é de 1572, quando o nome de Camões estava aureolado pela admiração suscitada pelos *Lusiadas.* As relações com Manuel Barata eram antigas, desde quando o calligrapho fôra mestre de lêr e escrever do principe D. João, e de quando Camões projectava dedicar a este principe o poema que encetára com o titulo de *Elusiadas.* O soneto começa: «Ditosa penna, como a mão que a guia», devendo ser considerado como a segunda composição lyrica impressa em vida de Camões. É para notar, que os *Lusiadas,* publicados n'esse mesmo anno, appareceram contra o costume, despidos de todos os encomios dos poetas contemporaneos. Apesar de todos os infames conluios contra a gloria de Camões, o seu amigo Pedro de Magalhães Gandavo teve em 1574 a coragem de o proclamar «*famoso, de cuja fama o tempo nunca triumphará*», na obra que compozera *Regras da Orthographia da Lingua portugueza, com um Dialogo em defensam da mesma Lingua.* Camões, para ser agradavel ao seu ami-

go, que em 1576 imprimia a *Historia da Provincia de Santa Cruz,* compoz para acompanhar este livro uns Tercetos recommendando a obra a D. Leoniz Pereira, os quaes são conhecidos pela classificação de Elegia IV. Foi esta a terceira e ultima composição lyrica impressa em vida de Camões, que os livreiros colligiram com variantes de diversos cadernos manuscriptos. Suppomos que o Soneto que vem no livro do dr. Garcia d'Orta *Do autor falando cõ ho seu libro e mandao ao senhor Martim afonso de Sousa,* foi tambem escripto por Camões em nome do velho lente da Universidade de Lisboa. Eis os nossos fundamentos. Tendo o dr. Garcia d'Orta embarcado para a India em 1534, a ter de escrever qualquer composição poetica seria em metro de redondilha; e pela sua avançada edade, e cultura exclusiva dos livros de botanica, não lhe era facil conhecer a poetica italiana, e muito menos metrificar n'ella com naturalidade. Poetas geniaes, como Ferreira, difficilmente vencem esse metro endecasyllabo. Os versos do Soneto em nome de Garcia d'Orta têm a melodia camoniana, e laboram na antithese sempre empregada por Camões, entre a penna e a espada, entre Apollo e Marte, a palma e a oliveira, o arnez e a toga. A rubrica *Do autor* é simplesmente a designação de uma prosopopêa; o proprio Garcia d'Orta confessa não saber fazer versos, na dedicatoria a Martim Affonso de Sousa: «Oh quem podera, illustrissimo senhor, tornar-se Homero ou Virgilio pera escrever vossas grandes façanhas pera com isto deixar fructo de mi aos vindouros; mas pois que a fortuna isto me negou...» Este pensamento de uma Epopêa nacio-

nal fôra commum aos mais elevados espiritos, e isto aproximou de Camões o velho Doutor Garcia d'Orta.

No meio das tempestades de uma vida atribulada, Camões colligiu todas as suas poesias lyricas sob o titulo de *Parnaso,* e este livro, em coordenação para o prélo, foi-lhe furtado pouco depois do seu regresso a Lisboa. Privado d'esse thesouro em que eternisára todas as suas emoções, Camões morreu em 1580, contentando-se com a fama de poeta epico. De toda a sua obra lyrica apenas ficavam salvos pela imprensa uma Ode (1563), um Soneto (1572) e uma Elegia (1576); tudo o mais ficava espalhado por mãos de amigos, ou em cadernos despedaçados que se prestavam a plagios litterarios, ou a cópias anonymas. Dava-se portanto com os manuscriptos de Camões o mesmo facto extraordinario que tanto prejudicou as obras dos Quinhentistas; essas manifestações intellectuaes e sentimentaes ficaram na sua quasi totalidade *ineditas.* Duas cousas nos podem explicar este facto, que tanto afastou os escriptores da communhão moral com a nação, conservando-os assim separados dos interesses sociaes, confinados em um humanismo que se particularisou nas emoções da personalidade. Primeiramente, como os escriptores, pela sua preoccupação erudita, não escreviam para o povo; a poesia e a litteratura eram para elles um recreio honesto. O verso de Ferreira: *Não fazem dano as Musas aos Doutores,* revela-nos que esses eruditos da Renascença, desembargadores, lentes, escrivães da puridade, titulares palacianos, se pejavam um pouco da publicidade. Ainda no seculo XVIII o desembargador Cruz e

Silva (Elpino Nonacriense) deixou ineditos os seus versos, attendendo á respeitabilidade da magistratura. Em segundo logar, toda a actividade da livraria portugueza, servida por uma typographia morosa, imperfeita e quasi rudimentar, estava empregada na publicação de obras theologicas, asceticas, canonicas e juridicas, e só accidentalmente é que se imprimia uma obra de litteratura por favor dos principes, porque o consummo dos livros era quasi que exclusivamente nas ordens monachaes. A este mal accresceu o estabelecimento da Censura dos livros, estabelecida desde 1541 pelo Cardeal-infante e inquisidor geral D. Henrique. O poeta Antonio Ferreira, que já em 1557 tinha coordenado o manuscripto dos *Poemas lusitanos*, protestou em uma elegia contra esse *tenebroso dia* em que se algemou o pensamento. Estas causas complexas nos explicam os motivos por que as obras dos Quinhentistas ficaram ineditas.

A publicação dos *Lusiadas* em 1572 veiu quebrar estas peias; os poetas palacianos atreveram-se á publicidade. É então que Jeronymo Corte Real publíca os poemas *Successo do segundo cêrco de Diu*, em 1574, e a *Victoria de D. João da Austria*, em 1578.

Só depois que em 1580 perdemos a nacionalidade cahindo sob o dominio hespanhol da Casa de Austria, é que se deu no espirito publico uma aspiração profunda, o amor de lêr livros na lingua portugueza; começou-se pelos Autos em portuguez, que se representavam nos Côrros e Pateos, e depois se foram vulgarisando os monumentos da época gloriosa do lyrismo italiano, com um interesse crescente, a ponto de serem lidos os *Lusiadas*

com o sentimento de quem alli buscava allivio ao facto da conquista, como o fazia o velho bispo de Targa Frei Thomé de Faria, e mais tarde João Pinto Ribeiro, o fundador da independencia nacional em 1640. As datas têm sua eloquencia; em 1587 imprimem-se os Autos ineditos de Antonio Prestes, onde entraram outros dois, ineditos, de Camões, os *Enfatriões* e *Filodemo;* em 1596, *Vida e morte da Rainha Santa Izabel e outras varias Rimas* de Vasco Mousinho de Quevedo; em 1592, as *Obras poeticas* de Gregorio Silvestre; em 1595, as poesias de Sá de Miranda e as de Camões; em 1596, *O Lima,* e em 1597 as *Flores do Lima* de Bernardes, e a *Sylvia de Lisardo* de Frei Bernardo de Brito; em 1598, mais *Rimas* de Camões, e os *Poemas lusitanos* de Ferreira; em 1601, mais *Rimas* de Camões; em 1604, as *Poesias* de Balthazar Estaço; em 1605, as obras de D. Manuel de Portugal; em 1607, a *Lusitania transformada* de Fernão Alvares d'Oriente; em 1605, as *Eclogas* de Francisco Rodrigues Lobo; em 1624, a *Laura de Anfriso* de Manuel da Veiga. Os livreiros Affonso Lopes, Estevam Lopes, Domingos Fernandes e os Craesbecks exploravam esta sympathia crescente do publico, e póde-se dizer, que a nacionalidade renascia nas obras da sua Litteratura desenterrada dos ineditos que ficaram desde a primeira metade do seculo XVI.

Além da admiração crescente pelo genio de Camões provocada pelos *Lusiadas*, foi esta a causa de se procurarem composições suas ainda ineditas pelas compilações avulsas dos amigos, e mesmo por pesquizas mandadas fazer em Gôa. Existia um grande interesse em

descobrir os seus cadernos de poesia lyrica, de que havia amostras em collecções particulares ou Cancioneiros de mão; o *Parnaso* não appareceu, porque foi desmembrado systematicamente, e isto justifica a possibilidade dos plagios que se praticaram. Porventura os Autos de Camões foram os primeiros cadernos que chegaram ás mãos de um livreiro, para uma exploração mercantil; depois outro livreiro, Estevam Lopes, obtem mais versos de Camões, e encarrega o licenciado e poeta Soropita de lh'os coordenar em um volume de *Rimas*. Acordada a curiosidade pela belleza d'essas lyricas, tratou-se de pedir para a India manuscriptos com versos de Camões; o bispo D. Rodrigo da Cunha coadjuva o livreiro Domingos Fernandes com manuscriptos de Camões, e D. Antonio Alvares da Cunha, guarda-mór da Torre do Tombo, collige versos ineditos, alguns da propria lettra de Camões. Luiz Franco Corrêa, companheiro de Camões na India, colligira versos lyricos do *seu amigo;* e Manuel Godinho referia-se a originaes do poeta. Foi pelas investigações de cadernos dispersos pelas mãos dos amigos, uns achados em Moçambique com a data de 1569, como o que pertenceu a D. Rodrigo da Cunha, outros buscados em Gôa, como fez Domingos Fernandes, que se agruparam desde 1595 até 1880 com a designação de *Rimas* as obras lyricas de Camões.

N'este inconsciente processo de reconstrucção do *Parnaso* de Camões aconteceu irem-se achando numerosos plagiatos, que deixam em duvida a probidade de Diogo Bernardes, de Francisco Rodrigues Lobo e de outros contemporaneos do poeta; as lições varias, de uma mesma

fórma em differentes manuscriptos, deixaram o texto incerto, de sorte que por um peior arbitrio Faria e Sousa impoz ao texto uma unidade segundo o seu gosto pessoal. Os livreiros do seculo XVI a XVII, e os criticos do XVIII e XIX seculos foram reproduzindo edições das *Rimas* mais ou menos *accrescentadas*, e á parte as numerosas *Cartas* de Camões ainda não achadas (as tres a João Fragoso, e as que o conde da Ericeira cita da bibliotheca do conde de Vimieiro) e as *Prosas* que formavam uma parte do *Parnaso*, como o declara Diogo do Couto, póde-se dizer que a obra roubada a Camões está quasi integralmente reconstituida.

Deve depois d'isto seguir-se um trabalho de recensão critica do texto camoniano, porque os livreiros e editores colligiram enthusiasticamente tudo quanto na poesia do seculo XVI, seguindo o gosto da escóla italiana, ou mesmo reincidindo sobre as decahidas redondilhas, apresentava um sentimento e perfeição caracteristicos de Camões. O que muitas vezes é apparentemente um plagio feito a Camões, é uma usurpação de livreiro para ampliar as *Rimas*, que elle explora. Assim se complicou o problema litterario, avolumando ás vezes conscientemente (como com o poema da *Creação do Homem*), outras vezes por desconhecimento de obras já impressas, uma grande somma de apocryphos na Obra lyrica de Camões. Quando um dia se fizer uma edição critica das Lyricas, em que fique apurado um texto definitivo, a secção dos apocryphos, embora grande, revelará essa communhão sentimental, que se estabeleceu na Poesia moderna, desde Petrarcha, Garcilaso, Sá de Miranda, Ca-

mões e Herrera, d'onde irradiaram manifestações de um lyrismo superior a que se elevaram outros espiritos subalternos. Por ora só nos compete aqui o estabelecer a successão historica das contribuições que serviram, embora sem plano, para fazer a reconstrucção do *Parnaso* de Camões.

1587

Auto de Filodemo. (Na edição dos Autos de Antonio Prestes, com o titulo de *Primeira parte dos Autos e Comedias portuguezas*). Differe de uma lição manuscripta, que na India copiára Luiz Franco, e vem no seu Canc. ms., de 1557, fl. 269 a 286 v. Está mais augmentada no manuscripto; d'onde se conclue, que a impressa foi abreviada para a representação.

Auto dos Enfatriões (na mesma collecção de Prestes).

1595

Compilação das composições lyricas pelo tino critico do licenciado Fernão Rodrigues Lobo Soropita, que declara: « E com isto não resta mais que lembrar, que os erros que houver n'esta impressão, não passaram por alto a quem ajudou a copiar este Livro; mas achou-se que era menos inconveniente irem *assim como se acharam por conferencia de alguns Livros de mão, onde estas obras andavam espedaçadas,* que não violar as composições alheias, sem certeza evidente de sua emenda verdadeira; etc. » E accrescenta mais: « E por isso se não buliu em mais, que só n'aquillo que claramente

constou ser vicio de penna, e o mais *assi vae como se achou escripto* e mui differente do que houvera de ir, se Luiz de Camões, em vida as déra á impressão». No Privilegio d'esta edição das *Rimas* concedido a Estevam Lopes, *mercador de livros,* fundamenta-se: «porque tivera trabalho em ajuntar as ditas obras». A dedicatoria a D. Gonçalo Coutinho, que tanto admirava Camões, é tambem uma garantia da seriedade das pesquizas feitas para colligir esses ineditos. Luiz Franco Corrêa tambem teve conhecimento d'esta compilação.

Eis a série dos ineditos segundo a classificação que lhe deu Soropita, que ficou prevalecendo em todas as subsequentes edições:

Sonetos: Alegres campos, verdes arboredos
(1) Alma minha gentil que te partiste
Amor com a esperança já perdida
Apartava-se Nise de Montano
Apollo e as nove Musas descantando
Aquella triste e leda madrugada
Busque Amor novas artes, novo engenho
Chara minha inimiga, em cuja mão
Como fizeste, oh Porcia, tal ferida
Dae-me hũa lei, senhora, de querer-vos
Debaixo d'esta pedra está mettido
(2) Depois de tantos dias mal gastados
De tam divino accento e voz divina
De vós me parto, oh vida, e em tal mudança
(3) Doces lembranças da passada gloria
Em fermosa Lethea se confia
Em flor vos arrancou de então crecida
Emquanto quiz fortuna que tivesse
(4) Espanta crecer tanto o crocodilo

(5) Está o lascivo e doce passarinho
(6) Está-se a primavera trasladando
(6)* Eu cantarei de amor tão docemente
(7) Eu me aparto de vós, nymphas do Tejo
Fermosos olhos, que na edade nossa
(8) Fermosura do céo a nós decida
Gram tempo ha que soube da ventura
Hum mover d'olhos brando e piedoso
Lembranças saudosas, se cuidaes
Lindo e subtil trançado que ficaste
Males, que contra mim vos conjurastes
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
Não passes, caminhante, quem me chama
Nayades que os rios habitaes
N'um bosque, que das nymphas se habitava
N'um jardim adornado de verdura
O cisne quando sente ser chegada
Ó como se me alonga d'anno em anno
O fogo que na branda cêra ardia
Os reinos e os imperios poderosos
Passo por meus trabalhos tão isento
Pede o desejo, dama, que vos veja
Pelos raros extremos que mostrou
Pois meus olhos não cançam de chorar
Porque quereis, senhora, que offereça
Quando da bella vista e doce riso
Quando o sol encuberto vae mostrando
Quando vejo que meu destino ordena
Quantas vezes do fuso se esquecia
Quem é este que na harpa lusitana
Quem jaz no gram sepulchro que descreve
(9) Quem póde livre ser, gentil senhora
(10) Quem vê, senhora, claro e manifesto
(11) Que vençaes no Oriente tantos reis
Se alguma hora em vós a piedade
Se as penas com que Amor tam mal me trata

(12) Se quando vos perdi, minha esperança
Se tanta pena tenho merecida
(13) Sete annos de pastor Jacob servia
Tanto de meu estado me acho incerto
Tempo he já que minha confiança
(14) Todo o animal da calma repousava
Tomava Daliana por vingança
Tomou-me vossa vista soberana
Transforma-se o amador na cousa amada
Vossos olhos, senhora, que competem
CANÇÕES: A instabilidade da fortuna
Com força desusada
(15) Fermosa e gentil dama, quando vejo
Já roxa manhã clara
Junto de um secco, duro, esteril monte
Manda-me Amor que cante docemente
Se este meu pensamento
Tomei a triste penna
Vão as serenas aguas
Vinde qua, meu tão certo secretario
SEXTINA: Foge-me pouco a pouco a curta vida
ODES: Detem um pouco, Musa, o largo pranto
Fermosa féra humana
Se de meu pensamento
Tam suave, tam fresca e tam fermosa
ELEGIAS: Aquella que de amor descomedido
O poeta Simonides fallando
O sulmonense Ovidio desterrado
CAPITULO: Aquelle mover d'olhos excellente
OITAVAS: Como nos vossos hombros, tão constante
Muy alto rei, a quem os céos em sorte
Quem póde ser no mundo tão quieto
ECLOGAS: Ao longo do sereno
A quem darei queixumes namorados
A rustica contenda desusada
As doces cantilenas que cantavam

Arde por Galatea branca e loura
Cantando por um vale docemente
Passado já algum tempo que os amores
Que grande variedade vão fazendo
REDONDILHAS: A morte, pois que sou vosso
(16) A dor que minha alma sente
Amor, que todos offende
Amores de uma casada
Amor loco, amor loco
Apartaram-se os meus olhos
Aquella cativa
Caterina bem promette
Com varios olhos, Gonçalves
Conde, cujo illustre peito
Corre sem vela e sem leme
Dama de estranho primor,
D'alma e de quanto tiver
Das doenças em que ardeis
De atormentado perdido
De dentro tengo mi mal
De piquena tomei amor
De que me serve fugir
De vuestros ojos centellas
Descalça vae pela neve
Dou, senhora, por sentença
Enforquey minha esperança
Esses alfinetes vão
Este mundo es el camiño
Falso cavalleiro ingrato
Ha hum bem que chega e foge
Ir-me quiero, madre,
(17) Já não posso ser contente
Justa fué mi perdicion
Mas porém a que cuidados
Menina dos olhos verdes
Menina formosa e crúa

Menina, não sei dizer.
Minha alma, lembrai-vos d'ella
Muito sois meu inimigo
Não estejaes agravada
Não sei se me engana Elena
Olhos, não vos mereci
Oulhay que dura sentença
Para que me dão tormento
Peço-vos que me digaes
(18) Pois é mais vosso que meu
Pois me fiz dano olhar-vos
Por causa tão pouca
Puz o coração nos olhos
Qual terá culpa de nós
Quando me quer enganar
Quem no mundo quizer ser
Quem ora soubesse
Querendo escrever um dia
Saudade minha
Se de meu mal me contento
Se derivaes da verdade
Se me levam aguas
Sem ventura é por demais
(19) Sem vós e com meu cuidado
(20) Senhora, pois minha vida
Senhora, se eu alcançasse
Sobre os rios que vão
Suspeitas, que me quereis
Todo es poco lo possible
Trabalhos descansariam
Triste vida se me ordena
Trocay o cuidado
Tudo pede uma affeição
Vae o bem fugindo
Vede bem se nos meus dias
Vejo n'alma pintado

Ver e mais guardar
Vida da minha alma
Vós senhora, tudo tendes
Vós teneis mi coração

Vê-se por este indice das «*varias Rimas poeticas de Luiz de Camões, que inda não foram impressas*», que o livreiro Estevam Lopes obteve valiosos manuscriptos; a elle se refere Domingos Fernandes, seu collega: «desta maneira se ajuntou a Primeira parte, *fazendo vir da India e pedindo neste Reino a senhores illustres e outras varias pessoas curiosas...*» Esta primeira edição das *Rimas* termina com dezenove quadras com a rubrica: *Sentença do auctor por fim do livro.* Vê-se por isto que os cadernos colligidos por Estevam Lopes pertenciam a uma collecção systematica formada por Camões, da qual vieram fragmentos ás mãos do livreiro.

Depois d'este importante trabalho de colleccionação de ineditos de Camões, que despertou a curiosidade dos eruditos, é tempo de começar o processo de eliminação das composições apocryphas. Em differentes revistas allemãs e portuguezas a snr.ª D. Carolina Michaëlis tem realisado esse importante exame critico, e determinado algumas imitações que revelam o conhecimento dos manuscriptos de Camões em Hespanha. Vejamos essas referencias:

1) Nas *Poesias* de Fernando Herrera, livro II, soneto 77, vem uma manifesta imitação do soneto de Camões, *Alma minha gentil.* Tendo Herrera publicado os seus versos em 1582, passados dois annos depois da morte de Camões, e apparecendo o soneto portuguez em

1595, por certo o grande lyrico andaluz o conheceu por via de manuscriptos, que foram parar a Hespanha, como se comprova por outras referencias e traducções. (*Circulo camoniano,* p. 167). Ha uma imitação na *Poetica sylva,* fl. 181: *Alma dichosa que los cielos huellas.*

2) Apparece publicado com o nome de Diogo Bernardes, nas *Flores do Lima,* em 1597, com leves variantes. Como iriam os colleccionadores de sonetos de Camões pilhar os manuscriptos ineditos de Bernardes, que estava vivo? Aqui é evidente o plagio.

3) Na *Poetica sylva,* ms. da Bibliotheca de Campomanes, in-4.º, de 224, e lettra do seculo XVII, a fl. 192, vem este Soneto traduzido em castelhano: *Dulces recuerdos de passada gloria.* (Ap. Gallardo, *Biblioteca de Livros raros,* t. I, n.º 1:051). A lettra do manuscripto bem patentêa que se traduziu o soneto portuguez quinhentista.

4) Um anno depois de ter apparecido este soneto em nome de Camões, reproduziu-o Vasco Mousinho de Quevedo em 1596 nas suas *Varias Rimas*: «*a Don Fernando Martins Mascarenhas quando o fizeram bispo*». Eliminado em 1598 por Estevam Lopes.

5) Traduzido na *Poetica sylva*: *Esta lascivo el dulce pajarico,* fl. 198.

6) Vertido para castelhano, na *Poetica sylva,* fl. 198: *Esta la primavera trasladada.* 6 *, Traduzido na *Poetica sylva,* fl. 202.

7) Transcripto por Bernardes, nas *Flores do Lima,* um anno depois da publicação das *Rimas* de Camões.

8) Faria e Sousa encontrou este soneto em um ms.

com o nome de Francisco de Andrade, com a rubrica: « *Á doña Guiomar Enriquez, quando entró en el Palacio de la Infanta D. Maria el año 1566* ». (Vid. *Rev. de Instrucção,* vol. II, p. 119).

9) Traduzido na *Poetica sylva,* ms., fl. 198: *Quien puede libre ser dulce señora.*

10) Reproduzido em portuguez por Tirso de Molina, na comedia *Por el Sotano y el Torno,* e com variantes, que accusam uma proveniencia manuscripta. (D. Carolina Michaëlis, *Circulo camoniano,* p. 24).

11) Attribuido em varios manuscriptos a Simão da Veiga. (*Rev. de Instrucção,* vol. II, p. 121).

12) Recopilado por Diogo Bernardes nas *Flores do Lima,* depois de impresso em nome de Camões.

13) Sobre este soneto é importantissimo o estudo de D. Carolina Michaëlis, no *Circulo camoniano,* p. 149 a 159: « O Soneto, ainda antes de ganhar publicidade, por meio da primeira impressão das *Rimas,* em 1595, foi provavelmente espalhado em numerosos apographos pelos reinos de Hespanha, e passou os umbraes do palacio regio, se certa tradição falla verdade. Philippe II (?), Lope de Vega, Baltasar Gracian, Quevedo de Villegas, Alarcon, Trillo y Figueroa, além-raia, e áquem-raia, Leitão de Andrada, Bacellar e Francisco Manuel de Mello reconheceram o seu alto merito e authenticaram-no citando, traduzindo e imitando os seus dizeres ». Alexis Collot de Jantillet, que foi secretario do desgraçado Infante D. Duarte, traz no seu livro intitulado *Horæ subcessivæ,* duas traducções em latim, verso por verso, d'este soneto.

14) Na *Poetica sylva,* manuscripto do seculo XVII,

vem traduzido a fl. 202: *Todo animal en calma sesteaba.*

15) Na *Poetica sylva,* fl. 197, vem em fórma de soneto: *Hermosa y gentil Nise cuando veo.*

16) Apparece ulteriormente nas *Flores do Lima,* de Diogo Bernardes.

17) Idem.

18) Evidentemente apocrypho, porque apparece no *Cancioneiro* de Resende, de 1516. (Vol. III, p. 608).

19) Apparece nas *Flores do Lima.*

20) Evidentemente apocrypho, porque vem no *Canc. geral,* t. III, p. 596.

1598

O livreiro Estevam Lopes começa o seu prologo ou advertencia á segunda edição das *Rimas:* «Depois de gastada a primeira impressão das *Rimas* d'este excellente poeta, determinando dallo segunda vez á estampa, procurei que os erros, que na outra por culpa dos originaes se cometteram, n'esta se emendassem... baste que emquanto pude o communiquei com pessoas que entendiam *conferindo varios originaes, e escolhendo d'entre elles* o que vinha mais proprio ao que o Poeta queria dizer», etc. E emquanto á parte inedita accrescentada: «*muitas poesias que o tempo gastára, cavei eu, apesar do esquecimento em que já estavam sepultadas, accrescentando* a esta segunda impressam *quasi outros tantos Sonetos, cinco Odes, alguns Tercetos e tres Cartas em prosa, que bem mostram não desmerecem o titulo de seu dono*». Diogo Bernardes conheceu o trabalho

d'esta nova collecção de ineditos, porque a acompanha com um encomio, segundo se usava. Eis os novos achados:

Sonetos: Amor he hum fogo que arde sem se vêr
Amor que o gesto humano n'alma escreve
(1) A perfeição, a graça, o doce gesto
Aquella féra humana que enriquece
Aquella que de pura castidade
Bem sei, amor, que he certo o que receo
Com grandes esperanças já cantei
Como quando do mar tempestuoso
Conversação domestica affeiçôa
Depois que quiz amor que eu passasse
Ditoso seja aquelle que sómente
Dos illustres antigos que deixaram
Em prisões baixas fui um tempo atado
Esforço grande, egual ao pensamento
Ferido e sem ter culpa parecia
Fiou-se o coração de muito isento
Foi já n'um tempo doce cousa amar
Illustre e digno ramo dos Menezes
Já a saudosa aurora destoucava
Leda serenidade deleitosa
Na metade do céo subido ardia
No mundo poucos annos e cansados
No mundo quiz um tempo que se achasse
No tempo que de amor viver solia
O culto divinal se celebrava
Ondados fios de ouro reluzente
Oh quam caro me custa o entender-te
O raio crystalino se estendia
Os vestidos Elisa revolvia
Pensamentos que agora novamente
Quando de minhas magoas a comprida

Que levas cruel morte? Hum claro dia
Que me quereis perpetuas saudades
Quem fosse acompanhando juntamente
Quem quizer vêr d'amor uma excellencia
Que poderei do mundo já querer
Se despois de esperança tão perdida
Se pena por amar-vos se merece
Se tomar minha pena em penitencia
Sospiros inflammados que cantaes
Verdade, amor, razão, merecimento
Vós, nymphas da gangetica espessura
Vós que de olhos suaves e serenos

ODES: Aquelle moço fero
Aquelle unico exemplo
A quem darão de Pindo as moradoras
Fogem as nuvens frias
Póde um desejo

TERCETOS: Despois que Magalhães teve tecido

REDONDILHAS: Amor, cuja previdencia
Coyfa de beirame
Esconjuro-te, Domingas
Menina formosa
Os bons vi sempre passar
Pequenos contentamentos
Perdigão perdeu a penna
Perguntaes-me quem me mata
Pois a tantas perdições
Posible es a mi cudado
Se alma vêr-se não póde
Se Helena apertar
Se me d'esta terra fôr
Sem olhos vi o mal claro
Sem ventura he por demais
Se n'alma e no pensamento
Tende-me mão n'elle
Venceu-me amor, não o nego

*

Verdes são as hortas
Verdes são os campos
Vosso bemquerer, senhora
CARTAS: Carta I, da India
Carta II (com a *Satyra do Torneio*)
Carta III (*Princepes de condição,* conforme a divide Juromenha)

1) Achado sob o nome de D. Manuel de Portugal e dedicado a D. Francisca de Aragão, em um ms. visto por Faria e Sousa.

1616

Em uma edição das *Rimas,* feita em 1607 á custa de Domingos Fernandes, por concessão da viuva de Estevam Lopes, vem o privilegio: «e porque o dito seu marido era fallecido, e ella ficára pobre e com cinco filhos, sem outro remedio mais que o meneo de seus livros, me pedia ouvesse por bem de lhe conceder privilegio para ninguem poder imprimir nem vender os ditos livros sem sua licença...» O privilegio fez com que Domingos Fernandes guardasse os ineditos que alcançára das *Rimas* de Camões para quando estivesse terminado. Annuncia esses ineditos: «E n'esta terceyra impressão *não accrescento as muitas obras suas que minha diligencia tem alcançado e junto dos mais certos originaes* nunca impressos; porque em a segunda parte d'estas *Rimas,* que fico preparando, sairão todas juntas em breve tempo». No prologo da edição das *Rimas,* de 1616, dirige-se Domingos Fernandes ao leitor: «na primeira parte das *Rimas* de Luiz de Camões prometti sa-

hir á luz cõ esta segunda parte que offereço, em que gastei sete annos em ajuntar estas *Rimas,* por estarem espalhadas em mãos de diversas pessoas, e ainda agora prometti para a segunda impressão, porque *da India me tem escrito que me mandarão muitas curiosidades, e n'este Reyno ei de aver outras mais, e d'esta maneira se ajuntou a primeira parte fazendo vir da India, e pedindo n'este Reino a senhores illustres, e outras varias pessoas curiosas;* etc.» Na dedicatoria a D. Rodrigo da Cunha, bispo de Portalegre, refere mais algumas particularidades sobre a proveniencia dos ineditos camonianos: «não se descuidou minha ventura em me offerecer esta occasião de andar juntando estas *Rimas,* e V. S. me fez mercê de *aver a maior parte certificado serem do Author, outras me deram varias pessoas...*» O bispo contribuiu pecuniariamente para esta edição, como confessa o livreiro: «em que me fez mercê de dar ajuda de custo para fazer esta impressão de mil e quinhentos (sc. exemplares)». O bispo D. Rodrigo da Cunha era conhecedor do estylo de Camões, e avaliou os ineditos colligidos por Domingos Fernandes; por indicação sua o livreiro declarou que o poemeto da *Creação do Homem* não pertencia a Camões, tendo-o encontrado nas mãos de muitos fidalgos. Este facto nos explica o modo como aconteceria colligir-se em nome de Camões muitas poesias anonymas do fim do seculo XVI, ou já em nome de Sá de Miranda, Bernardes, Falcão de Resende e outros.

SONETOS: A morte, que da vida o nó desata
Arvore, cujo pomo bello e brando

Cá n'esta Babylonia donde mana
Cantando estava hum dia bem seguro
Coitado que em algum tempo choro e rio
Correm turvas as aguas d'este rio
Depois que viu Sibelle o corpo humano
Desce do céo, immenso Deus benino
Diversos dões reparte o céo benino
Dôces aguas e claras do Mondego
Dos céos á terra desce a mór belleza
Erros meus, má fortuna, amor ardente
Eu cantei já e agora vou chorando
Julga-me a gente toda por perdido
Na desesperação já repousava
O céo, a terra, o vento socegado
O filho de Latona esclarecido
Ornou mui raro esforço ao grande Atlante
(1) Para se namorar do que formou
Por cima d'estas aguas forte e firme
(2) Por que a tamanhas penas se offerece
Por sua Nympha Cephalo deixava
Presença bella, angelica figura
Que modo tão sotil da natureza
(3) Se grande gloria me vem só de olhar-te
Seguia aquelle fogo que o guiava
Sempre a rasão vencida foi de amor
Senhora minha, se a fortuna imiga
Senhor Joam Lopes, o meu baixo estado
Sentindo-se tomada a bella esposa
Tal mostra de si dá vossa figura
Vós outros que buscaes repouso certo

ELEGIAS: (4) Duvidosa esperança, certo medo
Se obrigações de fama podem tanto
Se quando contemplamos as secretas

ODES: Já a calma nos deixou
N'aquelle tempo brando

CANÇÕES: Manda-me amor que cante docemente

Nem roxa flor de Abril
OITAVA: Sprito valoroso cujo estado
REDONDILHAS: Cinco gallinhas e meia
(5) Crecem, Camilla, os abrolhos
Deus te salve, Vasco amigo
Do la mi ventura
Dous tormentos vejo
Na fonte está Leonor
Não posso chegar ao cabo
Nos livros d'artes se trata
Olhai em que estão mil flores
Pastora da serra
Porque no miras, Giraldo
Que diabo ha tão danado
Quem se confia em meus olhos
Que vêr é que me contente
Sois formosa, tudo tendes
Vi chorar uns claros olhos
Vida da minha alma
Vossa senhoria crêa

1) Evidentemente apocrypho; publicado por André Falcão de Resende, em 1588, nos *Versos ás reliquias collocadas na egreja de S. Roque,* fl. 299.

2) Colligido em nome de Francisco Galvão, nos *Ineditos* de Caminha.

3) Em alguns ms. anda em nome de Sá de Miranda. D. Carolina Michaëlis, *Obras de Sá de Miranda,* n.º 187.

4) Publicado por Bernardes, nas *Flores do Lima,* Elegia III.

5) Attribuido em outro manuscripto a Jorge Fernandes, o Fradinho da Rainha (Frei Paulo da Cruz); tem por titulo *Miscellanea de Jorge Fernandes, Fradinho que chamão da Rainha.*

1645

Na edição das *Rimas* de 1616, promettera Domingos Fernandes novos ineditos, que ficava colligindo; a mesma promessa fez em 1621, anno em que finda a sua actividade; os ineditos porém não chegaram a apparecer pela sua diligencia. A Domingos Fernandes seguiu-se Paulo Craesbeck, obtendo ineditos de Camões de familias illustres. Na dedicatoria da edição das *Rimas* de 1645, declara a causa por que a offerece a D. João Rodrigues de Sá de Menezes, conde de Penaguião: «Sahe de novo a luz hũa Comedia sua nunca atégora impressa, por beneficio do Conde D. Francisco de Sá, pay de V. S. E assi em lh'a restituir a V. S. com a perfeição que posso, e em publicar a obrigação, procuro por mi, e pelos estudiosos mostrar-me agradecido».

A comedia *Delrey Seleuco,* nas *Rimas,* fl. 185 a 203 v.

1666

Nas *Rimas,* «*nesta nova impressam emendadas e* accrescentadas *pello* lecenciado Joam Franco Barreto», vem o Soneto:

Doce contentamento já passado.

1668

Na *Terceira parte das Rimas do princepe dos poetas portuguezes* Luiz de Camões, *tiradas de varios manuscriptos muitos da letra do mesmo Autor,* D. Antonio Al-

vares da Cunha logrou consultar collecções manuscriptas, algumas das quaes foram tambem examinadas por Faria e Sousa. Diz o erudito editor, referindo-se á decadencia litteraria depois da derrota de D. Sebastião: «Com este receo, os que depois manifestaram as suas *Rimas,* imprimirão só aquellas que mais facilmente puderam alcançar; e eu me persuado, que a alta providencia deixou estas para satisfazer o merecido a este tão insigne Autor, encobrindo-as com as trevas do esquecimento mais de cem annos, para que sahissem á luz entregues á protecção de V. A...» E na advertencia ao leitor: «Convido-vos n'este volume com os versos que ainda não vistes do nosso grande poeta Luiz de Camões, que os trabalhos dos estudos me trouxerão á mão, de varios manuscriptos, muitos da letra propria do Autor; pouco hey mister por vos fazer crer esta verdade, porque elles mesmos testemunham quem os fez...» E promette continuar a compilar mais ineditos camonianos: «esta offerta que vos faço, sirva de peita á vossa benegnidade, para outras que vos heide fazer». D'este corpo de ineditos diz Juromenha: «entre os quaes cincoenta e um (sonetos) que estavam no manuscripto de Manuel de Faria e Sousa; e como a edição de Faria se publicou posthuma (1685), vemos que Antonio Alvares da Cunha, que imprimiu a terceira parte das *Rimas* de Camões, se aproveitou da collecção do supra-mencionado commentador do poeta, ou extraiu as novas poesias que deu á luz de manuscriptos que corriam no seu tempo, e de que ambos tiveram conhecimento». (Jur., *Obras,* t. I, p. 429).

SONETOS: A chaga, que, senhora, me fizestes
A fermosura d'esta fresca serra
Ah fortuna cruel! ah duros fados
Ah minha Dinamene, assi deixaste
Ai imiga cruel, que apartamento
(1) Ala en Monte Rei en Bal de Leça
A la margen del Tajo en claro dia
(2) Ar que de meus suspiros vejo cheo
A violeta mais bella que amanhece
(3) Brandas aguas do Tejo que passando
Chorai, Nymphas, os fados poderosos
(4) Crescei, desejo meu, pois que a ventura
Criou a natureza damas bellas
De amor escrevo, de amor trato e vivo
De ca donde sómente o imaginar-vos
De hum tão felice engenho produzido
(5) De mil suspeitas vãs se me levantam
(6) De quantas graças tinha a natureza
Diana prateada, esclarecida
Diversos casos, varios pensamentos
Divina companhia que nos prados
Dizei, senhora, da belleza ideia
Doce sonho suave e soberano
El vaso relusiente y cristalino
En quanto Phebo os montes acendia
En una selva al despontar del dia
Esses cabellos louros e escolhidos
Este amor que vos tenho limpo e puro
Este terrestre caos com seus vapores
(7) Eu vivia de lagrimas isento
Fortuna em mim guardando seu direito
(8) He o gosado bem em agua escrito
(9) Horas breves do meu contentamento
(10) Hum firme coração posto em ventura
(11) Huma admiravel herva se conhece
Indo o triste pastor todo embebido

Já claro vejo o bem, já bem conheço
(12) Já do Mondego as aguas apparecem
Já não fere o amor com arco forte
Já não sinto, Senhora, os desenganos
(13) Las peñas retumbavan al gemido
Lembranças que lembraes o bem passado
Los ojos que con blando movimiento
Mil vezes determino não vos ver
Moradoras gentis e delicadas
(14) Na margem d'um ribeiro que fendia
Não ha louvor que arribe á menor parte
Não vas ao monte, Nise, com teu gado
Na ribeira de Euphrates assentado
N'um tão alto logar de tanto preço
No bastava que amor puro y ardiente
No regaço da mãe amor estava
(15) Novos casos de amor, novos enganos
(16) Nunca em amor danou o atrevimento
Olhos fermosos, em quem quiz natura
Oh rigorosa ausencia desejada
(17) Onde porei meus olhos que não veja
Orpheo enamorado que tañia
O tempo acaba o anno, o mez, a hora
Por gloria tuve un tiempo el ser perdido
(18) Porque me faz amor inda a ca torto
Posto me tem fortuna em tal estado
Pues lagrimas tratais, mis ojos tristes,
Quando a suprema dor muito me aperta
Quando cuido no tempo, que contente
Quando, senhora, quiz amor que amasse
Quando se vir com agua o fogo arder
(19) Quantas penas, amor, quantos cuidados
(20) Que doudo pensamento he o que sigo
Que esperais, esperança? desespero
Quem pudera julgar de vós, senhora
Quem presumir, senhora, de louvar-vos

Quem vos levou de mim, saudoso estado
Que pode já fazer minha ventura
Rebuelvo en la incesable fantasia
Se a fortuna inquieta e mal olhada
(21) Se alguma hora essa vista mais suave
Se com desprezos, Nympha, te parece
Se como em tudo o mais fostes perfeita
Se de vosso fermoso e lindo gesto
Sempre, cruel senhora, receei
Senhora já d'esta alma perdoai
Senhora minha, se eu de vós ausente
(22) Sospechas que en mi triste fantasia
Sustenta meu viver uma esperança
Tanto se foram, Nympha, costumando
Tornai essa brancura á alva açucena
Vencido está d'amor meu pensamento
Vós que escutais em rimas derramado

ELEGIAS: De peña en peña muevo las passadas
Foi-me alegre o viver, já me é pesado
Illustre e nobre Silva, descendido
Juizo extremo, horrifico e tremendo
La sierra fatigando de contino
Não me julgueis, senhora, o atrevimento
Não porque de algum bem tenha esperança
Nunca hum apetite mostra o dano
(23) Que tristes novas ou que novo dano
(24) Rei bem aventurado em quem parece
Saiam d'esta alma triste e magoada

CANÇÕES: (25) Oh penar venturoso
Por meio de umas serras mui fragosas
(26) Que é isto? sonho ou vejo a nympha pura
(27) Quem com solido intento

SEXTINAS: (28) A culpa de meu mal só tem meus olhos
(29) Oh triste, oh tenebroso, oh cruel dia
(30) Sempre me queixarei d'esta crueza

REDONDILHAS: A alma que está offerecida

Anna quizeste que fosse
Descalça vae para a fonte
(31) Esperei, já não espero
Ferro, fogo, frio e calma
Foi-se gastando a esperança
Ojos, ferido me haveis
Quem disser que a barca pende
Retrato, vós não sois meu
Sem vós e com meu cuidado
Vós sois uma dama

1) No *Texto das Rimas de Camões, e os Apocryphos,* D. Carolina Michaëlis considera este soneto gallego como não pertencendo a Camões. (*Rev. de Instrucção,* vol. II, p. 123).

2) Publicado desde 1597 nas *Flores do Lima,* de Diogo Bernardes.

3) Publicado nas *Flores do Lima.*

4) Desde 1629, na *Miscellanea,* de Miguel Leitão d'Andrada.

5) Vem nas *Flores do Lima.*

6) Na *Miscellanea,* de Miguel Leitão.

7) Nos differentes ms. attribuido a Diego de Mendoza, Fernan d'Acunha, e a Francisco Figueroa.

8) Com o nome do Marquez de Alemquer em um Cancioneiro ms. recopilado por Manuel de Faria. Ap. Gallardo, *Bibl. de Libros raros,* t. II, p. 994. — Impresso anonymo, na *Miscellanea,* de Miguel Leitão d'Andrada.

9) Publicado pela primeira vez com o nome de Camões, em Hespanha, em 1605 nas *Flores de Poetas ilustres,* fl. 129 v., de Pedro de Espinosa. Vem traduzido

em castelhano. Bernardes publicou-o como seu nas *Flores do Lima;* apparece em differentes manuscriptos sob o nome de Sá de Miranda, e do Infante D. Luiz. Os poetas do fim do seculo XVI glosaram-no, taes como Fernão Alvares d'Oriente, Balthazar Estaço, Falcão de Resende e Francisco Rodrigues Lobo, que conheceram os manuscriptos de Camões. Vid. sobre a extensão d'estas imitações *Circulo camoniano,* p. 22 e 200.

10) Publicado por Bernardes, nas *Flores do Lima.*

11) Publicado na *Miscellanea,* de Miguel Leitão, como anonymo.

12) Vem nas *Flores do Lima.*

13) Vem nas *Flores do Lima.*

14) Vem nas *Flores do Lima.*

15) Vem nas *Flores do Lima.*

16) Publicado como anonymo, na *Miscellanea,* de Miguel Leitão.

17) Incluido por Bernardes nas *Flores do Lima.*

17) Vem na *Sylvia de Lisardo,* de Frei Bernardo de Brito.

18) Sem fundamento attribuido a Camões. (*Rev. de Instrucção,* vol. II, p. 123).

19) Nas *Flores do Lima,* de Bernardes.

20) Nas *Flores do Lima.*

21) Publicado como anonymo, na *Miscellanea* de Miguel Leitão.

22) Vem nas obras de Garcilaso de la Vega, desde 1543, son. 30.

23) D. Carolina Michaëlis, *Rev. de Instrucção,* vol. II, p. 123, não a considera de Camões.

24) Vem nos *Poemas Lusitanos,* do dr. Antonio Ferreira, colligidos desde 1569.

25) Publicada como anonyma, na *Miscellanea* de Miguel Leitão.

26) Vem anonyma na *Miscellanea,* de Miguel Leitão.

27) Vem na *Miscellanea,* de Miguel Leitão.

28) Vinha nos manuscriptos como anonyma. (*Rev. de Instrucção,* vol. II, p. 123).

29) Idem.

30) Idem.

31) Publicada no *Cancioneiro geral,* de Garcia de Resende, de 1516.

1685

A edição posthuma das *Rimas* colligidas por Manuel de Faria e Sousa não abrangeu todos os ineditos accumulados pelo commentador de Camões. Já uma parte tinha sido anteriormente aproveitada por D. Antonio Alvares da Cunha; ainda nos seculos subsequentes, o padre Thomaz José de Aquino e o visconde de Juromenha encontraram bastantes composições ineditas. O texto organisado por Faria e Sousa é o que prevalece na litteratura, seguido inconscientemente por todos os editores das *Rimas* de Camões. Eis as composições ineditas d'esta edição:

Sonetos: (1) Acho-me da fortuna salteado
Agora toma a espada, agora a penna
Alegres campos, verdes, deleitosos

Nos braços de um Sylvano adormecido
(20) Oh arma unicamente só triumphante
(21) Oh cesse ya, Señor, tu dura mano
(22) Oh claras aguas deste blando rio
(23) Oh quanto melhor he o supremo dia
(24) Ondados fios d'ouro onde enlaçados
Onde acharei logar tão apartado
Onde mereci eu tal pensamento
(25) Os meus alegres, venturosos dias
(26) Os olhos onde o casto amor ardia
(27) Pois torna por seu Rey e juntamente
(28) Por que a terra no céo agasalhasse
Qual tem a borboleta por costume
(29) Quando os olhos emprego no passado
(30) Quanta incerta esperança, quanto engano
(31) Quanto tiempo ha que lloro un triste dia
Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento
(32) Que estila a arvore santa? Hum licor santo
Quem diz que amor é falso ou enganoso
Se dá celebre Laura a fermosura
Se em mim, oh alma, vive mais lembrança
(33) Se lagrimas choradas de verdade
(34) Se no que tenho dito vos offendo
(35) Si el fuego que me enciende consumido
(36) Sobre os rios do reino escuro, quando
(37) Tem feito os olhos n'este apartamento
Vi queixosos de amor mil namorados
Vós só podeis, sagrado Evangelista

ELEGIAS: A Aonia que de amor solto fugia
Ao pé de uma alta faia vi sentado
A vida me aborrece, a morte quero
Belisa, unico bem d'esta alma triste
Entre rusticas selvas e fragosas

CANÇÃO: A vida já passei assás contente

OITAVAS: (38) Ca nesta Babylonia adonde mana
(39) Despois que a clara aurora a noite

(40) De uma fermosa virgem desposada
(41) Senhora, se encobrir por alguma arte

A somma dos apocryphos augmenta consideravelmente na exploração dos manuscriptos do seculo XVII; Faria e Sousa acceitava tudo o que cheirava a Camões. São porém apreciabilissimas as variantes de muitas composições já impressas com o nome de outros poetas, o que revela que o *Parnaso* de Camões foi despedaçado, e que os fragmentos pararam em differentes mãos.

1) Em um ms. visto por Faria, vem attribuido a Martim de Crasto.

2) Attribuido a Soropita, na Collecção de Estevam Rodrigues de Castro (*Ineditos* de Caminha).

3) Em nome do Infante D. Luiz, em um ms. visto por Faria.

4) Attribuido a Martim de Crasto, em um ms. visto por Faria.

5) Em um ms. com o nome do Infante D. Luiz.

6) Vem nas *Flores do Lima*, de Diogo Bernardes.

7) Vem nas Obras de Sá de Miranda. Vid. Ed. Carolina Michaëlis, p. 187.

8) Faria e Sousa achou-o em alguns manuscriptos com o nome de D. Manuel de Portugal.

9) Attribuido ao Infante D. Luiz, em um ms. visto por Faria.

10) Em um ms. com o nome do Infante D. Luiz.

11) Attribuido ao marquez de Astorga, em um ms. visto por Faria.

12) Em um ms. com o nome do Infante D. Luiz.

13) Visto em um ms. com o nome de D. Manuel de Portugal, como confessa Faria e Sousa.

13) * Em nome do Infante D. Luiz, em um ms.

14) Em nome do Infante D. Luiz.

15) Vem nas *Flores do Lima,* de Diogo Bernardes.

16) Attribuido a Martim de Crasto, em um ms. de Faria e Sousa.

17) Em um ms. com o nome do Infante D. Luiz.

18) Attribuido a Ayres Pinhel, em um ms. visto por Faria e Sousa.

19) Anonymo, em um ms. visto por Faria.

20) Em nome do Infante D. Luiz, em um ms.

21) Attribuido a Simão da Silveira, em um ms. visto por Faria.

22) Com o nome de D. Manuel de Portugal, em um ms. visto por Faria.

23) Em nome do Infante D. Luiz, em um ms.

24) Acha-se impresso na collecção de Estevam Rodrigues de Castro.

25) Vem nas *Flores do Lima,* de Diogo Bernardes.

26) Vem nas *Flores do Lima.*

27) Nas *Flores do Lima.*

28) Em nome do Infante D. Luiz, em um ms.

29) Attribuido ao conde de Vimioso, em um ms. visto por Faria e Sousa. É traducção de Garcilaso; vem na *Miscellanea,* de Miguel Leitão, como alheio, com variantes.

30) Em nome do Infante D. Luiz, em um ms.

31) Com o nome de D. Manuel de Portugal, em um ms. visto por Faria.

*

32) Em nome do Infante D. Luiz, em um ms.

33) Vem nas *Flores do Lima*, de Diogo Bernardes.

34) Attribuido ao dr. Alvaro Vaz, em um ms. visto por Faria.

35) Com o nome de D. Manuel de Portugal, em um ms.

36) Em nome do Infante D. Luiz, em um ms.

37) Attribuido em varios ms. a Pedro da Cunha, e tambem a Luiz de Athayde.

38) Anonyma, em um ms. consultado por Faria.

39) Anonyma, em um ms. visto por Faria.

40) Publicada por Bernardes, nas *Rimas ao Bom Jesus*.

41) Anonyma, em um ms. consultado por Faria.

1720

Ácerca d'esta edição das *Rimas*, feita por José Lopes Ferreira, diz Innocencio no *Dicc. bibl.*, t. v, p. 258: « N'esta edição se ajuntaram... sonetos, que não andavam nas anteriores, sem que o editor comtudo quizesse declarar-nos d'onde os houvera, ou que segurança lhe affiançava a authenticidade d'elles ». O seu continuador Brito Aranha é mais categorico: « N'esta foram accrescentados trinta e oito sonetos, que não se encontram na edição commentada por Manuel de Faria e Sousa, que só colligiu duzentos e sessenta e quatro ». O simples confronto do numero dos Sonetos das duas edições de 1685 e 1720, é que fez suppôr o accrescentamento d'esses ineditos. Em um estudo publicado na *Revista* do

dr. Gröber, D. Carolina Michaëlis verificou serem esses trinta e oito Sonetos simplesmente variantes de outros já publicados em 1616, 1668 e 1685, variantes que se sommaram sobre o numero de Faria.

1779

O padre Thomaz José de Aquino, na sua edição critica das *Obras de Camões,* confessa que se aproveitou dos manuscriptos de Manuel de Faria e Sousa, que se guardavam no convento da Graça, em Lisboa: «parando pela desordem dos tempos... a impressão dos *Commentarios* de Faria na outava Ecloga de Luiz de Camões;. chegando aqui nos achámos embaraçados, e suspensos, sem ter um exemplar (tendo muitas e differentes edições) livre de erros, de que nos podessemos valer, e que nos servisse de norte na conferencia dos versos a que chamam menores, das Cartas, Comedias, etc., do Poeta, que ainda nos restavam. N'esta consternação e perplexidade, lembrando-nos de que na livraria do real convento de N. S. da Graça de Lisboa se conservavam os Originaes dos *Commentarios* do mesmo Manuel de Faria e Sousa, que em outro tempo, não sem consideravel emolumento nosso, haviamos tido por diversas vezes nas nossas mãos, procuramos... Fr. Vicente Barbosa... bibliothecario d'aquella insigne Bibliotheca, o qual... condescendendo com os nossos rogos, nos facilitou o extrahirmos huma cópia do que alli se achasse de mais, e podia contribuir para o complemento d'esta nossa edição; etc.» Reproduziu portanto mais

sete Eclogas, das quaes cinco já andavam publicadas no *Lima* de Bernardes, outra em nome de B. R. (Bernardo Rodrigues) nas Obras de Estevam Rodrigues de Castro, e a ultima inteiramente inedita com a rubrica: *Á morte de D. Catherina de Athayde, Dama da Rainha,* a qual no Cancioneiro ms. de Luiz Franco (fl. 287) tem uma rubrica similhante, e variantes fundamentaes. Eis os versos iniciaes das sete Eclogas attribuidas a Camões:

(1) Agora, Alcido, emquanto o nosso gado
(2) Agora já que o Tejo nos rodêa
De quanto alento e gosto me causava
(3) Depois que o leve barco ao duro remo
(4) Encheu do mar azul a branca praia
(5) Parece-me, pastor, se mal não vejo
(6) Pascei minhas ovelhas, eu emquanto

1) Desde 1596 publicada por Bernardes, no *Lima.*

2) Publicada com as iniciaes D. B. R. (*De Bernardo Rodrigues*) em 1623 na collecção de Estevam Rodrigues de Castro.

3 a 6) No *Lima,* de Diogo Bernardes desde 1596.

O problema das Eclogas de Bernardes publicadas por Faria e Sousa em nome de Camões não passou indifferentemente aos criticos do seculo passado. Em um folheto de 1784 ácerca da edição do padre Thomaz José de Aquino, com o titulo *Camões defendido; e o editor da Edição de 1779, e o censor d'este julgado sem paixão,* pelo oratoriano D. José Valerio da Cruz, vem estes justos reparos: «As difficuldades que vós não tocastes pertencem particularmente ás *Rimas* do Poeta, a que se

não estendeo a vossa censura;... A principal, e que eu desejava fosse copiosa e solidamente discutida por vós he: se erão bastante as provas, que Faria produziu, para que o Editor da novissima edição tirasse a Bernardes, e adjudicasse a Camões as cinco Eclogas, que n'ella lhe attribue, com grave injuria, não tanto do engenho, como da sinceridade e honra de Bernardes; e sem nenhum proveito de Camões, a quem não são necessarios mendigados adornos, ou violentos despojos para se ostentar o *Princepe dos Poetas do seu tempo.* — Se o estarem as ditas Eclogas no mesmo Ms. com algumas de Camões, havendo no mesmo (que constava de pouco mais de cem folhas) obras certamente de Bernardes, de Luiz de Castro, de Luiz Franco, de Garcilaso (sem fallar dos Sonetos, que ahi se attribuem ao duque de Aveiro, a Simão da Veiga e a D. Luiz de Athaíde) e não tendo alli nome de Author, dava direito para as attribuir a Camões, só por ter este no Ms. mais obras; ao mesmo tempo que se não queriam reconhecer por deste Poeta outras obras, que se achavam na mesma collecção sem nome de A., e sem que nunca fossem publicadas por outro?» O padre Thomaz José de Aquino, na réplica *Juizo do juizo imparcial,* mostra não comprehender o problema: «Que obrigação tinha eu de me intrometter na embrulhada de decidir se Bernardes furtou Eclogas a Camões...?»

1860

Na edição das *Obras de Luiz de Camões, precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns fa-*

ctos não conhecidos da sua vida, augmentadas com algumas composições ineditas do Poeta, (1860-1869) o visconde de Juromenha serviu-se de varios cancioneiros manuscriptos do seculo XVI e XVII. Entre essas fontes enumeramos em primeiro logar o Cancioneiro de Luiz Franco. Na Bibliotheca publica de Lisboa existe este ms. in-fl. de 260 fl. com o titulo: *Cancioneiro em que vão as obras dos melhores Poetas do meu tempo ainda não impressas, e trasladadas dos papeis dos mesmos que as compuzeram, começado na India a 15 de Janeiro de 1557 e acabado em Lisboa em 1589 por Luiz Franco Corrêa, companheiro em o Estado da India e muito amigo de Luiz de Camões.* Tem este ms. oitenta e oito Sonetos de Camões, alguns já publicados sobre outros manuscriptos desde 1595, mas ainda hoje importantes pelas variantes que offerecem. Encontram-se entre estes, mais quarenta e tres Sonetos, ineditos até á edição Juromenha de 1861, na qual foram publicados só trinta e quatro, apparecendo na edição de 1873 os nove Sonetos restantes. As investigações de Juromenha tinham começado pelo Cancioneiro ms. de D. Cecilia de Portugal; eis como descreve esta fonte dos outros ineditos a que deu publicidade: «O encontro casual de um pequeno manuscripto do seculo XVII, que pertenceu a D. Cecilia de Portugal, por ella escripto, e em bellos caracteres, encontrado no decurso das investigações que eu fazia para a biographia de Camões, me despertou a attenção e me fez pensar na possibilidade de se poderem ainda encontrar manuscriptas algumas obras poeticas do Vate portuguez». (Ed. Jur., t. II, p. XII). Eis a referencia a

um terceiro manuscripto explorado: «Outro manuscripto, que possuimos do seculo XVII, nos forneceu algumas poesias ineditas, e o poder completar algumas já impressas que não estão inteiras, e variantes, tornando-se entre estas notavel uma Elegia II. Este manuscripto, ou antes manuscriptos, porque são dous encadernados na mesma capa, e que infelizmente não estão completos por lhes faltar o principio e o fim, e deverem por isso ter-se perdido algumas poesias de Camões, comprehende a primeira parte, poesias de differentes auctores contemporaneos, Bernardes, Caminha, D. Manuel de Portugal, Jorge Fernandes, vulgo o Frade da Rainha (D. Catherina); e a segunda parte, que é em lettra differente, pertence exclusivamente a Francisco de Sá de Miranda, de quem traz algumas poesias ineditas». (*Ibid.*, t. II, p. XVI). Dos ineditos e autographos de Faria e Sousa depositados na livraria do Palacio das Necessidades, extrahiu tambem um grande numero de Redondilhas. Eis a série dos ineditos camonianos colligidos pelo visconde de Juromenha:

SONETOS: Al pie de una verde e alta enzina
Amor, amor, que fieres al coitado
Aquelles claros olhos que chorando
A romã populaça perguntava
A ti, senhor, a quem as sacras musas
Ausente d'essa vista pura e bella
Cançada e rouca voz porque balando
Com o generoso rostro alanceado
(1) Com o tempo o prado seco reverdece
Contas que traz amor com meus cuidados
D'amores de uma inclita donzella

De piedra, de metal, de cosa dura
De tantas perfeições a natureza
(2) Do corpo estava já quasi forçada
Do estan los claros ojos que colgada
Em hum batel que com doce meneio
Fermosa mão, que o coração me aperta
(3) Fermoso Tejo meu, quão differente
Gostos falsos de amor, gostos fingidos
Já tempo foi que meus olhos fazião
Lembranças tristes p'ra que gastais tempo
Los que bivis subjectos a la estrella
Memoria do meu bem cortado em flor
Memorias offendidas, que um só dia
Mil vezes se moveu meu pensamento
O capitão romano esclarecido
O dia, em que naci, morra e pereça
O dia, hora, ou o ultimo momento
Oh fortuna cruel, oh dura sorte
(4) Oh gloriosa cruz, oh victoriosa
Ondas, que por el mundo camiñando
O tempo está vingado á custa minha
Perder-me assim em vosso esquecimento
Quando descansareis, olhos cansados,
Quando do raro esforço que mostravas
Quão bem aventurado me achara
(5) Quão cedo te roubou a morte dura
(6) Que fiz, amor, que tão mal me tratas
Quem busca no amor contentamento
Saudades me atormentam tão cruelmente
Se a ninguem trataes com desamor
Se ao que te quero desses tanta fé
Se para mim tivera que algum dia
Senhora minha, se de pura inveja,
Si el triste corazon que siempre llora
Sobre un olmo que el cielo parecia
Todas as almas tristes se mostravam

Transumpto sou, senhora, n'este engano
Tu que descanso buscas com cuidado
Ventana venturosa do amanesce.
CANÇÕES: Bem aventurado aquelle que ausente
Crecendo vae meu mal d'ora em ora
Manda-me amor que cante docemente
Porque vossa belleza assi se vença.
SEXTINA: Quanto tempo ter possa, amor, de vida.
ODES: Fora conveniente
Tão crua nympha, nem tão fugitiva
OITAVAS: Duro fado, duro amor, nunqua cuidado
ECLOGA: (7) Na ribeira do Tejo ha uma arêa
ELEGIAS: Divino, almo pastor, Delio dourado,
Eu só perdi o verdadeiro amigo
Ganhei, senhora, tanto em querer-vos
(8) Quando os passados bens me representa
Quem poderá passar tão triste vida.
REDONDILHAS: Afuera, consejos vanos
Amor que viu minha dor
(9) Ay de mim,
Ay de mim, mas de vós ay
Carta minha tão ditosa
Como quer que tendes vida
De vós quererdes meu mal
(10) Em tudo vejo mudanças
Esperanças mal tomadas
Guardae-me esses olhos bellos
(11) Lagrimas dirão por mim
Lume d'esta vida
Mandaste-me pedir novas
Nasce estrella d'alva
(12) No meu peito o meu desejo
No monte do amor andei
(13) Olvidé y avorreci
Oh meus altos pensamentos
(14) Ora cuidar me assegura

Para evitar dias máos
Peço-vos que me digaes
Pois que, senhora, folgaes
(15) Por uns olhos que fugiram
Por usar costume antigo
(16) Prazeres que me quereis
Que vistes olhos meus
Senhora minha, quando imagino
(17) Se espero, sei que me engano
(18) Tal estoy despues que os vi

CARTAS: Fragmento (VI)
Fragmento (VII)

POEMA: Traducção e commentarios dos *Triumphos* de Petrarcha

1) Vem nas *Poesias*, de Balthazar Estaço, de 1604.

2) Vem em nome de Estevam Rodrigues de Castro, na collecção publicada por seu filho.

3) Faria e Sousa encontrou-o em nome de Estevam Rodrigues de Castro em um manuscripto. Na *Phenix renascida* vem attribuido a Rodrigues Lobo.

4) Em nome de Francisco Galvão; nos *Ineditos* de A. L. Caminha; em nome de Camões no Cancioneiro de Luiz Franco.

5) Idem.

6) Achado por Faria e Sousa com o nome do duque de Aveiro; attribuido a Camões, no Canc. de Luiz Franco.

7) Vem em nome de Bernardo Rodrigues na collecção de Estevam Rodrigues de Castro.

8) Vem em nome de Soropita, na collecção de Estevam Rodrigues de Castro, de 1623.

9) Em nome de D. Manuel de Portugal, no ms. de Faria, e de Juromenha.

10) Vem nas *Flores do Lima*; tirada para a edição de Camões dos manuscriptos de Faria e Sousa.

11) Idem.

12) Idem.

13) Vem no Cancioneiro de Najera (1554) a fl. 126; e Canc. ms. d'Oxford, fl. 100.

14) Vem nas *Flores do Lima,* de Bernardes; extrahida dos manuscriptos de Faria e Sousa.

15) Idem.

16) Idem.

17) Idem.

18) Idem.

1873

Na edição das Obras completas de Camões organida para a *Bibliotheca da Actualidade,* e sobre que trabalhou o traductor allemão o dr. Wilhelm Storck, publicamos sete Sonetos ineditos de Camões extrahidos do Cancioneiro de Luiz Franco, e uma Oitava:

Sonetos: Angelica la bella despreciando
(1) Amor bravo e rasão dentro em meu peito
La letra, que s'el nombre en que me fundo
Luiza, son tan rubios tus cabellos
Queimado sejas tu e teus enganos
Senhora, quem a tanto se atreve
Se, senhora Lurina, algum começo
Oitava: Quem ousará soltar seu baixo canto

1) Vem nas Obras de Sá de Miranda, desde 1595.

1880

Na traducção allemã dos Sonetos pelo dr. Storck, vem mais dous ineditos extrahidos do Cancioneiro de Luiz Franco:

SONETOS: Dexadme cantinelas dulces mias
Tristezas, com passar tristes gemidos.

1880

Edição das obras lyricas de Camões com o titulo de *Parnaso*, publicada no Porto. Da novella *La historia de Rosian de Castilla*, impressa em Lisboa por Marcos Borges em 1586, exemplar que pertence á Bibliotheca da Academia das Sciencias, vem um appenso manuscripto com muitas poesias, algumas de Camões, como este soneto: *Que doudo pensamento é o que sigo* (fl. 83 v.) com variantes, e o outro: *En una selva al parecer del dia* (fl. 70 v.) glosado em Canção. N'esta persuasão aproveitámos numerosas composições, que a critica tem de apurar para a classe dos apocryphos:

SONETOS: (1) Argos quisiera ser para miraros
Ay dios, si yo cegara antes que os viera
Damas as que inventais por ser galantes
Del hondo valle del tormento mio
De reluzientes armas la hermosa
Donde achastes, senhora, esse ouro fino
Em calma estar, contra o tormento armar-me
En la escuela a do amor es presidente
Entre as nuvens se esconde o pensamento

(2) Ero, de una alta torre do mirava
Es lo blanco castissima pureza
Esses olhos, senhora, onde descança
Fermosa Catherina que dominas
Fermosa deshumana, crua e forte
Huma fineza grande, hum lance bravo
(3) Ir y quedar, y con quedar partirse
(4) Mi alma y tu beldad se desposaron
(5) Quando da vossa vista me apartava
Quanto por muitos dias fui colhendo
Que es esto, dios de amor, que ya no vales
Quem diz que os periquitos e toucados
(6) Que hazes hombre! Estoy me callentando
Senhora minha, inda que ausente esteja
Señor, no se despacha pertendiente
(7) Si mil vidas tuviera que entregaros
CANÇÃO: Gloria tão merecida
OITAVAS: Divinos ojos de cuyo ser nos muestra
Verdugo de mi alma es la memoria
FABULA (*de Narciso*):
(8) Bellissima Isabel cuya hermosura
REDONDILHAS: Amais a quem vos não quer
Amor, temor e cuydado
Conhecida de todos por fermosa
Dar-vos quiz a natureza
Fructo que aves não puderam
Ingrato amor que ordena
Meu bem, não vos apresseis
Mi alma teneysla bos
Não vejo meu bem presente
Passa balando el ben
Porque no os canse una vida
Say ó mar e deitei

1) No ms. vem em nome de Valentim da Silva.

2) Vem no *Cancionero general,* fl. 400 v., e na segunda parte da *Diana,* com a rubrica *Soneto viejo.*

3) Na *Poetica sylva,* fl. 194, ms. do seculo XVII, da Bibl. Campomanes, vem este soneto como anonymo. Tambem se attribue a Lope de Vega, *Circulo camoniano,* p. 31.

4) Já encontrado em um ms. com o nome de Ayres Pinhel, por Faria e Sousa, que o attribuira a Camões.

5) Vem em nome de Martim de Crasto.

6) Vem em nome de Jorge de Monte-mór, no seu *Cancioneiro,* fl. 169, ed. 1588.

7) Publicado na *Miscellanea,* de Miguel Leitão, em 1629.

8) Traduzida de Ovidio, por Cristobal de Mesa, como se provou na analyse do *Circulo camoniano,* p. 105.

No seu estudo sobre o *Texto das Rimas de Camões,* D. Carolina Michaëlis conclue em relação a esta collecção: «são apocryphas e anonymas todas aquellas poesias, ditas ineditas, que se publicaram no *Parnaso* de 1880». (*Rev. de Instrucção,* vol. II, p. 123).

1890

No *Circulo camoniano* vem a descripção de um manuscripto de Poesias portuguezas, comprado na Hollanda, no qual se acham ineditos camonianos (*Circulo,* p. 137); o snr. Annibal Fernandes Thomaz ahi publicou as seguintes composições (p. 133 e 134):

SONETO: Olhos de cristal puro, que chorando
CANÇÃO: Não de côres fingidas.

§. II. Manuscriptos camonianos (Apographos e Plagios)

Não existe manuscripto algum directamente produzido por Camões; os seus amigos, como Luiz Franco Corrêa, Antonio de Abreu, Manuel Godinho, Bernardo Rodrigues, por alcunha o Môcho, e porventura o chronista Diogo do Couto, copiavam os seus versos, e formavam cancioneiros das obras do *princepe dos poetas do seu tempo*, como ainda em vida de Camões o proclamaram. Alguns d'esses manuscriptos foram explorados em parte pelos livreiros do seculo XVI, nas primeiras edições das *Rimas*, e outros apographos passaram a copias secundarias, dando-se n'estes successivos traslados a circumstancia de certos poetas se apoderarem do que pertencia propriamente a Camões, ou de incluirem sob o nome de Camões poesias alheias e ás vezes já impressas pelos proprios auctores. Os editores do seculo XVII, como Faria e Sousa e D. Antonio Alvares da Cunha, não indicavam a proveniencia dos ineditos que publicavam, para se conhecer as condições da sua authenticidade; alguns eruditos, como o bispo D. Rodrigo da Cunha, ou o conde de Penaguião D. Francisco de Sá de Menezes, pelo facto da offerta dos manuscriptos que guardavam com esmero, authenticaram-lhes a proveniencia indiscutivel. Tentemos uma rapida descripção d'esses manuscriptos, alguns dos quaes chegaram inexplorados até ao nosso tempo. Um dos mais apreciaveis, actualmente perdido, é o *Cancioneiro do padre Pedro Ribeiro*, formado em 1577, no qual estavam transcriptas poesias ineditas de Camões; pertencia á livraria do Cardeal Sousa, e d'elle tirou Bar-

bosa Machado muitas referencias a poetas quinhentistas catalogados na sua *Bibliotheca lusitana.* Por todas essas referencias poder-se-ia reconstruir aproximadamente a lista dos poetas do Cancioneiro do padre Pedro Ribeiro.

Faria e Sousa cita um outro manuscripto com poesias de Camões: « *casi todo de obras suyas, aunque notablemente viciadas dos copiadores* ». N'este manuscripto encontrou Faria e Sousa as Eclogas, que já estavam publicadas no *Lima,* por Diogo Bernardes, e que o padre Thomaz José de Aquino ajuntou á sua edição das obras de Camões. Além d'este manuscripto, encontrou Faria e Sousa em Escalona mais uma collecção com ineditos de Camões: « *Contenia primero un Sermon portuguez, luego la Descripcion que el Doctor Juan de Barros hizo de la Comarca de Entre Duero y Miño, y despues varias Poesias, las mas dellas malas, y algunas en castellano. Todo escrito de una misma letra, y al fin de la Descripcion esto: Acabouse de trasladar a 29 de Julho de 1593 em Evora, por Francisco Alvares, de alcunha o Socio, por uma copia de Manuel Godinho, que diz a tirou do proprio original, anno 1562. Se aqui ouver erros eu o trasladey assi como estava, porque o Godinho não sabia Latim* ». N'este manuscripto se encontrava a *Fabula de Narciso,* que pertence ao numero d'aquellas traducções de Camões, a que allude Severim de Faria: « Outras traducções fez tambem em verso, como foi a *Elegia da Paixão*, de Sanazaro, o Psalmo *Super flumina Babylonis,* a *Fabula de Biblis,* e a *de Narciso* e outras ».

Na livraria do conde de Vimieiro, examinada em

1724 pelo conde da Ericeira, sabe-se por conta dada á Academia de Historia, que ali se guardava um manuscripto com o titulo: «*Obras de varios Poetas portuguezes, em que entram 268 Sonetos de que a maior parte são de Luiz de Camões; alguns não andam impressos, e tem diversas lições e declaram o assumpto*». Na época em que o conde examinou este manuscripto, tinham-se feito edições das obras de Camões pelo livreiro Manuel Lopes Ferreira, e por Ignacio Garcez Ferreira, mas predominava uma extraordinaria falta de critica. Na mesma livraria guardava-se este outro manuscripto: «*Obras varias, que não só contém muitos versos, discursos e Cartas, em que entram muitas de Luiz de Camões, e todas as do celebrado Fernão Cardoso*». No seculo XVIII houve uma triste inintelligencia da obra de Camões, como se póde vêr pelas criticas de José de Macedo, Luiz Antonio Verney e padre José Agostinho, e por isso não admira que estas fontes não fossem exploradas e se perdessem.

Antonio Lourenço Caminha, que publicou sem a minima critica alguns ineditos quinhentistas, possuia uma cópia de um manuscripto com o titulo: «*Obras de Luiz de Camões e de Antonio de Abreu, seu amigo e companheiro no Oriente, descobertas em uma cidade da contra costa asiatica, escriptas em papel asiatico,* 4.°». D'esta collecção apenas publicou as poucas poesias de Antonio de Abreu, no fim das quaes poz esta nota: «*O resto está em o Manuscripto de Camões e de Antonio de Abreu*». Ficou tambem inedita esta parte, e lamentavelmente perdida. A importancia de todos estes manuscriptos, se

podessem ser confrontados, consistiria principalmente em comprovar as poesias que eram mais frequentemente attribuidas a Camões, em colligir as variantes, e sobretudo as declarações ou rubricas explicativas, que muitas vezes encerravam dados biographicos do Poeta.

No decurso dos seus trabalhos para a edição das Obras completas de Camões, descobriu o visconde de Juromenha desconhecidos ineditos não só nos Commentos ás *Rimas* por Faria e Sousa, que estavam na livraria das Necessidades, como em um manuscripto de lettra de D. Cecilia de Portugal casada com o auctor da *Arte de Galanteria*, e em mais dois fragmentos formando um volume de Poesias do seculo XVI, em que a par de Sá de Miranda, Jorge Fernandes, Caminha e Bernardes, se encontravam ineditos de Camões. Eis como descreve este ultimo manuscripto: «*Outro ms. que possuimos do sec. XVII nos forneceu algumas poesias ineditas e o poder completar algumas já impressas que não estão inteiras, e variantes, tornando-se entre estas notavel uma á Elegia II.* Este manuscripto, ou antes manuscriptos, porque são dois encadernados na mesma capa, e que infelizmente não estão completos por lhe faltar o principio e o fim, e deverem por isso ter-se perdido algumas poesias de Camões, comprehende, a primeira parte poesias de differentes auctores contemporaneos, Bernardes, Caminha, D. Manuel de Portugal, Jorge Fernandes, vulgo o Frade da Rainha (D. Catherina), e a segunda parte, que é em lettra differente, pertence quasi exclusivamente a Francisco de Sá de Miranda, de quem traz algumas poesias ineditas». Transcrevemos aqui a

parte do indice relativa ás poesias de Camões, para se vêr a importancia das notas marginaes:

Fl. 1. *Pois senhora me chamais.* Mote de Camões.
» *Dessa doença em que ardeis.* A hũa senhora doente. M. C. (Mote do Camões).
» *Vós, senhora, tudo tendes.* V. do C. (Voltas do Camões).
Fl. 1 v. *Senhora, se eu alcançasse.* O Camois a hũa senhora que lhe mandoũ pedir hũas trovas.
» *Quem olhar pera esses olhos.* Mote; V. do C. (Voltas do Camois).
» *Falso cavaleiro ingrato.* Mote.
Fl. 2. *Verdes são as ortas.* Cantigua; Voltas do C.
Fl. 2 v. *Verdes são os campos.* Cantigua; Voltas do Camois.
» *Venceu-me Amor, não o nego.* Mote do Camois.
Fl. 7 v. *Com força desusada.* Cançam. De Camoens impressa.
Fl. 8 v. *Ferido e sem ter cura parecia.* Soneto do Cam.
Fl. 10. *Sem vós e com meu cuidado.* Mote do Camois. Glosa.
Fl. 13. *Manda-me Amor que cante docemente.* Cançam do Camois. Mui diversa da que anda impressa.
Fl. 14 v. *Se este meu pensamento.* Outro do mesmo. Impresso com diversidade.
Fl. 16. *O foguo que na branda cera ardia.* Soneto de Luis de Camoes a hũa senhora que por desastre se ateou o foguo de hũa vella a sua face ou testa.
» *Fermosa fera humana.* Oda do Camoes. Com pouca differença da que anda impressa.
Fl. 17. *Quando me quer enganar.* De L. de Camoes a hum juramento que lhe fazia sua dama que entendia que era falso.
» *Deu senhora por sentença.* A hũa senhora doente. Do mesmo. V. do Cam.
Fl. 17 v. *Aquella cujo peito em flamma ardido.* Elegia do Cam. a hum seu amiguo. Muito mais acrecentada; differente da que anda impressa.

Fl. 20. *O sulmonense Ovidio desterrado.* Outra elegia do mesmo. Impressa.

Fl. 21 v. *Aquelle mover d'olhos excellente.* Outra elegia ou cap.º (capitulo) do mesmo.

Fl. 22 v. *Partir não me atrevo.* Cantigua; V. do Cam. (Volta do Camões).

Fl. 23. *Saudade minha.* Outra do mesmo.

» *Dama de illustre valor.* Trovas do Cam.

Fl. 24. *Minina fermosa e crua.* O Camois a hũa senhora com quem quisera andar d'amores se não fora afeiçoada a outro.

» *Amores de uma casada.* Cantigua; V. do Cam.

Fl. 24 v. *Quem no mundo quizer ser.* O Camoes a hum fidalguo na India que lhe tinha promettido hũa camiza de Portugual.

» *Se não quereis padecer.* Deu o Camois hum convite na India a hums homens fidalgos em hũa casa mui bem concertada, e cuidando eles que avia de ser verdadeiro accudiu-lhe com trovas entre pratos por iguarias e foi posto ao primeiro a D. Vasco de Attaide e descobrindo dezia a trova: *Se,* etc.

Fl. 25 v. *Quem pode ser no mundo tam quieto.* Epistola de Camoes a hum amiguo. Impressa.

Fl. 28. *Pode um desejo intenso.* Oda a D. Frc.ª d'Aragão, do Camois.

Fl. 28 v. *A quem darão do Pindo as moradoras.* Oda a D. Ml. Portugal. Cam. Impressa.

Fl. 30. *Aquelle unico exemplo.* Ao Conde do Redondo Visorei sobre o livro que compos o Doutor Orta de simplicibus. Oda, impressa.

Fl. 30 v. *Aquelle moço fero.* Impressa.

Fl. 35. *Mil vezes se moveu meu pensamento.* Soneto (anonymo).

» *Oras breves de meu contentamento.* (Anonymo).

Fl. 41 v. *Num bosque que das ninfas se habitava.* Soneto (anonymo).

Fl. 41. v. *Sete anos de pastor Jacob servia.* Soneto de Luis de Camois.
Fl. 43. *Mil vezes entre sueños tu figura.* Soneto (anonymo).
Fl. 44 v. *Para se namorar do que formou.* Soneto a nossa senhora (anonymo).
Fl. 45. *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.* Soneto (anonymo).
» *Quando me quer enganar.* A um juramento que lhe fazia sua dama, entendendo que era falso.
Fl. 49. *Se lagrimas choradas de verdade.* Soneto de Luis de Camois.
Fl. 54. *Alem de sempre sofrer.* Glosa de: Triste vida se me ordena.
Fl. 73 v. *Ana quizestes que fosse.* Motes feitos pello A B C com historias antigas, que fez Luis de Camois a hũa sua dama.
Fl. 75 v. *Em prisões baixas fui um tempo atado.* Trovas que fez um preso, dizendo o mal que fizera e lamentando fortuna e tempo. (Anonymo).
» *O tempo está vingado á custa minha.* (Anonymo).
» *Coitado que em um tempo choro e rio.* (Anonymo).
Fl. 76. *Tristezas com passar tristes gemidos.* (Anonymo).
Fl. 77. *Pois que, senhora, folgais.* Novas que um galante mandou a hũa sua dama que já tinha della o que queria e ella lhe mandou dizer que se esquecesse do passado. Responde e diz. (Anonymo).
Fl. 78. *Novos casos de amor, novos enganos.* (Anonymo).
Fl. 79 v. *Esta vai com a candeia na mão.* Carta de L. de Camois a hum amiguo.
Fl. 90 v. *A morte pois que são vosso.* Vilancete (Anonymo).
Fl. 91. *Olhai que dura sentença.* Carta a hũa senhora estando mal desposto. D. L. de Camois.
Fl. 91 v. *Apartava-se Nise de Montano.* Alguns sonetos de Luis de Camões. Soneto.
» *O raio cristalino se estendia.* Soneto (anonymo).
Fl. 94 v. *Se Ilena apartar.* Mote de Camoes.

Fl. 94. v. *Quem olhar para esses olhos.* V. do Cam. (Volta do Camões).
» *Falso cavalleiro ingrato.* Mote do Cam.
Fl. 101. *Os vestidos Eliza revolvia.* Soneto a Rainha Dido (anonymo).
» *Esta-se a primavera trasladando.* Outro de Camoes.
» *Está Tantalo no inferno sequioso.* Outro.
» *Ferido e sem ter cura perecia.* Outro do Camoes.
Fl. 102. *Porque quereis, senhora, que offereça.* Outro do mesmo.
Fl. 102 v. *As instabilidades da fortuna.* Cançam de Camões.
Fl. 104 v. *Vinde cá, meu tão certo secretario.* Outra do mesmo.
Fl. 107. *Olvidé y avorresci.* O Camoes de repente a este verso.
Fl. 107 v. *Para evitar dias máos.* A hũas senhoras que joguando perto de hũa janella lhe caíu tres paos e derão na cabeça de Camoes.
» *Sem olhos vi o mal claro.* A hũa senhora que lhe chamou Cara sem olhos.
» *Vos teneis mi coraçon.* (Anonyma).
Fl. 108. *Horas breves de meu contentamento.* (Anonymo).
Fl. 111 v. *Não vos faço, senhora, esta lembrança.* Elegia de Dioguo Bernardes. — Impressa por de Camoens com muita diversidade e o estillo he mais delle que de Bernardes.
Fl. 118 v. *Incertas esperanças, certos medos.* Elegia de D. B. (Diogo Bernardes). De Camoens. Impressa muito differente.
Fl. 122. *Hum firme coração posto em ventura.* Soneto do mesmo (Bernardes). De Camoens.
Fl. 123 v. *Amor que vio minha dor.* Carta de Luis de Cam.
Fl. 125. *Carta minha tam ditosa.* Carta (anonyma).
Fl. 126. *Muito alto rei a quem os céos em sorte.* Outavas de L. de Camois a seta que o papa mandou a ElRei Dom Sebastião.
Fl. 127 v. *Quando minha liberdade.* Mote (anonymo).

Fim do primeiro Manuscrito que bem se vê está falto assim como no principio.

O principal monumento manuscripto, que enriqueceu a edição-Juromenha foi o Cancioneiro de Luiz Franco Corrêa, um volume de 296 folhas comprado por Balsemão por 48$000 reis, para a Bibliotheca publica de Lisboa; traz este titulo em uma portada desenhada á penna: «*Cancioneiro em que vão as obras dos melhores Poetas do meu tempo ainda não impressas, e trasladadas dos papeis dos mesmos que as compozeram: começado na India a 15 de janeiro de 1557 e acabado em Lisboa em 1589, por Luiz Franco Corrêa, companheiro em o Estado da India e muito amigo de Luiz de Camões*». Luiz Franco era tambem poeta, e acompanhou com encomios em verso a edição das *Rimas* de 1595; é natural que só tivesse conhecimento da collecção das *Rimas* depois de estarem impressas, porque os muitos ineditos que possuia só apparecem na edição de 1598 com *variantes*. O possuidor do Cancioneiro manuscripto de Luiz Franco fez sempre o confronto dos sonetos de Camões com o texto de 1598 e com o de 1668. Eis a série das composições do poeta, contidas n'esse inapreciavel codice, com as notas marginaes:

Fl. 7 v. *Quando o sol encuberto vae mostrando* (34, poca mudança).
» *Busque Amor novas artes, novo engenho* (15, poca mudança).
Fl. 8. *Se tomar minha pena em penitencia* (94, poca mud.).
» *Passo por meus trabalhos tão isento* (11, poca mud.).
» *Quem pode livre ser, gentil senhora* (60, mudado).
Fl. 8 v. *Mostrando o tempo estas variedades* (57, M. M. os dois primeiros versos são mudados).
» *Alma minha gentil, que te partiste* (19, mudado poco).

Fl. 9. *Alegres campos verdes arvoredos* (40, mudado poco).
» *Esta-se a primavera trasladando* (28, mudado poco).
Fl. 41. *Tornou-me vossa vista soberana* (36, mudado).
Fl. 41 v. *Se tanta pena tenho merecida* (33, M. poco).
» *Quando da bella vista e doce riso* (17, mudado muito).
Fl. 42. *Se as penas que por vós, donzella ingrata* (58, m. muito).
» *Na metade do céo subido ardia* (70, m. mudado).
Fl. 42 v. *Quando vejo que meu destino ordena* (51, m. mudado).
» *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades* (57, m. muito, está tambem fl. 8).
Fl. 43. *Foi já n'hum tempo doce cousa amar* (85, m. poco).
» *Eu vivia de lagrimas isento* (278, m. poco).
Fl. 43 v. *Doces lembranças da passada gloria* (18, m. poco).
» *Quem vê, senhora, claro e manifesto* (16, m. poco).
Fl. 44. *Eu cantarei d'amor tão docemente* (2, m. muito).
Fl. 44 v. *Dece dos altos céos, deus benino* (98, m. muito).
» *Para que quereis, senhora, que padeça* (32, m. poco).
Fl. 49. *Dizei, senhora, da belleza ideia* (281, m. m.).
» *Grande tempo ha que soube da ventura* (46).
Fl. 50. *Esclarecidos olhos em que a natura* (38, está todo mudado).
Fl. 59 v. *Vós que dos olhos suaves e serenos* (91, m. p.).
» *Bem sei, amor, que é certo o que receio* (79, m. p.).
Fl. 60. *Conversação domestica affeiçoa* (87, m. p.).
» *Quantas vezes do fuso se esquecia* (41, m. p.).
Fl. 60 v. *Que poderei no mundo já querer* (92, m. p.).
» *Quem fosse acompanhando juntamente* (76, m. p.).
Fl. 69 v. *Ah, minha Dinamene, assi deixaste* (170, m. m.).
» *Em prisões baixas fui um tempo atado* (5, está como o impresso).
Fl. 70. *Oh como se me alarga d'anno em anno* (48, está como no impresso).
» *Que me quereis, perpetuas saudades* (200, está como no impresso).

Fl. 105 v. *Tanto do meu sêr me acho incerto* (Camões, D. M.).
Fl. 109 v. *Imagens novas imprime a phantesia* (231, m.).
Fl. 120. *Claras e doces aguas do Mondego* (133, está muito mudado).
Fl. 121. *Emquanto quiz fortuna que tivesse* (1.°).
» *Apollo e as nove Musas descantando* (51).
Fl. 121 v. *Eu cantarei de amor tão docemente* (2, anda duas vezes com differença).
» *O culto divinal se celebrava* (77).
Fl. 122. *Diana prateada esclarecida* (d'este não soube Faria).
Fl. 122 v. *O cysne quando sente ser chegada* (43, m.).
Fl. 123. *Porque quereis, senhora, que padeça* (32, duas vezes).
» *Quando da bella vista e doce riso* (17, m.).
Fl. 123 v. *Pede o desejo, dama, que vos veja* (31).
» *Se tanta pena tenho merecida* (33).
Fl. 124. *Se as penas com que Amor tam mal me trata* (58, m.).
» *Esta-se a primavera trasladando* (28).
Fl. 124 v. *Transforma-se o amador na cousa amada* (10).
» *Ferido e sem ter culpa perecia* (6, D. M.).
Fl. 125. *Lindo e subtil trançado que ficaste* (42, m.).
» *Todo o animal da calma repousava* (14, m.).
Fl. 125 v. *Já a saudosa aurora destoucava* (71, m.).
» *Tomava Daliana por vingança* (45, m.).
Fl. 126. *Senhora, se de vosso lindo gesto* (293, não soube Faria d'este).
» *N'um bosque que das Nymphas se habitava* (20).
Fl. 126 v. *Nayades, vós que os rios habitaes* (56, m.).
» *Amor com a esperança já perdida* (50).
Fl. 127. *Resão he já que minha confiança* (49, m. m.).
» *Lembrança, saudades que cuidaes* (52, m.).
Fl. 127 v. *Suspiros inflammados que cantais* (73).
» *Se depois da esperança tão perdida* (98, m.).
Fl. 128. *Cara minha inimiga em cuja mão* (23, m. m.).
Fl. 130. *Lembranças saudosas, se cuidaes* (52, 2 v.).

Fl. 130. *Suspiros inflammados que cantaes* (73, 2 v.).
Fl. 130 v. *Se depois da esperança tão perdida* (98, 2 v.).
» *Pensamentos que agora novamente* (93, m.).
Fl. 131. *Sempre a rasão vencida foi de amor* (149).
» *Grande tempo ha que eu soube da ventura* (46, 2 v.).
Fl. 131 v. *Tanto do meu estado me acho incerto* (9).
» *Ditoso seja aquelle que somente* (75, m.).
Fl. 132. *Oh quam caro me custa o entender-te* (97).
Fl. 139 v. *Quem quizer d'Amor vêr uma excellencia.*
Fl. 140. *Que levas, oh crua morte? Um claro dia.*
Fl. 165. *D'amor escrevo, d'amor trato e vivo.*
Fl. 200 v. *Que poderei do mundo já querer* (92).
» *Verdade, amor, rasão, merecimento* (236).
Fl. 201. *O raio de ouro fino se estendia* (90).
» *Apartava-se Nise de Montano* (53).
Fl. 201 v. *Pera se namorar do que criou* (197).
» *Porque a tamanhas penas se offerece* (200).
Fl. 202. *Quem jaz no grão sepulchro, que descreve* (200).
» *Esforço grande, egual ao pensamento* (88, m.).
Fl. 230. *Os vestidos Elisa revolvia* (56, m.).
Fl. 266 v. *Se lagrimas choradas de verdade* (252, m. m.).

Elegia de Luiz de Camões (fl. 1): *O sulmonense Ovidio.* (Cam., 3.ª, mudada em varios versos).

Elegia de Ceita a hum amigo (fl. 2 v.): *Aquelle que d'amor descomedido.* (Cam., 2.ª, mudada em alguns versos).

Elegia 3.ª da India a Dom Antonio de Noronha (fl. 4): *O poeta Simonides.* (Cam., 1.ª, tem muito pouca mudança).

Ecloga de Luiz de Camões (fl. 9 v.): *Passado ya algum tempo que os amores.* (Cam., 3.ª, mudado poco). (A impressão tem tres versos mais seguidos no fim).

Ecloga funerea, do mesmo (fl. 13 v.): *Que grandes variedades.* (Cam., 1.ª, tem poca mudança).

Epistola (fl. 20): *Quem pode ser no mundo tão quieto.* (Cam., Outava I. Está com poca mudança, e tem a 8.ª quatorze de mais que a impressa).

Canção (fl. 24): *Manda-me Amor que cante docemente.* (Cam., Canç. 7.ª Mudada muito poco).

Canção 2.ª (fl. 25): *Se este meu pensamento.* (Cam., Canç. 5.ª Está mudada em poco).

Canção 3.ª (fl. 26): *Fermosa e gentil dama.* (Cam., Canç. 1.ª, tem muito poca mudança).

Canção 4.ª (fl. 27 v.): *A instabilidade da fortuna.* (Cam., Canç. 2.ª poco mudada).

Canção 5.ª (fl. 29): *Com força desusada.* (Cam., Canç. 6.ª, poco mudada).

Canção 6.ª (fl. 30 v.): *Já a roxa manhã, e clara.* (Cam., Canç. 3.ª, poco mudada).

Sextina (fl. 31 v.): *Foge-me pouco a pouco a curta vida.* (Sext. 1.ª, está conforme a impressa com poca differença).

Ecloga (fl. 32 v.): *Ao longo do sereno.* (Cam., Ecl. 2.ª, mudada em poco).

Canção 7.ª (fl. 45): *Manda-me amor que cante docemente.* (Cam., Canç. 7.ª, toda mudada, menos os seis versos primeiros).

Canção 8.ª (fl. 46 v.): *Vão as serenas aguas.* (4.ª, poco m.).

Sextina differente (fl. 47): *Tam crua nympha, nem tão fugitiva.* (Não anda).

Capitolo (fl. 48): *Ganhais, senhora, tanto em querer-vos.* (Não anda).

Elegia á morte de D. Tello de Menezes (fl. 51): *Saia d'esta alma.* (Cam., Eleg. 20; esta he das que Faria não sabe. Está como na impressa, e tem mais um terceto).

Elegia da sexta-feira de Endoença (fl. 61): Não anda.

Elegia a D. Alvaro da Silveira, que mataram na India (fl. 86 v.): *Eu só perdi o verdadeiro amigo.*

Epistola a huma dama (fl. 88): *Não me julgueis, senhora, atrevimento.*

Ode a um amigo (fl. 89): *Fora conveniente.*

Vilancete de Francisco de Moraes (fl. 102): *Alem de sempre soffrer.*

Canção (fl. 132 v.): *Crecendo vae meu mal de hora em hora.* (Não anda).

Elusiadas (fl. 204).

Glosa sobre um Soneto que está a folhas 125 (fl. 264 v.): *Despois que clara aurora a noite escura.* (Cam., 8.ª, 4.ª).

Comedia feita por Luiz de Camões, representada na India a Francisco Barreto (fl. 269 a 286 v.).

Ecloga á morte de D. Catherina de Athayde (fl. 287). Esta só se imprimiu em 1779 toda mudada.

A importancia d'estes manuscriptos consultados pelo visconde de Juromenha para a edição feita por conta do governo, dão ao seu trabalho um singular merecimento, embora por vezes lhe falte o tino critico. De outros manuscriptos ha vagas noticias; Manuel Severim de Faria diz ácerca de ineditos de Camões, hoje ignorados: «Tambem se acham algumas *obras suas em prosa solta, as mais d'ellas de materia jocosa e estillo metaphorico,* que era o que então se usava na corte, etc.».

Em um manuscripto da Academia das Sciencias, de papel almaço branco servindo de guardas a uma Novella impressa com o titulo *La Historia de Rosian de Castilla,* de 1586, encontrámos varias poesias de quinhentistas, e entre ellas alguns Sonetos já publicados em nome de Camões, embora alli não tivessem nome de auctor:

Fl. 59. *Mi gusto y tu beldad se desposaron.*
Fl. 70 v. *En una selva al parecer del dia.* Glosado em Canção.
Fl. 83 v. *Que doudo pensamento é o que sigo.*

Depois de explorados todos os manuscriptos camonianos, estava reservada ao distincto bibliophilo Annibal Fernandes Thomaz a ventura de descobrir um igno-

rado codice onde apparecem numerosos ineditos de Camões e de outros escriptores do fim do seculo XVI. Em um catalogo da livraria de Frederik Müller, de Amsterdam, viu annunciado com o n.º 1:429, em 1886, um manuscripto com o titulo *Flores varias de diversos autores Lusitanos;* o snr. Fernandes Thomaz tratou logo de adquirir esse inapreciavel monumento. Eis a descripção d'elle: «Compõe-se o codice, escripto em papel de Hollanda, com boa calligraphia, de 174 fol. ou 384 pag. em fol. pequeno, e no alto da lombada, se bem que semi apagado, póde ainda lêr-se o titulo: *Flores varias de diversos autores Lusitanos.* Não só pelo exame das poesias que contém, mas ainda pelo caracter da lettra, e por outras rasões que em occasião opportuna desenvolverei, estou convencido de que a sua formação não vae além dos ultimos annos do seculo XVI». Cita em seguida o nome de trinta e nove poetas que enriquecem as *Flores varias,* e termina a descripção: «Sob a rubrica de Camões apparecem vinte e um Sonetos, (dos quaes quatorze são ineditos); das Elegias (uma inedita, e outra muito mais completa do que a impressa, com numerosas e capitaes variantes); uma Canção, dois Epigrammas e um Capitulo, prefazendo o total de vinte e sete composições. Dezenove Sonetos, já impressos como de Camões em antigas edições do Poeta, acham-se n'este manuscripto sob a rubrica de outros poetas, como se verá na publicação que temos entre mãos» [1]. Depois

---

[1] *Circulo camoniano,* pag. 137 a 139.

da acquisição d'este manuscripto o snr. Fernandes Thomaz facultou-nos o seu exame, cujo resultado aqui apresentamos:

Fl. 3. *De qua donde no mais que imaginarvos.* (De Soropita; attr. a Camões, ed. 1668).

Fl. 3 v. *Lembranças de meu bem, doces lembranças.* (De Estevam Roiz; attr. a Camões, ed. 1685).

Fl. 5. *Doce despojo do meu bem passado.* (De Estevam Roiz; Camões, na ed. 1668).

Fl. 5 v. *Amor, que em sonhos vãos do pensamento.* (De Soropita; attr. a Camões, ed. 1685).

Fl. 16. *Contentamentos meus, que já passastes.* (Inedito de Camões; na fl. 5 attribuido a Francisco de Andrade).

» *Memoria do meu bem cortado em flor.* (De Camões; ed. Juromenha).

» *Fermoso Tejo meu, quam differente.* (De Francisco Mendes; attr. a Camões, ed. Juromenha).

Fl. 17. *Claros olhos azues, olhos formosos.* (Inedito de Camões).

Fl. 19. *Belisa, hum só bem d'esta alma triste.* (Camões; id. na ed. 1685).

Fl. 22 v. *Horas breves de meu contentamento.* (De Bernardes; attr. a Camões, ed. 1668).

Fl. 27. *Amor mil vezes já me tem mostrado.* (Inedito de Camões).

» *Fermoso moço que no céo descança.* (Inedito de Camões).

» *Conversação domestica afeiçoa.* (De Soropita; attr. a Camões, ed. 1598).

Fl. 32. *Não de côres fingidas.* (Inedito de Camões, Canção).

Fl. 35. *Não via pelo céo com tanta graça.* (Epigramma inedito de Camões).

Fl. 36. *Brandas aguas do Tejo que passando.* (De Bernardes; attr. a Camões, ed. 1668).

Fl. 39 v. *Não corre o céo o astro tão fermoso.* (Epigramma inedito de Camões).

Fl. 40. *Que gritos são os que ouço de tristeza.* (Inedito de Camões).

Fl. 52. *Já do Mondego as aguas apparecem.* (Em nome de Bernardes. — Cam. 1668).

Fl. 58 v. *Esses cabellos louros escolhidos.* (Soropita. — Cam. 1668).

Fl. 62. *Sem ventura é por demais.* (De João Pinheiro. — Cam. 1595).

Fl. 67 v. *Foi-se gastando a esperança.* (De João Pinheiro. — Cam. 1668).

Fl. 79 v. *Com voz desordenada e sem sentido.* (Inedito de Camões).

Fl. 80. *Descalso e sem chapeo Apollo louro.* (Inedito de Camões).

Fl. 133. *De amor escrevo, de amor trato e vivo.* (Camões, ed. 1685).

Fl. 149. *Eu não canto, mas choro e vay chorando.* (Inedito de Camões).

» *Não pode quem quer muito ser culpado.* (Camões, Capitulo inedito).

Fl. 150. *Vae-me gastando Amor, e um pensamento.* (Inedito de Camões).

Fl. 150 v. *Olhos de cristal puro que vertendo.* (Inedito de Camões).

Fl. 150 v. *Contente vivi já, vendo-me isento.* (Camões, ed. 1685, e no Canc. d'Evora).

Fl. 151 v. *Apartamentos tristes sem ventura.* (Inedito de Camões).

» *Se cuidasse que n'esse peito isento.* (Inedito de Camões).

» *Queimado sejas tu e teus enganos.* (De D. Manuel de Portugal; no Canc. de Luiz Franco attribuido a Camões).

» *Já tempo foi que meus olhos traziam.* (De D. Ma-

nuel de Portugal; attribuido a Camões na ed. Juromenha).

Fl. 152 v. *Dias ha já que eu soube da ventura.* (De Camões; id. na ed. 1595 e Ms. Luiz Franco).

» *Prometti já mil vezes de emendar-me.* (Inedito de Camões).

Fl. 154 v. *Mal que de tempo em tempo vae crescendo.* (Do Infante D. Luiz; attribuido a Cam. na ed. 1685).

Fl. 156. *Com que voz chorarei meu triste fado.* (Inedito de Camões).

» *Já tempo foi que meus olhos folgavam.* (Inedito de Camões).

» *Oh quem dizer podesse quanto sente.* (Inedito de Camões).

Fl. 159. *Correntes aguas frias do Mondego.* (Elegia, de Camões, inedita).

Fl. 160. *Os olhos, onde o mesmo Amor ardia.* (De Estevam Rodrigues; attr. a Camões, ed. 1685).

Fl. 160 v. *A perfeição, a graça, o suave gesto.* (De Estevam Roiz; attr. a Camões, ed. 1598).

Fl. 163 v. *Um brando mover d'olhos grave e honesto.* (De Estevam Roiz; imitado de Camões, ed. 1595).

Fl. 164. *Fabula de Narciso.* (Sem nome de auctor [1]).

Fl. 172 v. *Quando descansareis olhos cansados.* (Anonymo; no Ms. de Luiz Franco attribuido a Camões).

Fl. 174. *O dia em que nasci morra e pereça.* (De Camões; o mesmo em Juromenha).

---

[1] O snr. Fernandes Thomaz attribue-a a Camões: «n'uma edição que preparamos, de varios ineditos de Camões, encontrados n'um manuscripto do seculo XVII que adquirimos na Hollanda, tencionamos incluir uma composição com igual titulo, em outava rima, a qual, posto venha anonyma, nos parece poder attribuir-se com muito maior fundamento a Camões». *Circulo camoniano*, pag. 109.

Recapitulando o nosso exame, vê-se que algumas poesias attribuidas a Camões nas edições antigas aqui apparecem em nome de outros poetas; em nome de Soropita, 5; de Estevam Rodrigues de Castro, 4; de Bernardes, 3; de Francisco Mendes, 1; de João Pinheiro, 2; de Martim de Crasto, 1; de D. Manuel de Portugal, 2; do Infante D. Luiz, 1; de Francisco de Andrade, 1; de um Anonymo, 1. São inteiramente ineditos, e com a attribuição a Camões, 11 Sonetos, 1 Canção, 1 Elegia, Capitulo e 2 Epigrammas.

Conhecido o estado tumultuario dos manuscriptos apographos das lyricas de Camões, e o modo como se compilavam os Cancioneiros do seculo XVI, torna-se facil o explicar como se encontram versos camonianos em nome de varios poetas quinhentistas, e pelo roubo do *Parnaso* como vieram a reconhecer-se os plagiatos que só muito depois da morte de Camões se praticaram. Formada a lista das composições que apparecem em Cancioneiros manuscriptos em nome de Camões e de outros poetas ao mesmo tempo, e indicadas aquellas que provadamente pertencem a poetas que o precederam, acha-se feito o processo critico para a eliminação dos apocryphos, e para uma mais segura revindicação dos plagios.

Eis a serie dos SONETOS alheios, que entraram nas varias edições das *Rimas*:

Garcilaso de la Vega

Ed. 1668: Sospechas que en mi triste fantasia

Sá de Miranda

» 1873: Amor bravo e resão dentro em meu peito

*

Ed. 1685: Ay! quien dará a mis ojos una fuente
» 1668: Horas breves do meu contentamento
» 1685: Mil vezes entre sueños tu figura
» 1616: Se me vem tanta gloria só de olhar-te

Jorge de Montemór

» 1880: Que hazes, hombre? Estoy-me callentando

Diogo Bernardes

» 1685: Aqui de longos danos breve historia
» 1668: Ar que de meus suspiros vejo cheio
» » Brandas aguas do Tejo, que passando
» » De mil suspeitas vãs se me levantam
» 1595: Despois de tantos dias mal gastados
» » Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo
» (1668): Horas breves de meu contentamento
» » Hum firme coração posto em ventura
» 1685: Já cantei, já chorei a dura guerra
» 1668: Já do Mondego as aguas apparecem
» » Las peñas retumbavan al gemido
» » Na margem de um ribeiro que fendia
» » Novos casos de amor, novos enganos
» » Onde porei meus olhos que não veja
» 1685: Os meus alegres, venturosos dias
» » Os olhos onde o casto amor ardia
» » Pois torna por seu rei e juntamente
» 1668: Quantas penas, amor, quantos cuidados
» » Que doudo pensamento é o que sigo
» 1685: Se lagrimas choradas de verdade
» 1595: Se quando vos perdi, minha esperança.

No Ms. *Flores varias de diversos Auctores lusitanos*, vêm em nome de Bernardes: *Brandas aguas* (fl. 36), *Horas breves* (fl. 22 v.). *Já do Mondego* (fl. 52).

Vasco Mousinho de Quevedo

Ed. 1595: Espanta crescer tanto o crocodilo

André Falcão de Resende

Ed. 1616: Para se namorar do que creou

Frei Bernardo de Brito

» 1668: Por gloria tuve un tiempo el ser perdido

Balthazar Estaço

» 1860: Co' tempo o prado secco reverdece

Estevam Rodrigues de Castro

» » Do corpo estava já quasi forçada
» 1685: Ondados fios d'ouro onde enlaçado
» 1860: Fermoso Tejo meu quam differente
» » Quam cedo te roubou a morte dura.

No Ms. *Flores varias de diversos Auctores lusitanos,* vêm em nome de Estevam Rodrigues de Castro, os seguintes Sonetos :

Ed. 1598: A perfeição, a graça, o suave gesto (fl. 160 v.)
» 1668: Doce despojo do meu bem passado (fl. 5)
» 1685: Lembranças do meu bem, doces lembranças (fl. 3 v.)
» » Os olhos onde o Amor mesmo ardia (fl. 160)
» 1695: Um brando mover d'olhos, grave e honesto (fl. 163 v.)

Fernão Rodrigues Lobo Soropita

» 1685: Amor, que em sonhos vãos do pensamento
» 1668: De cá d'onde somente o imaginar-vos
» 1860: Quando os passados bens me representa.

No Ms. das *Flores varias,* vêm attribuidos a Soropita : *Amor*, *que em sonhos* (fl. 5 v.), *De qua d'onde* (fl. 3), mais os dois seguintes Sonetos :

Ed. 1598: Conversação domestica affeiçôa (fl. 27)
» 1668: Esses cabellos louros escolhidos (fl. 58 v.)

Miguel Leitão de Andrada

Ed. 1668: Crescei, desejo meu, pois que a ventura
» » De quantas graças tinha a natureza
» » Este terrestre cáos com seus vapores
» » He o gozado bem em agua escrito
» » Huma admiravel erva se conhece
» » Nunca em amor danou o atrevimento
» » Se alguma hora essa vista mais suave
» (1616): Se me vem tanta gloria só de olhar-te
» 1880: Si mil vidas tuviera que entregaros

Marquez de Alemquer

» 1668: Es el gosado ben en agua escrito (Gallardo, II, 994)

Francisco Galvão

» 1860: Oh gloriosa cruz! Oh victorioso
» 1616: Por que a tamanhas penas se offerece
» (1616): Para se namorar do que creou

Pedro da Costa Perestrello

Se me vem tanta gloria só de olhar-te

D. Manuel de Portugal

» 1598: A perfeição, a graça, o doce gesto
» 1685: Ayuda-me, señora, á hazer vengança
» » Dulces enganos de mis ojos tristes
» » Oh claras aguas deste blando rio
» » Si el fuego que me enciende, consumido
» » Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento.

No Ms. das *Flores varias*, vêm em nome de D. Manuel de Portugal os dois seguintes Sonetos:

Ed. 1860: Já tempo foi que meus olhos traziam (fl. 151 v.)
» 1873: Queimado sejas tu e teus enganos (fl. 151 v.)

Infante D. Luiz

» 1865: Aos homens um só homem poz espanto

Ed. 1685: Aponta a bella aurora, luz primeira
» » Como louvarei eu, seraphim santo,
» » Como podes, oh cego peccador
» » De Babel sobre os rios nos sentámos
» » Em Babylonia sobre os Rios, quando
» » Imagens vãs me imprime a phantasia
» » Mal que de tempo a tempo vás crescendo
» » Oh arma, unicamente só triumphante
» » Porque a terra no céo agasalhasse
» » Quanta incerta esperança, quanto engano
» » Que estilla a arvore sacra? Hum licor santo
» » Sobre os rios do reino escuro, quando.

No Ms. das *Flores varias,* vem attribuido ao Infante D. Luiz o Soneto: *Mal que de tempo em tempo* (fl. 154 v.).

Martim de Crasto

Ed. 1685: Acho-me da fortuna salteado
» » A peregrinação de hum pensamento
» » Lembranças de meu bem, doces lembranças
» 1880: Quando da vossa vista me apartava.

No Ms. das *Flores varias,* vem attribuido a Martim de Crasto o Soneto: *Entre nuvens se esconde o pensamento* (fl. 133), e attribuido a Estevam Rodrigues da Costa o Soneto: *Lembranças de meu bem...*

Francisco de Andrade

Ed. 1595: Formosura do céo a nós descida.

No Ms. das *Flores varias,* o Soneto inedito attribuido a Camões: *Contentamentos meus, que já passastes* (fl. 16), vem attribuido tambem a Francisco de Andrade a fl. 5.

Francisco Mendes (*Flores varias*, fl. 16)

Ed. 1860: Fermoso Tejo meu, quam differente

Francisco Rodrigues Lobo

» » Fermoso Tejo meu, etc. (*Fenix*)

Simão da Silveira

» 1685: Oh cese ya, señor, tu dura mano

Diego Hurtado de Mendoza

» 1668: A la margen del Tajo en claro dia
» » En uma selva al despontar del dia

Simão da Veiga

» 1595: Que vençaes no Oriente tantos reys

Luiz Alvares Pereira

» 1685: De amor escrevo, de amor trato e vivo

Dr. Ayres Pinhel

» » Mi gusto y tu beldad se despozaron

Marquez d'Astorga

» » Com razão os vais, agoas, fatigando

Pedro da Cunha

» » Tem feito os olhos, n'este apartamento

Luiz de Ataide

» » Tem feito, etc.

Dr. Alvaro Vaz

» » Se no que tenho dito vos offendo

Duque de Aveiro, e Henrique Nunes (de Santarem)

» 1860: Que fiz, amor, que tão mal me tratas

Conde de Vimioso

» 1685: Quando os olhos emprego no passado

Valentim da Silva

Ed. 1880: Argos quisiera ser para miraros

Anonymos

» » Ero de una alta torre do miraba
» 1685: Nas cidades, nos bosques, nas florestas
» 1668: Ala en Monte Rey en Bal de Leça
» » Porque me faz Amor inda a ca torto.
» 1860: Quando descansareis, olhos cansados (*Flores varias*, fl. 177 v.).

Canções

Miguel Leitão de Andrada

» 1668: Oh pomar venturoso
» » Quem com solido intento
» » Que he isto ? Sonho ? ou vejo a Nympha pura

Francisco de Figueiroa

» 1880: En una selva al parecer del dia

Anonymo

» » A gloria tão merecida.

Elegias

Diogo Bernardes

» 1616: Duvidosa esperança, certo medo
» 1685: Não porque de algum bem tenha esperança

Dr. Antonio Ferreira

» 1668: Rey bem aventurado em quem parece

Fernão Rodrigues Lobo Soropita

» 1860: Quando os passados bens me representa

Fernão Alvares d'Oriente

» 1668: Saia d'esta alma triste e magoada

Francisco de Andrade

Ed. 1685: Belisa, unico bem d'esta alma triste

Anonymos

» 1668: Que tristes novas, ou que novo dano
» 1860: Quem poderá passar tão triste vida.

Eclogas

Diogo Bernardes

» 1779: Despois que o leve barco ao duro remo
» » Encheu do mar azul a branca praia
» » Parece-me, pastor, se mal não vejo
» » Agora, Alcido, emquanto o nosso gado
» » Pascei, minhas ovelhas; eu emquanto

Bernardo Rodrigues

» » Agora já que o Tejo nos rodêa
» 1860: Nas ribeiras do Tejo a uma areia

Anonymo

» 1595: Arde por Galatêa branca e loura.

Outavas

Diogo Bernardes

» 1685: D'uma formosa Virgem despozada

Anonymo

» » Depois que a clara aurora a noite escura
» » Ca nesta Babylonia adonde mana
» » Senhora, se encubrir por alguma arte.

Sextinas

Anonymo

» » A culpa de meu mal só tem meus olhos
» » Oh́ triste! oh tenebroso! oh cruel dia
» » Sempre me queixarei d'esta crueza.

Redondilhas

Garci Sanches de Badajoz (1554)

Ed. 1860: Olvidé y aborreci

Garcia de Resende (1516)

» 1695: Pois é mais vosso que meu
» » Senhora, pois minha vida
» 1668: Esperei, já não espero

Diogo Bernardes

» 1595: A dor que a minha alma sente
» » Já não posso ser contente
» » Sem vos e com meu cuidado
» 1860: Em tudo vejo mudanças
» » Lagrimas dirão por mim
» » No meu peito o meu desejo
» » Ora cuidar m'assegura
» » Por uns olhos que fugirão
» » Prazeres, que me quereis
» » Se espero, sei que me engano
» » Tal estoy despues que os vi

D. Manuel de Portugal

» » Ai de mim! que muero
» » Nasce a estrella d'alva

Jorge Fernandes (Frei Paulo da Cruz, o *Fradinho da Rainha*)

» 1816: Crescem, Camilla, os abrolhos

João Pinheiro (*Flores Varias*)

» 1668: Foi-se gastando a esperança (fl. 67 v.)
» 1595: Sem ventura é por demais (fl. 62)

Anonymo

» 1880: Porque no os canse una vida
» » Fructo que aves não puderam
» » Não vejo meu bem presente

Ed. 1880: Amor, temor e cuidado
» » Mi alma teneisla bos
» » Meu bem, não vos apresseis
» » Saí ao mar e deitei
» » Passa bolando el ben
» » Dar-vos quiz a natureza
» » Amais a quem vos não quer
» » Ingrato amor, que ordena
» » Conhecida de todos por formosa.

Por este elenco se vê a necessidade do estudo das variantes do texto camoniano para fixal-o em uma lição critica definitiva. D'esse estudo conclue-se á primeira vista a profundidade e extensão do estylo camoniano na poesia portugueza. Muitos dos factos que acima ficam apontados revelam ou uma imitação directa, o que é natural, pela communicação pessoal com Camões, cuja amisade fazia guardar os seus manuscriptos, ou tambem um equivoco dos colleccionadores illudidos pela similaridade do estylo.

Nos plagiarios as circumstancias são differentes; o roubo do *Parnaso,* accusado na Decada VIII de Diogo do Couto, torna crivel as suspeitas transmittidas. São accusados de plagiarios de Camões, os afamados poetas Diogo Bernardes, Fernão Alvares d'Oriente e Francisco Rodrigues Lobo. De todos elles, Bernardes é o que peior se defende; tem contra si o ser um dos grandes amigos de Pero d'Andrade Caminha, do qual recorda um epigramma contra Camões (*Mas vejo-te de ti ser tão louvado*), cujo espirito repete no soneto que em louvor de Camões lhe pedira D. Gonçalo Coutinho: *Quem louvará Camões, que elle não seja... Elle a si só se louva,* etc.

A animosidade de Bernardes contra Camões manifesta-se em outras situações, não fallando no facto de ter sido preferido como poeta cesáreo para cantar a victoria de D. Sebastião em Africa; na Carta IV accusa-o de *neologismos,* o que era effectivamente uma das liberdades de Camões; e na Carta VII, citando os nomes dos poetas portuguezes, não inclue o de Camões; na Carta XXVIII, depois de citar os nomes de Homero, Virgilio, Ovidio, Ariosto, Tasso, Petrarcha, Sanazaro, Bembo, Lasso, para não ter de fallar em Camões, diz apenas: «Dos nossos deixo alguns dignos de gloria». Os plagiatos de Bernardes consistem, no poemeto ou *Outavas a Santa Ursula,* dedicadas á Infanta D. Maria, grande amiga de Camões, fallecida em 1577; no soneto que serve de Dedicatoria falla o poeta em ter-lhe sido roubado o poemeto, estando ainda incorrecta a sua obra: «Em partes inda feia e duvidosa». Comparando as variantes da lição de Camões com a de Bernardes, são peores as d'este, signal que indicam esse primeiro esboço. A dedicatoria á Infanta declara a obra agora mais correcta: «*Que mais segura vae e mais fermosa*», verso já usado por Camões nas redondilhas: *Vae fermosa e vae segura.* Faria e Sousa indicou estes plagios segundo manuscriptos contemporaneos. Bernardes assignou estes Sonetos de Camões, alterando-os nas circumstancias que discordavam com os successos da sua personalidade; e cinco Eclogas (IX, X, XI, XII e XIII) que nas obras de Bernardes trazem os n.os 11, 13, 15, e 3 e 4. O estudo comparativo das variantes de Bernardes revela profundas deturpações, estrophes accrescentadas, omittidas, e mesmo reelabo-

rações ulteriores. O seu incontestavel talento é que torna até certo ponto inexplicavel este problema litterario.

Com Fernão Alvares d'Oriente a critica dos plagiatos é extremamente difficil, porque contra a propria vontade nos leva a conclusões arrojadas. Em primeiro logar, em toda a *Lusitania transformada* se acham constantes imitações dos versos e linguagem de Camões, centões poeticos, glosas, sonetos, outavas, e referencias a factos particulares da vida de Camões. Assim, allude ao desterro de Camões da côrte (p. 31, ed. 1781), e á Ecloga á morte de D. Antonio de Noronha (p. 32) e glosa a oitava: *Toda a alegria grande e sumptuosa;* glosa o verso: *A formosura d'esta fresca serra,* do soneto de Camões (p. 40 e 41); e o verso de Camões: *Pelo mundo em pedaços repartida,* acha-se na prosa: «repartindo a vida por muitas partes» (p. 88). Glosa o soneto: *Horas breves do meu contentamento* (p. 143), centonisa o verso: *Que de Helicona as Musas fez passar-se,* e traduz o verso italiano que vem nos *Lusiadas:* «Entre a espiga e a mão mui grosso muro» (p. 520). Das imitações e centões de Fernão Alvares d'Oriente conclue-se que elle conheceu as Lyricas de Camões antes d'ellas serem colligidas pelos livreiros do fim do seculo XVI e começo do XVII. Como as conheceu, se ellas logo em 1570 foram roubadas a Camões? Como soube usar a elocução camoniana, expressa em manuscriptos que estavam perdidos? Estas hypotheses, que nascem dos factos supracitados, suscitam dous problemas importantes: o primeiro é, que entre os versos geralmente mediocres de Alvares

d'Oriente encontram-se composições sublimes, bellas e tão *camonianas* no estylo, nas allusões pessoaes, que o auctor de umas não é o mesmo das outras; o segundo, é a proveniencia das prosas. Aqui incide a parte mais difficil; Diogo do Couto declarou que o *Parnaso* constava de «muita erudição, doutrina e philosophia»; n'essas prosas allude-se ao naufragio em Cambodja, á divagação em Sumatra, e a factos tão particulares da vida de Camões, que porventura seria isso uma biographia allegorica tornada depois uma pastoral deturpada para imitar o gosto da *Arcadia* de Sanazaro. Ha um estudo a fazer sobre a *Lusitania transformada,* aproximando-a das biographias dos poetas portuguezes do seculo XVI. A Elegia: *Saiam d'esta alma triste e magoada,* escripta por Camões á morte do seu joven amigo D. Tello de Menezes, apparece colligida em nome de Fernão Alvares d'Oriente no Cancioneiro do padre Pedro Ribeiro em 1577; de um manuscripto de Moçambique de 1568, que veiu parar ao poder de D. Rodrigo da Cunha, o publicou D. Antonio Alvares da Cunha em 1668 em nome de Camões. Que prova mais evidente de plagiato!

Tambem é accusado Francisco Rodrigues Lobo de se ter aproveitado de fragmentos do *Parnaso* de Camões. O Soneto *Fermoso Tejo meu, quam differente* (que anda tambem em nome de Estevam Rodrigues de Castro e de Francisco Mendes) apparece assignado por Francisco Rodrigues Lobo, na *Fenix renascida* (t. I, p. 143). Mas, o que é ainda mais flagrante é a «*Historia da Arvore triste,* auctor Francisco Rodrigues Lobo, até agora nun-

ca impressa» [1]. O assumpto é uma tradição indiana sobre uma planta da familia das *Oliaceae*. Falla d'esta lenda poetica o dr. Garcia d'Orta, nos *Colloquios dos Simples e Drogas* (Coll. VI, *Da Arvore triste*), e narra o que ouvira: «E por que vejais as parvoices e fabulas d'esta gentilidade, dizem que esta arvore foi filha de hum homem, grande senhor, chamado *Parizataco;* e que se namorou do sol, o qual a leixou, depois de ter com ella conversação, por amores d'outra; e ella se matou, e foy queimada (como nesta terra se costuma) e da cinza se gerou esta arvore, as flores da qual avorrecem ao sol, que em sua presença não parecem; e parece que Ovidio seria d'estas partes, pois compunha as fabulas assi d'este modo». A lenda poetica assim como impressionou o espirito severamente scientifico do dr. Garcia d'Orta, tambem não podia passar indifferente a Camões, que tantas vezes allude ás tradições indianas. O nome de *Arvore triste* foi dado pelos portuguezes á planta *Parizataco* (*Parajatak,* ou *Parijatak,* sanskr.); a planta era celebrada com outras muitas lendas populares, como a de Krischna tel-a trazido do céo para sua mulher Satyabhama por causa do seu bello perfume, sendo por isso usada no culto de todos os deuses. A lenda referida pelo dr. Garcia d'Orta era explicativa do facto de só dar flores de noite a *Arvore triste:* «Certo que he muito de maravilhar de dar flores de noite e não de dia...» Porém o sabio não comprehendia a poesia das tradições senão através dos artificios litterarios das *Metamorpho-*

---

[1] *Fenix renascida,* t. IV, p. 1 a 33; ao todo 96 oitavas.

ses de Ovidio [1]. A *Arvore triste* só foi conhecida na Europa pelos trabalhos de Christovam da Costa, de Linschoten, e do seu commentador dr. Paludano, de Clusius com as informações de Fabricio Mordente de Salerno: «É certo, todavia, diz o conde de Ficalho, que todos vieram depois d'Orta, e que, tanto Costa como Linschoten, pouco mais fizeram que copial-o». Por certo que a tradição da *Arvore triste* não podia chegar por esta via ao conhecimento de Francisco Rodrigues Lobo, ao passo que os *Colloquios* foram conhecidos de Camões, que não era indifferente ás lendas poeticas do Oriente, e com o proprio dr. Garcia d'Orta fallaria d'esse singular phenomeno da floração nocturna e do seu exquisito aroma.

N'este poemeto da *Historia da Arvore triste* acham-se traços historicos, que em nada quadram com a vida de Francisco Rodrigues Lobo, e pelo contrario coincidem com factos da biographia de Camões:

Depois, minha senhora, que partido
Fui d'este reino á India a vez primeira,
Andando de desastres perseguido
Seguia de meus fados a carreira:
De muita desventura combatido,
Qual vae o solto seixo da ribeira,
Levado a mil perigos cada hora
De um mal que me magoa ainda agora;

[1] Na monumental edição dos *Colloquios dos Simples e Drogas*, do dr. Orta, pelo conde de Ficalho, vem uma curiosa nota sobre a *Arvore triste*, t. I, pag. 72.

Algumas terras vi, que andei vagando,
E n'ellas muitas cousas excellentes;
Com mui diversas gentes conversando,
Ouvia mil historias differentes;
De muitas antigualhas escutando
Os deleitosos contos apparentes,
Ouvi de amor effeitos namorados,
Tambem successos tristes, desastrados.

Um dia pois, já tarde, que passava
De meu largo caminho assás cansado
Ao longo d'*Amboná,* que perto estava,
Nas ribeiras do Ganges situado...

Esta referencia a *Amboná* encontra-se tambem na Canção XVI (Ed. Act.), o que fundamenta a tradição de ter estado Camões n'esta ilha principal do Archipelago das Molucas:

Retumbando por asperos penedos
Correm perennes aguas deleitosas
Na ribeira de *Buina* assi chamada...

Por aqui se vê que a *Historia da Arvore triste* não pertence a Francisco Rodrigues Lobo, e que sendo publicada sobre manuscripto do seculo XVII em que estava a sua assignatura, isso revela o vestigio do plagiario. Fernão Alvares d'Oriente tambem tratou a lenda da *Arvore triste* em fórma de Ecloga, e pelo conhecimento que tinha dos versos de Camões avalia-se a importancia que para a critica se acha implicita n'essa imitação.

Todos estes problemas estão reclamando a necessi-

dade da disciplina critica. Se a falta de actividade scientifica fosse compensada pelo amor do nosso passado historico, trazendo á luz os velhos monumentos litterarios, estudando-os, commentando-os, suscitando interesse por elles no publico indifferente, em certo modo se affirmava a vida nacional, que apenas se manifesta por alguns estereis actos officiaes. Existem n'este paiz homens que tudo colligem quanto diga respeito a Camões, chegando alguns a ficarem celebres por essa especialidade bibliographica, como Thomaz Norton e Minhava; comtudo ainda se não preparou uma Edição definitiva das obras do poeta, estabelecendo pelo exame de todas as *variantes* das lições impressas e das manuscriptas um texto fundamental, conforme a incomparavel edição das obras de Sá de Miranda por D. Carolina Michaëlis. Esta circumstancia separa capitalmente a reproducção das Lyricas do processo applicado aos *Lusiadas.* Os estrangeiros que traduzem as *Rimas* de Camões luctam com insuperaveis difficuldades; nós, os que estudamos, devemos ir ao encontro d'elles, offerecendo-lhes o auxilio que só uma *Sociedade de criticos camonianos* poderia conseguir pela união de todos os esforços. Formar-se-hia essa pequena sociedade intitulada *Circulo camoniano,* com reuniões regulares, acceitando todas as communicações e examinando todas as hypotheses, ou pondo em relevo todos os logares escuros dos versos do Poeta, interpretando os factos mal explicados da sua vida. Suscitaram-nos este pensamento as perguntas que o illustre professor de Münster o dr. Wilhelm Storck nos dirigiu ácerca da intelligencia philolo-

*

gica ou historica, durante o seu admiravel trabalho da traducção completa em allemão das *Lyricas* de Camões, expressamente consagrada ao Centenario do nosso grande genio nacional. O habito de lêr Camões faz-nos passar insensivelmente pelos pontos obscuros dos seus versos, e geralmente crê-se que nós os portuguezes os entendemos. As perguntas dirigidas pelos traductores estrangeiros embaraçam-nos, e mostram que nunca um individuo poderá possuir a comprehensão integral do texto de Camões, sendo por isso necessario fundar-se o *Circulo camoniano,* para que se estabeleça a lição dogmatica do texto com um indispensavel commentario perpetuo, como se faz aos textos homericos e virgilianos.

§. III. Um Soneto de Camões glosado por Philippe II

Conhecedor de todos os segredos da poetica italiana, que encerra as fórmas definitivas da poesia occidental, Camões não se contentou em imitar a expressão petrarchista, mas em dar universalidade a essa expressão apropriando-se dos grandes themas tradicionaes para tornar o lyrismo uma linguagem profundamente humana. É n'isto que será sempre um grande poeta moderno, e por isto exerceu já nos fins do seculo XVI uma influencia capital em Hespanha. Esses themas sentimentaes tirava-os da poesia de todos os povos, como intuição de uma synthese affectiva; é admiravel como elle idealisa as palavras da lenda de Jacob, que serviu mais sete annos a Labão para casar-lhe com a filha, taes como se acham no latim de S. Jeronymo: «*et videbantur illi*

pauci dies præ amoris magnitudine». Camões comprehendia o Soneto como um poema completo, um quadro pittoresco ou subjectivo, e exprimindo a sua emoção pessoal elevava-se á idealisação de um estado da humanidade. O estudo do celebre soneto dos amores de Jacob pela Rachel descobre-nos a extensão da influencia do lyrismo camoniano em Hespanha, chegando até ao ponto de fascinar o genio sombrio de Philippe II.

Sabe-se por tradição conservada em uma dedicatoria de Faria e Sousa na edição dos *Lusiadas* de 1639, que Philippe II, quando entrou em Portugal, desejou vêr Camões; felizmente para o poeta a morte tinha-o libertado d'essa suspeitosa homenagem, que a dissolução do sentimento de patria poria em relêvo, como defendendo-o, se uma tal homenagem fosse equiparada ás cédulas com que a fidalguia portugueza se vendeu ao monarcha hespanhol. A tradição é plausivel; mas não era facil explicar como Philippe II, tão envolvido em laboriosos transes politicos, em tragicos empregos da auctoridade soberana, em decepções tremendas de affectos e de planos audaciosos, teria ainda uma suave curiosidade de espirito, para, ao entrar como occupador guerreiro em uma nação extincta, perguntar por um pobre e desventurado poeta. Hoje temos um facto positivo que nos prova quanto Philippe II admirava Camões.

Em um opusculo intitulado *Panegyrico por la Poesia,* publicado anonymamente em 1627, extremamente raro, e ultimamente reimpresso em Sevilha pelo cuidado do clarissimo bibliophilo D. Manuel Perez de Gusman, Marquez de Xerez de los Caballeros, ha uma referencia

ao talento poetico de Philippe II, e ao facto de ter o terrivel monarcha glosado um Soneto amoroso de Camões. Transcrevemos essa importante passagem:

«El prudentisimo don Filipe Segundo, en la esfera de su Magestad hizo tan buenos versos devotos, como me han certificado personas graves, y que son suyos estos:

Cruz remedio de mis males,
ancha sois, pues cupo en vos
el gran Pontifice Dios
con cinco mil Cardenales.

«Y en cartapacio manuscripto (que llegó a las mias) del maestro Fray Luys de Leon, estavan por de su Magestad otros (que Rengifo trae en su *Arte poetica*, y dize ser de cierto Autor) y lo he comprovado con el mismo papel en la libreria de un Cavallero Prevendado de Sevilla, de buenas letras y curiosidad, y la copla es:

Contentamiento do estás,
que no te tengo ninguno?
si piensa tenerte alguno
no sabe por donde vas.

«Y al Lusitano Camões quiso honrar y dexar eterno, glossando un soneto suyo, que comiença:

Siete años de pastor Jacob servia.

«Y sin estas hizo muchas differencias de versos, solo para dentro de su real retrete, sin dexarlos salir a fuera, quizá por el escrupulo de la vanagloria, que

tales versos podian dar al hombre menos de pasta de hombres; etc.» [1].

No seu bello estudo sobre o Soneto *Sete annos de pastor Jacob servia,* D. Carolina Michaëlis considera o facto que acabamos de vêr allegado por um testemunho do seculo XVII, «bonito conto, bem inventado, ainda que mal possa ser veridico, que o despota vencedor Philippe II, vencido pela *maestria* do grande Lusitano, ao qual admirava e desejava honrar, glosára o nosso celebrado soneto». E conclue, que a decantada glosa real «por ora não é mais que um mytho» [2]. Nós mesmo duvidariamos d'essa homenagem de Philippe II, se não tivessemos um documento positivo do seu talento poetico; e a vasta imitação do Soneto de Camões pelos poetas hespanhoes, determinada já por D. Carolina Michaëlis, bem justifica a impressão que levaria Philippe II a glosal-o.

Procurando a alludida passagem da *Arte poetica* de Rengifo, fica-se conhecendo uma poesia de Philippe II, desde 1592 attribuida reservadamente a um *famoso poeta.* Eis o trecho do cap. XXXVI, sobre as glosas: «Muchas Glosas he visto de poetas puestas sobre el cuerno de la luna, pero no tan perfectas como pudieran ser, si concurrieran en ellas las propriedades, que aqui hemos señalado. Esta que hizo un famoso poeta, aunque encubierto, me pareció digna de ponerse aqui por exemplo:

---

1 *Panegyrico por la Poesia,* p. 46.

2 *Circulo camoniano,* p. 158.

TEXTO

Contentamiento do estás
Que no te tengo ninguno?
Si piensa tenerte alguno,
No sabe por donde vás [1].

GLOSSA

Contento si tu viniesses,
Como te recibiria:
Siempre te importunaria,
Que nunca me despidiesses
De tu dulce compañia.
Pero, pues menos te das
A quien mas te ha menester,
No quiero perdirte mas,
De que des a entender
Contentamiento do estás.

Estás en casa de ricos?
No, que nunca estan contentos.
Duras mucho en aposentos
De grandes? no, que son chicos
Sus breves contentamientos:

---

[1] Gracian, na *Agudeza y Arte de Ingenio,* cita esta quadra, dizendo: « muy celebrada fue aquella: *Contentamiento do estás...* » Disc. XLIII, p. 264. Ambers, 1666. Gallardo, no *Ensayo de una Biblioteca,* referindo-se a um Cancioneiro recopilado por Manuel de Faria, cita uma outra glosa do *Contentamiento do estás.* O Soneto de Camões não estava menos vulgarisado, para attrahir a attenção de Philippe II.

Tiénete algun importuno
Que dio alcance a su desseo?
Bien pudo tenerte alguno
Pero al fin sabes que véo
Que no te tiene ninguno.

Tiénente los Reyes? no:
Tiénente los Papas? menos:
Luego falta ay de hombres buenos,
Pues que siempre ando yo
Llorando duelos agenos.
Y pues todo el mundo es uno,
Y en el a ninguno has dado
Contentamiento ninguno,
No lo tiene bien pensado
Si piensa tenerte alguno.

Contento, donde te has ydo?
Donde me tendra sobrado
Quien se uviere contentado
De no averme alla tenido
Si no como de prestado.
Pues del cielo no te yras,
Como de la tierra ingrata,
Que en bolviendo el rostro atras
Quando el hombre no se cata,
No sabe por donde vas [1]».

A glosa tem verdadeiro merecimento litterario, e parece em grande parte inspirada pelo Soneto de Camões: *Horas breves de meu contentamento,* um dos mais vulgarisados em Hespanha.

A glosa ao soneto *Sete annos de pastor Jacob servia,*

[1] *Arte poetica española,* por Juan Dias Rengifo, p. 41. Salamanca, 1592.

por Philippe II, é actualmente desconhecida, se não perdida, em consequencia da grande reserva em que o monarcha tinha os seus versos. É certo que Philippe II, seguindo os preceitos da poetica italiana, glosou esse soneto em endecasyllabos, porventura em quatorze sonetos, ou em quatorze oitavas, ou mesmo em quintilhas que se chamavam Lyras. Rengifo, fallando das glosas em verso italiano, diz: «El texto d'este genero de Glossas hade ser de versos de a onze, o de a sete syllabas: y la glossa puede ser de Sonetos, o de Octavas, o de Lyras, etc. Como el poeta quisiere, metiendo el verso que se glossa, en el fin del Soneto, Octava, o Lyra, y guardando las leyes, que atras hemos dado»[1]. Segundo D. Carolina Michaëlis, considerando a impossibilidade da correspondencia das rimas *vel-a* e *cautella* em castelhano, e de *pastora* e *fora*: «A Glosa devia conter forçosamente uma traducção do modelo portuguez». D'aqui a inferencia sobre uma traducção castelhana d'este soneto, que se acha em um Cancioneiro de *Tonos castelhanos*, manuscripto do fim do seculo XVI que se guarda na Bibliotheca de Medina Celi: «Portanto póde-se perguntar se seria de Philippe II a traducção recolhida em parte pelo colleccionador do manuscripto Gallardo e em parte aproveitado por Alarcon». Effectivamente Gallardo copiou entre outras muitas poesias dos *Tonos castelhanos*, esse Soneto (fl. 79 do ms.) que vem sob o nome de Compani, porventura o auctor da musica do tono:

[1] Ibid., p. 45.

Si por Raquel, gentil zagala bella,
siete años de pastor Jacob servia;
si le engañaron con su hermana Lia
y otros siete volvió á servir por ella,
Con esperanza alfin de poseella,
entretenido en verla cada dia,
si mil sirviera, y mas, muy poco hacia
pues con servir pensaba merecella!
Cuanto mayor amor será, señora,
servir sin esperanza ni aun de engaños,
. . . .
Y cuanta mas beldad mi alma adora,
pues que tengo por gloria en mí los daños
y mil años que os vea por una hora [1].

A importancia d'esta paraphrase consiste em revelarnos quanto era vulgarisado em Hespanha o Soneto de Camões, para chegar a seduzir o talento poetico de Philippe II. A sua traducção deveria ter o caracter religioso, *ao divino,* como a paraphrase de D. Luiz de Ribera, desviando o conceito para o amor mystico. Em todo o caso é bastante apreciavel o facto, pela primeira vez colligido por D. Carolina Michaëlis, da vulgarisação de uma traducção castelhana anonyma do soneto camoniano de Rachel, que Ruiz de Alarcon intercala nas situações amorosas da comedia *La Industria y la Suerte:*

D. Juan: Dos años ha, Blanca bella,
que estoy firme en mi porfia.
Blanca: *Siete años de pastor Jacob servia.*

[1] *Ensayo de una Biblioteca de livros raros,* t. I, p. 1:199.

D. Juan: *Con esperanza al fin de poseella,*
Si mil sirviera y mas, muy poco hacia.
Blanca: *Al fin llegó, sirviendo, à merecella.*
(Jorn. II, sc. 8).

Os quatro versos intercalados na comedia de Alarcon são tomados da traducção anonyma, que foi colligida no ms. dos *Tonos castelhanos.*

O genero da glosa de Philippe II seria o denominado *devoto,* ou *ao divino,* não só pela preferencia que o monarcha dava a este genero, como por existirem outros versos seus manuscriptos do mesmo estylo em uma collecção do grande poeta mystico Frei Luiz de Leão. Onde teria visto o anonymo auctor do *Panegyrico por la Poesia* a glosa de Philippe II a este tão celebrado soneto de Camões? Não se infere se no citado caderno manuscripto de Frei Luiz de Leão, ou no papel visto na livraria de um cavalleiro Prebendado de Sevilha. Como o intuito de *honrar* Camões é que levou Philippe II a fazer uma glosa ao soneto que andava mais vulgarisado em Hespanha, é crivel que essa glosa se divulgasse entre os homens de lettras, influindo para que entre os poetas, como D. Francisco de Quevedo, Lope de Vega, D. Francisco de Borja, principe de Esquilache, Trillo y Figueroa e D. Luis de Ribera, traduzissem, imitassem ou paraphraseassem o esplendido soneto de Camões. Nas *Sagradas poesias* de D. Luis de Ribera (Sevilha, 1612) vem o soneto transformado *al divino:*

Amó à Raquel Jacob tan tiernamente
Que servir siete años por gozalla,
Horas le parecieron; y miralla,
Su grande amor hacia ser paciente.

Hielos, estivo ardor, cielo inclemente,
Contente sufre; si Raquel se halla
Cuando la noche en su silencio calla,
Y el alba trae el dia, ante él presente.

Mas poco es esto a Cristo comparado...

Lorenzo Gracian, na *Agudeza y Arte de Ingenio* (discurso XXII), para exemplificar as «ponderações judiciosas, criticas e sentenciosas por exageração», diz: «Ten eminencia en ellas el immortal Camões, pero esta ha sido el blanco de sus aplausos. El Soneto a Jacob, mas enamorado, quanto mas enganado». E transcreve na lingua portugueza o admirado soneto da edição das *Rimas* de 1595, como se infere das variantes [1]. Foi este conceito o que mais agradou aos poetas do seculo XVII; insiste n'elle Trillo y Figueroa, no *Soneto lyrico al suceso de Jacob y Raquel:* «tan largo amor en tan pequeña vida!»

D. Francisco Quevedo de Villegas, talvez por suggestão de D. Francisco Manuel de Mello, que paraphraseára o Soneto de Camões, inserira uma traducção sua nas *Tres ultimas Musas castellanas:*

Siete años de pastor Jacob servia
al padre de Raquel, serrana bella;
mas no servia a él, servia a ella,
que à ella solo en premio pretendia.

---

[1] *Agudeza y Arte de Ingenio,* p. 137.

Los dias en memoria de aquel dia
passava contentandose con vella;
mas Laban, cauteloso, en lugar della
ingrato á su lealdad, le diera Lia.

Viendo el triste pastor, que con engaños
le quitan à Raquel, y el ben que espera,
por tiempo, amor, y se le merecia.

Bolbiò a servir de nuevo otros siete años,
y mil sirviera mas, si no tuviera
para tan largo amòr tan corta vida [1].

Confrontada a versão de Quevedo com o original de Camões, vê-se que o soneto perdeu muito da sua pureza de sentimento, sobretudo no ultimo terceto, tão dramatico e cheio de galhardia:

Começou de servir outros sete annos,
Dizendo: — Mas servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Quevedo apresenta a versão sem signal algum que a destaque das suas poesias originaes; porém um anonymo curioso escreveu á margem em um exemplar de 1724 a observação: «*Este soneto es del celebre Luis Ca-*

[1] *Las tres ultimas Musas castellanas*, p. 38, Madrid, 1670.

moens, traducido por el princepe de Esquilache» [1]. Vê-se que o anonymo não confrontou as duas traducções: a que o principe de Esquilache dedicára ao *Gran Filipo* (Philippe IV) era centonisada em uma paraphrase em oitava rima, no *Canto de Jacob y Rachel,* com cento e onze estrophes; transcrevemos algumas d'essas estancias em que estão intercalados versos camonianos:

Siete años de pastor Jacob servia
al padre de Rachel, Laban ingrato.
A Rachel por su trato merecia
mas no — del padre tão aleve trato.
Padece muchas *esperando un dia,*
vive sin miedo, espera sin recato;
y a su amor, entre soles y entre nieves
ausencia y tiempo le parecen breves.

. . . .

Llegado, pues, al termino preciso
de darle con Rachel el bien que espera,
Laban ingrato con secreto Juiso
trocar la hija, y darle la primera.
Jacob no tuvo del engaño aviso,
y, a la primera luz que reverbera,
en su burlado lecho cononocia
que en lugar de Rachel le diera a Lia.

. . . .

Si, *bolveré a servir* (dixo) *aunque fuera*
forçosa de tu casa la partida,
y mas sirviera aqui sino tuviera
para tan largo amor tan corta vida.

---

[1] Na Collecção Ribadaneyra, vol. LIX; nota copiada por Janer. (D. Carolina Michaëlis, *Circulo,* p. 155).

Cumpliόse en fiestas la semana entera,
y, dandole su esposa prometida,
olvidando el agravio y los engaños
bolvió a servir de nuevo otros siete años.

Esta traducção diluida nas oitavas do principe de Esquilache não é com certeza a de Quevedo; porventura seria a de Philippe II, e para lisongear Philippe IV a paraphrasearia em oitavas? Estes dous Philippes eram na realidade excellentes poetas. Não nos deve causar surpresa, que esse *hombre de menos pasta de hombres*, Philippe II, fosse poeta; já o imperador Carlos V, seu pae, com menos talento artistico, metrificava desesperadamente. Prescott, na *Historia do reinado de Philippe II*, accentuou este facto: « A paixão de escrever, que atormentava o imperador, manifestou-se sob uma outra fórma ainda; elle traduziu *El Cavallero determinado*, poema francez então vulgarisado, em que se celebrava a côrte de seu antepassado Carlos, o Temerario, de Borgonha. Van Male, que parece ter desempenhado junto de Carlos V as funcções de Voltaire para com Frederico, quando se dava como lavando a roupa suja do monarcha, foi tambem encarregado de examinar esta traducção, á qual reconheceu um grande merito sob a relação da linguagem e da escolha das expressões. O imperador deu-a a Acunha, bom poeta da côrte, para a pôr em versos castelhanos. Tencionava confiar o poema assim transformado a Van Male. Um maligno gracejador, o historiador Avila, assegurou ao imperador, que o gentilhomem da camara não podia ganhar n'este trabalho menos de quinhentas corôas de ouro. — E o Guilherme, que bem

as merece! disse o monarcha, porque este trabalho fel-o suar. Mandou então imprimir dous exemplares do poema, que devia apparecer sem nome de auctor. O pobre Van Male, que esperava tirar outros proventos da empreza, e só tinha como certo o preço da edição, bem se quiz eximir a esta prova da liberalidade real. Foi tudo em vão. Carlos não era homem para se deixar desviar dos seus projectos generosos, e o poema veiu a publico sem uma linha de prefacio para o recommendar ao favor publico como obra em parte de uma mão real» [1]. A mania dos versos era em Carlos v uma das numerosas fórmas da nevrose herdada de Joanna, a Doida, e um dos aspectos ainda sympathicos da degenerescencia em Philippe II e Philippe IV.

Quando Faria e Sousa fez em 1639 a dedicatoria da edição dos *Lusiadas* a Philippe IV, alludiu n'ella á tradição sobre ter Philippe II, na sua entrada em Lisboa, perguntado por Camões. O merito do grande epico era tambem reconhecido por Philippe IV, dotado de um elevado talento poetico, como se comprova pelo opusculo do *Panegyrico por la Poesia:* «I sin doblar la rodilla a la lisonja (que no diré tanto como he oydo)

---

[1] Prescott tirou esta anecdota ácerca da traducção do *Cavallero determinado* de Olivier de la Marche, da correspondencia latina de Van Male, publicada pelo barão de Reiffenberg. (Op. cit., tom. I, pag. 327). D. Hernando de Acuña diz da traducção: «no se ha hecho cõ sola mi auctoridad, sino juntamẽte con la de otros, que d'estas dos lenguas tienen mayor esperiencia». *Cav. det.,* fl. 6, ed. 1573.

nuestro Felipe (Quarto en la linea de los Reyes, y el primero) haze tan hidalgos versos, como se puede esperar de un exemplo, en quien la naturaleza anticipó la esperiencia a la edad, y el tiempo los siglos a los años, que para assombro de veyente y uno, y felicidad de España, es tan nieto de su segundo abuelo, como... com menos muda exageracion le dirá este Soneto, dino de su christiana discrecion». Em seguida o auctor do *Panegyrico* transcreve para comprovação um Soneto ascetico sobre a Morte, que termina com o bello terceto:

Es un bien no estimado, de tal suerte,
que todo lo que vale nuestra vida
es porque tiene necesaria muerte.

O thema idealisado por Camões, que seduzira uma grande parte dos poetas de Hespanha, estimulou tambem a imaginação de Lope de Vega, que o imitou livremente nos *Pastores de Belen:*

Con los desseos de Raquel servia
Un nieto de Abrahan a un suegro ayrado,
Llevando su esperança y su ganado
De un año en otro, y de uno en otro dia.

Desseava a Raquel, que hablava, y via,
Tan contento del mal de su cuydado,
Que de la possession de Lia cansado,
Mas que el amor le atormentava Lia.

Tan corto premio del engaño arguye,
Que aunque puede mentir la confiança,
Mas estima Jacob el bien que huye;

Y lo que espera mas, que lo que alcança,
Que la engañosa possession destruye,
Lo que entretiene el bien en esperança [1].

Estas manifestações litterarias, além da enorme actividade dos escriptores portuguezes que escreveram em lingua castelhana, são um extraordinario documento da união intellectual e esthetica que existia entre os dois povos peninsulares, em completa contradicção com o antagonismo politico que tendia á absorpção pela força, da nossa pequena nacionalidade. Quando nos lembramos que nos estados gregos, que nunca se unificaram politicamente, se chegou á unidade nacional da Hellade sob a hegemonia artistica, scientifica e philosophica de Athenas, entrevemos como pela influencia esthetica de Portugal, manifestada pelo *Amadiz de Gaula,* pelo *Palmeirim de Inglaterra*, pela *Diana* de Jorge de Montemór, pelo lyrismo de Camões, através da originalidade hespanhola, se caminhava para a hegemonia portugueza entre os estados peninsulares, unica fórma natural e organica, progressiva e consequente da união iberica.

O interesse que o thema do Soneto de Camões encontrou entre os poetas portuguezes do seculo XVII, apesar da reacção dos Tassistas, revela-nos a corrente do

1 *Pastores de Belen,* fl. 231 v. Alcala, 1616.

*

enthusiasmo dos dous povos pelo poeta que melhor exprimia o sentimento que os unificava. Na collecção dos versos intercalados por Miguel Leitão de Andrada na *Miscellanea,* vem uma imitação do Soneto de Camões, terminando com um *estrambote:*

Se para amor e gloria tão crescida
não fôra, a vos servir, tam curta a vida.

D. Francisco Manuel de Mello, nas *Musas de Melodino* (IV, son. 62), imitou esse Soneto consagrado como o quadro pittoresco do amor, terminando quasi pelo conceito camoniano:

Ai do que espera, quanto mais servindo,
para um tão triste fim tão leda a morte,
para um tão largo amor tão curta a vida!

Para que lhe não faltasse fórma alguma de consagração, Alexis Collot de Jantillet, que foi secretario do desgraçado infante D. Duarte, irmão de D. João IV, no seu livro *Horæ subcessivæ,* traz duas traducções latinas, verso por verso, do soneto de Camões. Transcrevemol-as aqui por motivo da raridade do livro:

Deserviebat annos per septem Jacob
Pastor, Labano bellæ Rachelis patri,
Non patri serviebat tamen, at filiæ
Solam petebat quam laboris præmium.
In spem diei agebat unius dies,
Dulci contentus aspectu illius frui.

Sed usus arte fallaci vafer parens
Ipsi Rachelis in locum dabat Liam.
Aspiciens tristis pastor, cum dolo suam
Sibi puellam denegatam, non secus
Ac si nequaquam promeritur illum foret;
Alios per annos septem servire occipit,
Dicens, diutius servirem, nisi
Esset, tam longum ad amorem, vitam tam brevis.

ALITER:

Septem annos pastor curabat ovile Labani
    Cujus erat Rachelis filia pulchra, Jacob,
Non famulabatur patri tamen ille, sed illi
    Quam sibi poscebat proemia sola dari.
Cernere dilectam contentus, speque diei
    Ducebat placidos unius ipse dies.
At pro formosa genitor Rachele, sororem
    Subdebat tacitâ callidus arte Liam.
Mœstus ut advertit pastor, sibi fraude negata
    Tamquam non merito, Virginis ora suæ
Deservire iterum septenis incipit annis,
    Taliaque ex imo pectore verba refert:
Servirem longo mage tempore, tam breve vitæ
    Si non pro tanto tempus amore foret [1].

Fóra de Portugal outros poetas portuguezes não deixaram de explorar a mina poetica descoberta por Camões; Miguel de Barrios, no *Coro de las Musas,* na secção *Euterpe, Musa pastoril,* traz a *Historia de Jacob y Raquel* [2]. Lembraremos ainda a poesia amorosa do poe-

---

[1] *Horæ Subcessivæ,* pag. 374 e 375. Ulyssipone, MDCLXXIX.

[2] Brusselas, 1672; a fl. 281. Vid. Garcia Peres, *Catalogo razonado de los Autores portuguezes que escribieran en castellano.*

ta brazileiro do periodo colonial, Gregorio de Mattos, *Aos Namorados:*

Depois de muitos annos de suspiros
De desdens e retiros
Desprezos, desapegos, desenganos,
Constancia de Jacob, serviço de annos,
Fazem com que da dama idolatrada
Lhe vem recado em que lhe dá entrada.

Querido idolo meu, anjo adorado,
Lhe diz com voz, turbado,
Si para um longo amor é curta a vida,
Meu amor vos escusa de humicida.

Entre os Poetas da *Phenix renascida,* que representam o gosto culteranesco do seculo XVII, Barbosa Bacellar destaca-se pelos frequentes conceitos, que elle applicou com felicidade nas duas imitações que fez do soneto de Camões, uma glosada em quatorze oitavas, e outra em sete [1]. Esta fórma do desenvolvimento poetico define-nos cabalmente a estructura da glosa feita ao mesmo soneto por Philippe II, exprimindo o sentimento mystico.

Não podemos terminar o estudo do thema biblico, que achou o seu maximo relevo no gosto italiano da Renascença, sem o apresentar elaborado pela idealisação moderna do nosso seculo, alliando a tradição historica com a intenção philosophica:

[1] *Phenix renascida*, tom. I, pag. 166 e 172.

IDEAL E REAL

De Canaam nos solitarios prados,
Pastoreando de Labão os gados,
Solicito Jacob andou sete annos;
Deliciosa illusão contínuo afaga:
Ter em seus braços a Rachel, em paga,
Como o premio de afans quotidianos.

Oh patriarchal ingenuidade santa!
Em que se allia com perfidia tanta
A biblica rudeza dos pastores!
Quando o moço nos encantados élos
De Rachel se envolvia, e os cabellos
Destrança, e cuida fruir esses amores,

Logo á luz da alvorada, viu que o sogro
O ludibriára com pungente logro,
Mettendo-lhe no leito a magra Lia!
Na patriarchal e santa ingenuidade,
E apesar da affrontosa realidade,
Era Rachel, Rachel, que elle queria.

Não desampara o namorado o sonho;
N'esse desejo seu, febril, risonho,
Não receia affrontar ardis, enganos!
Para alcançar Rachel, ai para obtel-a
Um dia ao menos, e sómente a ella,
Obrigou-se a servir outros sete annos.

Chega ao trabalho a hora de repouso,
Como ao amante o ineffavel goso

De possuir a virginal beldade!
Mas, quem na vida ao Ideal aspira,
Quando toca a visão por que delira,
Palpa o vulto de Lia, — a realidade.

Ideal e Real! eterna antinomia,
Como as duas irmãs, Rachel e Lia,
Luz e sombra; esperança e decepção!
N'esta miragem do insondado acaso,
Esvae-se o sêr moral submisso ao praso
Com que nos logra incognito Labão.

§. IV. Camões e a Poesia popular na India Portugueza

Os primeiros versos conhecidos de Camões revelam que o seu novel talento se achava suscitado pela admiração dos grandes lyricos italianos creadores do *dolce stil nuovo,* e que a convivencia no meio litterario da Universidade de Coimbra tendia a afastal-o da comprehensão do elemento tradicional popular, fazendo d'elle um fervoroso cultor dos estudos da Antiguidade e um dos mais completos humanistas da Renascença. Se esta phase predominasse exclusivamente na expansão do seu genio artistico, Camões pouco se elevaria acima dos outros quinhentistas Antonio Ferreira, Falcão de Resende ou D. Manuel de Portugal. Porém, aquelle espirito, uma vez disciplinado pelo typo da belleza da poesia classica, foi fecundado pela seiva nacional, haurindo nos cantos populares das Redondilhas e do velho Romanceiro peninsular, o sentimento moderno, que, apesar da diversidade das linguas, unifica as Litteraturas romanicas ou da Edade-média.

Como foi Camões levado á apreciação d'esta fonte

viva da poesia medieval e popular? Como um extraordinario espirito, Camões reflectiu todos os aspectos dos diversos meios em que viveu; e assim, o fervoroso humanista do regimen da Universidade, ao frequentar a côrte e as damas do paço, que mantinham a predilecção pelas decahidas Redondilhas, renovou essas fórmas chamadas da *medida velha*, para comprazer com o gosto feminino. As Redondilhas são de uma galanteria inimitavel, de uma perfeição espontanea, e com certeza as inspirações onde estão mais profundamente impressos os traços intimos da sua vida pessoal. N'essas redondilhas serve-se Camões de versos populares, de cantigas do vulgo sabidas ou apreciadas pelas damas, como essa quadra:

Na fonte está Leonor
Lavando a talha e chorando,
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

Rodrigues Lobo tambem glosou esta cantiga, e em Lope de Vega acha-se o ultimo verso d'esta outra volta:

Descalça vae para a fonte
Leonor, pela verdura,
Vae fermosa e não segura.

Quando o poeta frequentava os Côrros e Pateos de Comedias, entre os valentões da sua edade e na convivencia do Chiado, cujos chistes admirava, obedecia então ao gosto popular que mantinha todo o interesse pe-

las fórmas do Auto medieval fixadas por Gil Vicente. Abandonava as fórmas da comedia classica ou terenciana seguidas pelo dr. Antonio Ferreira, e no *Rei Seleuco,* em Lisboa, ou já na India, no *Filodemo,* abraçava a tradição do Theatro nacional. Como os dous espiritos da Renascença, harmonisavam-se no seu lyrismo as duas fórmas poeticas dos quinhentistas.

Uma vez afastado da côrte, convivendo nas fortalezas de Africa, nas viagens da carreira, nas estações navaes do Mar Roxo, ou na vida de Gôa com os soldados da armada, Camões sentiu a belleza profunda dos cantos epicos dos Romanceiros peninsulares; e tendo adoptado as fórmas da Outava italiana para a composição da Epopêa nacional, elle sentia o valor dos Romances velhos, que tomava como centão, e com sentido proverbial nas suas Cartas em verso e em prosa. Quasi todos os Romances populares que se acham citados por Camões, só foram pela primeira vez colligidos da tradição oral no *Cancionero de Romances en que estan recopilados la mayor parte de Romances castellanos que hasta agora se han compuesto,* Anvers, 1550. Isto prova-nos que chegaram tambem ao seu conhecimento pela transmissão oral. Na sua Carta I, em prosa, cita:

1) A las armas, Moriscote
Si en ellas quereis entrar.

D'este romance diz Amador de los Rios: « El romance de *Moriscote* não se acha com effeito nas collecções; porém, foi tão popular nos principios do seculo XVI,

que quasi todos os escriptores de musica de viola de arco o citam entre os demais romances velhos e *passacalles* [1] que tomam por modelo; mas só copiam os quatro primeiros versos, suppondo sem duvida que os cantores de Romances e curiosos sabiam os restantes» [2].

Vamos apresentar a série dos Romances peninsulares a que allude Camões, recompondo depois o meio em que a predilecção dominante, sobretudo na India portugueza, actuou no seu gosto litterario. Nos *Disparates da India* vem:

2) Villas y castillos tengo,
Todos a mi mandar sone.

São proverbiaes estes dois versos do romance *Buen Conde Fernan Gonçalves,* da collecção de Anvers. (Duran, *Rom. gen.*, n.º 704).

3) Mi padre era de Ronda
y mi madre de Antequera.

Apparece na collecção de Anvers, e persiste na tradição popular da Beira, Açores e Madeira. Timoneda precedeu-o de um preambulo que começa: *Perguntando está Flerida...* (Duran, *Rom.*, n.º 258).

---

1 Entre as cantigas velhas conservadas por Sá de Miranda pertence a este genero de *passa-calles* uma que tem a rubrica: « *Cantada pela rua em dialago* ».

2 *Historia critica de la Litteratura española,* t. II, p. 628.

4) E aquelle postigo velho
Que sempre esteve fechado.

Camões allude a este romance na Carta escripta da Africa, e emprega os versos que se lhe seguem:

Vi venir pendon vermelho,
Con trezientos de caballo.

Acha-se na referida collecção de Anvers, e começa: *Por aquel postigo viego*. (Duran, *Rom.*, n.º 804).

5) Mirando la mar de España
Como menguava e crecia.

É o romance da collecção de Anvers, que começa: *Miraba de Campo-viego*. (Duran, *Rom.*, n.º 1:227).

6) Tiempo bueno, tiempo bueno,
Quien se te llevó d'aqui?

Pertence egualmente ao numero dos romances perdidos; conservou-se apenas em uma glosa no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, fl. 127. Camões conhecel-o-ia por outras fontes.

7) Navas de la tierra mia,
Venid ora y llevademe.

Em Gil Vicente apparece uma reminiscencia d'este romance: *Por el rio me llevad*.

8) Mas envidia he de vos, Conde,
Que manzilla ni pesar.

Pertence ao romance do *Conde Claros,* que começa: *Media noche era por hilo,* e antes de apparecer na collecção de Anvers já era conhecido no *Cancionero general* de 1511. Conserva-se ainda hoje na tradição popular portugueza.

9) Una adaga até pechos
Y en la mano una azagaya.

Riberas del Douro arriba
Cavalgaron zamoranos
Que roncas de tal soberbia...

Pertencem estes versos ao mesmo romance, com algumas variantes. (Duran, *Rom.*, n.os 755 e 776). Vem na Carta II da Africa, e na Carta I em prosa.

Eis outras referencias por ora desconhecidas, porventura de romances subjectivos ou lyricos, que nunca foram populares:

10) Suspirando a menudo
Hablando de tarde en tarde.

11) Maldita seas, ventura,
Que asi me hazes andar.

12) El dia que hade ser triste
Para mi solo amanece.

13) La flor de la Berberia.

14) Los bordones que elles llevan
Lanças vos pareceran.

15) Caballeros de Alcalá
No os allabareis daquesta.

16) Ricas aljubas vestidas
Y en cima uns albornozes.

17) La terrible pena mia
No la espero remediare.

18) Ouviste vos cantar já:
Velho malo em minha cama?

19) Las vozes que iba dando
Al cielo quieren subir.

Pertencem estes dois ultimos versos ao romance *Domingo era de Ramos,* da collecção de Anvers. D'elle tambem saíu o verso tantas vezes glosado: *Reniego de ti Mahoma* (Duran, *Rom.*, n.º 394). No romance de *Gayfeiros* tambem se acham com a variante:

Voces dá por el palacio
Que al cielo quieren llegar.

A cantiga do *Velho malo* (vid. 18) é tambem referida por Camões no Auto do *Rei Seleuco.* Já Christovam Falcão, na sua inimitavel ecloga do *Chrisfal,* alludia a esta cantiga, aproximando-nos assim do escandalo da côrte que a motivára:

Esta dama e pastora
certo que melhor que ia,
quando a cantar ouvia
dando fee que *em sua cama*
o velho não dormiria.

A pastora de que aqui falla a ecloga, Elena, é D. Maria Manuel, de dezeseis annos de edade, que o bastardo de D. João II, com setenta annos já, queria para esposa. Ha um fundo popular, as *Maravilhas do meu velho,* que serviria para thema dos chascos da côrte.

20) Los ojos puestos al cielo
Juramento iva echando.

Estes dois versos fazem parte do desafio do romance de *Oliveiros.* (Duran, *Rom.,* n.º 370).

21) Ya cabalga Calaynos
A la sombra de una oliva.

Por el tu amor, senora (Sevilla)
Passé yo la mar salada.

São tomados estes versos do romance de *Calaynos,* que se acha na collecção de Anvers. (Duran, *Rom.,* n.º 373).

22) Donde estás que te no veo,
Que es de ti esperança mia.

É um fragmento do romance do *Marquez de Man-*

tua, introduzido por Camões nas suas Cartas em prosa.

23) Y que nuevas me traedes
Del mi amor que alla era.

Acha-se o primeiro verso no romance *Estaba la linda Infanta,* da collecção de Anvers, e ainda hoje popular em Portugal. (Duran, *Rom.*, n.º 4).

24) Mi cama son duras peñas
Mi dormir siempre es velar.

Su comer las carnes crudas,
Su beber la viva sangre.

Os primeiros dois versos pertencem ao romance velho: *Mis arreos son las armas,* que se acha tambem intercalado no romance de *Moriana.* (Duran, *Rom.*, n.os 300, e 7).

A fuera, a fuera Rodrigo.

Acha-se na Carta em prosa, e pertence ao velho romance da collecção de Anvers, do cyclo do *Cid.* (Duran, *Rom.*, n.º 774).

Esta predilecção que se observa em Camões, não é um facto isolado; era-lhe imposta pelas referencias proverbiaes usadas pelos seus companheiros de armas na Africa e na India. Nas *Decadas* de Diogo do Couto, abundam as referencias aos romances velhos, e era com parodias dos mais conhecidos que os partidos de Gôa se

feriam. Interessa-nos conhecer este meio social, emquanto ás condições que favoreciam a persistencia da tradição poetica popular.

Em um nosso anterior trabalho, *Historia de Camões*, (p. 157) já tinhamos observado o facto da revivescencia da tradição popular na India portugueza: «Á medida que os Romances tradicionaes se foram esquecendo na côrte de Lisboa, o vigor da tradição foi reflorindo sobre as provincias, aonde por alguns seculos continuaram a ser repetidos; não só nas ilhas dos Açores (e Madeira) encontraram paixão as velhas *Aravias* peninsulares, tambem na India eram cantadas pelos guerreiros portuguezes, como vemos a cada pagina das pittorescas narrativas de Diogo do Couto. Citamos alguns factos. Quando D. Antonio de Noronha foi a Surrate em 1560, os romances populares serviram para dar avisos secretos na expedição: = e foi correndo a Armada a dar-lhe aviso do que haviam de fazer. E perpassando a galeota de D. Jorge de Menezes, chamando por elle, lhe disse aquellas palavras do romance velho:

Vamos, dixe mi tio,
A Paris essa ciudad,

dando a entender, que estava assentado passar avante para a fortaleza. E D. Jorge de Menezes respondeu, com o mesmo romance:

No en trajos de romero
Por que no os conozca Galvan.

E mettendo-se com elle na galeota, o foi acompanhando até á sua galeota. . . = » [1]. Este romance do cyclo de *Gayfeiros,* acha-se tambem citado por Gil Vicente, signal de que os cavalleiros portuguezes não o conheceram pelo Cancioneiro de Anvers. Na versão castelhana ha variantes:

En figura de romeros,
Que no nos conozca Galvane.

(Duran, *Rom.,* n.º 573).

Quando D. Luiz de Athayde ia a alguma expedição, cantavam-se tambem por mar e sob o peso da metralha as mais conhecidas estrophes dos romances velhos; da sua chegada á barra de Bracellor diz Couto: « Commetteu logo a entrada com todos os navios de remo, em uma cadeira de brocado, armado com suas plumas e perto d'elle ia sentado o Veiga, tangendo uma harpa e cantando aquelle romance velho, que diz:

Entran los Moros en Troya
Tres y tres, y quatro y quatro.

« E chegando perto da fortaleza, começaram a vir zunindo por cima das embarcações algumas bombardas, com que o Veiga, que ia cantando, se embaraçou; ao que o Vice-rei muito seguro lhe disse: — Oh! hide por

---

[1] Couto, *Decada VII,* cap. XII.

diante, não vos estorve nada » [1]. O romance que o Veiga cantava era de origem litteraria; fôra composto por Luis Hurtado, vulgarisando-se no *Cancionero de Romances*; começava: « En Troya entran los griegos ». (*Rom. gen.*, n.° 474). Este romance é o documento da adaptação das tradições greco-romanas ou classicas ao gosto popular; em Portugal, Jorge Ferreira tambem reduziu ás fórmas do romance peninsular muitos episodios colhidos da erudição humanista.

Aquelles que criticavam o Vice-rei D. Constantino de Bragança por estar construindo uma náo para vir para o reino, serviam-se da parodia dos romances velhos. Diz Couto: « E tanto que lhe cantavam aquelle romance velho:

> Mira Nero da Tarpeia
> A Roma como ardia...

em:

> Mira Nero da janella
> La nave como se hazia » [2].

Pertence este romance á mesma corrente litteraria que se apropriou das fórmas populares na segunda metade do seculo XVI; postoque corresse anonymo, Duran considera-o composto por Velazanez d'Avila, e encontrou-o em uma folha volante em 4.° gothico. Na versão de Duran (*Rom. gen.*, n.° 571) traz leves variantes:

---

[1] Canto, *Decada VIII*, cap. XII.
[2] Idem, *Decada VII*, cap. XVII.

*

Mira Nero *de* Tarpeya
A Roma como *se* ardia.

A victoria de Salsete era celebrada na India por um romance que se tornou popular, do qual Diogo do Couto cita apenas cinco versos, por ser no seu tempo muito conhecido: «E foi esta victoria tão celebrada e festejada em Gôa, que no dia das festas, nas folias a que o Governador era muito affeiçoado, se lhe cantava um romance, que um curioso fez, que começa:

Pelos campos de Salsete
Mouros mil feridos vão,
Vae-lhe dando no encalço
O de Castro Dom João.
Vinte mil eram por todos...» [1]

Ordinariamente os primeiros versos dos romances mais populares serviam de começo a novas composições do mesmo genero; similhante ao romance á victoria de Salsete, existia o velho romance, que começava: «En los campos de Alaventosa», que é o romance de *D. Beltrão,* conhecido em Portugal.

Além da vida da guerra, a lucta com as tempestades do mar tambem suscitava um profundo sentimento da poesia. Tendo soffrido temporaes e naufragios, estações navaes doentias e aborrecidas, cruzeiros e abordagens, Camões não podia ser extranho á poesia que alen-

---

[1] Couto, *Decada VI,* cap. x.

tava todos os corações com quem fraternisára nas calamidades. Pelo episodio de *Sepulveda,* nos *Lusiadas,* vê-se quanto elle sentia a immensa poesia das relações de naufragio. Fr. Pantaleão de Aveiro conta alguns costumes dos marinheiros, no seu *Itinerario da Terra Santa:* «e se aquietaram nossos animos, e se alegraram nossos corações: e logo o patrão mandou cantar a *Salve Regina,* com outras orações, que os Venezianos costumam nas suas náos» [1]. Gil Vicente chama *Salvas* estas orações dos marinheiros, quer quando se recolhem, quer nos momentos da tempestade. Conta Fr. Pantaleão de Aveiro: «vimos vir pelo mar alguns corpos de homens mortos, que parece naquella tormenta se haviam perdido: a vista dos quaes perturbou em grande maneira a nossa e nos encheu de temor, vendo-nos livres de outro tanto. Logo o patrão mandou tocar a trombeta da náo: e acudindo todos a saber o que queria: mandou a cada um rezar tres vezes o *Pater noster* e *Ave Maria* pelas almas d'aquelles defunctos, o que foi de todos com boa vontade comprido, com o qual alguns rezaram *outras particulares orações...*» (Ib., p. 25).

Em um Ms. intitulado *Catalogo dos Escriptores da Provincia do Malabar da Companhia de Jesus,* attribue-se a S. Francisco Xavier na sua viagem para a India em 1541 a composição de algumas cantigas, que ficaram nos costumes dos marinheiros: «N'esta viagem com-

[1] Op. cit., p. 25.

poz o santo *as devotas cantigas, que usaram e ainda em parte usam os mareantes da carreira da India com palavras castelhanas e portuguezas*». Quaes fossem essas cantigas ignoramol-o ao presente; os jesuitas que acompanhavam as náos da carreira da India nunca deixavam de fanatisar a tripulação; na *Historia tragico-maritima* cita-se uma cantiga do padre Ignacio de Azevedo, que era recitada em uma tempestade pelos marinheiros. Lê-se na relação do naufragio da Náo Santiago, em 1585: «Á sexta-feira, trinta do mez, entrando a noite, disseram que ouviram uma musica suavissima, como de vozes de meninos, que claramente se deixava entender, e cantavam:

Todo o fiel christão
he obrigado
a ter devoção
á santa Cruz...

«Isto contaram depois que se salvaram da jangada... A musica continuou-se cinco noites assim, até os pôr em terra, e com a musica desappareceram as reliquias» [1]. A oração acima referida pertencia ao numero d'aquellas que o padre Ignacio Martins ensinava ás crianças quando as arrebanhava sob a Bandeira da Santa Doutrina, e que se conservaram na afamada Cartilha de Mestre Ignacio; prosegue assim:

---

1 *Hist. tragico-maritima,* t. II, p. 128.

de Christo nossa luz,
pois n'ella quiz ser
crucificado,
para nos livrar
do cativeiro
de nosso peccado, etc.

Adiante veremos como Pyrard descreve o costume dos alumnos do Collegio dos Jesuitas cantarem pelas ruas de Gôa cantigas devotas, que porventura seriam as que se acham colligidas na Cartilha. Importa observar a lucta do monotheismo occidental, da religião dos invasores triumphantes, contra as crenças brahmanicas. A intolerancia catholica, actuando sobre os governadores, que mandavam destruir os pagodes e entregar as suas riquezas aos padres missionarios, embaraçava profundamente a creação de uma nova sociedade, que no futuro, como aconteceu com o Brazil, constituiria o prolongamento da Patria portugueza. Assim a colonia, que tinha proporções para ser um vastissimo imperio autonomo, nunca passou de uma possessão explorada, que se desmembrava gradualmente aos mais leves ataques dos Hollandezes e dos Inglezes. Ainda hoje a extensão d'estes dominios mede-se não já pelo poder, mas pela sympathia e persistencia da tradição portugueza.

Em 1541, depois da destruição dos templos das ilhas de Gôa, os seus bens e riquezas passaram violentamente para a sustentação do clero catholico. O jesuita Francisco Rodrigues obteve em 1566 um decreto do vice-rei prohibindo a construcção de novos templos e os reparos nos que ainda existiam em Salsete. Quando, em

1567, o capitão da fortaleza de Rachol, Diogo Rodrigues, mandou por indigna represalia destruir a fogo o principal pagode de Lontolim, o vice-rei D. Antão de Noronha libertou-o da sentença condemnatoria, dizendo-lhe: «*Volte para Salsete, queime quantos pagodes puder, e o mais fica por minha conta*». Fiado na impunidade e na boçalidade fanatica do vice-rei, Diogo Rodrigues voltou para Salsete, demoliu o grande pagode de *Madolden*, de Verná, seguindo-se na mesma provincia mais duzentos e oitenta, que foram arrazados, sendo agraciado por D. Sebastião com parte das riquezas d'esses templos que foram compartilhadas com os padres catholicos [1]. As leis que emanavam da metropole eram de uma crueza insensata; uma lei da regencia de D. Catherina, de 25 de março de 1559, manda: «que d'aqui em diante na dita ilha de Gôa, e nas outras suas annexas, não haja mais pagodes de hidolos, em casa alguma nem fóra d'ella, e se queimem e desfaçam todos os que ahi houver, e que nenhum official, nem outra alguma pessoa os faça, nem possa fazer, de páo, nem de pedra, nem de nenhum metal, nem de outra alguma coisa, e que se não façam, nem consintam fazer nenhumas festas gentilicas publicas nas casas nem fóra d'ellas, nem aja bramenes, prégadores de sua gentilidade, nem se festeje *a festa da arequeira* que costumam fazer, nem *lavatorios* de gentios, nem se consintam queimar...» [2]

---

[1] Lopes Mendes, *A India portugueza*, t. II, p. 60.

[2] Livro vermelho da Relação, fl. 41 v. (Ap. Lopes Mendes).

As artes tambem eram mortalmente feridas com estes despotismos nefandos, como o pregão publicado nas ruas de Gôa em 8 de janeiro de 1588, pela Provisão do vice-rei D. Duarte de Menezes, que poz em execução as decisões do primeiro Concilio provincial de Gôa (decreto 28, da 2.ª acção), que: «nenhum pintor ou escultor infiel pinte ou faça imagens de Christo Nosso Senhor, nem da Virgem Nossa Senhora, nem outro algum santo, nem outra cousa alguma que pertença ao culto divino e igrejas dos christãos, nem os ourives, fundidores, latoeiros ou quaesquer outros officiaes infieis, façam calices, cruzes, crucifixos, imagens ou figuras de santos, castiçaes, nem outra cousa alguma que aja de servir no culto divino e das igrejas, visto tambem aver aly officiaes christãos, que possam fazer as ditas cousas, no que receberá justiça, esmola e mercê». A infracção era castigada pela primeira vez com a multa de cincoenta pardáos, pela segunda com a de cem, e pela terceira com o degredo para as galés «e a mais pena que me parecer serviço de Deus». E como não bastassem todos estes attentados, escrevia o Inquisidor geral de Gôa em 1731 a D. João v, para que mandasse prohibir o uso do idioma nativo: «porque, como não fallam senão a lingua da terra, vem os bottos, servidores e grous dos pagodes ás ditas aldeias occultamente, e com homens e mulheres d'ellas (tratam) dogmas da sua seita, e os persuadem a ella, e que lhe dêem esmolas para os ditos pagodes, e o mais necessario para o ornamento d'elles, trazendo-lhes á memoria as fortunas que tinham todos os seus antepassados em assim observarem, e que por esses faltarem á

dita observação lhe aconteciam as ruinas que experimentavam, em cujas persuasões se movem a dar as ditas esmolas, e ir aos pagodes fazer-lhes offertas e sacrificios e outras diabolicas cerimonias, largando a lei de Jesus Christo que no santo baptismo professaram; o que não aconteceria, se não soubessem mais que a lingua portugueza, porque não sabendo a natural, não poderão ter tal communicação com os bottos, grous e mais servidores dos pagodes, que não sabem outra mais que a mesma natural da terra; etc. [1]

Pyrard, na *Viagem contendo a noticia da sua navegação ás Indias orientaes,* (1601-1611) descreve alguns costumes que nos dão luz sobre a poesia popular portugueza na India. Do costume do Collegio dos Jesuitas escreve: «Fazem ali muitas vezes brinquedos, *representam comedias com guerras e batalhas, tanto a pé como a cavallo,* e tudo em muito boa ordem e com vestuario apropriado». E exemplifica amplamente a asserção, nas seguintes palavras: «... e quando saem das aulas todos os de um mesmo bairro, caminham juntos e *vão cantando pela rua em alta voz rezas e orações com seu credo;* mas só vão assim cantando os meninos menores de quinze annos; porque os de quinze annos para cima não seguem este estylo. *O fim d'este canto é attrahir os infieis á fé*».

«Todos os domingos e dias santos depois do meio-

[1] *Livro das Monções,* 101, fl. 569. (Ap. Lopes Mendes, op. cit., t. II, p. 61).

dia os mestres e outros padres jesuitas para isso ordenados, vão em fórma de procissão pela cidade, com cruzes e bandeiras, *cantando com todos os seus estudantes*, que marcham formados segundo as suas classes, e *então cantam todos, grandes e pequenos*, e são seguidos de grande numero de habitantes, e todos vão á egreja do Bom Jesus, onde um padre jesuita os catechisa, e toda a igreja está cheia de bancos para este effeito».

Os jesuitas procuravam desviar o povo dos seus cantos tradicionaes, fazendo-o decorar cantigas prosaicas e sem ideal. Mesmo na propaganda catholica no Oriente serviam-se d'este processo de conversão: «*E estas Cantigas se ordenam pera que se esquecessem das suas* que continuamente cantam. He de maneira que já n'este logar não se ouvem outras cantigas, senão as que a Igreja lhes ensina» [1].

Nos costumes da sociedade portugueza de Gôa, as cantigas repetiam-se nas festas religiosas, á maneira da metropole. Eis como Pyrard descreve as *consoadas* do Natal: «Jejuam vespera de Natal, e jantam ao meio-dia; mas antes de irem á missa da meia noite, pela volta das onze horas fazem uma collação que equivale a uma ceia, salvo não comerem carne nem peixe, mas tudo o mais comem e bebem a fartar. No dia de Natal, *em todas as igrejas se representam os mysterios da natividade com grande copia de personagens e animaes que fallam*, como cá os bonifrates, e ha grandes rochedos, e por

[1] *Cartas do Japão*, fl. 128 v.

baixo d'elles homens que fazem mexer e fallar estas figuras como querem, e todos vêem estes brincos. Mesmo na maior parte das casas e encruzilhadas das ruas ha similhantes divertimentos... Nas ruas, praças e outros logares da cidade ha mezas cobertas de bellas toalhas brancas e bem obradas, e sobre ellas muitos confeitos, doces seccos e bolos a que chamam *rosquilhas,* de mil feitios diversos, de que toda a gente compra para dar mutuamente por consoada; e dura este tempo da feira até passado dia de Reis. De noite vão pôr grandes letreiros com estas palavras — *Anno bom* — acompanhados de musica e instrumentos».

Aqui temos a vigilia das *Lapinhas,* que os jesuitas usavam tambem no Brazil, e os cantos dos *Janeireiros,* ou dos *Annos boinos,* a que alludem Antonio Prestes e D. Francisco Manuel.

Pela Paschoa, segundo refere Pyrard, «têm tambem para uso da igreja grande numero de charamellas, cornetas, tambores e outros instrumentos». E accrescenta: «Não passa festividade alguma em que não façam algum brinco a que assiste o povo, que ali acode aos ranchos, e a todas as cerimonias e solemnidades da festa se accrescentam feiras, banquetes e musicas em toda a sorte de instrumentos, entremeiando assim os prazeres com as devoções. Deleitam-se tambem muito de ir a passeio pelo rio em suas manchuas, feitas em fórma de galeotas, onde vão a coberto com musicas...» Nas casas de jogo tambem se usavam descantes, como relata Pyrard: «Emquanto jogam, *ha raparigas, servas e escravas do dono da casa, que tangem instrumentos e*

cantam arias para recrear os parceiros, e note-se que para isto se buscam as mais bellas raparigas que se podem imaginar. — Lá, assim *os homens como as mulheres, todos aprendem a cantar e tocar instrumentos,* mas não usam dansas». — «A occupação das mulheres não é outra durante todo o dia mais que cantar e tanger instrumentos, e algumas vezes mas raras se visitam. — Uma das recreações dos portuguezes em Gôa é juntarem-se ás suas portas com cinco ou seis visinhos assentados á sombra em bellas cadeiras para praticarem... Quando comem ou quando se levantam e deitam, *mandam vir toda a sua musica de escravos,* assim machos como femeas, para os recrear, etc.»

Os soldados da armada portugueza, quando descansavam em Gôa, viviam em pequenos ranchos: «Em todo o dia estão na sua sala, ou á porta assentados em cadeiras, á sombra e á fresca em camisa e ceroulas, e alli *cantam e tocam guitarra ou outro instrumento*».

No Edital da Inquisição de Gôa, de 14 de Abril de 1736, acham-se prohibidos os costumes mais intimos dos indigenas christãos, e por elles se descobre a persistencia de muitos dos elementos da poesia tradicional portugueza:

«Art. 1.° — Mandamos, que os naturaes da India, moradores na ilha de Gôa e nas mais ilhas adjacentes, e nas provincias de Salsete e Bardês, nas occasiões de seus casamentos, nem antes, nem depois d'elles, nem em acção alguma que lhes diga respeito, *usem de gaitas* e outros *instrumentos gentilicos,* como até ao presente se costumava.

«Art. 6.º Que nas occasiões de seus casamentos, e em todos os actos, que se dirigirem e ordenarem para as solemnidades d'elles, assim em casa do noivo, como da noiva, *não cantem, nem em publico, nem em particular, as cantigas, que se costumam cantar na lingua da terra, e se chamam vulgarmente* voviós, e quando queiram fazer algum festejo em demonstração de alegria, *não seja com cantigas, que tenham similhança com os ditos* voviós, e nunca em taes funcções cantarão pessoas femininas parentes ou Daigaes do noivo ou da noiva.

«Art. 7.º Que em nenhuma occasião, *nem com pretexto algum, se cantem em suas casas as cantigas chamadas* voviós, nem em publico nem em particular, *para com effeito se extinguir o uso das ditas cantigas* entre os fieis christãos».

Nos opusculos de Schuchardt, sob os dialectos indo-portuguezes de Cochim e de Diu, vem algumas cantigas populares n'aquella *linguagem mascavada de ervilhaca,* a que allude Camões na sua Carta I da India. Transcrevemos algumas como simples amostra:

Com sangui de propria vêas
Bella noite escreveu
Com poucos letras, já mais que diga
Eu heide amar até morrê.

Papágai verd
Com bica du lacre
Levai est cart
Aquell ingrat.

Oh! baby cur, curry,
Pentiá cabel
Pela manh cêd.

Amarai chendó grand
Com ping du azeite,
Se não tem azeite
Butá sangue do meu peit.

Noib com noibinh,
Galinh com pentinh,
Baix de janell
Já trucá annel.

Debaix du ramad
Já naceu luvar,
Lá vê su noibo
De chapé armad.

Cumêm arec betle
Não cuspi nu cham,
Cuspi nu mé peit,
Regai mé coração.

Raminh, raminh
Pegá na mão,
Se querê amor
Largá nu chão.

A poesia popular portugueza conservou na India um tal gráo de vivacidade, que no inicio dos modernos estudos folkloricos, antes mesmo de Garrett encetar as pesquizas do seu romanceiro, Costa e Silva colligiu do di-

tado de uma senhora de Gôa o antigo romance da *Donzella que vae á guerra,* o qual já na primeira metade do seculo XVI era conhecido pelo titulo *O rapaz do Conde Daros.* Foi da India portugueza que nos veiu a primeira centelha que inspirou a Costa e Silva o gosto pela tradição, baseando sobre esse romance o poema *Isabel ou a heroina de Aragão.* Garrett consignou o facto, que não lhe foi indifferente. Como seria interessante uma exploração d'esta mina, tão facil de descobrir, desde que muitos poetas e criticos da actual geração portugueza são naturaes de Gôa.

CAPITULO IV

O Theatro camoniano

§. I. Fórmas populares do theatro portuguez

As obras dramaticas de Camões correspondem a tres situações da sua vida, que imprimem n'ellas um cunho especial: na frequencia das escholas, onde predominava o espirito erudito da Renascença, escreve ou representa a imitação plautina do Auto dos *Amphytriões;* na vida de Lisboa, entre uma mocidade desvairada, como o seu amigo Antonio Ribeiro Chiado, frequenta as aventuras dos Côrros e Pateos de Comedias, para onde escreve a comedia de *El-rei Seleuco;* na India, entre as festas ruidosas de Gôa, tão appetecidas pelos Vice-reis, escreve para a investidura do governo de Francisco Barreto a outra comedia o *Filodemo*. Vê-se que a sua obra dramatica fôra mais para comprazer com as exigencias do meio social em que se achou envolvido; comtudo, ella por si demonstra a superior capacidade esthe-

tica de Camões, conciliando os dous espiritos da Edade-média e da Renascença, pelo modo como allia as fórmas populares do Auto, fixadas por Gil Vicente, com os themas mythologicos imitados dos escriptores greco-romanos. Gil Vicente não transigira com as fórmas da Comedia classica; Sá de Miranda era implacavel contra a rudeza do Auto medieval; só em Camões se encontra a harmonia entre as duas épocas, ou entre as duas almas. A antinomia entre a tradição medieval e a erudição classica é evidente em todas as fórmas da Arte: na Architectura contrapõem-se o *gothico* e as *ordens gregas;* na Pintura o gosto ou *estylo flamengo* incompativel com o *italiano;* na Ourivesaria, a perfeição italiana contra os velhos modelos arabe-byzantinos. Na Litteratura, o Lyrismo é inconciliavel emquanto á poetica italiana com a metrificação de redondilha ou cancioneiro; na Epopêa, as fórmas virgilianas não conseguem extinguir a predilecção pelos Romances velhos e vigorados com a fórma litteraria; no Theatro, o Auto quer popular, hieratico e aristocratico, em verso de redondilha, e sobre tradições da phase catholico-feudal, é sem relação com a comedia e a tragedia classicas imitadas através da Renascença italiana. Entre estes dous mundos, que se continuavam, e que se julgavam incompativeis, Camões sentiu a unificação artistica antes e muito antes da sua solidariedade historica. Seduzido pela tradição viva, abraçou as fórmas do Auto, taes como as admirára em Gil Vicente na sua mocidade; quando a tradição morta reviveu na Renascença, soube tambem repassar-se d'este novo amor.

A critica litteraria para comprehender as creações estheticas das altas individualidades como um Shakespeare ou um Goëthe, procura sempre o elemento tradicional, inconsciente e popular como a materia prima das emoções elaborada intencionalmente pelo genio nas suas syntheses affectivas. É no Theatro, em que a creação dos caracteres pertence ao espirito philosophico do poeta, que esses themas tradicionaes melhor se destacam, sem que a universalidade do assumpto prejudique a originalidade das situações. Na *Historia do Theatro portuguez,* exclusivamente entregues ao estudo dos documentos litterarios, faltámos a estes principios, deixando de investigar as origens populares das nossas fórmas dramaticas, a que Gil Vicente deu fórma consciente. E comtudo, póde-se affirmar, que raro será o Auto de Gil Vicente que não tenha por base um thema tradicional; citaremos dois exemplos importantes. O *Auto da Feira* apparece em uma tradição arabe; transcrevemol-a tal como foi colligida junto do poço de Sidi-Mahomet:

Um dia, Sidna-Ayssa (Jesus) encontrou Chitan (Satan) que tangia quatro jumentos bem carregados, e disse-lhe:

—Chitan! com que d'esta feita estás agora mercador?

—Sim, Senhor; e não chego a dar vasante a tantas encommendas de fazenda.

—Quaes são as mercadorias que vendes?

—Senhor! é um negocio magnifico; senão, reparae: d'estes quatro jumentos, os quaes eu escolhi d'en-

*

tre os mais fortes da Syria, está um carregado de injustiças. Quem m'as comprará? Os Sultões.

O outro está carregado de invejas; quem m'as comprará? Os Sabios.

O terceiro está carregado de roubos; quem m'os comprará? Os negociantes.

O quarto traz de mistura com perfidias e velhacarias, um sortimento de seducções que roçam por todos os vicios; quem m'as ha de comprar? as mulheres.

— Malvado! Deus te amaldiçôe! replicou Sidna.

No dia seguinte, Sidna-Ayssa estava orando no mesmo sitio, e ouviu as pragas de um arrieiro, cujos quatro jumentos gemendo debaixo da carga não queriam andar. Elle reconheceu Chitan.

— Graças a Deus, que nada vendeste! disse elle.

— Senhor! uma hora depois que d'aqui parti, todas as minhas canastras ficaram vasias; porém, como sempre, tenho encontrado difficuldades no pagamento. O Sultão mandou pagar-me pelo Kalifa, que quiz enganar-me na conta. Os Sabios diziam-me que eram pobres. Os Mercadores chamaram-me ladrão, e eu a elles. Só as mulheres é que pagaram bem sem regatear.

— Mas as tuas canastras ainda estão cheias! objectou Sidna-Ayssa.

— Estão cheias de dinheiro; e eu levo-o ao Cadé, respondeu Chitan, tangendo os burros para diante» [1].

[1] Chancel, *Uma Caravana no deserto;* ap. Pelletan, *Heures de Travail,* t. I, p. 188.

Gil Vicente sobre este thema tradicional, achado por elle no meio popular, deu relevo pittoresco ás ideias criticas da Reforma, no seculo XVI. Não nos admira encontrar este assumpto, tambem com a fórma dramatica em outros paizes da Europa. Nos *Souvenirs de Charles Henri, baron de Gleichen,* do tempo de Luiz XV, acha-se descripto um Mysterio dramatico hespanhol, formado dos mesmos elementos que entraram no *Auto da Feira:*

«A primeira a que assisti, era uma peça allegorica, que figurava uma feira. Jesus Christo e a Santa Virgem alli tinham loja aberta, rivalisando com a Morte e o Peccado, e as Almas ali vinham fazer as suas compras. A loja de Nossa Senhora era em frente do theatro, no meio dos seus inimigos, e tinha por taboleta uma ostia e um calix cercados de raios transparentes. Toda a giria commercial era empregada pela Morte e pelo Peccado para attrahir os freguezes, para os seduzir, e para os enganar, ao passo que os trechos da mais bella eloquencia eram recitados por Jesus e pela Santa Virgem, para desviar e desenganar estas Almas perdidas. Porém, apesar d'isto, elles vendiam menos do que os outros, o que produzia no fim da peça uma contradança, que exprimia a sua inveja, e que terminou com vantagem de Nosso Senhor e de sua Mãe, que lançaram fóra a Morte e o Peccado com uma roda de pontapés» [1].

---

[1] Ap. Morin, *Phantaisies théologiques,* pag. 104.

Tambem o *Auto das Barcas* tem por base a lenda celtica, dos mortos transportados para a ilha da Bretanha, para serem julgados, como conta Procopio [1]. Estes factos põem em evidencia a importancia scientifica do methodo critico. No theatro portuguez acham-se ainda entre o povo os elementos generativos das fórmas dramaticas litterarias: as duas origens lyrica e epica, destacam-se nos usos populares, a primeira nos despiques á desgarrada, nos dialogos entre conversados, a segunda nos jogos fallados e figurados, e nas Mouriscadas; as fórmas internas do drama, como o *Côro,* conservadas nos cantares das Janeiras e Reis, o *Monologo* nas Lôas do presepio, o *Dialogo* nos Villancicos do Natal e Colloquios da Paixão, as Scenas de epilogo ou desenlace nos Autos guerreiros das *Mouriscadas*. Nos costumes populares do Brazil, vestigios dos antigos colonisadores portuguezes, existem os que se denominam *Reinados;* é ao que em França no seculo XVI, se chamava *Reinages*. Transcrevemos os seguintes factos, que nos restabelecem a comprehensão do antigo costume portuguez: «No começo do seculo XVI, no Vivarais, punham-se em leilão os cargos do rei, da rainha e dos principaes dignitarios da côrte de França, para os fazer representar sobre uma scena rustica pelos membros de uma confraria local. No Quercy, as *reinages* encontram-se até ao seculo XVIII. As aldeias nomeam os reis e rainhas, cujas funcções são

[1] Ap. Sismondi, *Hist. de la chute de l'Empire romain*, t. I, p. 283.

onerosas. Em Saint-Fleuret, depois das missas solemnes, o rei e a rainha davam de comer e beber a todos os habitantes do logar; tambores, rabecas, gaitas e descargas de mosquetes não cessavam de ouvir-se durante toda a festa, que acaba por fogo de vistas. Em uma aldeia picarda, cada anno, pelo S. Nicoláo, adjudicava-se ao que mais désse o titulo de Principe da rapaziada. Este principe tinha o direito de fazer a primeira reverencia ao Senhor, de romper a dansa, de commandar os tiros das salvas nos dias de baptisados» [1]. A fórma de *Reinados* ou *Imperios* existiu em Portugal como peculiar das festas do Espirito Santo, e conserva-se ainda nas ilhas dos Açores, onde se tira á sorte o cargo do *Imperador*, que tem de dar um banquete á irmandade da festa. O titulo de rei é usado entre o povo como significando o principal; assim se diz, rei dos trapaceiros, rei dos ladrões; e as palavras *reinação* e *reinadio* têm o sentido de festa ou cousa com caracter festivo.

Em Santo Thyrso (Minho), dá-se o nome de *Reisadas* ás festas e Autos populares dos Reis Magos, e *Reiseiros* aos que representam os tres reis. Lê-se no jornal de Santo Thyrso (7 de fevereiro de 1889): «As REISADAS. No domingo, como não havia outra diversão, estiveram bastante concorridas as *Reisadas* no Campo 29 de março, d'esta villa. Tanto os *Reiseiros*, como outros personagens, esforçaram-se o mais que poderam para se não

---

[1] Albert Babeau, *Le Village dans l'ancien régime*, p. 334.

afastar nada do *casco,* como chamam ao folheto d'este auto popular, que se occupa com a adoração dos Reis Magos, e, se não desempenharam melhor os seus papeis, é porque não podiam ou não sabiam fazel-o, pelo que vós, oh meus *Reiseiros,* estaes desculpados; podeis ir descançados para vossas casas» [1].

No *Imperio da Galilea,* formado pelos escreventes dos procuradores da Camara de Contas, no tempo de Francisco I, era pela festa dos Reis, que essa sociedade representava as suas Momices e *Dansas mouriscas.* Sobre estas danças, escreve Adolphe Fabre: «Entre os assumptos representados nas dansas macabras figura quasi sempre um Mouro, isto é, um negro coberto de turbante, vestido com uma tunica curta, pernas e braços nús, tendo n'uma mão uma lança e na outra uma trombeta, que leva á bocca para chamar toda a gente á ronda final» [2]. Aqui vemos como a dansa mourisca dos *Reiseiros* tendia a desenvolver-se no genero dramatico popular das *Mouriscadas.*

Não nos deteremos em exemplificar todas estas fórmas, em grande parte conhecidas pelas investigações dos nossos folkloristas; limitamo-nos apenas ao rudimento popular do theatro nas ilhas dos Açores, as *Mouriscadas,* das quaes já fallou o insulano José de Torres. A *Mouriscada,* de que apresentámos um magnifico especi-

---

[1] Ap. Alberto Pimentel, *Obras do Poeta Chiado,* p. XL. Ed. 1889.

[2] *Les Clercs du Palais,* p. 102.

men no auto do *Conde de Lusbella,* que obtivemos do dr. Ernesto do Canto, é uma fórma commum a toda a peninsula, nascida nas épocas em que a reconquista christã aproveitava o vigor da unificação nacional. Muitas vezes as *Mouriscadas* foram prohibidas, mas não conseguiram ser extirpadas das festas populares. Na *Tribuna,* de Madrid (n.º 70, anno I, 1882) vem a seguinte transcripção, que nos interessa:

«Una das costumbres que aun se conservan en las fiestas de muchos pueblos de esta provincia san los *simulacros entre moros y cristianos,* costumbre que data de immemorial y que siempre que se repite viene ocasionando desgracias á alguno de los bandos.

«Recientemente en Cabera de Alcira ha occurrido una de estas desgracias. A uno de los desgrazados se le olvidó sacar la baqueta del cañon de su escopeta, y al hacer el disparo fué aquella á clavarse en la frente de un soldado enemigo, resultando ser este el secretario del Ayuntamiento, que sobrevivió pocos momentos, á pesar de los auxilios que le fueron prestados». Já no tempo de Affonso Magno chamavam-se *Mouriscos* os soldados que andavam nas hostes contra os arabes. Em Portugal acha-se este mesmo uso em muitas provincias com um caracter hieratico, e fazendo parte obrigada de algumas procissões. Em uma correspondencia para a *Actualidade* (23 de julho de 1877) ácerca da procissão da Senhora do Carmo, de Vianna do Castello, falla-se da antiga usança que desapparecia: «Bem me lembro eu ainda d'aquellas festas! A dança que obteve maior fama e mais luzido credito foi a do *Rei da Moirama,* uma es-

pecie de rusga entre catholicos e mouros, os quaes, como era logico, apanhavam grossa pancadaria dos defensores da fé, no meio de muita algazarra dos espectadores devotos. Note-se que, para que o cunho nacional estivesse ali efficazmente impresso, esta contenda era toda obrada em redondilhas toantes, misturando-se piedosamente as lôas á Virgem com as petulantes chufas que os nossos iam jogando á soffredora mourisma».

Nos *Cantos populares do Brazil,* o rudimento da *Mouriscada* apresenta um aspecto maritimo; é precioso o documento colligido em Sergipe pelo dr. Sylvio Romero, (t. I, n.º 70) postoque se refira ás guerras com a Turquia, cuja impressão, especialmente da grande batalha de Lepanto, se perpetuou na tradição popular, como se vê pelo romance de *D. João da Armada.* A dansa *Mourisca,* a que allude Garcia de Resende, uma vez figurada e dialogada, deu esse esboço dramatico que nas festas do casamento de D. Maria I tomou o caracter de «*farça mourisca*» citada no relatorio dos festejos da Bahia. As *Mouriscadas* são um espectaculo querido das romarias; na da Senhora das Neves, do Minho, representa-se *Ferra-Braz* (Fier à bras) e *Floripes* (Floripar); em Monte-Mór, representava-se no começo d'este seculo o *Auto do Abbade João,* e no seculo XVII, era tambem vulgar, segundo D. Francisco Manuel, o *Auto de El-rei Almançor da Berberia.* Na ilha de S. Miguel o titulo de *Mouriscada* tornou-se synonymo de composição dramatica. De ordinario estas composições transmittem-se realmente, adquirindo assim a expressão profunda e pit-

toresca da concepção anonyma. A investigação do theatro popular em Portugal ainda não foi tentada; existem enormes riquezas tradicionaes, não inferiores ás do Cancioneiro e Romanceiro.

§. II. O Auto dos Amphitriões e os divertimentos escholares

O apparecimento de um Auto de Camões sobre um assumpto de Mythologia classica, sete annos depois da sua morte, bem revela pertencer a esse grupo de obras dos grandes poetas que se classificam sob o titulo de *Juvenilia*. Era uma obra da mocidade, evidentemente escripta para um divertimento escholar, como as comedias de Jorge Ferreira e as de Antonio Ferreira; o *Auto dos Amphytriões* é anterior á influencia da comedia hespanhola da *Celestina,* que prevaleceu em Jorge Ferreira, e á influencia da comedia italiana da Renascença introduzida por Sá de Miranda e sustentada por Antonio Ferreira. O proprio Camões, pela sua vida aventurosa, realisava o typo do estudante que representava ao vivo as suas improvisações. O estudante era comparado ao Bazochiano, ou representante das farças populares: «Os poetas e escriptores da época são conformes em assemelhar o escrevente da Bazoche (*Basilica* ou Palacio de Justiça) ao escholar que frequenta a Universidade. Bravo, emprehendedor e ousado, chistoso, sarcastico e malicioso; prompto para a replica, não o era menos com a espada na mão a seu tempo; instruido, era assiduo ao tribunal e laborioso no estudo, mas nos seus momentos de liberdade, elle se indemnisava da repressão imposta

pelo seu estado, e tornava-se a alma das revoltas dos universitarios; extremamente melindroso em pontos de honra, era ciumento por vaidade em amores; chasqueado em epigrammas e canções... critico audacioso, satyrico mordente, comediante moralista, que não sustentava com o exemplo, atacava com uma especie de furor os vicios da sua época e dos que o rodeavam, e levava a satyra á altura de uma injuria ou de uma affronta publica» [1]. Camões, escrevendo o *Auto dos Amphytriões* para as festas escholares, cultivando a amisade do poeta Chiado, compondo satyras como a de *Torneo,* que o tornavam perseguido, conservou esta feição original dos seus tempos da Universidade.

A vida dos escholares, nas Universidades do seculo XV e XVI, favorecia o desenvolvimento da litteratura dramatica, conciliando as fórmas tradicionaes dos Autos populares com os themas do theatro classico. As moralidades das representações hieraticas, eram substituidas no gosto publico pela farça ou *sotie* dos Enfants-sans-Souci (as *Soiças,* da Universidade de Coimbra, a que acudiu uma carta regia). Na obra de Adolphe Fabre, *Les Clercs du Palais,* descreve-se esta influencia renovadora dos divertimentos escholares: «A Comedia, ou antes as representações comicas serviam de divertimento ás Universidades muito tempo antes da organisação da sociedade dos Clercs. Os escholares da Universidade de Paris eram, pela maior parte, homens feitos,

---

[1] Fabre, *Les Clercs du Palais,* p. 111.

que começavam os seus estudos de logica na edade em que elles hoje acabam. Entretinham-se nas ferias com a composição e representação dos Mysterios, e para este effeito, nomeavam todos os annos um chefe, que, sob o nome de Papa dos Escholares, presidia á sua sociedade dramatica e dirigia os seus jogos e cerimonias» [1]. Como estas comedias tendiam para as parodias sarcasticas da festa do Asno e dos Innocentes, do *Papa fatuorum,* e *Abbas stultorum,* com as *Barbatorias* e *Diabos a quatro,* foi preciso não prohibil-as mas transformal-as, tornando-as um exercicio escholastico. É por isso, que desde que começa a Renascença, os themas do theatro classico tornam-se os divertimentos dos estudantes favorecidos pelos regulamentos pedagogicos. Nos Estatutos da Universidade de Salamanca, de 1538, (tit. LXI) estabelece-se as épocas em que os estudantes devem fazer as suas representações theatraes: «Na paschoa da Natividade, quaresma, paschoa da Resurreição e Pentecostes de um anno sahirão os estudantes de cada um dos Collegios a discursar e fazer declamações publicas. Item, de cada collegio, *cada anno se representará uma comedia de Plauto ou Terencio,* ou tragicomedia, a primeira no primeiro domingo das outavas de Corpus-Christi, e as outras nos domingos seguintes, e ao regente que melhor fizer e representar as ditas comedias ou tragedias se lhe dêem seis ducados da arca do Estudo, e

1 *Les Clercs du Palais, Recherches historiques sur les Bazoches des Parlements et les Sociétés dramatiques,* p. XXII.

sejam juizes para dar este premio o reitor e o mestre-eschola» [1].

Na trasladação da Universidade para Coimbra, D. João III mandava seguir nos cursos o que era costume na regencia das cathedras de Salamanca; muitos dos lentes que d'aquella Universidade foram contractados para Coimbra, trouxeram as praticas tradicionaes das escholas, como o habito de fallar latim, os banquetes dos grãos, e os espectaculos scenicos e *vejamens*. Como vimos, Plauto era recommendado para as recitas dos estudantes; assim achamos tratado já em 1515 o assumpto da comedia de *Amphytrião* por Villalobos; e o professor da Universidade de Salamanca, o dr. João Peres de Oliva, que regia uma cadeira de philosophia, escreve em 1530 uma comedia em prosa castelhana sobre este mesmo argumento. Diz elle: «Só o argumento da comedia pertence a Plauto, que o desenvolvel-o e amplial-o formosamente, é tudo inteiramente de Mestre Oliva, como o conhecerá quem quizer cotejal-o» [2].

O que vêmos com a obra de Oliva repete-se com Camões; no seu *Auto dos Enfatriões* o thema é de Plauto, mas pertence ao poeta a livre elaboração da peripecia entre Jupiter e o esposo de Alcmena confundidos na figura e nos direitos maritaes. É natural que

---

1 Vidal y Dias, *Memoria historica de la Universidad de Salamanca*, p. 94.

2 Ed. de Reinhardstoettner, p. 13. Munich, 1886.

o Auto fosse escripto segundo as indicações regulamentares, transportadas da Universidade de Salamanca, e exclusivamente para um divertimento escholar. No *Auto de El-rei Seleuco* confirma-se em parte esta inferencia: «Tu fazes já melhores argumentos que moços de estudo em dia de Sam Nicoláo». O argumento da fabula, que se prestava ás situações mais comicas possiveis, foi predilecto aos eruditos da Renascença. Camões, escrevendo o *Auto dos Enfatriões,* representa-nos a influencia litteraria de Salamanca nos estudos de Coimbra, antes da acção que os Gouvêas exerceram ali por 1548. Estes grandes pedagogistas, como refere Montaigne, tambem usavam nos seus Collegios as representações do theatro classico, e d'elles tomaram os jesuitas a pratica dos *Ludi* e tragicomedias das suas escholas. Quando no seculo XVII os Reis sensuaes se tornaram no seu absolutismo Jupiteres omnipotentes, o argumento do *Amphytrião* recebeu uma fórma litteraria mais adiantada e intencional em Rotrou e sobretudo em Molière.

§. III. O Auto de El-rei Seleuco e os Pateos das Comedias

O facto de ter ficado inedito este Auto de Camões, que se conservou até 1645 entre os papeis do conde de Penaguião, faz suppôr que alguma causa particular, como satyra allusiva a successos da côrte, motivára o seu desapparecimento desde a época em que fôra representado em Lisboa, em casa de Estacio da Fonseca, enteado de Duarte Rodrigues, reposteiro de D. João III. O logar da representação do *Auto de El-rei Seleuco*

consta do remate da propria composição, em que vem á scena o proprio Estacio da Fonseca a offerecer a sua casa aos convidados. Nos *Annaes de D. João III,* Frei Luiz de Sousa, fallando do terceiro casamento de D. Manuel com a princeza D. Leonor, irmã de Carlos v, descreve a mágoa que isto causou ao principe D. João, vendo que lhe fôra usurpada a sua noiva: «acudiam a lhe fazer guerra as do interesse proprio: que eram tomar-se-lhe a dama que já em espirito era sua, e querer seu pay pera sy em segredo, e como a furto, a mesma mulher que pera elle tinha muytas vezes publicamente pedido. Ajuntava-se representar-lhe o entendimento, e a edade de dezeseis annos mal soffrida e ardente pera semelhantes materias, que o mesmo pay confessava culpa no segredo com que elle usara em tamanha resolução. E todavia devemos-lhe muyto louvor, por que sabendo sentir, nunca por palavra nem obra, mostrou a seu pay sinal de sentimento, nem desgosto». (Cap. IV). O assumpto escolhido por Camões nas suas reminiscencias eruditas era a antithese da acção do rei D. Manuel; o rei Seleuco vendo seu filho apaixonado pela madrasta a bella Stratonice, de quinze annos de edade, cede-lh'a por esposa. Haveria alguma remota allusão satyrica a um facto que era tão conhecido, e quando o povo fez representações a D. João III para depois de 1521 casar com sua madrasta, a formosa rainha D. Leonor? Pelo menos o motivo do desapparecimento do manuscripto do Auto leva a inferir qualquer suspeita contra o poeta. A origem da lenda ácerca da generosidade do velho rei Seleuco para com seu filho,

acha-se em Appiano, em Plutarcho, e no escripto de Luciano *Sobre a Deusa syriaca*, d'onde se espalhou por todas as obras de moralistas e eruditos. Droysen, na sua importante *Historia do Hellenismo*, não nega a veracidade da lenda, antes a explica por motivos de alta politica: «Seleuco dividiu o seu imperio; emquanto ficou para si com a parte occidental, deu a seu filho Antiocho, que lhe nascera da sgodiana Apama, as regiões superiores. Conta-se que o amor de Antiocho pela sua madrasta Stratonice, filha de Demetrio de Macedonia, fôra a causa occasional d'esta partilha, feita em condições que são caracteristicas para o pae e para o filho. Stratonice era joven e bella: Antiocho amou-a, e desesperando de combater uma paixão sem esperança, resolveu morrer á fome. O medico Erasistrato reconheceu logo que o principe era victima de uma dolorosa doença moral: notou quanto elle se serenava ao entrarem-lhe no quarto os pagens e as damas da rainha; mas quando ella mesma vinha e se aproximava, silenciosa e risonha, do leito do doente, elle córava, suspirava profundamente, tremia de febre, empallidecia, e escondia no travesseiro o rosto cheio de lagrimas. Debalde o interrogava o dedicado medico; mas bem comprehendia a causa dos soffrimentos de Antiocho. A cada instante o pae ancioso interrogava-o sobre a causa da doença; por fim Erasistrato declarou-lhe que o filho estava gravemente mal; que estava torturado por um amor que não podia ser satisfeito; que elle se deixava morrer porque a vida não tinha nenhuma esperança para elle. O rei perguntou-lhe cheio de cuidado qual era essa

mulher, e se não poderia ser dada a seu filho? O medico disse: — É a minha mulher, senhor. — Tu és meu servidor fiel, replicou o rei, salva o meu filho; elle é a minha alegria e a minha esperança. — Então o medico mudou de linguagem: — Como podeis pedir-me isso, oh rei? Se fosse a vossa propria esposa, cedel-a-hieis vós mesmo, por amor do vosso filho? — Se fosse possivel, respondeu Seleuco, que um Deus ou um homem voltasse para ella o pensamento de meu filho, com que gosto lh'a daria, ella e todo o meu reino para o salvar. — Pois bem! senhor, disse Erasistrato; não tendes mais precisão de medico; vós podeis salvar o vosso filho: é Stratonice que elle ama! Seleuco reuniu o seu exercito, e declarou diante d'elle que nomeára seu filho Antiocho rei das Satrapias superiores, com Stratonice como rainha; elle esperava que seu filho, que lhe era obediente e fiel em todas as cousas, não se recusaria a esta união; que se á rainha repugnasse esta mudança extraordinaria, elle pedia aos seus amigos que a convencessem, que só é justo e bello aquillo que é util ao bem geral » [1].

Encanta o tino artistico que levou Camões a tratar na fórma dramatica este argumento extremamente delicado, e que por isso até ao seu tempo nenhum poeta se atrevera a idealisal-o. Além da difficuldade de um certo numero de situações, era preciso um grande lyris-

[1] *Historia do Hellenismo,* t. II, p. 577, trad. sob a direcção de Bouché Leclercq.

mo para dar uma expressão essencial ao sentimento; n'este ponto nunca será excedido Camões. Era immensamente proprio o assumpto para o drama musical; e de facto apparece essa tentativa, em 1609, por uma poetisa de Viterbo, Angelica Scaramucia, n'uma tragicomedia *La Stratonica,* escripta em prosa e verso; no theatro de S. Cassiano, em Veneza, representou-se em 1658 um *drama por musica,* intitulado *Antioco.* O visconde de Juromenha crê que o Auto de Camões influira na composição de D. Agustin Moreto, a *Comedia famosa de Antioco e Seleuco:* «A comedia de Moreto é mais apparatosa e acompanhada de incidentes mais variados; conheceu o auctor hespanhol a do nosso Poeta, como se vê da scena dos musicos, e do discurso, que na peça portugueza faz o moço, e na hespanhola o gracioso Luquete, sobre a delicadeza no trato e melindres dos principes e grandes senhores, comparada com os trabalhos physicos que experimentam os homens ordinarios do povo» [1].

Um dos meritos do *Auto de El-rei Seleuco* é o Prologo, em que falla o dono da casa, e em que se espalham noticias curiosas sobre as representações dramaticas nos Côrros e casas particulares. O motivo da reunião é uma *consoada,* por occasião de uma das festas do anno em que era esse o costume; porventura pelo natal ou ainda no dia de reis. Esta opinião foi amplamente combatida por D. Carolina Michaëlis [2], que demon-

[1] *Obras de Camões,* t. IV, p. 481. (Ed. da *Actualidade*).

[2] *Revista Lusitana,* t. I, p. 117 a 132.

*

stra que a *consoada* é uma reunião (de *consunum*) em que se comia uma refeição especial em outras festas além da do natal e S. João; que portanto o *Auto de El-rei Seleuco,* não sendo de caracter religioso, como o exigiria a festa da natividade, é mais natural que celebrasse um qualquer acontecimento ou regosijo de casa do seu amigo Estacio da Fonseca; um dos musicos do Auto chama-se Alexandre da Fonseca, filho ou sobrinho do dono da casa. Pelo assumpto do casamento de Stratonice, infere que a representação teria sido para celebrar um desposorio: « Accrescentarei, ainda, que todas as comedias epitalamias, isto é, feitas para celebrar nupcias principescas ou bodas burguezas, e exhibidas em vespera do recebimento (genero que em allemão tem o nome de *Polter-abend-scherze*) contêm cousas adequadas á natureza da solemnidade, e costumam estar cheias de allusões joco-serias á vida dos noivos. O dr. Storck conclue que *El-rei Seleuco* fôra portanto escripto e representado por occasião dos desposorios de um dos membros da familia de Estacio da Fonseca [1]. O Auto começa pela declaração: « O Autor *por me honrar* n'esta festival noite, *me quiz representar uma farça;* e diz que *por não se encontrar com outras já feitas,* buscou uns novos fundamentos. . . » Camões evitava o auto hieratico, e a tragicomedia derivada das novellas de cavalleria. A novidade estava em apoderar-se de uma tradição, dando-lhe um sentido allusivo, *da maneira de*

---

[1] Ibidem, p. 120.

Isopete. A festa era de estrondo: «casa juncada, fogueira com castanhas, meza posta, com alcatifa e cartas; além d'isto o Auto para esgravatar os dentes». Depois da consoada é que se representou o auto em um quintal cuja porta os embuçados queriam forçar, assaltando o Côrro. O Prologo era todo de surprezas, de modo que não se podia suspeitar qual o assumpto do Auto, em que com certeza se não ia «ouvir hum *Villão,* que arranca a falla da garganta, mais sem sabor que um perapão, e huma *donzella,* que vem podre de amor, fallando como apostolo, mais piedosa que uma lamentação. O prologo, com uma immensa graça, é uma especie de theatro por dentro, em que o Representador chega a recitar um trecho do Auto simulado em endechas, com medo de errar os ditos, porque só ha tres dias que os estuda. As representações publicas, como mais ou menos derivavam dos entremezes e figurações da Procissão de Corpus, eram regulamentadas pela Camara municipal, vindo os Pateos do fim do seculo XVI a ficarem sob a inspecção do Desembargo do Paço».

§. VI. O Auto de Filodemo e as representações na India

Assim como na sociedade portugueza de Gôa se conservava mais viva a tradição dos Romances peninsulares, tambem ali permanecia no seu imperio absoluto o perstigio das Novellas de Cavallaria, como se vê pela anecdota contada por Francisco Rodrigues Lobo ácerca da leitura tomada como uma realidade por aquelle soldado que não sabia discernil-a das suas emoções. As

Novellas de Cavallaria já nos ultimos annos da actividade de Gil Vicente serviam de thema dramatico para as tragicomedias, como as do *Amadiz de Gaula* e *Dom Duardos;* e póde-se dizer que a decadencia das novellas deu logar ao genero de *capa e espada* da Comedia famosa em Hespanha. D'aqui se deduz um principio de morphologia litteraria: que o drama é uma derivação evolutiva da epopêa e do romance; como da novella cavalheiresca veiu a comedia famosa, tambem do romance ultra-romantico veiu o dramalhão sangrento.

Em Gôa devia prevalecer o genero dramatico da Tragicomedia, da ultima transformação operada por Gil Vicente; estava no caracter d'aquelles homens de armas e no gosto faustoso dos vice-reis. E era tão poderosa a influencia d'esse meio, que até os proprios jesuitas, tão propagandistas nos seus *Ludi* dramaticos, não escaparam á paixão de representarem Comedias com batalhas e guerras tanto a pé como a cavallo, segundo o deixou relatado Pyrard. Assim como Camões obsequiou com um Auto o festival do seu amigo Estacio da Fonseca, quando frequentava os Côrros de Lisboa, e entre os Embuçados fazia arruaças na procissão de Corpus Christi, entre os valentões de Gôa tambem se fez valer pela parte que tomou nas festas da investidura do governador Francisco Barreto; com o Auto que compoz com o titulo de *Filodemo*. Entre as festas ruidosas de Gôa era uma das mais notaveis a que se fazia no dia da Conversão de S. Paulo, que ainda apparece regulamentada no Edital da Inquisição de Gôa, de 14 de abril de 1736; artigo 52: «Mandamos aos ditos naturaes da India, e a

todos os moradores dos ditos districtos, ainda portuguezes, que nas procissões e *encamizadas*, e outras quaesquer festas, que se fizerem de dia, ou de noite, em honra de Deus, e de seus santos, não vá pessoa alguma christan vestida em traje gentilico, nem sejam admittidas pessoas gentias nas ditas funcções a dansarem, ou fazerem qualquer festejo, nem n'ellas usem de rabonas, gaitas, e mais instrumentos gentilicos, de que os gentios costumam usar nas solemnidades de seus pagodes, e sómente poderão as pessoas christans usar do traje gentilico em *alguma representação verdadeira, como a dansa, que se costuma fazer em o dia da conversão de S. Paulo, ou outra similhante*». Era grande a paixão pelas dansas, encamizadas e representações entre a gente portugueza em Gôa; as festas pela nomeação de Francisco Barreto tomaram o caracter de um delirio, e o proprio Camões teve de verberal-o na satyra de Torneo. O *Auto do Filodemo* participa um pouco do gosto do *imbroglio* e do genero pastoral; a mistura das scenas em prosa e em verso de redondilha, no estylo da zarzuella, devia ter produzido uma agradavel impressão de novidade. Camões matizára o auto com allusões locaes, e aos typos mais conhecidos das comedias: «por que lhe façaes crêr que sois mais esperdiçado de amor que hum *Braz Quadrado*». Era um Auto prohibido nos Indices expurgatorios. No *Filodemo* tambem entrava uma pequena orchestra, a que eram cantadas velhas ensaladas: «N'este passo se dá a musica com todos quatro, hum tange *guitarra*, outro *pentem*, outro *telhinha*, outro canta *cantigas muito velhas*...» Era uma

d'essas cantigas muito velhas, aquella que o proprio Camões glosou, e a que allude na scena final:

> Vede la Princeza
> em huma galera
> con el marinero
> á ser marinera.

O Auto desappareceu com os outros manuscriptos de Camões, e foi o primeiro inedito trazido á publicidade sete annos depois da morte do poeta; Luiz Franco tinha-o copiado em Gôa, mas o texto impresso, como mais abreviado, accusa uma outra proveniencia. O Theatro portuguez tambem soffreu na India as mesmas perseguições que na metropole; no Edital da Inquisição de Gôa, de 14 de abril de 1736, prohibe-se a representação burlesca denominada *Jocorice* (de *Jocus*, thema de *Jocularis*, jogral, d'onde *Jogralice* e *Chocarrice*). D. Francisco Manuel, no seculo XVII, ainda se reporta a esta etymologia, quando diz: «um dialogo á maneira de *chácara*». Camões revelou-se em todos os generos fundamentaes da poesia, na epopêa, no lyrismo e no drama; em todos elles imprimiu o cunho de nacionalidade. É por isso fundamentalmente verdadeiro o juizo de Frederico Schlegel, quando define Camões como uma Litteratura inteira.

CONCLUSÃO

O genio de um escriptor, não se revela completamente pela sua obra, nem esta se aprecia pela belleza a que dá expressão; mas pela sympathia social, que desperta, e que é a sua consagração, é que fica em plena evidencia a intenção e capacidade esthetica do artista. Toda a obra de arte, produzindo a sympathia social realisa o fim das creações estheticas, elementos constitutivos de uma synthese affectiva. A obra de Camões adquire de época em época mais valor, porque a sympathia social que o poeta provocou com ella, ainda se não extinguiu, apesar de terem envelhecido as fórmas da linguagem, o estylo mythologico da Renascença, a organisação social que celebrava, e de se ter obliterado o pensamento nacional que nos levava ás descobertas geographicas e á expansão colonial. A sympathia social suggerida pela obra de Camões, começou muito antes do interesse que lhe ligaram os eruditos;

e nunca se extinguiu, mesmo nas crises mais profundas do sentimento nacional, quando parecia apagar-se nas consciencias. Quando este sentimento se vivificou, na transformação das instituições politicas, a sympathia social pela obra de Camões augmentou de intensidade, chegando ao ponto de identificar-se com o sentimento nacional. E o momento sublime e claramente comprehendido d'essa identificação, foi a festa triumphal do terceiro centenario de Camões. N'esta comprehensão a sciencia europêa precedera-nos estudando Camões como o symbolo da civilisação portugueza.

ADDITAMENTOS



A sepultura de Camões

No meio dos desastres publicos em que se deu o fallecimento de Camões, a 10 de junho de 1580, é explicavel a indifferença ou desconhecimento com que o seu corpo foi sepultado na egreja de Santa Anna, das freiras franciscanas, que o cardeal D. Henrique convertera em parochia. É indubitavel o facto de se ter ali sepultado o poeta, por testemunhos directos de poetas e admiradores de Camões, do fim do seculo XVI, e que ainda o trataram pessoalmente, como D. Gonçalo Coutinho e Miguel Leitão de Andrada.

Qual o logar da sua sepultura, dentro da egreja de Santa Anna? Eis o problema ainda pendente. Importa antes de tudo conhecer algumas noticias historicas da egreja de Santa Anna, para comprehender as referencias dos escriptores ao local em que foi sepultado Camões.

A egreja de Santa Anna pertencera á Irmandade dos Sapateiros da Padaria, que a fundára. A rainha D. Catherina mandou edificar junto d'ella um convento para freiras franciscanas, ampliando-se por esta circumstancia a egreja, em que se fizeram obras importantes, taes como o côro de cima, a mudança da porta principal, que era virada ao sul, abrindo-se a porta do lado do nascente que ainda hoje existe. Diz um documento relativo á egreja: «que fôra a egreja accrescentada para as madres fazerem o côro, tendo sido mudada a porta principal do logar onde estava para baixo; e sendo visitada em 1575, ordenára o prelado que se ladrilhasse o chão desde as columnas do côro até á porta principal». Vê-se portanto, que desde as obras do côro em 1573, já a *porta principal* não era a virada ao sul. Esta circumstancia é fundamental para a questão.

Camões foi *enterrado plebeiamente,* como diz o livreiro Estevão Lopes, na dedicatoria das *Rimas,* em 1594, louvando D. Gonçalo Coutinho por lhe ter dado *sepultura honrada,* n'esse mesmo anno. Teve portanto D. Gonçalo Coutinho de procurar o local da sepultura, de que não havia indicações, porque o coval não fôra comprado ás freiras, a quem competia esse direito. Serviu-se o generoso fidalgo de informações particulares, que lhe revelaram que fôra sepultado Camões *á entrada da egreja, á mão esquerda;* Faria e Sousa allude á pesquiza laboriosa, e diz que fôra *difficil el hallarle.* É certo que D. Gonçalo Coutinho tinha, quatorze annos depois da morte do poeta, recursos testemunhaes seguros para determinar onde estava enterrado; as difficul-

dades resultaram da orientação: *á entrada da egreja,* quando se sabia que a porta principal fôra mudada «*do logar onde estava para baixo*», em 1573, sete annos antes da morte de Camões.

Achado o local, em que consistiu a sepultura honrada, que D. Gonçalo Coutinho deu a Camões? Simplesmente em comprar o coval ás madres, e sobre elle mandar-lhe collocar uma lapide com o nome do poeta, a data errada da morte e um laconico encomio. Miguel Leitão de Andrada, que fôra grande amigo de Camões, e lhe mandára collocar um emblema em azulejos com uma quintilha funebre, na parede fronteira á sepultura, diz que alli estava em *pouca terra enterrado,* signal de que a sepultura ficára como estava, apenas com a lapide em cima. Mariz, em 1613, allude á *sepultura propria,* dada por D. Gonçalo Coutinho pela compra do coval, mas accrescenta *tão raza como o demais povo.* E ainda, em 1624, Manuel Severim de Faria repete esta mesma circumstancia, dizendo que elle cobrira *com uma campa de marmore o logar.*

Tudo isto é importante para excluir o facto affirmado por Faria e Sousa, que D. Gonçalo Coutinho *trasladára a sepultura* de Camões *para o meio da egreja.* A ideia de uma trasladação surgiu no cerebro de Faria e Sousa pela confusão com a mudança da porta principal, *do logar onde estava para baixo,* resultando d'esta confusão ser a sepultura a que lhe pareceu mudada para o meio da egreja. Eliminado este facto, que complicava o problema, temos ainda authenticado em 1638, pelo Manuscripto de Diogo de Moura de Sousa, que transcre-

ve o epitaphio posto por Miguel Leitão de Andrada, que a sepultura estava *á entrada da porta principal á mão esquerda*. Em 1668 ainda a sepultura era conhecida, porque a ella se refere D. Antonio Alvares da Cunha «*ao marmore que cobre as cinzas...*»

A porta principal, até aqui mencionada, foi tapada em 1729, quando se fez a clausura para o côro de baixo. Portanto a sepultura do poeta ficou no local reservado a este côro inferior, local que teve de ser aterrado, para o pôr acima do nivel do pavimento da egreja. É positivo o testemunho do chronista frei Fernando da Soledade, n.º 1:006, que escrevia em 1736: «Hoje existem *estas memorias dentro da clausura*, em o *côro inferior* d'este mosteiro, o qual ha poucos annos se fez (1729) *tapando-se para isso a porta principal*, e da banda da egreja a parte d'ella que ficava debaixo do côro superior». Barbosa Machado ainda confirmava este facto em 1752, na phrase «*como se convertesse em côro a entrada da egreja*», n'elle se conservava a sepultura do poeta. N'esta altura da questão, resta a pergunta: Como se perdeu a memoria do local da sepultura de Camões?

O terremoto de 1755, como o provam os testemunhos das freiras e os exames technicos de varias commissões officiaes, não arruinou os córos da egreja de Santa Anna; portanto a lapide não foi destruida, e só podia ser arrancada por um vandalismo estupido.

Mas sabendo-se que o côro de baixo fôra aterrado para se elevar acima do pavimento da egreja, é facil de crêr, que debaixo d'esse aterro ha um sólo *até hoje*

ainda intacto, e determinada a porta principal de 1573, n'esse sólo se encontrará a sepultura de Camões. A prova de que o aterro revolvido pela commissão de 1854 era muito recente, é ter-se achado n'elle uma moeda de Luiz XIII.

Porque não chegaram a resultados positivos as commissões officiaes de 1836, de 1854 e de 1880? Por elementos errados ou incompletos que desvairaram as suas pesquizas.

A commissão de 1836 era composta por João Maria Feijó, Antonio Feliciano de Castilho, Assis Rodrigues, Frederico Augusto de Castilho, Gonçalo Vaz de Carvalho e Morgado de Assentis. Começou os seus trabalhos em 7 de setembro, sendo interrompidos por causa da Revolução; a commissão partia do erro que na egreja, sepultura da Irmandade dos Sapateiros, só poderia haver ali uma lapide sepulchral, a que mandára collocar D. Gonçalo Coutinho. A sepultura que acharam com lapide, tinha *dous esqueletos* dentro. Difficuldade, no caso. Acudiu a lembrança da tradição que Diogo Bernardes desejára ser enterrado junto de Camões; e que D. Gonçalo Coutinho era tambem intimo amigo de Bernardes. É certo que a egreja era uma freguezia parochial, e foi-o até 1705, e que ali se enterravam os parochianos, que podiam ter lapides nos covaes que fossem comprados. O facto do sepulchro não tem valor historico.

A commissão de 1854, nomeada em dezembro d'esse anno, era composta de Rodrigo da Fonseca Magalhães, então ministro, do visconde de Juromenha, José Maria Feijó, visconde de Monção, Carlos da Silva Maya e José

Tavares de Macedo, que redigiu um substancioso relatorio, mais tarde reivindicado da usurpação que d'elle fizera o visconde de Monção. A commissão considerou sem resultado os trabalhos da de 1836, e tratou de procurar no côro de baixo o local da antiga porta principal ao lado esquerdo, mas o sólo que revolveu foi o aterro moderno de 1725. E isto é tanto mais para admirar, que a commissão de 1854 diz no seu relatorio: «*Dos livros das visitas se conhece que anteriormente a parte da egreja debaixo do côro de cima não era nivelada* ou convenientemente aplanada, como ainda se viu ao levantar do soalho». Que prova mais evidente de um aterro sobre um sólo mais antigo. Assim, a commissão, aos primeiros ossos que encontrou, attribuiu-os logo a Camões, tendo de reunir outros esqueletos, que estavam no mesmo local, e dizer que com certeza alguns d'elles eram de Camões!

A commissão de 1880 tomou a sua orientação da porta aberta do lado do nascente, que existe desde 1573, mas tambem não chegou a um resultado acceitavel. O snr. João Pedro da Costa Basto, em carta ao visconde de Juromenha de 29 de julho de 1880, aponta os factos definitivos d'esta ultima tentativa: «Quando se afastou o oratorio e levantou o sobrado, não apparecendo nem azulejos, nem campa, fiquei desnorteado; porque era justamente n'aquelle ponto que os escriptores situavam aquellas memorias. O meu pasmo porém subiu de ponto, quando em toda a profundidade da sepultura não appareceram senão fragmentos de ossos dispersos, isto é, entulho de cemiterio!

«Sabia pelo relatorio de Tavares de Macedo que a commissão de 1855 fizera levantar todo o sobrado do côro, achando por toda a parte *ossaduras* inteiras... e em fórma que se lhe não tinha mexido. Como era pois, que, no sitio onde frei Fernando da Soledade vira taes memorias pouco antes de se tapar a porta, nós encontravamos só *entulho?* Se achassemos terreno firme, ou ossadas completas, muito bem. Ou não se tinha alli aberto cova, ou lá estavam os seus moradores, fossem elles quaes fossem. Mas entulho!»

O reparo é importante, e mais nos corrobora em que houve um aterro em 1725 sobre o sólo de 1580, que ainda está intacto.

Série das conferencias de Theophilo Braga sobre o Centenario de Camões

I. *Camões e a Nacionalidade portugueza.*
(No salão do theatro da Trindade, em 6 de maio de 1880, da 1 ás 3 horas da tarde).

II. *A vida intima de Camões.*
(No salão da Trindade, em 23 de maio, da 1 ás 3 da tarde).

III. *Camões e o espirito popular.*
(No salão da Associação Pelicano, em 28 de maio, ás 8 horas e meia da noite).

IV. *Camões é uma litteratura inteira.*
(No Curso superior de Lettras, em 2 de junho, no encerramento dos trabalhos escholares).

V. *Camões e a Imprensa portugueza no seculo XVI.* (Na Associação Typographica lisbonense, em 6 de junho, ao meio dia).

VI. *Camões e Gil Vicente.* (Na Associação dos Ourives da Prata lisbonenses, em 6 de junho, ás 2 horas da tarde).

VII. *Camões e o Federalismo peninsular.* (No Centro Republicano Federal, ao largo de S. Paulo, ás 9 horas da noite).

VIII. *Camões e as tradições portuguezas.* (Na sala da Associação Promotora das Classes Laboriosas, em 7 de junho).

Estas ultimas quatro conferencias não vêm apontadas na obra de Brito Aranha, em que trata do Centenario de Camões. (*Obra mon.*, t. II, p. 104).

Circulares da Commissão executiva da Imprensa para o Centenario

(MINUTAS DE THEOPHILO BRAGA)

I

Aos Municipios

Se o facto do Centenario de Camões é considerado em todos os pontos de Portugal á sua verdadeira altura,

como um jubileu nacional, e como o começo para uma éra nova, a nenhuma outra corporação compete com mais justiça e intelligencia o associar-se a esse bello pensamento do que á antiga e fecunda instituição do municipio. Quando contemplamos através de todas as revoluções humanas, desde a queda do imperio romano, do dominio germanico, da extincção do feudalismo e da fundação das monarchias absolutas, e vêmos sempre de pé em todos os povos da Europa a instituição dos municipios, não podemos deixar de proclamal-a como o nucleo onde residem intangiveis os germens da liberdade dos povos. Sejam quaes forem as fórmas por que tenham de passar as sociedades modernas, os municipios ficarão de pé, como outros tantos esteios para a ordem nova. Diante d'esta consagração solemne da historia e n'este momento em que a nação portugueza confronta duas datas capitaes do seu passado, a morte de Camões e a morte da nacionalidade, quando todos unanimemente sentem que se entra na aurora de uma época nova de revivificação, os municipios portuguezes têm um logar distincto, e por assim dizer unico n'essa festa. É por isso que a commissão da imprensa de Lisboa se dirige a v. exc.ª, para que o municipio de... se faça representar no cortejo triumphal do dia 10 de junho, que ha de ir saudar o monumento de Camões. —Lisboa, sala da sociedade de geographia, 19 de maio de 1880.

*

II

Ás Escholas superiores, Academias e Lyceus

Exc.^{mo} snr. — A commissão executiva da imprensa de Lisboa para a celebração das festas do Centenario de Camões, em 10 de junho de 1880, attentando em que esse grande vulto symbolisa para a Europa inteira, que o admira, a nacionalidade portugueza, entende que essas festas seriam incompletas e sem o seu sentido profundo, se as corporações scientificas, litterarias e artisticas que constituem a universalidade do ensino portuguez se não representarem no grande cortejo triumphal que ha de ir saudar o monumento do poeta. Para os criticos modernos, Camões condensou na sua obra a litteratura completa de um povo, dil-o Frederico Schlegel. Camões foi tambem um dos espiritos mais instruidos da Renascença, e possuiu esse criterio scientifico que o tornava um grande observador da natureza, dil-o Alexandre Humboldt. Elle possuiu a intimidade com os sabios do seculo XVI, como se vê nos seus versos recommendando o venerando Garcia d'Orta, e nas relações com o nosso chronista ethnologo Diogo do Couto. A consagração d'esta caracteristica superior do genio de Camões só póde ser proclamada pelo corpo docente das escólas superiores portuguezas. É por isso que a commissão executiva da imprensa de Lisboa, lembrando que o seu programma tem a acquiescencia do poder executivo, na parte em que a sua cooperação e consentimento era indispensavel, se dirige a v. exc.^{a} para que a corporação a que

v. exc.ª preside tome parte nas festas do Centenario de Camões, representando-se no grande cortejo triumphal do dia 10 de junho. Somos com a maxima consideração, de v. exc.ª, concidadãos, amigos e veneradores.— Lisboa, sala da sociedade de geographia, 21 de maio de 1880.

III

Ao Parlamento

Exc.^{mo} snr. presidente da camara dos....—O sentido profundo que se encerra na data historica—10 de junho—em que a nacionalidade portugueza perdeu o unico coração que sentia a queda da sua autonomia, foi admiravelmente comprehendido pelas duas camaras da representação do poder legislativo. A lei de 10 de abril de 1880, que considera como festa nacional o Centenario de Camões, é um d'aquelles documentos de intelligencia, que no futuro cobrirá com o seu generoso intuito qualquer facto menos desinteressado motivado pela violencia dos conflictos partidarios. A lei de 10 de abril de 1880 fica na historia; e assim como o poder legislativo teve a consciencia plena do seu intuito, votando-a com unanimidade, compete a esse poder auctorisar pela sua presença a grande festa civica, que para Portugal inteiro é o começo de uma éra nova, o da revivescencia da nacionalidade. É por isso que a commissão executiva da imprensa para a realisação das festas do Centenario de Camões, roga a v. exc.ª, como presi-

dente da camara dos..., se digne tomar em consideração este pedido, para que os representantes do poder legislativo dêem com a sua presença a este acto toda a magestade implicita em uma manifestação tão unanime. —Lisboa, etc.

IV

Á Armada

Exc.mo snr. commandante general da armada. — Portugal assignala a sua vida historica na marcha da humanidade pelas largas descobertas e explorações maritimas nos seculos XV e XVI: a consciencia d'este grande destino de um pequeno povo acha-se contida em um livro, que a Europa inteira admira, e que é o nosso titulo de posse a essa parcella de gloria que nem os revezes, nem o conflicto crescente de novos povos que entraram no convivio da civilisação, poderá extinguir ou fazer esquecer. Esse titulo de nobreza nacional é o poema dos *Lusiadas*. Aquelle que sentiu a sublimidade das nossas glorias maritimas, Camões, foi tambem um homem de guerra, que ao passo que gastava a sua vida nas armadas de *Ormuz* e do *Comorim*, e resistia ás pestes dos cruzeiros nos mares da Abassia e combatia com os corsarios de *Achem*, nas horas do repouso escrevia com o seu proprio sangue o pregão eterno com que somos conhecidos no mundo. No mesmo anno em que Camões succumbia pela miseria, em 10 de junho de 1580, n'esse mesmo anno Portugal era invadido por

Philippe II e ficava extincta a nossa nacionalidade. Dois grandes factos se associam, sob uma mesma data: a intelligencia da sua aproximação é que motivou o pensamento da celebração do Centenario de Camões. Na grande festa civica que se ha de celebrar em Lisboa no dia 10 de junho, por meio de um cortejo triumphal que ha de ir saudar o monumento do poeta, compete o primeiro logar ás forças maritimas que ainda mantém o resto d'esse poder colonial com que o nosso paiz se tornou o primeiro no mundo. É por isso que ousamos pedir ao elevado civismo de v. exc.ª para que auctorise as forças sob o seu commando a fazerem-se representar pelo modo que julgar mais proprio da solemnidade civica das festas nacional e patriotica, tendo em consideração que o programma da imprensa tem a adhesão do poder executivo na parte official em que esta era indispensavel.

Temos a honra de nos subscrevermos com toda a consideração, de v. exc.ª, concidadãos e amigos. — Lisboa e sala da commissão executiva da imprensa, 23 de maio de 1880.

V

Á Universidade de Coimbra

Exc.^mo snr. reitor, etc. — Nas festas do Centenario de Camões que a commissão executiva da imprensa de Lisboa promove para o dia 10 de junho de 1880, nem um só momento esquecemos a Universidade de Coimbra,

ligada indissoluvelmente á immortalidade do seu glorioso alumno. No poema dos *Lusiadas* allude Camões á reforma da Universidade, n'essa época dos Teives e Gouveias, tão fecunda, porque a ella pertence a pleiada gigante dos quinhentistas. A Universidade de Coimbra tem o logar de honra no grande cortejo triumphal, formado de todos os cidadãos de Lisboa, de todas as associações e estabelecimentos scientificos e litterarios, de todas as classes e das deputações dos municipios portuguezes. A commissão da imprensa, comprehendendo o sentido d'esta especial consideração, leva ao conhecimento do digno prelado d'essa Universidade o desejo que a anima, pedindo para que a mesma corporação se faça representar em todas as suas faculdades no grande cortejo triumphal que no dia 10 de junho irá saudar o monumento de Camões.—Lisboa e sala da commissão executiva da imprensa, na sociedade de geographia.

VI

Aos commandantes e capitães dos navios portuguezes

Celebra a nação portugueza, no dia 10 de junho proximo, o terceiro Centenario de Luiz de Camões, o immortal cantor das nossas glorias, o poeta sublime das grandes navegações e descobertas portuguezas.

Em qualquer ponto da terra, ou do mar, em que estiver, n'aquelle dia, um filho d'este paiz, corre-lhe o dever de saudar a imagem gloriosa da Patria, e de se associar pelos meios ao seu alcance ao jubileu do seu triumpho na historia.

Os nossos mareantes, successores e herdeiros dos que á civilisação e ao commercio abriram *os mares nunca d'antes navegados,* não hão de decerto esquecer o logar que lhes compete n'esta celebração nacional.

Por isso a commissão executiva da imprensa de Lisboa, pede aos commandantes e capitães portuguezes, que no dia 10 de junho façam embandeirar festivamente os seus navios, em qualquer ponto do globo em que se acharem. Lisboa, sociedade de geographia, 23 de maio de 1880.—A commissão, etc.

O Centenario de Camões no Brazil

I. A Commemoração dos Positivistas do Rio de Janeiro.—A Philosophia positiva exerce uma acção directa sobre a disciplina da intelligencia, e n'este ponto os proprios metaphysicos reconhecem o seu poder limitando-a a um methodo; a subordinação dos factos sociaes a uma concepção scientifica dá-lhe um caracter de generalidade, e pela unificação com que relaciona a especialisação crescente das Sciencias, é uma synthese universal, com todos os elementos completos de uma Philosophia. É por isso que os espiritos que adherem a esta philosophia começam pelo processo de uma reorganisação mental, e pela comprehensão do altruismo subordinam as paixões ao sentimento da solidariedade humana, como base concreta de toda a sancção moral. É por este ponto ultimo que a Philosophia positiva está destinada a

exercer uma acção disciplinadora na collectividade social, dando uma fórma consciente ao seu vago instincto de continuidade historica. A commemoração dos grandes typos da humanidade foi particularisada por Augusto Comte em cerimonias sociolatricas, que foram immobilisar-se no formalismo de uma religião demonstrada; o que havia de profundo e verdadeiro na concepção foi aproveitado pela civilisação europêa, nas festas nacionaes dos Centenarios, como o de Spinosa, de Rubens, de Voltaire, de Petrarcha, revelando-se assim a livre expansão do genio de cada povo. Á introducção da Philosophia positiva em Portugal se deve a idéa da celebração do Centenario de Camões em 1880; a comprehensão da festa, o modo de dar coherencia á espontaneidade emocional do povo, a hostilidade da parte dos poderes empiricos, o espirito democratico d'essa manifestação secular, tudo revela uma nova orientação da consciencia portugueza. A Philosophia positiva penetrou tambem no Brazil, e a geração que se dissolvia em um erotismo poetico-metaphysico, fortalece-se com a educação scientifica, e pelo criterio sociologico abandona essa vaga hostilidade que uma politica dynastica de egoismo assentou entre Portuguezes e Brazileiros. Somos filhos da mesma tradição historica, fallamos a mesma lingua, e exercemos uma acção mutua que precisa ser conhecida e dirigida. Foram os Positivistas brazileiros que restabeleceram estas condições naturaes da reciprocidade dos dois povos, e a festa do Centenario de Camões tinha de ser lucidamente aproveitada para dar ás emoções da collectividade a coherencia de uma evidente noção ra-

cional. Ainda surgiram dissidencias de particularismo de bandeira, tentando isolar a colonia portugueza em uma manifestação exclusiva; as circulares dos positivistas brazileiros foram ouvidas, e em Paris a festa do Centenario de Camões foi sustentada no sentido profundo que continha por brazileiros que ali seguem cursos scientificos. Os poderes publicos do Imperio, o parlamento brazileiro, o ministerio e o proprio imperador comprehenderam o alcance do Centenario de Camões para a confraternidade dos dois povos. A festa dos Positivistas do Rio de Janeiro, apesar do incalculavel e extraordinario esplendor das outras manifestações, impoz-se á admiração pelo seu alcance philosophico. No dia 10 de junho no Theatro Gymnasio, abriu ás 11 da manhã o espectaculo com o hymno portuguez, e um discurso monumental sobre a comprehensão historica de Camões entre os grandes typos da humanidade pelo snr. Teixeira Mendes. Executaram-se trechos da *Semiramis*, da *Africana*, e do *Guarany;* corôou-se o busto de Camões, do artista Almeida Reis, e distribuiu-se gratuitamente um formosissimo volume elzeviriano das Poesias lyricas selectas de Camões. O palco do theatro estava armado em templo com columnas greco-romanas, que symbolisavam as duas civilisações iniciadoras da época da Renascença, a que Camões pertence. As civilisações orientaes estavam representadas por duas Sphinges, bem como por mais outras duas que representavam a civilisação do Egypto. O escudo de Camões dominava todo o templo, e n'elle sobresaíam as aguias romanas, symbolo da civilisação que se desdobrou nas linguas, litteraturas e nacionalida-

des modernas do Occidente. A continuidade humana do passado estava representada por bandeiras que ornavam o theatro; uma, allusiva aos povos pre-historicos, tinha ao centro um lar, significando a descoberta do fogo; ao lado, machados de pedra e de bronze, figurando as épocas anthropologicas; a outro lado, flexas, dardos, representando o nomadismo da caça e da guerra; animaes domesticos, significando a vida pastoral, e a sua cooperação na lucta do homem pela existencia; finalmente espigas de milho, como iniciação do periodo agricola. Em outra bandeira, estavam symbolisadas as theocracias antigas pelas pyramides egypcias; o polytheismo e a arte hellenica pelo frontão de um templo grego; e a unidade politica pelas guerras civilisadoras por meio das aguias romanas. Os povos modernos estavam representados pelos seus pavilhões, sobresaindo os de Portugal e Brazil. A época dos descobrimentos estava representada por columnas allusivas á Africa, Asia e America, cooperando para este sentimento da vida do passado as manifestações artisticas que inspiraram Mayerbeer na *Africana,* e o brazileiro Carlos Gomes no *Guarany*. O povo ama o que comprehende; foi essa por isso uma das manifestações mais concorridas. As festas do Centenario de Camões em S. Paulo tambem foram devidas á iniciativa de um grupo de positivistas.

II. A exposição camoniana da Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro. — Nas minuciosas descripções das festas incomparaveis do Centenario de Camões avulta a homenagem prestada pela Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, pelo carinhoso sentido, pela natureza exclu-

sivamente litteraria e artistica d'essa manifestação evidente da consagração dos seculos. O pensamento de reunir tudo quanto a imprensa, o pincel, o lapis, o escopro, o buril têm accumulado em volta do nome e da obra do genio, é o modo de tornar patente a acção directa dos grandes espiritos através do tempo, é a fórma a mais eloquente da sua glorificação. O Centenario de um poeta, como Petrarcha, ou de um grande philosopho como Spinosa, ficará completo com essa simples mas profundissima manifestação; para Camões, que representa para os portuguezes todas as forças da sua nacionalidade, e para a Europa moderna a mais elevada corrente intellectual da Renascença, o Centenario não podia ser senão uma festa universal, para a qual as academias e as praças, a erudição e o enthusiasmo popular se harmonisassem em uma consciente admiração. E assim foi: de Portugal ao Brazil, de França, de Hespanha, da Italia e da Allemanha, a Boston, a Philadelphia, a Macáo, a Hong-Kong, a todas as ilhas dos Açores, chegou essa corrente electrica do enthusiasmo pelo nome de Camões, acclamado unanimemente no dia 10 de junho de 1880 como uma das mais altas expressões d'esta collectividade dos povos — a Humanidade. A Exposição Camoniana, nos centros onde as festas do Centenario tiveram a sua maior altura, foi a parte mais singela, mas a que mais caracterisava o intuito da glorificação; em Lisboa essa Exposição, que devera ser inexcedivel, porque existem aqui as collecções mais opulentas, por inintelligencia não foram prestadas, e limitou-se apenas á reunião das obras de todos os generos dedicadas expressamente para

o Centenario; no Porto, o que foi esta manifestação litteraria dil-o com eloquencia o volumoso Catalogo magistralmente organisado pelo snr. Joaquim de Vasconcellos; na Ilha de S. Miguel, fez-se tambem uma Exposição Camoniana na Bibliotheca publica de Ponta Delgada, contendo mais de trezentos numeros, como consta pelo Catalogo impresso pelo seu benemerito possuidor o illustre açoriano José do Canto. A Camoniana da Bibliotheca do Rio de Janeiro, depois das ultimas acquisições em Inglaterra, é a primeira e a mais completa das collecções conhecidas; com os emprestimos dos amadores, a Exposição organisada pelo sabio bibliothecario dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão tornou-se surprehendente. Ali se reuniram quatrocentas e oitenta producções diversas, edições, traducções, estudos criticos e trabalhos artisticos de primeira raridade. As festas do Centenario de Camões começaram no Rio de Janeiro no dia 10 de junho ao meio dia pela abertura da Exposição camoniana. O dr. Ramiz Galvão, ao inaugurar esse acto, proferiu entre outras palavras de uma breve allocução: «Nada falta, senhores, a esta apotheose singular. A India não esqueceu os mais exquisitos de seus lavores; a Europa inteira, pelas cem bôcas de seus engenhos mais afamados, tributa em todas as linguas a homenagem devida ao genio: Portugal aqui está com o seu preito; — para que se não cuidasse, que meros impulsos de amor proprio nacional dictavam estes louvores posthumos, eis que a duas mil leguas de Lisboa, n'esta generosa terra americana, uma geração se levanta para saudar o Centenario do Poeta, que não cantou só as

glorias do patrio ninho, — mas uma pagina brilhante da historia da humanidade, que não é thesouro de um seculo, de um povo, de um vate, de uma lingua, mas thesouro de todos os tempos e de todos os logares ». — O Imperador e o ministro Barão Homem de Mello assistiram a esta inauguração official, o que contrasta com a abstenção aggressiva dos poderes publicos em Portugal. O atrio da Bibliotheca e o primeiro lanço da escadaria estavam adornados por palmeiras, apparecendo em frente o busto de Camões, em terra côta bronzeada, do esculptor francez Augusto Taunay. A porta do centro, do segundo lanço da escada, dava entrada para a sala da Exposição maravilhosamente adornada. Na parede esquerda, forrada de colchas de sêda da India, d'entre um massiço de verdura, destacava-se o grande busto de Camões, em gesso, obra do professor da Academia de Bellas-Artes, Chaves Pinheiro; ao lado dois gigantes vasos da India cheios de flôres; junto da janella estavam duas cadeiras de espaldar, tauxiadas, exemplares perfeitos do estylo antigo. N'esta mesma parede estavam expostos os quadros de *Ignez de Castro implorando a clemencia do rei*, de Vieira Portuense, um retrato de Camões por Moreaux, uma cópia de um antigo retrato de Ignez de Castro, e outro quadro de Vieira Portuense, *O Desembarque dos Portuguezes em Moçambique.* Na parede da direita da sala estavam expostos os quadros da *Ilha dos Amores*, de C. Markó, *Camões e o Jáo, na Egreja de Santa Anna*, por Léon Moreaux, e o *Naufragio de Camões*, por De Martino; a outro lado d'esta mesma parede estava uma cópia photographica do qua-

dro de Metrass, *Camões e o Jáo na gruta de Macáo;* um *Retrato de Camões,* pintura de Julião Martins, e um esboço de Naufragio. Na parede do fundo via-se o quadro de J. de Chevrel, *Baccho implorando o soccorro de Neptuno contra os Portuguezes,* uma lithographia do quadro de Metrass por Aug. Off.; reproducção photographica de um Naufragio; os *Ultimos momentos de Camões,* lithographia de Dulong; *Os Galeões do Gama dobrando o Cabo da Boa Esperança,* do pintor de marinhas Thomazini; e um quadro á penna, e retrato em grande de Camões a crayon pelo prof. Antonio Alves do Valle. Em frente do busto de Camões estavam sob uma redoma tres exemplares da primeira edição dos *Lusiadas* de 1572; um, propriedade do imperador, notavel pela nota manuscripta — *Luiz de Camões seu dono 576* — outro, propriedade da Bibliotheca, notavel pela conservação e grandes margens, o ultimo joia do Gabinete Portuguez de Leitura. Junto d'estes thesouros estava tambem o exemplar dos *Lusiadas* deturpado pelos Jesuitas, de 1584, conhecido pelo nome irrisorio de *Edição dos Piscos,* da mais extrema raridade. As grandes riquezas bibliographicas ali accumuladas estavam dispostas em tres vitrines de duas faces, no meio da sala; eram ao todo noventa e quatro edições das obras de Camões, oitenta e seis traducções em todas as linguas, e cento e quarenta e cinco obras relativas ao poeta. A collecção iconographica era esplendida, contendo estampas illustrativas do texto dos *Lusiadas,* retratos dos reis de Portugal cantados no poema, governadores e vicereis da India, das cópias da galeria de Gôa; só a Biblio-

theca nacional do Rio de Janeiro podia expôr riquezas d'esta ordem, porque possue a inexcedivel collecção do auctor da *Bibliotheca Lusitana* Diogo Barbosa Machado, levada para o Rio de Janeiro por D. João VI, quando abandonou Portugal á invasão franceza. Tambem figuraram ali duas plantas do seculo XVI, uma de Lisboa, a outra de Gôa; uma planta inedita do cêrco de Malaca, de 1568, defendido pelo amigo de Camões, D. Leoniz Pereira; um mappa-mundi do seculo XVII, em pergaminho, no qual estão traçadas as duas derrotas de Vasco da Gama. A sumptuosidade da Exposição levou a abrir uma terceira sala supplementar, com novas manifestações artisticas e litterarias, especialmente compostas para a commemoração do Centenario, analoga á que se fez em Lisboa na sala da Sociedade de Geographia; ali se encontraram os autographos das composições musicaes dos maestros portuguezes e brazileiros, Carlos Gomes, Arthur Napoleão, Leopoldo Miguez, Cardoso de Menezes, Coelho Machado, e Francisco de Sá Noronha; e o autographo da bella scena dramatica de Machado Assis, *Tu, só tu, puro amor*. A Exposição camoniana durou seis dias, sendo encerrada pelo imperador no dia 16 de junho. A concorrencia á Bibliotheca nacional durante esses dias elevou-se a cima de doze mil pessoas; tudo quanto havia para avivar a tradição da nacionalidade portugueza ali estava disposto com grande alcance historico e philosophico. Ninguem entrou n'aquelle sanctuario que não trouxesse uma mais elevada comprehensão da solidariedade humana, e novos impulsos altruistas. O Catalogo da Exposição foi organisado pelo digno Bibliothe-

cario Ramiz Galvão, e é um precioso documento para a historia litteraria de Portugal.

III. A INICIATIVA DAS FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES PELO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO. — Desde 1837, que existe fundada no Rio de Janeiro uma associação de portuguezes com o fim de se instruirem; modesta na sua origem, o sentimento patriotico dos emigrados, que buscam no trabalho estrangeiro o campo da sua actividade, deu força a esse pequeno nucleo, a ponto de se tornar a corporação dirigente da colonia portugueza, e por assim dizer a synthese da sua unidade moral. Esta associação possue hoje uma Bibliotheca de quasi cincoenta mil volumes, e dispõe dos meios materiaes para fundar um palacio para as suas reuniões, para universalisar uma das mais bellas edições dos *Lusiadas,* e o que é mais ainda, teve o poder espiritual de congregar todas as forças do Brazil, unificando em uma festa sem egual dois povos irmãos, filhos da mesma tradição, afastados pelos effeitos historicos de uma politica pessoal. Desde 1878, que o Gabinete portuguez de Leitura do Rio de Janeiro decidira celebrar o Centenario de Camões, sendo uma parte da festa a inauguração da primeira pedra do seu palacio. Não tinhamos, é verdade, a segurança de que nós os portuguezes comprehendessemos o sentido historico d'esse grande dia 10 de junho de 1880, e actuasse em todos a consciencia da nossa divida nacional; mas os que no Brazil, no meio do trabalho e na dissolução de um clima doentio, formaram uma patria ideal, esses deviam ter bem viva na alma a tradição portugueza e não deixariam passar tal dia sem

a affirmação de que ainda existiam os herdeiros d'essa apagada grandeza, que presentiam a éra nova em que a nacionalidade proseguiria um novo destino historico. O Gabinete portuguez de Leitura do Rio de Janeiro teve de vencer a grande difficuldade, que um estreito patriotismo levantou querendo dar ao Centenario de Camões um caracter exclusivamente portuguez, com intuito de protesto, e até certo ponto com pensamento hostil para a nação brazileira. Era a perpetuação dos odios levantados ignobilmente pelos que lucraram nos interesses de familia com a desmembração do Brazil; esses odios eram ficticios, e o tempo apagou-os. O Brazil é o rudimento de uma phase nova e futura da nação portugueza; não é a Byzancio de uma decahida Roma, mas sim virá a formar os Estados unidos do Sul, onde o amor da velha e pequena metropole ha de ser um vinculo moral. O pensamento do Gabinete portuguez de Leitura teve um grande alcance; a sua realisação unificou dois povos separados por um obcecado empirismo politico, e o assombro das festas do Centenario, durante quatro dias de emoções sublimes e nunca sentidas, fez mais na obra de concordia do que cincoenta annos de boa diplomacia. Portugal e o Brazil identificaram-se na mesma tradição; não foi sem influencia n'esta clara comprehensão do Centenario o criterio da Philosophia positiva, ultimamente propagada no Brazil. Na directoria do Gabinete portuguez de Leitura existem alguns positivistas, e brazileiros illustres, como Teixeira Mendes e Miguel de Lemos, no Rio de Janeiro e em Paris, deram a esta festa de um pequeno povo o sentido de universalidade que veiu a preponderar n'ella.

*

A directoria do Gabinete de Leitura viu coroados todos os seus esforços; é impossivel descrever o esplendor das festas sem uma enchente de lagrimas. Póde-se dizer com franqueza, que nunca o genio do homem recebeu uma glorificação mais completa; nenhum dos grandes typos da humanidade reune como Camões as condições especiaes para congregar em um mesmo pensamento a tradição nacional e uma grande época historica da civilisação, a comprehensão e o respeito dos sabios, com a idealisação dos artistas, e a lenda pessoal que alevanta em um dado momento o enthusiasmo do povo. Os membros da directoria ficarão com os seus nomes ligados a este bello facto que unifica moralmente dois povos; são elles Eduardo Lemos, Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, José Joaquim Godinho, Joaquim José Cerqueira, Albino de Freitas Castro e Francisco Ferreira Vaz. As festas começaram no dia 10 de junho, pelo assentamento da primeira pedra do edificio destinado á séde do Gabinete, na rua da Lampadosa, que d'aquelle dia em diante ficou chamada rua de Luiz de Camões. O imperador, que se tem apoiado no espirito conservador da colonia portugueza, assistiu com sua familia a esta festa, bem como todos os poderes do estado e o corpo diplomatico. Fez-se a cerimonia de uma acta da fundação, interrompida pela affluencia incalculavel de espectadores. N'essa mesma noite de 10 de junho, deu-se o espectaculo imponente do *Festival commemorativo* no Theatro de Pedro II, onde estavam para mais de tres mil pessoas. No proscenio estava collocado o busto de Camões, em marmore, encommendado pelo Gabinete ao esculptor portuguez Simões

de Almeida, o decorador do Carro da Arte do prestito civico de Lisboa; o pedestal da estatua estava coberto de corôas depositadas por todas as corporações scientificas, litterarias e artisticas do Brazil; em volta da tribuna, em que devia orar o eloquente escriptor e deputado brazileiro dr. Joaquim Nabuco, agrupavam-se em semi-circulo quatrocentas pessoas, representantes do jornalismo e da litteratura, do professorado, das associações e da municipalidade, á frente da qual se desfraldava a bandeira das garantias populares.

O discurso do deputado brazileiro Joaquim Nabuco constituiu a primeira parte do grande festival commemorativo; sobre o facto de entregar esta parte do programma do Centenario á execução de um brazileiro publicaram-se antecipadamente varias *mofinas* nos jornaes, que tendiam a prejudicar a unanimidade da festa. Mas, em rigor, foi este um meio efficaz para dar ao Centenario um dos seus caracteres de universalidade, ligando por uma mesma emoção tradicional dois povos irmãos. O discurso do dr. Joaquim Nabuco, agora impresso, é de uma alevantada eloquencia, e por elle se vê que o orador comprehendeu profundamente o sentido da festa, terminando com affirmações gloriosissimas para o futuro de Portugal; o genio poetico allia-se n'este trabalho á capacidade scientifica, e em todo esse discurso, que arrebatou uma assembléa de tres mil pessoas, é notavel a calorosa sympathia com que é revivificada a tradição portugueza de que o Brazil tira o seu impulso historico.

Seguiu-se ao eminente orador, a recitação de uma

poesia a Camões por uma senhora brazileira, D. Amelia Vieira, e a recitação do dr. Rozendo Moniz dos seus versos *Camões entre dois mundos*. A segunda parte do Festival commemorativo constou da representação de uma peça dramatica em um acto, *Tu, só tu, puro amor*, escripta pelo distincto poeta brazileiro Machado Assis, expressamente para essa noite. A composição acha-se já publicada na *Revista brazileira* (t. v, 1 de julho), e póde-se affirmar que é a mais bella das composições dramaticas em que o poeta é o protogonista. Furtado Coelho e Lucinda Simões desempenharam os papeis de Camões e de Catharina de Athayde.

A terceira parte do festival começou perto da meia-noite; compunha-se de quatrocentos musicos, que executaram o *Hymno triumphal a Camões*, escripto pelo eminente maestro brazileiro Carlos Gomes; seguiu-se a execução da *Marcha elegiaca*, do compositor brazileiro Leopoldo Miguez, e por ultimo a *Grande marcha heroica* de Arthur Napoleão, tambem expressamente escripta para o Centenario.

Não acabou aqui a acção do Gabinete portuguez de Leitura; cabe-lhe a gloria de ter mandado imprimir uma das mais bellas edições dos *Lusiadas*, feita em Lisboa, na typographia de Castro Irmão, em estylo da renascença, verdadeiramente monumental. É adornada com um retrato phantasista de Camões, por Columbano Pinheiro, imitando na gravura o estylo das aguas fortes do seculo XVI; o typo do poeta, á falta de um retrato authentico, é uma recomposição psychologica, tem um pouco a physionomia de Cervantes com a expressão de

Victor Hugo. O prologo que acompanha o poema, é magistralmente escripto pelo nosso primeiro critico Ramalho Ortigão; descreve com o seu grande poder de estylo a época da Renascença como o fundo do quadro em que colloca a individualidade de Camões, e restitue ao poeta todos os toques vivos da realidade tirados das suas cartas. As relações do poeta com a nacionalidade portugueza são expostas de um modo commovente. O texto do poema foi aproximado quanto possivel da recensão de 1572. O volume termina com um estudo de Reynaldo Montoro sobre a historia da benemerita associação que restabeleceu a dignidade do nome portuguez no grande estado do Brazil. A maior parte d'esta opulenta edição foi destinada a brindes para todas as corporações, e homens de lettras notaveis, e ella attestará em todos os tempos que houve portuguezes que tiveram a consciencia plena da solidariedade nacional. O Gabinete mandou tambem cunhar uma grande medalha commemorativa com o vulto de Camões, destinada a perpetuar a data, que se contará como da éra nova da nossa revivescencia portugueza.

IV. A festa do Retiro litterario portuguez. — Na noite do dia 11 de junho, esta benemerita associação iniciou a sua festa no magnifico salão do Congresso Gymnastico portuguez. Os retratos de Camões e do Infante D. Henrique ornavam os dois extremos do salão illuminado a gaz de turfa, cuja primeira experiencia se fez n'aquella noite. Achavam-se reunidos perto de tres mil convidados, começando o sarão pelo discurso do director o snr. Basilio de Almeida Silva, ao qual se seguiu

o dr. Zepherino Candido; recitaram poesias Henrique Corrêa de Sá, Filinto de Almeida, e D. Adelina Vieira, que além de uma composição sua recitou o episodio de Ignez de Castro. Depois de se terem revelado outros talentos poeticos, uma orchestra, de cincoenta e dois professores dirigida pelo maestro portuguez Francisco de Sá Noronha, executou o *Hymno a Camões,* escripto expressamente por Noronha para a grande festa nacional, terminando com a abertura da opera *Semiramis,* ás duas horas da manhã. Achavam-se representadas ali vinte e tres associações, e as redacções dos primeiros jornaes do Rio de Janeiro.

V. A FESTA DOS ESTUDANTES BRAZILEIROS. — No dia 12 de junho, os estudantes das Academias do Brazil reuniram-se na rua do Theatro para uma *Marche aux flambeaux.* O povo começou a agglomerar-se ali depois das cinco horas da tarde; organisou-se o prestito em duas alas; os estudantes levavam balões chinezes suspensos em varas, com flammulas e galhardetes. Á frente ia a banda dos Imperiaes marinheiros, em seguida a bandeira da Polytechnica, depois as bandeiras da humanidade e da civilisação que serviram na vespera na festa dos Positivistas brazileiros; sobre um palanquim era levado o busto de Camões aos hombros de estudantes, fechando a comitiva as bandas marciaes do corpo de policia e do 10.º batalhão de infanteria. Antes da partida fallaram alguns academicos das janellas na rua do Theatro; no longo trajecto foram saudados pelo consul portuguez no Rocio, na rua do Ouvidor pelo Gabinete portuguez de Leitura, recebendo o estandarte d'esta

associação para ser depositado na Bibliotheca nacional. Outras saudações receberam pelo caminho, sendo acclamados e cobertos de flôres, no meio de um enthusiasmo indescriptivel. Todas as ruas por onde o prestito academico seguiu, estavam illuminadas a capricho, formando abobadas de luz; era de um effeito phantastico, a alegria tornára-se contagiosa.

N'esta mesma noite o Club Gymnastico celebrou o Centenario com um saráo litterario e artistico, terminando com um baile em que se contavam para mais de quinhentas senhoras.

VI. A REGATA NA BAHIA DO BOTAFOGO. — No dia 13 de junho, para mais de cem mil pessoas concorreram á regata na bahia do Botafogo; estava um dia esplendido. O porto, que rivalisa com o de Constantinopla, é circumdado por montanhas, cobertas de uma vegetação exuberante, destacando-se sobre todas o Corcovado. Numerosos chalets, chacaras e jardins completam esta perspectiva, animando-a. As regatas começaram ás tres horas da tarde, durando até ás seis. Os premios aos vencedores foram distribuidos pelo imperador, que tomou sempre parte em todas as manifestações; consistiram os premios em doze exemplares da bella edição dos *Lusiadas* do Gabinete portuguez de Leitura, e em duas medalhas de bronze, mandadas cunhar pela mesma associação para perpetuar a festa do Centenario e a inauguração do seu edificio. Á noite appareceu illuminada toda a bahia do Botafogo, e dezesete gondolas e doze lanchas a vapor vogavam, tambem illuminadas, com familias que observavam do mar o soberbo

fogo de vistas que se queimou até ás 10 horas da noite. Em todo o semicirculo da bahia destacavam-se innumeros pavilhões, de differentes sociedades, que produziam um effeito magico, sobresaindo no jardim do Collegio de S. Pedro de Alcantara uma estatua colossal de Camões. Ás tres horas da madrugada ainda não estava acabada a concorrencia da população. A concordia dos espiritos perante um mesmo ideal fez-se sentir na concordia das acções; a confraternidade foi o caracter exclusivo d'essa pasmosa concorrencia.

VII. Pernambuco e S. Paulo. — O Gabinete portuguez de Leitura, de Pernambuco, é um d'esses admiraveis productos da iniciativa particular, uma forte associação patriotica disciplinada por um fim instructivo; fundada em 1850, possue hoje uma bibliotheca com 11:622 volumes. Coube-lhe a gloriosa iniciativa das festas do Centenario em Pernambuco, que se fizeram por conferencias litterarias no theatro, composições originaes de musica, fundações, premios, e uma magnifica edição dos *Sonetos* de Camões com um bem elaborado prologo historico por Sousa Pinto.

Em S. Paulo, o Club Gymnastico Portuguez realisou as festas do Centenario de Camões, sendo orador no sarão litterario por parte da imprensa diaria o dr. Brazilio Machado; no dia 11 houve concerto e experiencias gymnasticas; e no dia 12 de junho um baile de gala. Na alvorada de 10 de junho o corpo academico reuniu-se na entrada da Academia, sendo saudado pela banda de musica do Club. O intelligente editor Abilio Marques associou-se á festa, publicando na sua collecção da Bibliotheca

util, o livro de Affonso Celso Junior ácerca de Camões.

Outras associações de S. Paulo, como a Sociedade Beneficente de Instrucção e Recreio, e o Hospital de Beneficencia portugueza, embandeiraram e illuminaram as suas fachadas, nos dias 10, 11 e 12 de junho. A exemplo da praça do Rio de Janeiro o corpo de commercio fechou as lojas depois do meio-dia; as casas foram geralmente illuminadas.

Em Campinas tambem se celebrou o Centenario com uma alvorada, e alliança das bandeiras portugueza, allemã, suissa e italiana, tomando parte directa nos festejos a camara municipal. A colonia portugueza fundou um *Externato para educação de meninos e meninas*, sob o titulo de Camões; a classe typographica em commemoração do Centenario fundou sob o nome do Poeta a Sociedade typographica beneficente.

A Sociedade Primavera litteraria, de Quissamã, celebrou uma sessão solemne em honra de Camões. Na cidade de Portalegre, da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, as festas do Centenario tiveram um grande esplendor, durante tres dias, terminando com baile no theatro de S. Pedro, no fim do qual houve uma allocução e distribuição de diplomas commemorativos. Na cidade de Uruguayana celebrou-se tambem o Centenario com discursos litterarios e historicos, musicas e illuminações. O Gabinete de Leitura de Moroim, celebrou o Centenario, sendo oradores o dr. Domingos Guedes Cabral, e Antonio José de Macedo, trocando-se felicitações pelo telegrapho para as commissões do Rio de Janeiro, Bahia e Recife.

Todo o jornalismo brazileiro consagrou numeros especiaes á commemoração do Centenario, distinguindo-se a *Revista brazileira* e os grandes representantes da imprensa diaria. As festas do Centenario no Brazil apresentaram o mesmo sentido democratico que em Portugal, a mesma aspiração para uma renovação futura. Se a vitalidade portugueza se mostrasse exhausta no velho continente europeu, a ponto de deixar passar desapercebida esta grande data de 10 de junho, como o governo queria quando disse que achava as *festas ruidosas e immodestas,* a honra d'esta nacionalidade acharia no novo mundo os legitimos herdeiros da sua tradição. Foi isto o que comprehendeu o Brazil, excedendo-nos em enthusiasmo e em sumptuosidade.

Em uma revista mensal que em 1883 se publicou no Rio de Janeiro, intitulada *Lucros e perdas,* fallando do Centenario de Camões, o snr. Araripe Junior fez-nos as seguintes tremendas accusações: Que pretendemos estabelecer um accordo mental entre os dois paizes, ao que elle responde: «*Não! mil vezes não!*» Que sendo pequeno o meio em que trabalhamos e sendo-nos a patria insufficiente, fazemos um movimento inconvenientissimo através do Atlantico procurando um publico com o qual possamos fazer uma *recolonisação psychica.* Que a influencia mental portugueza é perturbadora da evolução natural do Brazil! Que o Centenario de Camões foi um successo fatal, porque ergueu o orgulho colonial e amesquinhou o espirito nacional brazileiro. Que o desenvolvimento dos colonos portuguezes no Brazil é um perigo que póde ter consequencias como a da sahida

dos Judeus do Egypto ou as dissensões dos Chins na California! Que o choque d'estas duas massas só se obviará abatendo uma e obrigando-a a absorver-se na outra pela grande naturalisação!

Nada d'isto se refuta, porque não tem por onde se lhe pegue; são emoções de um inconsciente *chauvinismo* parodiado de velhas coisas que tiveram já o seu tempo. Ainda hoje vêmos um ou outro estudioso quebrar lanças e *lavar* com berros *a sciencia allemã* contra os que não desprezam a superficialidade franceza. Temos tambem exemplos de declamações contra a decadencia das raças latinas, e proclamações emphaticas ácerca da missão providencial dos povos germanicos. A aversão das colonias americanas contra a Inglaterra, motivada por causas historicas, tem sido por vezes parodiada no Brazil sem outro fundamento mais do que uma impressão individual que desabafa em jornaes como a *Tribuna*, ou qualquer outra folha anonyma. O facto positivo é que o Brazil, pela sua grandeza, precisa do concurso de todas as actividades, e que todo aquelle que perturba por qualquer fórma a convergencia d'esse esforço civilisador, assoalhando antipathias de raça, quando a mestiçagem acabou com ellas, e odios historicos sem realidade nos factos, pratíca um acto esteril, impotente, mas que nem por isso deixa de ser condemnavel. Que a Russia pratique com os Judeus o que as nações catholicas do Occidente fizeram na Edade-média, expulsando-os, está isso de accordo com a sua situação pouco acima da barbarie; que reaja contra a lenta invasão ou infiltração allemã, explica-se quando vêmos

como essa infiltração se organisou na França em espionagem preparadora de uma guerra de conquista, e como existe um calculado systema de absorpção politica no modo como a Allemanha tem introduzido nas familias dynasticas de todos os estados da Europa os seus principelhos como instrumentos da sua preponderancia. Applicar ao Brazil esta aversão pelo elemento portuguez, é uma leviandade. Se porventura na população brazileira se eliminasse de um certo tempo em diante o elemento portuguez, a população com o decurso do tempo regressava ao elemento selvagem. É isto o que se demonstra pela anthropologia. De todos os povos da Europa só o portuguez, o italiano e o hespanhol é que podem adaptar-se ao clima da America meridional; o hespanhol tem as suas proprias colonias que o attrahem, o italiano que emigra não é sedentario, só o portuguez é que se dirige para o Brazil como uma continuação da sua patria. Pela sua actividade ahi funda os grandes instrumentos de producção, e traz para Portugal o dinheiro com que nos afasta de um serio regimen economico. No Brazil ficam montados os apparelhos que elaboram a riqueza, e para Portugal vem o chymo já feito com que o nosso organismo economico se sustenta depauperando-se. O accordo das actividades estabeleceu-se por si mesmo pela mutualidade dos interesses, e é esta a base de concordia espontanea entre brazileiros e colonos portuguezes; a harmonia de sentimentos deriva dos nossos antecedentes historicos, da mesma civilisação de que ambos os povos são os actuaes representantes, tão sublimemente expressa no Centenario de Ca-

mões, máo grado os despeitos isolados que envolveram a independencia politica com a unificação moral de uma mesma tradição. Falta realisar o accordo mental. Como conseguil-o? Formando uma clara comprehensão da situação historica e social dos dois povos, e procurando as bases de unanimidade dos espiritos em uma doutrina deduzida da realidade objectiva dos factos. Emquanto á situação historica e social, os dois paizes nada têm a esperar já da organisação catholica, que hoje só se impõe pela sua perturbação da esphera civil e pela dissolução da vida domestica; e a organisação monarchica conservada nos dois paizes em beneficio ou feudo da familia dos Braganças, subsiste pela falsificação das garantias politicas no irrisorio regimen das Cartas constitucionaes, verdadeiros instrumentos da degradação dos caracteres, e consequentemente da decadencia nacional dos dois paizes. O Brazil só póde ser grande como povo civilisado quando se reorganisar em uma Republica federal; cada uma das suas provincias é um vasto estado, que só se desenvolverá com vida propria e na intensidade das suas energias tendo a autonomia local, fortalecendo-se em um pacto voluntario de união em uma Dieta, e não sob essa pressão centralista irracional e inefficaz. Antes de se realisarem os factos definem-se as ideias; é emquanto as ideias se elaboram, se fundamentam e se generalisam que se dá o periodo de transição. Tanto no Brazil como em Portugal accentua-se uma crise de transição. Importa portanto accelerar a circulação das ideias. A Philosophia positiva é a unica doutrina que considera os factos da vida geral das so-

ciedades sob o ponto de vista objectivo da invariabilidade das leis naturaes, e que em vez de utopias subjectivas funda as suas observações nos antecedentes historicos. Quem conhece esta segura synthese especulativa do nosso seculo avalia o alcance e importancia da sua opportunidade. Ha comtudo gente que condemna a Philosophia positiva sem nunca ter lido duas linhas das obras de Augusto Comte; fallam de orelha. O snr. Araripe Junior, assim o dá a conhecer quando escreve estas deploraveis phrases: «Todos sabem que nenhuma doutrina calhou tanto em Portugal como o Comtismo, e ha de ser acceita por todas as nações decrepitas, incapazes de se renovarem por si mesmas, sem influencia da força extranha; porque essa doutrina foi talhada, ao que parece, para consolo e socego das nações que na Europa attingiram o estado concreto». Não nos admiramos de tanto desconcerto, o que não obsta a appensar-lhe outros mais que merecem archivar-se; por exemplo, Anthero de Quental, que nunca leu senão livros francezes, chamou ao Positivismo «*uma banalidade franceza*» e ficou conscio da sua superioridade; Adolpho Coelho, que confessa ignorar os processos philologicos por onde bogalho (fructo do carvalho!) se substituiu a glande, sabe perfeitamente, e sem nunca ter lido Comte, que a hierarchia dos Conhecimentos humanos é «*um pedantismo pan-sophico*». A divagação litteraria, o vago metaphysico e a especialidade estreita acham-se aqui de accordo, contra Stuart Mill, Brewster, Buckle, Spencer, Lewis, Carey, Littré, Robin, Blainville, Humboldt, Poinsot, Huxley, Buchner, Luys Fleury, Laffitte, Gambet-

ta, Ardigo, Robinet, Miss Martineau, Lacassange, Sbciatarella, que reconheceram a extraordinaria superioridade da concepção philosophica de Comte, chegando a modificar por essa disciplina synthetica as suas sciencias especiaes. A divagação litteraria obriga a fallar de tudo, e d'aquillo que se não conhece com um tom mais dogmatico e absoluto para acobertar a incoherencia. É um symptoma curioso, que nos revela a imprescindivel necessidade de um regimen mental.

Discurso de Th. Braga, na abertura do Congresso das Associações portuguezas

Ao inaugurar-se o Congresso das Associações portuguezas por esta sessão solemne no dia 10 de junho como uma fórma de commemoração nacional da morte de Camões, cumpre-nos recordar a parte gloriosa e fecunda que coube a essas Associações para a realisação do esplendido Centenario de 1880, em que Portugal pagou ao seu cantor uma divida de tres seculos. Quando esta festa de revivescencia de um povo era considerada como um abalo perigoso da consciencia da nação, que contemplando o seu glorioso passado, e comparando-o com o presente poderia sentir a necessidade de levantar-se da sua prolongada decadencia, extirpando de si os polypos que a devoram, os poderes constituidos mostraram-se hostis e consideraram extemporanea a glorificação de um homem morto ha trezentos annos, e teriam prohibido pela policia essas manifestações do sen-

timento nacional, se a adhesão das Associações lhes não désse a força de uma corrente invencivel. Quando as Associações existentes em Lisboa foram convidadas a tomar parte no Cortejo civico triumphal, responderam a esse appêllo os representantes de cento e cincoenta Associações, declarando que os seus quarenta mil aggremiados comprehendiam o sentido d'esse jubileu, e que cada uma concorreria a occupar o seu logar no Cortejo que iria depôr corôas diante da estatua de Camões. Desde esse momento extinguiu-se a deploravel illusão dos que esperavam que o Centenario de Camões não passaria de um chasqueado *enterro do bacalhão*. Havia a revelação de uma força, com que não se contava.

Esta nação, governada pelo arbitrio á sombra da fraqueza de uma mutua desconfiança, propagada desde longe pelo regimen das delações inquisitoriaes, pelo systema da espionagem da Intendencia, e pelas devassas affrontosas da Inconfidencia, que nos amoldaram o caracter e a vida social durante seculos e seculos, esta nação intimamente desaggregada fôra attrahida para as ideias associativas, e esse instincto de solidariedade dos fracos e dos que trabalham entrára finalmente nos costumes portuguezes. O Centenario de Camões, além da sua importancia moral, viera-nos fazer a revelação d'esta força organica, d'este elemento da vitalidade de um povo. E se o Centenario de Camões deveu ás Associações lisbonenses a magestade com que foi admirado em toda a Europa, as proprias Associações deveram-lhe tambem esse impulso sympathico que as levou umas para as outras, a ellas que se organisavam no seu isolamento

de classe, a ellas que se desconheciam, fazendo com que proclamassem a necessidade de se colligarem e de se reunirem annualmente em um Congresso para o fim de apreciarem as condições de successivo desenvolvimento economico, intellectual e social do paiz, de que ellas são as forças vivas.

A ideia de um Congresso das Associações nunca pudéra ser generalisada nem realisada, apesar das mais fervorosas tentativas; foi preciso essa vibração moral do Centenario de Camões, para que as consciencias e os interesses que discutiam se encontrassem em uma plena unanimidade. É bem lucido o pensamento de Saint Simon, que a um grande movimento nas ideias corresponde inevitavelmente um movimento similhante nos sentimentos. Pascal levou mais longe esta comprehensão do facto affectivo, quando disse que as ideias só se universalisam quando recebem a fórma de sentimento. No largo periodo da revolução intellectual e social, que vem desde o fim da Edade-média até ao glorioso seculo XVIII, a unica base de concordia que serviu de equilibrio á sociedade europêa foi exclusivamente o sentimento. Comte formulou este principio, que encerra a luz d'esta grande civilisação: *les sentiments soutiennent seuls l'ordre occidental.* A civilisação moderna é essencialmente filha das ideias philosophicas e das descobertas scientificas; a esta renovação profunda da mentalidade humana, correspondem sentimentos novos por onde se está revelando a solidariedade social. O que são hoje essas festas da Civilisação, as *Exposições industriaes,* os *Centenarios dos Grandes Homens* e os *Congressos scientifi-*

*

cos, senão as novas fórmas pelas quaes o sentimento está operando uma nova synthese social? Ás sociedades são como os individuos, não podem subsistir sem um motivo, um destino, ou uma synthese na complexidade dos seus modos de ser; e assim como o nosso sêr psychologico se coordena n'estes tres centros da intelligencia, do sentimento e da vontade, assim as sociedades, formadas pelo conjuncto de todos os individuos se subordinam a essas tres syntheses da actividade, da affectividade e da racionalidade. Quando as sociedades se exerciam na actividade guerreira, offensiva ou defensiva, comprehende-se que a sua *Synthese activa* consistisse na apotheose triumphal dos generaes ou nas paradas dos grandes exercitos; porém hoje em que a actividade é essencialmente pacifica e principalmente industrial, as unicas festas admissiveis são as do trabalho, com um caracter internacional, as *Exposições,* que desde 1855 deram á industria europêa uma uniformidade de processos technicos e uma mesma perfeição.

Nas épocas atrazadas da humanidade, os esforços para a perfectibilidade, o constante trabalho que nos trouxe desde o trogloditismo das cavernas até ás esplendidas capitaes europêas, eram attribuidos ás divindades ficticias, que nos collocaram, mentindo completamente á historia, em um eden de delicias! Por isso as religiões foram o objecto de uma espontanea *Synthese affectiva.* Mas á medida que o homem vae acordando das illusões theologicas, e tendo consciencia de que pela sua lucta com as fatalidades cosmicas elle é obra de si mesmo, então proclama a immortalidade dos genios que dotaram

a humanidade com as suas descobertas, e os modernos *Centenarios* são o esboço natural de uma consciente *Synthese affectiva.*

As descobertas scientificas destruiram para sempre as noções absolutas, que ainda perturbam a organisação social; porém, á falta de uma doutrina universal, que harmonise as nossas noções subjectivas com as objectivas, começa tambem a reconhecer-se que uma nova *Synthese especulativa* se está operando, da qual os Congressos são uma das fórmas mais bem determinadas. De todos estes enormes progressos se conclue á evidencia a verdade de que os sentimentos se estão modificando correlativamente com as ideias, condição immediata para que ellas reorganisem fundamentalmente as sociedades.

As Associações portuguezas, engrandecendo o Centenario de Camões, tiveram a noção clara do sentido d'esta consagração. Camões, nos *Lusiadas,* immortalisou a acção historica de Portugal na marcha da humanidade iniciando a éra das explorações mercantis e da actividade pacifica da industria, alargando por — mares nunca d'antes navegados — a posse do planeta. As Civilisações militares, confinadas na bacia do Mediterraneo, foram substituidas pelas Civilisações industriaes das bordas do Atlantico, que é por assim dizer um vasto mediterraneo confinado pela Europa e pela America, como o descreve o commandante Maury. Foi Portugal que abriu este novo campo de actividade e de lucta pacifica; Camões universalisou esta missão nos *Lusiadas,* que a Europa moderna acceitou como um canto da gigante epopêa da

Civilisação occidental. As Associações portuguezas, como corporações de trabalho, e os colonos portuguezes, que longe da Patria luctam pela existencia no Brazil, tiveram a alta intuição da relação intima que os ligára ao Centenario do Poeta da nacionalidade, á luz do qual o nome de Portugal nunca será esquecido.

O Congresso das Associações, provocado por esta poderosa concentração do sentimento de um povo que revive, tem um grande destino a cumprir; elle demarca uma nova éra na nossa existencia associativa. Primeiramente foi preciso um longo tirocinio para vencermos os habitos da mutua desconfiança, trazendo-nos pouco a pouco aos vinculos fraternaes da sociabilidade. Até aqui trouxeram-nos esses apostolos queridos, Vieira da Silva, Fradesso da Silveira, Silva e Albuquerque, Olympio Nicoláo, Sousa Brandão. Mas as associações, nos seus agrupamentos viveram no isolamento de classe, e ficaram impotentes, limitadas ao intuito de soccorro. Hoje, ellas ligam-se, confederam-se, e a fórma de um Congresso annual é nada menos do que o balanço das suas forças, por meio das quaes devem intervir na direcção da vida publica. A marcha do seculo o impõe. O trabalho industrial, multiplicado pelas machinas, exige a producção em ponto grande; o operario perde-se na legião da fabrica, e esta só póde ser montada pelo capitalista, que substitue pela plutocracia o odiado barão feudal. Para que este mal desappareça, só o principio associativo póde ser efficaz fortalecendo o operario pela associação correlativa. Por outro lado, os governos tornando-se cada vez mais insupportaveis e perturbadores pelo centralismo,

só serão trazidos á equidade e destino util pela força das associações, unica fórma por onde o individuo póde contrabalançar-se com o poder do estado. De todas as instituições humanas aquella que mais fornece o elemento individualista é o municipio; é o typo mais perfeito da associação local. Hoje, que aqui nos achamos reunidos no palacio da municipalidade de Lisboa, saudemos reconhecidos a corporação que nos dá a séde e o perstigio moral para a celebração do nosso primeiro Congresso [1].

Circulo camoniano

Se a falta da nossa actividade scientifica fosse compensada pelo amor ao nosso passado historico, trazendo á luz os velhos monumentos, estudando-os, commentando-os, suscitando interesse por elles no publico indifferente, em certo modo se affirmava a vida nacional, que só se manifesta em alguns estereis actos officiaes. Existem n'este paiz alguns homens que compilam tudo quanto diz respeito a Camões, e ainda se não preparou uma edição definitiva das obras do poeta, estabelecendo pelo

[1] Extrahido do Relatorio do *Primeiro Congresso das Associações portuguezas,* pag. 62 a 64. Esta sublime instituição não era agradavel ao conservantismo obcecado dos governos da dynastia bragantina; não ousaram prohibil-a, mas embaraçaram-na por fórma que teve de cahir pela impotencia; primeiramente raptaram-lhe os prestimosos secretarios geraes Costa Godolphim e Simões de Almeida; depois fizeram eleger por tres vezes para presidente da Junta departamental do sul, destinada a dar execução ás deliberações do

exame de todas as variantes das impressas e dos manuscriptos um texto fundamental. Os estrangeiros, que traduzem os poemas de Camões, luctam com insuperaveis difficuldades; nós os que estudamos deveramos ir ao encontro d'elles, offerecendo-lhes o auxilio que só uma sociedade de criticos camonianos podia conseguir pela reunião de todas as vontades. Formar-se-hia uma pequena sociedade intitulada *Circulo Camoniano,* com reuniões regulares, acceitando todas as communicações, e examinando todas as hypotheses ou pondo em relêvo os logares escuros dos versos do poeta, e investigando os factos mal explicados da sua vida.

Suscitam-nos este pensamento as perguntas que nos dirige o illustre professor da Universidade de Munster, Wilhelm Storck, eminente traductor das Lyricas de Camões: « Vous voyez bien, monsieur, que je suis *totus in illis,* et me pardonnerez par amour de notre grand homme, si j'ose vous être un peu importun. Je vous prie de vouloir m'expliquer trois passages, du sens des quels je suis douteux... C'est dans l'Ode XIII (Bibl. da *Actualidade,* t. I, vol. II, pag. 123) que je ne comprends

---

Congresso e a preparar os trabalhos do Congresso seguinte, José Elias Garcia, que nunca convocava a Junta, e propunha sempre o addiamento para quando houvesse trabalhos. No meio das sessões fizeram tambem que um dos presidentes abandonasse abruptamente a meza allegando que se discutiam planos de Socialismo, para assim ter de intervir a policia, e aí appareceu tambem Adolpho Coelho provocando-me por uma fórma ferina, para que a replica conduzisse a esse fim. O Congresso acabou por este concurso de boas vontades.

pas les vers: *Aquella primeira aurora,* etc., jusqu'à *crescimento.* Je n'en sais pas trouver la liaison, ni avec les vers précédents, ni avec les suivants. Je voudrais rejeter ces cinq vers et diviser cette pièce en dix strophes de cinq vers.

«L'autre passage se trouve dans l'Ode x (loc. cit., pag. 114): *O rosto delicado* jusqu'à *a fermosura.* Je l'explique ainsi en latin: Faciem delicatam, quae occulis demonstrat (sine ulla arte id) quod edocetur per artem formositas.

«La troisième passage se trouve dans l'Ode xi (loc. cit., pag. 118); *Remette o moço,* etc., jusqu'à la fin de la strophe. Qui est *o moço?* Cupido ou Peleo? Le verbe *remetter* quel sens a-t-il ici? Qui est *a chamma* sem socego? Peut-être Thetis? etc. etc., et enfin qui est celui qui *emprega o tiro?* et que c'est que signifie cela?

«Vous m'obligerez beaucoup, monsieur, si vous voulez avoir la complaisance de m'expliquer ces trois passages en français, ou s'il vous plait, en portugais...»

Se existisse o *Circulo Camoniano* constituido, as explicações d'estes logares obscuros do poeta deixariam de ter um caracter individual, e portanto mais segurança.

No nosso entender, a primeira passagem da Ode xiii, interpreta-se historicamente pela vida do poeta; esta Ode é dirigida *A um amigo,* o qual, pela allusão á sua fama conhecida entre os Garamatas, se infere com toda a segurança ser D. Antão de Noronha.

Em vista d'esta base, reproduzamos a estrophe para restituir-lhe o sentido:

Aquella primeira aurora
Virá depois do sol um só momento;
Elle esqueça alguma hora,
Ou possa o esquecimento
Tolher-lhe seu continuo crescimento.

Aquella *primeira aurora* significa o primeiro brilho da gloria de D. Antão de Noronha, quando era ainda Capitão em Africa, e companheiro de armas de Camões. *Virá depois* do sol *um só momento,* quer dizer, que occupando D. Antão de Noronha em 1564 o alto posto de Vice-Rei da India, o lembrar-lhe os primeiros tempos da sua amisade na época da sua aurora gloriosa em Africa, era fazer com que esqueça o seu brilho actual ou que o tolha para dar attenção a um obscuro camarada. Camões pede-lhe com generosa abnegação que esqueça esse passado que os torna eguaes. E por isso diz no resto da estrophe: *Não é de confiado...* mas de desejo de vos obedecer.

Pelo texto da Ode se conhece que o Vice-Rei pedira ao seu antigo camarada alguns versos, ainda lembrado da velha intimidade; Camões sempre digno, conhecendo a superioridade da posição do amigo, faz-lhe sentir a distancia entre as duas épocas da Africa e da India, dizendo-lhe que as allia momentaneamente para obedecer-lhe. Portanto esta estrophe não póde ser regeitada, porque é, por assim dizer, o nó vital da Ode XIII.

Os outros pontos duvidosos são de simples interpretação philologica. Eis os versos da Ode X:

O rosto delicado
Que na vista figura
Que se ensina por arte a formosura.

A intelligencia d'esta estrophe depende da que se lhe segue:

Como póde deixar
De render a quem tenha entendimento?

No soneto 81 (ed. da *Actualidade*) está formulada a theoria camoniana do amor, e n'ella a base da interpretação:

Presença moderada e graciosa
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se póde por arte e por aviso,
Como por natureza ser formosa.

A parte natural da formosura aqui é a presença moderada e graciosa; o que a arte ensina, ou com que dá realce, é o despejo e siso. No Soneto 126 (loc. cit.) ainda cita mais recursos de arte:

Brandura, aviso e graça, que augmentando
A natural belleza com um desprezo
Com que mais desprezada mais se augmenta.

No soneto 63 (ibid.) mostra que a formosura, ainda sem entendimento para a comprehender, satisfaz a todos:

Formosura do céo...............
Que nenhum coração deixas isento,
Satisfazendo todo o pensamento
Sem que sejas de algum bem entendida.

D'esta aproximação se deduz o sentido da estrophe

da Ode x; como o ter mais entendimento torna mais facil o render-se ante a formosura, é d'esse entendimento que vem o afigurar-se á vista a seducção ensinada pela arte. No portuguez do seculo xvi *ensinar* é tambem uma fórma abreviada de *insinuar;* na poesia usava-se dizer *contino* e *continuo.*

Quanto á Ode xi, a estrophe:

Remette o moço logo,
Para onde estava a chamma sem socego...

deve entender-se a palavra *Remette* (que aqui se confunde com o sentido moderno de enviar) como fórma abreviada de *Arremette,* isto é, investe, lança-se precipitadamente. O *moço* é Peleo, já no ultimo verso da primeira estrophe chamado *mancebo.* O verso *onde estava a chamma sem socego,* é o logar onde Thetis se banhava, com os cabellos louros soltos, e nas aguas onde reflectiam os raios do sol. O tiro empregado na donzella refere-se á mesma setta com que Peleo fôra ferido pelo amor no instante em que se lançava para ella. No portuguez antigo *tiro* tanto significava a arma como o golpe.

O habito de lêr Camões faz-nos passar insensivelmente pelas partes obscuras dos seus versos, e geralmente crê-se que nós os portuguezes o entendemos. Porém estas perguntas, de vez em quando propostas pelos traductores estrangeiros, mostram-nos que nunca um individuo poderá possuir a comprehensão integral do texto de Camões, e por isso a necessidade de se fun-

dar o *Circulo Camoniano*, para que se estabeleça a lição dogmatica com um indispensavel commentario perpetuo.

O Visconde de Juromenha

N'este culto de Camões, que é uma das expressões do sentimento nacional, o nome do Visconde de Juromenha destaca-se como um dos mais fervorosos investigadores, e pela importancia dos documentos que trouxe a lume, foi elle quem mais contribuiu para a restituição historica da vida do incomparavel Poeta. Compete-lhe uma centêlha da auréola immortal do cantor dos *Lusiadas.*

Nasceu o Visconde de Juromenha (João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda) em Lisboa, em 25 de maio de 1807, e morreu depois de completar oitenta annos, em 28 de maio de 1887. Na *Resenha das Familias titulares de Portugal,* do fallecido Albano da Silveira Pinto, acham-se todos os dados da sua filiação; deixamol-os de parte, para tratarmos aqui sómente da sua obra litteraria. Como fidalgo, o Visconde de Juromenha recebeu a sua primeira educação no Collegio dos Inglezinhos; frequentou depois o Collegio dos Nobres, e seguiu para a Universidade de Coimbra, onde não completou a formatura por causa das extraordinarias perturbações politicas de 1823 a 1824. Debatia-se a velha fórmula do direito divino: *Quero, Posso e Mando,* contra essa outra fórmula do vão ideologismo politico parlamentar: *O Rei reina, mas não governa,* implicita na Carta outorgada

de 1826. Por estas fórmulas vagas o sangue corria nos cadafalsos e nas masmorras, e os que se reuniam nos desterros resistiram em cêrcos apertados, como o da Terceira e do Porto, para substituirem ao absolutismo franco a hypocrisia do liberalismo.

O pae do Visconde de Juromenha era absolutista, o tenente general Antonio de Lemos Pereira de Lacerda; e sob a influencia paterna seguiu o visconde o chamado partido da *legitimidade,* tomando assento na reunião dos Tres Estados, em julho de 1828. Vencido o partido de D. Miguel em 1834, o Visconde de Juromenha immergiu-se na vida privada, casando em 1837 com D. Carlota Emilia Ferreira Sarmento, misturando com a administração da sua casa o estudo das antiguidades portuguezas. Conservou o seu ideal politico como fórma de protesto de patriotismo contra a dissolução do regimen parlamentarista; e não obstante as doutrinas que professava com simplicidade, escrevendo nos jornaes a *Nação* e o *Catholico,* possuia a amisade de Garrett e a intimidade de Alexandre Herculano, os maiores vultos do constitucionalismo. O Visconde de Juromenha frequentava com assiduidade o riquissimo archivo da Torre do Tombo, colligindo notas casuaes sobre cousas da arte em Portugal; em 1839 achou o documento da pensão dada a Luiz de Camões, communicou-o a Garrett, que o inseriu nas notas ao seu poema. Este achado levou-o a novas pesquizas, e teve a fortuna de encontrar a ementa da tença a D. Anna de Sá, mãe do poeta, desde 10 de junho de 1580 em que morrera Camões. Esta descoberta levou-o a emprehender uma nova reconstrucção da vida

do poeta; o exame do *Cancioneiro de Luiz Franco,* comprado para a Bibliotheca publica pelo Visconde de Balsemão, onde encontrou bastantes composições ineditas de Camões, suggeriu-lhe a ideia de procurar mais ineditos, achando muitos no Manuscripto de D. Cecilia de Portugal e nos Commentarios manuscriptos de Faria e Sousa, da Bibliotheca das Necessidades, d'onde extraiu muitas redondilhas camonianas, não aproveitadas. Garrett, como homem de vista genial, alentou o Visconde de Juromenha a sair das suas investigações fragmentarias e a emprehender uma edição capital das Obras de Camões. Garrett não teve o prazer de vêr realisado o seu pensamento, porque essa edição, começada em 1860 e suspensa em 1870, soffreu sempre, apesar do auxilio official, da morosidade do erudito nunca satisfeito á espera de novos achados. O Conde de Rackzynski, ministro da Prussia em Portugal, dotado de um grande saber sobre a Historia da Arte, desejou conhecer alguma cousa sobre o passado artistico de Portugal; o Visconde de Balsemão indicou-lhe Juromenha como tendo feito algumas investigações depois dos exiguos trabalhos de Taborda, Wolkmar Machado e Cardeal Saraiva, e facilitou a apresentação de ambos. Em uma carta a Innocencio Francisco da Silva diz Juromenha: «entre nós trocámos estreita amisade, que ficou nunca interrompida até á sua morte». Juromenha entregou a Rackzynski todos os seus estudos archeologicos da Arte portugueza, e o erudito allemão a cada pagina das cartas *Les Arts en Portugal* cita o seu generoso informador. Sobre este ponto, escreveu Juromenha na já alludida carta: «Para as duas obras

que publicou procurei preparar-lhe os elementos que pude obter, começando por desembrulhar o mytho sobre Grão Vasco, que hade constantemente prevalecer... N'esta parte tive a boa estrella de ser auxiliado por um homem erudito, o fallecido conego Berardo, que descobriu a certidão do baptismo do verdadeiro Vasco, que tendo nascido em 1552, não podia pintar quadros do seculo XV e principio do XVI, da escóla flamenga... Tive a fortuna de poder resuscitar para cima de cem nomes de artistas portuguezes...» Infelizmente Rackzynski, por um resentimento pessoal causado por uma critica boçal, não chegou a redigir o trabalho synthetico da *Historia da Arte portugueza*, que promettera.

Depois do fallecimento de sua esposa em 1857, o Visconde de Juromenha concentrou-se mais no estudo de Camões, saindo dos prélos da Imprensa nacional o primeiro volume da sua valiosa edição em 1860. Trata n'elle unicamente da *Vida do Poeta* e bibliographia da sua Obra; resente-se da falta de uma clara comprehensão da marcha geral da historia moderna, mas não o accusemos de uma deficiencia que é commum á maioria dos escriptores. Ha apenas ahi um grave erro ácerca do pae de Camões, que Juromenha confunde com um primo do poeta, de Coimbra, tambem chamado Simão Vaz de Camões. Na sua edição das Obras de Camões acham-se a mais do que em todas as outras edições anteriores: 51 Sonetos; 4 Canções; 1 Sextina; 1 Outava; 2 Odes; 1 Ecloga; 5 Elegias; 29 Redondilhas; 1 Carta, e o esboço de uma traducção dos *Triumphos* de Petrarcha e seu commentario. N'esta edição, em que se-

gue o texto apurado por Faria e Sousa, notaram-se pela primeira vez as importantissimas variantes das diversas edições das obras de Camões, que é indispensavel collacionar para uma edição critica. Pequenas sombras tocam esta edição, taes como a reproducção do poemeto de André Falcão de Resende *Da creação do Homem* em nome de Camões, depois do achado do manuscripto de Coimbra, e egual attribuição de uma Elegia do dr. Antonio Ferreira, que vem nos *Poemas Lusitanos* publicados em 1598. A edição chegou ao tomo VI em 1870; o Visconde de Juromenha tentava publicar o VII e ultimo volume com retoques a toda a edição, notas historicas e relações curiosas, entre as quaes entrava uma chronica dos Doze de Inglaterra. Infelizmente o Visconde de Juromenha no seu isolamento da Quinta do Bom Nome, em Carnide, foi desviado do seu estudo capital por um capricho de erudição vagabunda: emprehendeu rehabilitar a figura historica de Lucrezia Borgia como honesta e respeitavel. Accumulou leituras, confrontou chronicas, colligiu subsidios, e de repente tudo isto parece que derruiu quando appareceu a obra importante de Gregorovius, o notavel historiador de *Roma na Edade média*, sobre o mesmo assumpto e com as mesmas conclusões.

Assim ficou incompleta a edição das Obras de Camões, e prejudicado o estudo de Lucrezia Borgia. O Visconde de Juromenha achou-se em presença do grande acontecimento — o Centenario de Camões em 1880, mas não o comprehendeu, porque o espirito democratico exprimia n'aquelle jubileu a revivescencia nacional; queria uma festa sem barulho, com missa de defunctos e

benção do patriarcha [1]. Offereceram-lhe a presidencia da Commissão executiva da Imprensa, mas não quiz acceitar, tendo por isso de ir parar ao jornalista Sampaio, já então marcado com a confiança do paço. O Visconde de Juromenha achava-se desmemoriado; vinha de longe em longe a Lisboa, descansava nos alfarrabistas, e justificava-se da interrupção dos seus trabalhos litterarios por falta de vista. Conversava familiarmente sobre a decadencia politica do regimen que vira triumphante, e deixava em volta de si um dôce apaziguamento, como de arvore de boa sombra.

FIM

---

[1] «Em todos estes anniversarios se prescrevem os suffragios e officios funebres, e celebrando-se a memoria de um poeta catholico, parece-nos que o primeiro acto deve ser destinado a umas exequias que se podem celebrar no màgestoso templo de Belem. — Pedir-se-ia aos exc.mos cardeaes, prelados, bispos, communidades, confrarias e mais pessoas que quizessem, que a uma hora aproximada fizessem celebrar o santo sacrificio da missa e officios, segundo as suas posses e vontades, com dobres de sinos, pois assim as suas vibrações advertiriam de aldeia em aldeia que a nação, como uma só alma, estava na communhão do mesmo pensamento religioso e patriotico. — Os theatros deviam fechar-se n'essa noite». (Carta ao *Diario de Noticias*).

INDICE

CAPITULO IV

O Theatro camoniano

Additamentos

Eduardo Schwalbach

Poema de Amor, peça em 4 actos.
Auto da Barriga, farça.
Os Postiços, comédia, no prélo.
A Mulher Portuguesa.

Antonio Schwalbach

Noivado, versos.

Euclides da Cunha

A' margem da história.

Fialho de Almeida

Lisboa Galante.
Pasquinadas.

Filinto de Almeida

Cantos e cantigas, versos.

Lopes de Almeida (Afonso)

Terra e ceo, versos.

Faustino Xavier de Novais

Poesias.
Novas poesias.
Poesias Póstumas.

Garcia Redondo

Salada de Frutas.
Através da Europa.
Cara alegre — Crónicas
Conferências.

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.

